



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

CAROLINA SALGADO LACERDA MEDEIROS

A ORDEM DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS MEDIEVAL

CAMPINAS

2018

CAROLINA SALGADO LACERDA MEDEIROS

A ORDEM DE PALAVRAS NO PORTUGUÊS MEDIEVAL

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador (a): Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves

Este exemplar corresponde à versão final da Tese defendida pela aluna Carolina Salgado Lacerda Medeiros e orientada pela Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves.

CAMPINAS

2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

M467s Medeiros, Carolina Salgado Lacerda, 1987-
A ordem de palavras no português medieval / Carolina Salgado Lacerda Medeiros. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Charlotte Marie Chambelland Galves.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Linguística histórica. 2. Gramática gerativa. 3. Língua portuguesa - Português antigo - Séc. XIII-XV. 4. Língua portuguesa - Sintaxe. I. Galves, Charlotte Marie Chambelland. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: word order in medieval portuguese

Palavras-chave em inglês:

Historical linguistics

Generative grammar

Portuguese language - Ancient Portuguese - 13th-15th centuries

Portuguese language - Syntax

Área de concentração: Linguagem e Sociedade

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora:

Charlotte Marie Chambelland Galves [Orientador]

Cristiane Namiuti Temponi

Aroldo Leal de Andrade

Aquiles Tescari Neto

Carlos Felipe Pinto

Data de defesa: 30-08-2018

Programa de Pós-Graduação: Linguística



BANCA EXAMINADORA:

Charlotte Marie Chambelland Galves

Aquiles Tescari Neto

Aroldo Leal de Andrade

Cristiane Namiuti Temponi

Carlos Felipe da Conceição Pinto

**IEL/UNICAMP
2018**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma.

Antoine Lavoisier

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, primeiramente, à professora Charlotte Galves pelo apoio nesses quatro longos anos. Obrigada pela paciência, ajuda, compreensão e hospitalidade, que foram muito além da orientação acadêmica.

Também agradeço aos professores Aroldo Andrade e Maria Clara Paixão de Sousa pela leitura crítica (e essencial) em meu exame de qualificação e pelas valiosas sugestões e recomendações.

Deixo também um agradecimento especial ao professor Pablo Farias, por sempre me acudir nos pedidos de socorro e pela paciência quando baguncei todos os textos no eDictor.

Agradeço ao professor Américo Venâncio pela consultoria sobre esta língua tão peculiar que é o português medieval. Também à Sandra Pereira pela ajuda com o *corpus* Wochwel, pela disponibilidade e prontidão nas respostas.

Agradeço aos professores que aceitaram o convite para participar da banca de defesa desta tese: Cristiane Namiuti, Aroldo de Andrade, Carlos Felipe Pinto, Aquiles Tescari, Sônia Cyrino, Maria Clara Paixão de Sousa e Maria Aparecida Torres Moraes.

Agradeço à professora Ruth Lopes pela orientação no exame de qualificação de área. Meu muito obrigada também ao professor Aquiles Tescari, pela amizade nos momentos de crise. Agradeço também à professora Silvia Cavalcante, por acreditar em mim e me incentivar a alcançar voos mais altos.

Ao Cláudio, da Secretaria de Pós-Graduação, deixo aqui meu agradecimento por sempre me atender com carinho e profissionalismo.

Aos colegas Cynthia Yano, Victor Veríssimo e Paulo Henrique pela amizade e companhia.

Não menos importantes, agradeço à minha família pelo suporte moral e financeiro quando precisei; ao meu companheiro Rodrigo, por me apoiar nos momentos tristes e felizes, e pela paciência interminável nesses últimos meses; à amiga Isabela Falcão, pelo incentivo e por segurar a barra no trabalho; e à amiga Fernanda Leite, que em sua curta passagem pela vida me ensinou tanto sobre propósito.

Gratidão!

Resumo

Desde Ribeiro (1995a, 1995b) discute-se o estatuto do português antigo como uma língua V2. Em geral as gramáticas V2 são caracterizadas por apresentar o verbo flexionado na segunda posição da sentença, sendo a primeira posição ocupada por qualquer outro constituinte sintático. A análise de Ribeiro para o português antigo se inclui em uma série de trabalhos que argumentaram que as línguas românicas antigas apresentam uma sintaxe V2. No entanto, essa abordagem não é unânime e encontra resistência em estudos que defendem que o português antigo não deve ser considerado uma língua de tipo V2 nos moldes germânicos, e sim uma língua de V2 linear.

Tendo essa discussão em vista, esta tese retoma o debate acerca do efeito V2 do português antigo, a partir de um estudo descritivo da sintaxe da ordem do período ao qual nos referimos como português medieval, datado do século 13 ao 15, com base na metodologia dos *corpora* anotados. Com isso esperamos contribuir e enriquecer a discussão acerca do fenômeno, trazendo evidências de que esta gramática apresentou um tipo de sintaxe V2 e contribuindo com a discussão sobre os diferentes tipos de V2. Para tanto, lançamos mão da noção de V2 flexível (*relaxed V2*) apresentada em Wolfe (2015) e adotada em Galves (a sair), confirmando a análise de Ribeiro (1995a, b) de que o português medieval é um tipo de língua V2.

Visto que o português clássico, período compreendido entre os séculos 16 e 17 (cf. Galves et al. 2006), também apresenta um tipo de gramática V2 flexível (cf. Galves a sair), esta tese também objetiva uma comparação entre esta gramática e a do português medieval, com a intenção de tornar claras as semelhanças e as diferenças entre estes dois períodos do português. De um ponto de vista diacrônico comparamos as diferentes variáveis sintáticas controladas em nosso estudo com os dados morfofonológicos levantados por Cardeira (2005), com o objetivo de verificar se as mudanças sintáticas que observamos ocorrem simultaneamente a mudanças de outras naturezas.

Para a realização desta pesquisa foi utilizado um *corpus* sintaticamente anotado formado por sete textos literários e não literários. Além do *corpus* do português medieval, também utilizamos um *corpus* secundário, formado por textos do português clássico (séculos 16 e 17) oriundos da base *Tycho Brahe*. Como arcabouço teórico

adotamos a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY 1981), inserida no quadro da Gramática Gerativa, cuja noção de gramática é convencionada como Língua-I (CHOMSKY 1985), que remete à possibilidade de se gerarem estruturas linguísticas.

A análise nos permitiu concluir que neste período V2 é a ordem linear mais frequente em todos os textos narrativos, em orações matrizes e encaixadas, sendo XV mais frequente no primeiro contexto e SV mais abundante nas orações subordinadas, corroborando os dados de Ribeiro (1995). São também produtivas ordens V1 e V>2 em ambos os contextos.

Verificamos que o movimento do verbo para Fin, licenciando V2, ocorre nas orações matrizes e encaixadas. Adotamos o modelo de periferia esquerda proposto em Galves (a sair), lançando mão da categoria kP, uma posição que abriga pronomes demonstrativos fronteados e sujeitos pré-verbais, veiculando informação contrastada, e da posição FOC, para onde se movem sintagmas quantificados, advérbios focalizados e elementos com valor avaliativo. Para dar conta da simetria entre orações matrizes e subordinadas, propomos a inclusão da posição ForceP, onde são concatenados os complementizadores nas encaixadas. Com base na análise proposta, concluímos que o português medieval é uma língua V2 flexível e simétrica.

Palavras-chave: mudança linguística; sintaxe diacrônica; línguas V2; gramática gerativa; periferia esquerda.

Abstract

Since Ribeiro (1995a, 1995b) many studies discuss whether Old Portuguese was a V2 language or not. This type of grammar is usually described as a system where the verb occupies the second position of the sentence, and the first position is occupied by any other XP. Ribeiro's analysis of Old Portuguese is included in a series of works that have argued that the Old Romance languages have a kind of V2 syntax. However, this approach is not unanimous and finds resistance in studies that argue that Old Portuguese should not be considered a V2-type language like Germanic languages, but rather a linear V2 type of language.

With this discussion in mind, our goal is to contribute to the debate about the V2 effect in Old Portuguese, based on a descriptive study of the syntax of the word order of the period to which we refer as Medieval Portuguese, dating from the 13th to the 15th century, based on the methodology of the annotated corpora. Thereby we hope to contribute and enrich the discussion about the phenomenon, bringing evidences that this grammar has had a kind of V2 syntax and contributing to the discussion about the different types of V2. Therefore, we adopted the notion of relaxed V2 presented in Wolfe (2015) and adopted by Galves (forthcoming), confirming Ribeiro's (1995a, b) analysis that Medieval Portuguese is a type of V2 language.

Since Classical Portuguese, the period between the 16th and 17th centuries (Galves et al., 2006), also presents a type of flexible V2 grammar (cf. Galves forthcoming), this thesis also aims a comparison between this grammar and Medieval Portuguese, with the intention of clarifying the similarities and differences between these two periods of Portuguese. From a diachronic point of view we also compare the different syntactic variables controlled in our study with the morphophonological data collected by Cardeira (2005), in order to see if the syntactic changes that we observed occurred simultaneously to other linguistic changes.

For this research we used a syntactically annotated *corpus* composed by seven literary and non literary texts. In addition to this *corpus*, we also used a secondary *corpus*, composed by Classical Portuguese texts (16th and 17th centuries) from the Tycho Brahe base. We adopted the Theory of Principles and Parameters (CHOMSKY 1981), inserted in the framework of Generative Grammar.

The analysis allowed us to conclude that in this period V2 is the most frequent linear order in all narrative texts, in matrix and subordinate clauses; also XV is more frequent in the former context and SV is more abundant in latter, corroborating the data in Ribeiro (1995). V1 and V>2 order are also productive orders in both contexts.

We observed that the movement of the verb to Fin, licensing V2, occurs both in matrix and subordinate clauses, which was made clear by the fact that the same syntactic positions are available in the left periphery of both contexts. We adopted the model proposed by Galves (forthcoming), arguing in favor of kP, a position that hosts fronted demonstrative pronouns and pre-verbal subjects, and a position called FOC, where quantified phrases, focused adverbs and elements with evaluative value are moved to. To account for the symmetry found between matrix and subordinate clauses, we also proposed a position generically called ForceP, where complementizers are merged in the embedded contexts. Based on the proposed analysis, we conclude that medieval Portuguese is a flexible and symmetrical V2 language.

Keywords: linguistic change; diachronic syntax; V2 languages; generative grammar; left periphery.

Índice de figuras

Figura 1: CP expandido (adaptado de Rizzi 1997:297)	43
Figura 2: Periferia esquerda proposta por Wolfe (2015)	55
Figura 3: Edição morfológica no eDictor	101
Figura 4: Árvore sintática	102
Figura 5: Visualização no Corpus Draw	103
Figura 6: Resultado de buscas simultâneas.....	105
Figura 7: A organização da informação no alto-alemão antigo (Hinterhölzl & Petrova 2010:318)	205
Figura 8: Distribuição de V1 nos textos do século 13.....	207

Índice de gráficos

Gráfico 1: Sujeitos nulos, pré-verbais e pós-verbais em sentenças matrizes (gráfico 37 de Paixão de Sousa 2004)	69
Gráfico 2: A evolução de XVS em sentenças matrizes com sujeitos lexicais entre os séculos 16 e 19 (Galves & Paixão de Sousa 2017)	71
Gráfico 3: A evolução de V1, V2 (SV e não-SV) e V3 na diacronia do português (Cavalcante et al. 2015)	75
Gráfico 4: Fronteamento de demonstrativos em orações subordinadas do português medieval e clássico	233
Gráfico 5: Interpolação de XPs em orações matrizes do português medieval	235
Gráfico 6: Frequência das variantes modernas em Cardeira (2005).....	240
Gráfico 7: Mudanças no português medieval	242

Índice de tabelas

Tabela 1: Periodização tradicional (adaptado de Mattos e Silva 2006:25).....	31
Tabela 2: Ordem dos constituintes no português antigo (Mattos e Silva 2006:190)	61
Tabela 3: Média de idade dos autores no Corpus Tycho Brahe (Medeiros 2015:121)	95
Tabela 4: Textos utilizados no corpus.....	97
Tabela 5: Textos utilizados no corpus adicional.....	97
Tabela 6: Distribuição de V2 no século 13, em relação ao sujeito.	114
Tabela 7: Distribuição de V2 no século 14, em relação ao sujeito.	115
Tabela 8: Distribuição de V2 no século 15, em relação ao sujeito.	116
Tabela 9: Distribuição de V2 nos séculos 13, 14 e 15, em relação ao sujeito.....	117
Tabela 10: Fronteamento de objeto nas orações matrizes nos séculos 13, 14 e 15.	119
Tabela 11: Distribuição de V1 no século 13.....	125
Tabela 12: Distribuição de V1 no século 14.....	126
Tabela 13: Distribuição de V1 no século 15.....	127
Tabela 14: Distribuição de V1 nos séculos 13, 14 e 15, em relação ao sujeito.....	128
Tabela 15: Distribuição de V>2 no século 13, em relação ao sujeito.	133
Tabela 16: Distribuição de V>2 no século 14, em relação ao sujeito.	135
Tabela 17: Distribuição de V>2 no século 15, em relação ao sujeito.	136
Tabela 18: Distribuição de V>2 nos séculos 13, 14 e 15, em relação ao sujeito ...	136
Tabela 19: Distribuição de V2 e V>2 no corpus.....	137
Tabela 20: Distribuição de V1, V2 e V>2 nos séculos 13, 14 e 15 nas orações matrizes.	144
Tabela 21: Distribuição de SV e XV nas orações matrizes, nos séculos 13, 14 e 15.	145
Tabela 22: Distribuição de V1, V2 e V>2 nas orações subordinadas dos séculos 13, 14 e 15.	157
Tabela 23: Posição do sujeito nas orações subordinadas dos séculos 13, 14 e 15.	158
Tabela 24: Fronteamento de objeto nas orações subordinadas dos séculos 13, 14 e 15.	159

Tabela 25: Distribuição de V1 e V2 em textos portugueses do século 13 ao 16, adaptado de Fiéis (2002)	171
Tabela 26: Distribuição de V1, V2 e V>2 no português medieval e clássico.....	220
Tabela 27: Distribuição de V1 no português medieval e clássico, em relação ao sujeito	221
Tabela 28: Distribuição de V2 no português medieval e clássico, em relação ao sujeito	222
Tabela 29: Distribuição de V>2 no português medieval e clássico, em relação ao sujeito.....	223
Tabela 30: Distribuição de SV e XV nas oraçõesmatrizes do português medieval e clássico	223
Tabela 31: Posição do verbo nas orações subordinadas no português medieval e clássico.	224
Tabela 32: Posição do sujeito nas orações subordinadas do português medieval e clássico	225
Tabela 33: Distribuição dos dados das orações subordinadas do século 13 ao 17	226
Tabela 34: Sistema de demonstrativos do português arcaico (adaptada de Mattos e Silva 2006:108 apud Andrade & Galves 2018)	229
Tabela 35: Ordem de palavras em sentenças matrizes do português antigo e clássico com objetos acusativos e dativos. Fonte: Andrade e Galves (2018).....	230
Tabela 36: Ordem de palavras em sentenças subordinada do português antigo e clássico com objetos acusativos e dativos. Fonte: Andrade e Galves (2018)	230
Tabela 37: A relação entre os tipos de limitação e sua expressão sintática na história do português (adaptado de Andrade & Galves 2018)	231
Tabela 38: Fronteamento de objeto nas orações subordinadas no português medieval e clássico	232

Sumário

Introdução	18
Capítulo 1 – A linguística diacrônica e a Teoria da Gramática	25
1.1. Panorama	26
1.2. A questão da periodização	31
Capítulo 2 – V2: um panorama	37
2.1. O efeito V2	38
2.1.1. A periferia esquerda nas línguas V2	42
2.2. V2 nas línguas germânicas	47
2.3. V2 nas línguas românicas antigas	52
Capítulo 3: O efeito V2 e outras mudanças na história do português	58
3.1. V2 na história do português	60
3.1.1. V2 no português antigo	60
3.1.2. V2 no português clássico	68
3.2. Outras mudanças na história do português	78
3.2.1. Mudanças morfofonológicas	79
3.2.2. Pronomes clíticos	83
Capítulo 4 – Metodologia: os <i>corpora</i> anotados	90
4.1. Corpus	91
4.2. Metodologia	99
4.2.1. Edição e anotação sintática do <i>corpus</i>	99
4.2.2. Buscas no Corpus Search	104
Capítulo 5 – Apresentação dos resultados	107
5.1. Sentenças matrizes V1, V2 e V>2 no português medieval	108
5.1.1. O padrão V2	108
5.1.1.2. OVS	118
5.1.2. V1	121

5.1.3. Ordens V>2	129
5.1.3.1. OSV	138
5.1.4. Interpolação	141
5.1.5. Resumo	144
5.2. Sentenças subordinadas.....	146
5.2.1. Contextos com verbo em segunda posição	147
5.2.2. Contextos com verbo em primeira posição.....	151
5.2.3. Contextos com verbo em terceira posição.....	154
5.2.4. Posição do verbo	157
5.2.5. Posição do sujeito e fracionamento de objeto	158
5.2.6. Interpolação	160
5.2.7. Resumo	165
5.3. Matrizes e subordinadas: um apanhado geral	166
Capítulo 6 – A periferia esquerda da sentença no português medieval	168
6.1. Evidências em favor de V2	169
6.1.2. Português medieval: língua V2 flexível simétrica.....	174
6.2. A periferia esquerda do português medieval.....	180
6.2.1. Orações matrizes.....	180
6.2.2. Orações subordinadas.....	193
6.3. Resumo.....	201
Capítulo 7 – A relação entre discurso e sintaxe	202
7.1. Subordinação e coordenação discursiva	203
7.2. A questão do gênero textual	207
7.3. A distribuição de V1 e V2 nos textos	211
Capítulo 8 – Português medieval e português clássico: uma comparação	219
8.1. Do português medieval ao português clássico.....	220
8.1.1. Posição do verbo e expressão do sujeito	220

8.1.1.1. Orações matrizes	220
8.1.1.2. Orações subordinadas	224
8.1.2. Fronteamento de objeto	228
8.1.3. Interpolação	234
8.2. Período de mudanças	236
Considerações finais	244
Bibliografia	248
Anexos	266
Anexo 1 – Arquivo de definições	267
Anexo 2 – Orações matrizes	271
Anexo 3 – Orações subordinadas	284

Introdução

O português antigo foi caracterizado por Ribeiro (1995a, 1995b) como uma língua V2. Este tipo de gramática em geral é caracterizado por apresentar o verbo flexionado na segunda posição da sentença, sendo a primeira posição ocupada por qualquer outro constituinte sintático. A literatura sobre o fenômeno normalmente assume que o verbo é movido para uma posição no início da oração, fora do VP, e resulta em um segundo movimento que coloca um constituinte sintagmático em posição anterior ao verbo, como ilustram os exemplos em (1), abaixo (cf. Medeiros 2016).

- (1) a. **Maren** kaufte einen Bleistift.
Maren comprou um lápis.
- b. **Einen Bleistift** kaufte Maren.
Um lápis comprou Maren.
- c. **Gestern** kaufte Maren einen Bleistift.
Ontem comprou Maren um lápis.

Nas sentenças acima observamos que independentemente do constituinte que ocupa a posição pré-verbal (um sujeito, um objeto direto ou um advérbio), o verbo permanece sempre em segunda posição. Línguas germânicas modernas como o alemão e o holandês apresentam esse tipo de sintaxe. Nos estudos fundadores da análise do fenômeno V2 na gramática gerativa (Den Besten, 1983; Vikner 1995, entre outros), se assume que nas orações matrizes dessa línguas o verbo flexionado se move obrigatoriamente para alguma posição na camada C (COMP), o que resulta na inversão do sujeito quando este não ocupa a primeira posição da sentença. No âmbito da Teoria X-barra, a categoria C é entendida como uma estrutura composta por um núcleo que projeta um nível máximo, CP (cf. Chomsky 1986a), e está hierarquicamente acima de IP. No novo formato X-barra para a categoria sintática

COMP, o núcleo C é definido como uma posição na qual os complementizadores são inseridos. A posição de especificador de CP se torna, então, o *locus* padrão para onde se movem os sintagmas fronteados.

A análise de Ribeiro para o português antigo se inscreve numa série de trabalhos que argumentaram que as línguas românicas antigas apresentam uma sintaxe V2 (ADAMS, 1987; VANCE, 1989, para o francês; FONTANA, 1993; PINTO, 2011; para o espanhol; BENINCÀ, 1983, 1983-4, 1995, 2004, 2006, 2013; LEDGEWAY, 2008 para dialetos medievais da Itália). Essa ideia foi também fortemente defendida em relação à uma fase mais recente do português, o português clássico (Torres Morais 1995; Galves 1996, 1997, 2000, 2007, 2010, a sair; Paixão de Sousa 2004; Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005; Galves, Namiuti & Paixão de Sousa 2006; Namiuti 2008; Gibrail 2010; Antonelli 2011; Galves & Kroch 2015; Galves & Gibrail 2018; Galves & Paixão de Sousa 2017; Andrade & Galves 2018; Galves a sair).

A análise V2 para fases preteridas das línguas românicas, contudo, não faz a unanimidade. Baseada no fato de que nessas línguas as ordens V1 e V3 são também frequentes, Sitaridou (2012) argumenta que o português antigo não deve ser considerado uma língua de tipo V2 nos moldes germânicos, e sim uma língua que apresenta V2 linear. Esse tipo de argumentação também se encontra para o português antigo em Kaiser (1996, 2002), Martins (2002), Fiéis (2002, 2007), Rinke (2007, 2009), Rinke & Sitaridou (2004), e para o português clássico em Eide (2006).

O âmago da discussão está de fato na questão de saber se o que caracteriza uma língua V2 é a quase obrigatoriedade da ordem V2 ou a estrutura subjacente a essa ordem. De um ponto de vista estrutural a diferença entre línguas V2 e não V2 está na posição para onde o verbo se move: assume-se que as línguas V2 apresentam movimento V para C ao passo que as línguas não-V2 exibem movimento V para I ou para uma posição mais baixa (cf. Den Besten, 1983; Holmberg 2015). De maneira interessante, estudos mais recentes têm assumido que o *locus* de V2 na periferia esquerda mais rica proposta por Rizzi (1997), que define não mais uma projeção unitária de C, mas uma camada de diversas categorias compondo uma camada CP, pode variar de uma língua para outra. Assim, certas gramáticas apresentariam um movimento para a posição mais alta dessa camada, Force (ROBERTS 2004, 2012; POLETTI 2002, 2013; BIBERAUER & ROBERTS 2014, 2015), enquanto em outras

esse lugar seria a camada mais baixa da hierarquia de Rizzi, Fin (CARDINALETTI & ROBERTS 2002; FERRARESI & GOLDBACH 2002; LEDGEWAY 2007, 2008, 2009b; SALVESEN 2011, 2013; ANTONELLI 2011; GALVES a sair). Wolfe (2015, 2016) considera uma hipótese baseada no léxico para a parametrização, de modo que V2 está relacionado a dois traços presentes na periferia esquerda, uma sonda- ϕ , gatilho do movimento do verbo, e o que chama de *Edge Feature* (EF), que engatilha a concatenação de um constituinte frasal; com base nisso, argumenta que o *locus* de V2 é variável entre as línguas, podendo ser Force ou Fin. Dessa variação depende uma ordem mais rígida ou mais livre, permitindo a inclusão nas línguas V2 de línguas que permitem ordens V1 e V3 (HOLMBERG 2015; JOUITTEAU 2010), o que leva a minimizar as diferenças entre línguas V1 e V2 (JOUITTEAU 2010), e a considerar tipos de V2 flexível (WOLFE 2015, 2016; GALVES a sair). Essas análises contribuem para a conclusão de que todas as línguas V2 permitem certos desvios da noção de V2 restrito, questionando se a noção de *língua V2* é mesmo uma noção bem definida, considerando que este fenômeno envolve mais de um parâmetro (HOLMBERG 2015).

A variação envolve também as orações subordinadas. As línguas que apresentam V2 nas orações matrizes e dependentes são classificadas como simétricas, como é o caso do ídiche e do islandês, ao passo que as gramáticas que licenciam V2 apenas nas matrizes, como o holandês e o alemão, são classificadas como assimétricas. O efeito V2 nas subordinadas é tradicionalmente analisado ou como resultado da recursividade de CP ou como movimento de V para I (cf., para uma discussão abrangente do assunto, Vikner 1995).¹ Indo além da noção de simetria e assimetria, outros estudos vêm discutindo a questão com base em outros aspectos.

Esta tese retoma a questão da sintaxe V2 do português antigo dentro desse novo paradigma, a partir de um estudo descritivo da sintaxe da ordem do período ao qual nos referimos como português medieval, datado do século 13 ao 15, com base na metodologia dos *corpora* anotados. Com essa empreitada esperamos enriquecer a discussão acerca do fenômeno, trazendo evidências de que o português medieval apresentou um tipo de sintaxe V2 e contribuindo com a discussão sobre os diferentes tipos de V2.

¹ Na versão mais recente da teoria, I (*Inflection*) = T (*Tense*).

Em nossa análise, lançamos mão da noção de V2 flexível (*relaxed V2*) apresentada em Wolfe (2015) e adotada em Galves (a sair), confirmando a análise de Ribeiro (1995a, b) de que o português medieval é um tipo de língua V2 na qual V1 e V>2 também são ordens produtivas, a posição pré-verbal não é exclusiva para sujeitos, sujeitos pós-verbais são frequentes, tópico e foco podem coocorrer e construções com sujeito nulo são licenciadas em diferentes contextos. Com base nisso, considerando o trabalho seminal de Rizzi (1997) e seus diversos desdobramentos, propomos, no Capítulo 6, uma análise da periferia esquerda da sentença do português medieval, argumentando que esta é uma gramática V2 flexível e simétrica.

Uma vez que o português clássico, período compreendido entre os séculos 16 e 17 (cf. Galves et al. 2006), também apresenta uma gramática V2 flexível (cf. Galves a sair), esta tese também objetiva uma comparação entre esta gramática e a do português medieval, com a intenção de entender as semelhanças e as diferenças entre estes dois períodos do português (cf. Capítulo 8). De um ponto de vista diacrônico comparamos as diferentes variáveis sintáticas controladas em nosso estudo com os dados morfofonológicos levantados por Carneira (2005), de modo a observar se as mudanças sintáticas que observamos ocorrem simultaneamente a mudanças de outras naturezas.

Assim, nossos objetivos são:

- (i) Descrever a sintaxe da ordem do português medieval, isto é, o período que se estende entre os séculos 13 e 15, e discutir a questão da posição do verbo neste período;
- (ii) Propor uma análise da periferia esquerda da sentença desta gramática;
- (iii) Comparar as gramáticas do português medieval e clássico, no que respeita a posição do verbo e os fenômenos relacionados a V2.

Para a realização deste estudo foi utilizado um *corpus* sintaticamente anotado formado por sete textos literários e não literários, que somam um total de 533.773 palavras. Desses textos, três foram editados e anotados no âmbito desta tese com base na metodologia do *Corpus Tycho Brahe* (GALVES & FARIA 2010). Os quatro

textos adicionais são resultado do trabalho do projeto Wochwel, da Universidade Nova de Lisboa. A diferença observada na distribuição dos dados, especialmente os relacionados à posição do verbo em primeira e segunda posição na sentença, observada nos diferentes tipos de documento do *corpus* – literário e não literário – nos motivou a propor um debate sobre a relação entre o discurso e a sintaxe (cf. Capítulo 7), no qual sugerimos que o uso de determinadas construções parece estar relacionado à estrutura informacional e ao gênero textual. Além do *corpus* do português medieval, também usamos um *corpus* secundário, formado por textos do português clássico (séculos 16 e 17) oriundos da base *Tycho Brahe*, que será utilizado para tecer comparações com o português medieval no Capítulo 8.

Adotamos como arcabouço teórico a Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY 1981), no quadro da Gramática Gerativa, cuja noção de gramática é convencionada como Língua-I (CHOMSKY 1985), que remete à possibilidade de se gerarem estruturas linguísticas. Essas possibilidades são limitadas pela Gramática Universal, que dispõe de princípios imutáveis e parâmetros que podem ser fixados de forma diferente em cada gramática particular, o que determina os limites de variação entre essas gramáticas (CHOMSKY & LASNIK 1993). A noção de Língua-I pode, então, ser entendida como a competência mental que permite o falante fazer uso de sua língua materna, adquirida no processo natural de aquisição da linguagem.

Buscando uma metodologia coerente com a noção de Língua I, levamos em consideração a proposta de periodização de Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006), cujo critério de datação se baseia na data de nascimento do autor, e não na data de produção dos textos. Não obstante, a dificuldade em localizar as informações biográficas dos autores dos textos que compõem nosso *corpus* não nos permitiu seguir sua proposta à risca, ainda que seus pressupostos teóricos tenham sido considerados.

A tese está organizada como segue. O Capítulo 1 apresenta o embasamento teórico da pesquisa, levantando a bibliografia acerca da Teoria da Gramática e Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY 1981). Neste capítulo também discutimos a questão da periodização, justificando a escolha da proposta de Galves et al. (2006) para a periodização do português.

No Capítulo 2 apresentamos o fenômeno V2, descrevendo-o no contexto das línguas germânicas e das línguas românicas antigas, discutindo os diferentes tipos de V2 com base na literatura relevante. No Capítulo 3 retomamos a discussão sobre o efeito V2, localizando-a no âmbito da história do português, contrapondo diferentes propostas para o português antigo (séculos 13 ao 16, na periodização tradicional) e clássico (séculos 16 e 17, na periodização de Galves et al. 2006), contra e a favor de uma análise V2 para essas gramáticas. Além disso, discutimos outras mudanças relevantes para o estudo da sintaxe da ordem na história do português, de caráter morfofonológico e morfosintático.

No Capítulo 4 apresentamos a metodologia adotada e o *corpus* utilizado na pesquisa, apresentando a escolha dos textos, justificando a proposta de periodização adotada e detalhando o trabalho com os *corpora* anotados.

Os resultados das buscas nos textos são descritos detalhadamente no Capítulo 5, que contém subcapítulos para cada tipo de ordem controlada – V1, V2 e V>2 –, levando em consideração a posição do sujeito e o fronteamento de outros tipos de elemento em sentenças matrizes e subordinadas. Neste capítulo também apresentamos os resultados de buscas relacionadas à interpolação, pois, ainda que a discussão dos clíticos não seja um objetivo desta tese, este fenômeno está relacionado à questão da ordem e corrobora nossa análise do português medieval como uma língua V2 flexível e simétrica.

No Capítulo 6 propomos uma análise dos resultados apresentados no capítulo anterior. Primeiramente apresentamos uma série de evidências em favor de V2, retomando os argumentos contra essa análise apresentados no Capítulo 3 e discutindo-os. Além disso, propomos uma análise para a periferia esquerda da sentença no português medieval, com base na estrutura de Galves (a sair), argumentando que a gramática em questão é uma língua na qual o fenômeno V2 se manifesta tanto nas orações matrizes quanto nas orações subordinadas, o que sugere que esta é um tipo de gramática V2 simétrica.

Uma vez que os resultados quantitativos se manifestam de forma diferente a depender do gênero textual, dedicamos o Capítulo 7 a uma discussão sobre a relação entre o discurso e a sintaxe, com base na proposta de Hinterhölzl & Petrova (2010). Neste capítulo também destacamos a importância da variedade de textos no trabalho

com *corpora* históricos, pois a estrutura da informação inerente a cada gênero pode influenciar o trabalho com análises quantitativas e, conseqüentemente, os resultados de pesquisas.

Finalmente, no Capítulo 8 buscamos comparar as gramáticas do português medieval e clássico, com base no trabalho de Galves (a sair) e nos dados obtidos por meio das buscas em nosso *corpus* secundário. Com isso objetivamos identificar semelhanças e diferenças entre as duas línguas, buscando compreender o que resultou, posteriormente, em uma mudança de gramáticas. Além disso, comparamos nossos resultados com os obtidos por Carneiro (2005), de modo a verificar se as mudanças sintáticas analisadas por nós ocorrem simultaneamente a mudanças de outras naturezas, contribuindo para a compreensão de que o período entre os séculos 13 e 15 foi um período fértil para mudanças. Por fim, apresentaremos as considerações finais e a bibliografia utilizada, seguidas pelos anexos, nos quais se encontram as buscas realizadas por meio da ferramenta *Corpus Search*.

Capítulo 1 – A linguística diacrônica e a Teoria da Gramática

O objetivo do presente capítulo é apresentar o arcabouço teórico no qual esta tese se baseia. Para tanto, em um primeiro momento, a bibliografia relevante acerca da Teoria da Gramática e da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY 1981) será levantada, levando em consideração a questão da aquisição da linguagem e da mudança linguística, uma vez que estes são mecanismos indispensáveis para o estudo da linguística histórica no âmbito da gramática gerativa.

Neste capítulo também será discutida a questão da periodização da língua portuguesa, dada a relevância do tema para os estudos diacrônicos. Assim, a seção 1.2. apresenta as diferentes propostas de periodização, desde os estudos tradicionais, que levam em consideração diferentes critérios de datação – históricos ou baseados em aspectos linguísticos morfofonológicos –, até a proposta inovadora de Galves et al. (2006), baseada na Teoria da Gramática e na noção de Língua-I, que leva em consideração a data de nascimento dos autores para a periodização do português.

1.1. Panorama

O desenvolvimento da Teoria de Princípios e Parâmetros, desde Chomsky (1981), tem fornecido um embasamento teórico sólido para a realização de estudos sintáticos, especialmente os comparativos. A Teoria da Gramática Gerativa objetiva, entre outros aspectos, especificar, para o conjunto de línguas humanas possíveis, as restrições estruturais que todas as gramáticas devem cumprir. É por meio da sintaxe comparativa que os gerativistas buscam determinar aquilo que pode variar e o que permanece constante entre as línguas. Nesse aspecto, a Gramática Universal (GU) é vista como uma caracterização abstrata da noção de língua e procura determinar o que pode estar em variação entre as línguas (parâmetros) e o que permanece constante (princípios).

Inicialmente, a abordagem paramétrica se propôs a explicar as diferenças sintáticas entre as línguas numa dimensão sincrônica. Sob essa perspectiva, o desenvolvimento para a diacronia é muito natural, uma vez que as diferenças sintáticas entre dois ou mais estágios de uma dada língua são analisadas em termos de diferentes valores paramétricos, da mesma forma como são analisadas as diferenças sintáticas entre as línguas contemporâneas (cf. Lightfoot 1979; 1991, Kroch 1989). Desse modo, a mudança sintática é vista como uma mudança paramétrica: o que se analisa é o desenvolvimento histórico de uma língua em relação aos diferentes valores paramétricos que correspondem aos seus diferentes estágios.

De acordo com Roberts & Holmberg (2009), uma consequência da grande quantidade de estudos comparativos feitos desde a década de 1980 é a *proliferação* de parâmetros, utilizados como mecanismos descritivos. No Programa Minimalista, entretanto, surge uma nova visão do que se entende por parâmetro, em acordo com Baker (2008), resumida no que é conhecido como *Borer-Chomsky Conjecture* (BCC): todos os parâmetros em variação estão relacionados a diferenças nos traços dos núcleos funcionais do Léxico.

Mais precisamente, parâmetros de variação podem ser restritos a uma classe particular de traços, os traços funcionais (Caso, traços- ϕ e traços categoriais nos moldes de Chomsky 1995), ou a traços de atração/repulsão, tais como o EPP

(*Extended Projection Principle*)². Essa visão traz uma série de vantagens, principalmente se comparada com a análise anterior segundo a qual os parâmetros são pontos de variação associados com princípios da GU.

Segundo Roberts & Holmberg (2009), uma das vantagens do BCC é que impõe um limite sobre aquilo que é variável. Além disso, ao associar valores paramétricos com entradas lexicais, estes são reduzidos à única parte da linguagem que realmente deve ser aprendida. Nessa visão a variação paramétrica é reduzida ao fato de que línguas diferentes apresentam diferentes léxicos. Desse modo a criança adquire os valores dos parâmetros que são válidos para a sua língua materna ao mesmo tempo em que adquire seu vocabulário (mais precisamente, os traços formais associados com as categorias funcionais de sua língua nativa). O BCC também apresenta vantagens por impor uma restrição à forma dos parâmetros. A propriedade de atração de um núcleo funcional, que pode ser responsável por vários aspectos da variação no âmbito da ordem de palavras, pode ser formulada em termos de um diacrítico que está associado a um dado núcleo funcional ou a um certo traço de um núcleo funcional. Por exemplo, a matriz C de uma língua V2 pode estar associada a um diacrítico que é o gatilho para o movimento, fazendo com que um XP se mova para a posição de [Spec, C]. Em uma língua de V2 residual, como o inglês ou o francês, o diacrítico estaria associado a um traço wh- de C, causando o movimento de um elemento wh- para [Spec, C] exatamente no local onde C tem o traço wh-. Do mesmo modo, em uma língua como o chinês, em que não há movimento do verbo para C, não haveria nenhum traço associado a esse núcleo.

A abordagem gerativista para os estudos diacrônicos demanda identificar uma gramática coerente do fenômeno sintático em questão nos textos a serem analisados. Depreender a gramática de uma língua que não está mais em uso envolve uma tarefa que não é diferente de nenhum outro estudo sincrônico, exceto pelo fato de que os dados são limitados a fontes escritas. Contudo, a partir do momento em que se tem consciência dessa limitação, os métodos da teoria gerativa servem suficientemente a este tipo de estudo. Além disso, a comparação com outros sistemas linguísticos beneficia a análise de princípios e parâmetros. Assumindo-se que as línguas variam em termos paramétricos, a diferença entre, por exemplo, o português medieval e o

² O EPP é entendido como o requerimento que um núcleo pode manifestar exigindo que o seu especificador seja preenchido por um XP apropriado (cf. Chomsky 2004).

português clássico pode ser vista como o resultado da remarcação de um ou mais parâmetros durante seu desenvolvimento histórico.

Os estudos sobre a aquisição da sintaxe no âmbito do gerativismo têm visto a questão da aquisição como um problema de fixação de parâmetros definidos pela GU (cf. Hyams 1986, Lightfoot 1991, entre outros). Assim, os mecanismos de mudança paramétrica podem ser identificados como os mecanismos de fixação de parâmetros, colocando a linguística diacrônica como objeto central do aporte teórico gerativo, visto a importância da aquisição da linguagem para a teoria.

A noção de Gramática assumida neste trabalho é a mesma de Chomsky (1985), convencionada como Língua-I (Língua Interna), em oposição à Língua-E (Língua Externa). A Língua-I é a competência mental que possibilita ao falante o uso da sua língua materna, adquirida no processo natural de aquisição da linguagem. A Língua-I, portanto, remete à possibilidade de se gerarem estruturas linguísticas e não a um certo inventário de estruturas. Tais possibilidades são limitadas pela GU, que dispõe de princípios imutáveis e parâmetros que podem ser fixados diferentemente em gramáticas particulares, determinando, assim, os limites de variação entre essas gramáticas (CHOMSKY & LASNIK 1993). Cada gramática particular, neste sentido, representa uma determinada parametrização dos princípios da GU. A gramática do falante, na teoria gerativa, será, portanto, uma entidade individual: uma gramática particular internalizada na mente de cada indivíduo³. A língua-E, por sua vez, representa os enunciados produzidos pela Língua-I. Assim, os textos que compõem os *corpora* nos estudos diacrônicos podem ser entendidos como amostras da Língua-E da sua época, e, a partir deles, o trabalho do linguista é desvendar a Língua-I de seus falantes. Ao assumir que em um dado período os falantes de uma determinada comunidade compartilham da mesma Língua-I, é possível considerar que essa Língua-I é a gramática do período em questão.

As gramáticas individuais emergem nos falantes a partir da interação entre os princípios inatos da GU e a experiência linguística de cada falante, isto é, os dados a que está exposto na fase de aquisição, produzidos pela geração anterior. Assim, a Língua-I se apresenta como a competência mental que possibilita ao falante o uso da

³ Destaque-se que mesmo as gramáticas individuais podem estar sujeitas à variação, neste caso, interna.

sua língua materna, adquirida no processo natural de aquisição da linguagem. De acordo com essa perspectiva, os seres humanos possuem uma capacidade mental inata e são dotados de um conhecimento linguístico pré-estruturado, que direciona as crianças na fase de aquisição a responderem eficientemente aos estímulos linguísticos que recebem. Desse modo, a mudança gramatical é fruto da relação entre a capacidade inata dos indivíduos e a experiência linguística vivenciada pelas sucessivas gerações de falantes. Os dados linguísticos relativos às mudanças apresentam-se normalmente como dados de variação entre formas antigas e formas inovadoras nos textos.

Nos estudos diacrônicos, nos deparamos com questões muito particulares. Primeiramente, não se tem acesso à intuição do falante – o que mais se aproximaria de sua Língua-I –, isto é, somente são acessíveis os textos que, pelas mais variadas razões, sobreviveram à ação do tempo. Assim, os documentos que compõem o objeto de estudo da linguística histórica são amostras da Língua-E de uma determinada época, ou seja, uma representação da Língua-I, e é a partir deles que se busca desvendar a gramática dos falantes. Além disso, outra importante questão se coloca. Os dados linguísticos relativos à mudança são normalmente documentados nos textos escritos como dados de variação entre formas linguísticas antigas e formas linguísticas inovadoras. Contudo, se a mudança ocorre por meio da aquisição da linguagem, o que, por hipótese, é um processo abrupto das opções disponibilizadas por qualquer parâmetro (cf. Lightfoot 1999), como elucidar a mudança gradual de formas linguísticas coexistentes?

Para solucionar a questão da variação nos textos, Kroch (1989, 1994, 2000) lança mão do conceito de competição de gramáticas. A noção central é a de que, ainda que na mente do falante a fixação paramétrica que resulta na mudança linguística seja um acontecimento abrupto, associado à aquisição, a mudança, vista superficialmente nos textos ao longo do tempo, aparece como um processo gradual. Kroch associa a ideia da fixação abrupta a um processo gradual argumentando que, uma vez fixado o parâmetro de uma nova gramática, na fase de aquisição da linguagem, os falantes também podem fazer uso da gramática antiga (por exemplo, por questões estilísticas ou normativas), adquirida mais tarde através do contato com a língua escrita e o padrão veiculado pela escola. Dessa forma, os falantes então poderiam ser considerados indivíduos bilíngues devido ao fato de terem internalizado

parâmetros de duas gramáticas diferentes, ainda que estas, em geral, superficialmente sejam muito semelhantes. Por isso, pode-se dizer que a mudança gradual saliente nos textos é um subproduto de um processo de competição de gramáticas que acontece na mente do falante, um processo que, com o passar do tempo, substitui a gramática antiga até suplantá-la. A proposta de competição de gramáticas é muito importante no que diz respeito ao momento em que se dá a mudança linguística: uma vez que a variação diacrônica encontrada nos textos históricos é a consequência, e não a causa, da mudança gramatical, assume-se que a mudança ocorre quando as formas linguísticas inovadoras aparecem no ambiente linguístico – no caso da linguística diacrônica, nos documentos escritos –, ainda que em taxas menos elevadas do que as formas antigas.

Tendo isso em vista, a abordagem de mudança assumida neste trabalho tem base em dois pontos fundamentais: (i) a criança constrói sua gramática interna a partir dos dados linguísticos primários e do que é inato a ela (os princípios da GU); e (ii) como a criança não pode acessar diretamente a gramática das pessoas à sua volta, as conclusões a que ela chega sobre sua gramática são baseadas inteiramente nos dados linguísticos primários e nos princípios universais da GU. Considerando que a ordenação linear dos constituintes da sentença de uma dada língua pode ser compatível com mais de uma gramática e que a criança não sabe qual das análises representa a gramática do adulto (G1), ela pode tanto optar por G1 quanto levantar uma hipótese que difere dessa gramática, isto é, G2. Ocorre uma mudança gramatical se a gramática que a criança constrói difere da do adulto. Portanto, nos estudos diacrônicos, interessa descobrir quais as propriedades, nos dados linguísticos primários, que induzem a criança a uma análise diferente da do adulto.

Apesar de as propriedades da GU permanecerem constantes de geração em geração, os dados linguísticos primários mudam. Desse modo, o *input* para uma geração pode não ser o mesmo do da próxima geração. Como a gramática a ser adquirida é uma consequência da interação entre as propriedades da GU e o ambiente, que está em constante mutação, a mudança é inevitável.

1.2. A questão da periodização

A noção de gramática e a questão da aquisição da linguagem estão intimamente relacionadas à forma como são datados os documentos escritos que servem de base para a pesquisa diacrônica. Nesta pesquisa, o aspecto teórico é bastante relevante em relação à periodização da língua portuguesa uma vez que estamos tratando da Língua-I.

Na história do português reconhecem-se diferentes fases que se sucedem diacronicamente e que se diferenciam por fatores internos (relacionados diretamente à língua encontrada nos documentos históricos) ou externos (relacionados ao contexto histórico em que os textos são produzidos). Entre os estudos tradicionais, a periodização reconhece quatro grandes períodos. O quadro abaixo, adaptado de Mattos e Silva (2006), resume as diferentes propostas de periodização para a história do português:

Período	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar Vazquez Cuesta	Lindley Cintra
Até o século 9 (882)	Pré-histórico	Pré-histórico	Pré-literário	Pré-literário
Até 1.200	Proto-histórico	Proto-histórico		
Até 1385/1420	Português Arcaico	Trovadoresco	Galego-português	Português Antigo
Até 1536/1550		Português Comum	Português Pré-Clássico	Português Médio
Até século 18	Português Moderno	Português Moderno	Português Clássico	Português Clássico
Até século 19/20			Português Moderno	Português Moderno

Tabela 1: Periodização tradicional (adaptado de Mattos e Silva 2006:25)

No quadro acima, observa-se que as diferentes propostas de periodização variam quanto às subdivisões desses grandes períodos históricos, assim como à denominação que lhes são atribuídas. Vale destacar que, com exceção de Leite de Vasconcelos, todas as propostas consideradas subdividem o chamado português arcaico em dois períodos. Serafim da Silva Neto chama o primeiro momento de *português trovadoresco*, Pilar Vasquez-Cuesta o denomina *galego-português*, ao

passo que Lindley Cintra o nomeia de *português antigo*. Vale destacar que cada uma dessas subdivisões diz respeito a um aspecto da língua portuguesa: o primeiro momento se refere à produção lírica das cantigas trovadorescas; o segundo período destaca o aspecto geográfico-político da identidade inicial com o galego; e o terceiro é uma classificação mais neutra em relação a esses aspectos, que estabelece uma fronteira final para o período mais antigo do português.

Embora as periodizações sugeridas pela tradição dos estudos históricos se apresentem variadas a depender do autor, é possível reconhecer algumas delimitações amplas, aqui resumidas em linhas gerais. A base para essa divisão é principalmente sócio-histórica, mas também baseada em características linguísticas, em sua maioria morfológicas e fonológicas. Com exceção do português pré-histórico ou pré-literário, o primeiro período histórico que se costuma reconhecer é o português antigo, a língua que se registra desde os primeiros documentos até meados do século 16. Nos estudos tradicionais é, sem dúvida, no século 16 que a tradição historiográfica do português localiza o principal divisor de águas que separa a língua antiga da moderna. O período intermediário entre a língua medieval e a contemporânea é comumente chamado de português clássico e inclui textos quinhentistas tardios, textos seiscentistas e textos setecentistas. Depois dessa fase intermediária, costuma-se identificar no século 19 o momento em que a língua portuguesa contemporânea se estabelece nos textos.

Algumas propostas de periodização usam como fronteira entre o português antigo e o português médio a crise de 1383-1385 ou o seu símbolo, a batalha de Aljubarrota (CARDEIRA 2005:291). Contudo, tais propostas deixam de considerar o fato de que certas mudanças inovadoras já ocorriam antes dessa data.

No quadro gerativista, os estudos pioneiros sobre a diacronia do português (cf. Martins 1994; Torres Moraes, 1995; Ribeiro, 1995) refletem a periodização convencionada pela tradição. De modo geral, esses estudos levaram em conta três grandes fases para a língua falada na Europa: o português antigo, o português clássico e o português europeu moderno. Ressalte-se que para os estudos gerativistas, um ciclo ou período será relevante quando compreendido como uma gramática diferente da anterior.

Como vimos na seção anterior, na perspectiva gerativista, a noção de Gramática, convencionada como Língua-I (CHOMSKY, 1985), remete à possibilidade de se gerarem estruturas linguísticas. A Língua-I é, portanto, a competência mental que possibilita ao falante o uso da sua língua materna, adquirida no processo natural de aquisição da linguagem. A Língua-E, por sua vez, diz respeito aos enunciados produzidos pela Língua-I. A partir desse ponto de vista, deslocando o enfoque da Língua-E para a Língua-I, Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006)⁴ e Galves (2007) propõem uma periodização da língua portuguesa que determina dois novos limites temporais correspondentes à emergência de novas gramáticas: a fronteira entre os séculos 14 e 15 e o início do século 18. Diferentemente do que propõe a tradição, tal estruturação da língua se baseia na emergência de novas formas, que marcam o surgimento de novas gramáticas⁵. São reconhecidos, então, três grandes períodos: o português antigo, dos primeiros documentos até 1350, o português médio, de 1350 a 1700 e o português europeu moderno, a partir de 1700. Paralelamente a este último, atesta-se o surgimento do português brasileiro.

Note-se que o deslocamento do enfoque da Língua-E para a Língua-I apresenta algumas questões. Inicialmente percebe-se que, ao comparar a proposta de Galves et al. (2006) com as diferentes propostas tradicionais, há um complicador: a primeira se utiliza apenas de fenômenos sintáticos, ao passo que os estudos tradicionais fazem uso, geralmente, de elementos morfofonológicos. Isso, por si só, já é um problema para a comparação entre as propostas. Além disso, é importante ressaltar que o conceito de mudança gramatical visto dessa forma apresenta uma consequência impactante sobre o critério de datação dos dados linguísticos a serem analisados. Uma vez que a emergência de uma nova gramática é analisada como parte do processo de aquisição da linguagem, um critério de datação relevante a se seguir será não a data em que um texto foi escrito, mas a data de nascimento do autor do texto. A consequência mais saliente dessa escolha é que, na periodização proposta, há uma tendência ao retrocesso, em termos temporais, dos períodos históricos em comparação com a divisão tradicional.

⁴ A proposta foi primeiro esboçada em Galves (2004).

⁵ Perceba-se que, uma vez que a mudança gramatical vista como mudança paramétrica ocorre abruptamente e depois se espalha (cf. Lightfoot 1999), os períodos gramaticais são definidos não pelo desaparecimento de formas arcaizantes, mas pelo aparecimento de inovações, já que isso é o sinal do surgimento de uma nova gramática.

Por isso, segundo a periodização de Gaves et al. (2006), o português antigo se estende até meados do século 14, recuando um século e meio, se comparado com algumas das propostas de periodização tradicional, que delimitam este período entre os séculos 13 e 16, como adotam, por exemplo, Ribeiro (1995) e Mattos e Silva (1989, 2006 e outros). No que respeita ao comportamento de elementos sintáticos, as autoras descrevem esse período como marcado pela alternância da ênclise e da próclise, com clara tendência para a ênclise, pela interpolação da negação e de outros constituintes do predicado (atestada em contextos de próclise obrigatória) e pela ordem básica VS, apresentando, portanto, sintaxe de tipo V2. O período intermediário, denominado português médio, que vai de meados do século 14 até o início do século 18, é marcado pela alternância entre a ênclise e a próclise, com tendência à próclise, pelo desaparecimento da interpolação de constituintes diferentes de *não* e pelo surgimento de novos contextos para a interpolação do *não* (orações raízes neutras, que não são contextos de próclise obrigatória), pela possibilidade de uma nova ordem linear nas sentenças dependentes negativas, sem contiguidade do clítico à conjunção e pela ordenação básica VS⁶. O português médio pode ser pensado como o período em que as especificidades do português antigo gradualmente desaparecem dos documentos escritos, uma gramática intermediária. Por fim, o português europeu moderno, que desponta a partir do século 18, é marcado pela ênclise categórica, pela obrigatoriedade da contiguidade clítico-verbo em afirmativas e pela mudança na ordem básica da frase, passando a SV.

A grande questão em torno dessa proposta é se o português médio⁷, que visivelmente representa uma fase de transição, é parte do português antigo, como na análise tradicional, ou parte do período seguinte. Em análise posterior, Galves (2010) e Galves & Kroch (2015) revisitam a questão da periodização, esclarecendo que

“the main difference between our periodization and the traditional one, which also recognizes three periods, is that MP is no longer to be thought of as “late” OP and becomes instead “early” CIP because MP is now analyzed as exhibiting a competition between the grammar of OP and the new CIP grammar. In our view, the latter is probably already the grammar of the

⁶ Note-se que a ordem dos constituintes não parece ser um critério suficiente para a diferenciação entre os dois primeiros períodos.

⁷ Castro (1991); Cardeira (2005).

vernacular language when variation first appears in texts. We should note that, since we consider MP to be nothing but a competition in use between the grammars of OP and CIP, the latter must, for us, begin to manifest itself in texts much sooner than claimed by the tradition” (GALVES & KROCH, 2015:3-4)⁸.

Assim, assumem que o português médio, ao invés de ser uma fase que marca o término do português antigo, é o período que precede o português clássico. Deste modo, é visto como uma época que exhibe competição entre a gramática do português antigo e a nova gramática, a do português clássico. Em suma, o português antigo compreende o período no qual se incluem autores nascidos entre os anos 1200 e 1350; o português médio, no sentido tradicional, é uma fase intermediária localizada entre os séculos 14 e 16 e o português clássico seria, então, a fase entre os séculos 16 e 18, depois da qual surge o português europeu moderno.

Para chegar a essa proposta de datação, Galves & Kroch (2015) fazem uso de uma série de dados empíricos, como a colocação dos clíticos (MARTINS 1994, 2005) e a posição do verbo na frase (RIBEIRO 1995). De fato, no âmbito da linguística diacrônica frequentemente tem-se discutido a posição dos clíticos e a posição do verbo, aspectos da gramática que sofreram mudanças significativas ao longo da história do português.

Principalmente no que diz respeito à sintaxe do verbo, são muitas as discussões e o posicionamento dos autores não é unânime. Muitos estudos argumentam que o português antigo e o português clássico apresentavam sintaxe de tipo V2 (cf. Ribeiro 1995, 2010, Salvi 1991, 2004, para o português antigo; Galves 1996, 2000; Paixão de Sousa 2004; Galves, Namiuti & Paixão de Sousa, 2005; Galves & Paixão de Sousa, 2005, 2010; Gibrail 2010; Galves & Gibrail, 2018; Antonelli 2011;

⁸ “A principal diferença entre a nossa periodização e a tradicional, que também reconhece três períodos, é que o português médio não é mais visto como o português antigo “tardio” e sim como um prenúncio do português clássico, devido ao fato de, agora, o português médio ser analisado como uma fase que exhibe competição entre a gramática do português antigo e a nova gramática do português clássico. Em nossa visão, o português clássico já representa, provavelmente, a gramática da língua vernacular quando a variação começa a aparecer nos textos. Deve-se notar que, uma vez que consideramos o português médio nada mais do que a competição de usos entre as gramáticas do PA e do português clássico, o último período começa a se manifestar nos textos muito antes do que atesta a tradição” [minha tradução]

Galves a sair, para o português clássico). Por outro lado, essa análise é criticada com base no argumento de que tanto o português antigo quanto o português clássico apresentam propriedades que não são compatíveis com a sintaxe V2, como a alta frequência de frases com ordem V1 e V3 (cf. Fiéis 2002, 2007; Rinke 2009, Sitaridou 2012, para o português antigo; Eide 2006, 2010 para o português clássico). Não obstante, a possibilidade de ordens V1 e V3 não descarta a análise de uma gramática como V2. Essa discussão será retomada no capítulo seguinte.

A questão da datação dos textos pode trazer muitas complicações para o trabalho empírico, uma vez que os diferentes critérios podem desencadear diferentes conclusões. Note-se, contudo, que o problema, em si, não está no critério de datação dos *documentos*, mas na datação que é elaborada pelo pesquisador. Os textos, naturalmente, são datados a partir da data de produção, porém, a questão relevante se coloca para o pesquisador no momento de interpretar e considerar – ou desconsiderar – essa datação. Desse modo, a questão gira em torno do investigador no momento de analisar os dados disponíveis nos textos, isto é, se levará em consideração a data que consta no texto – a da redação do documento – ou a data de nascimento do autor.

Nesta pesquisa, para fins de simplificação, não entraremos na discussão da localização temporal do português médio. Utilizaremos textos do século 13 ao 15, período ao qual iremos nos referir como *português medieval*. Ademais, ainda que nossos pressupostos teóricos estejam alinhados com a periodização de Galves et al. (2005), não foi possível depreender a data de nascimento de todos os autores dos textos que compõem nosso *corpus*. Assim, mesmo que essas limitações não nos permitam seguir à risca tal proposta de periodização, faremos o possível para nos ombrearmos a ela, como veremos mais à frente no Capítulo 4.

Capítulo 2 – V2: um panorama

Tradicionalmente, uma língua é considerada V2 quando licencia o movimento do verbo flexionado para a segunda posição linear na sentença, sendo a primeira posição ocupada por um XP de qualquer natureza. As línguas V2 em geral são classificadas em assimétricas, aquelas em que V2 ocorre somente nos contextos matrizes, e simétricas, que licenciam V2 tanto nas orações matrizes quanto nas orações subordinadas.

A discussão em torno do fenômeno frequentemente leva em consideração a *rigidez* do efeito V2, excluindo da classificação as línguas que licenciam, além do verbo em segunda posição, ordens V1 e V>2. No entanto, estudos mais recentes vêm colocando em xeque a visão tradicional de V2, considerando línguas em que o fenômeno se manifesta de forma mais *flexível* (JOUITTEAU 2010; HOLMBERG 2015; WOLFE 2015; GALVES a sair)

O objetivo deste capítulo é fazer uma revisão do efeito V2 na literatura tradicional e recente, de modo a discutir as diferentes abordagens e compreender melhor o funcionamento das línguas que apresentam esse efeito, para embasar uma análise em favor de V2 para o português medieval. O capítulo está dividido como segue: a primeira seção fará um panorama do efeito V2 em termos gerais, apresentando algumas propostas e diferenciando o que se conhece por V2 simétrico e assimétrico. Nesta mesma seção o fenômeno será descrito sob a ótica da periferia esquerda (RIZZI 1997). Em um segundo momento, serão revisados os trabalhos que tratam de V2 no âmbito das línguas germânicas. Por fim, serão apresentadas as diferentes abordagens do fenômeno no âmbito das línguas românicas antigas.

2.1. O efeito V2

Em geral uma língua é considerada V2 quando o verbo ocupa obrigatoriamente a segunda posição na sentença, seja especificamente nas orações matrizes ou também nas orações subordinadas. Os exemplos abaixo, adaptados de Holmberg (2015:343), ilustram o fenômeno no sueco.

- (2) a. Jag **har** ärligt talar aldri sett huggormar i den här skogen

Eu tenho honestamente falando nunca visto cobras em esta aqui floresta.

“Honestamente falando, eu nunca vi cobras nesta floresta.”

- b. Huggormar **har** jag ärligt talat aldrig sett i den här skogen.

Cobras tenho eu honestamente falando nunca visto em esta aqui floresta.

“Cobras eu nunca vi nesta floresta, honestamente falando.”

- c. I den här skogen **har** jag ärligt talat aldrig sett huggormar.

Em esta aqui floresta tenho eu honestamente falando nunca visto cobras.

“Nesta floresta, honestamente falando, nunca vi cobras.”

- d. Ärligt talat **har** jag aldrig sett huggormar i den här skogen.

Honestamente falando tenho eu nunca visto cobras nesta aqui floresta.

“Honestamente falando, eu nunca vi cobras nesta floresta.”

As sentenças acima mostram que o verbo flexionado (no caso, um verbo auxiliar) é o segundo constituinte nas orações matrizes do sueco, independentemente do constituinte que ocupa a primeira posição. Esse efeito é característico das línguas

germânicas, com exceção do inglês moderno, e das línguas românicas antigas, além de alguns dialetos do reto-romanche (cf. Poletto 2002).

O fenômeno V2 foi amplamente discutido no quadro da linguística gerativa, e a literatura em geral assume que o verbo flexionado é movido para fora do VP, para uma posição no início da sentença. O efeito V2 resulta, então, de um segundo movimento que coloca um constituinte sintagmático em posição anterior ao verbo. Desde den Besten (1977, 1983) vem se assumindo que V2 envolve C^0 , uma posição que, nas sentenças subordinadas, está sempre comprometida com os elementos introdutórios de sentença encaixada.

Na definição original de den Besten (1983) para o alemão e o holandês, V2 pode ser visto com base em três propriedades sintáticas distintas: (i) inversão do sujeito, (ii) verbo flexionado na segunda posição linear da sentença, e (iii) o efeito só ocorre em orações matrizes. Nas análises tradicionais, essas três propriedades são destacadas levando em consideração o fato de nas orações matrizes das línguas V2 o verbo flexionado obrigatoriamente se mover para C^0 , resultando na inversão do sujeito quando ele não está em primeira posição na sentença. Além disso, a consideração de que V2 não ocorre em orações subordinadas é derivada do fato de que nesse tipo de orações C^0 já está preenchido pelo complementizador. Os estudos tradicionais também levam em conta a agramaticalidade de estruturas com ordem V3, o que geralmente era justificado por só haver uma posição mais alta que C^0 , [Spec, C]. Contudo, trabalhos posteriores trouxeram evidências de que essas três propriedades nem sempre caminham juntas.

Trabalhos como os de Santorini (1989), Vikner (1995), entre outros, mostram que nem todas as línguas germânicas licenciam V2 somente em orações matrizes, podendo ser divididas em dois tipos: as que apresentam V2 em orações principais e as que licenciam V2 também em subordinadas. O ídiche e o islandês são exemplos de línguas que licenciam V2 tanto em orações matrizes quanto em encaixadas, e são por isso consideradas línguas V2 generalizadas ou simétricas, ao passo que as línguas que não licenciam V2 em orações dependentes, como o alemão, sueco e holandês, são consideradas V2 assimétricas ou restritas. Vikner (1995:65), utilizando como ponto de partida a análise clássica de V2 como movimento de V para C, propõe a seguinte tipologia para as línguas:

(i) Línguas de V2 residual (*residual V2 languages*): a ordem V2 só ocorre em determinados contextos, como no inglês, que apresenta o verbo obrigatoriamente em segunda posição em contextos de interrogativas e construções com negação topicalizada.

(ii) Línguas de V2 assimétrico (*asymmetric V2 languages*): línguas como o alemão e o holandês, que apresentam construções com ordem V2 em todas as sentenças matrizes, porém, em sentenças encaixadas o verbo ocupa a posição final, uma vez que a segunda posição é ocupada por um complementizador.

(iii) Línguas de V2 limitado em encaixadas (*limited embedded V2 languages*): exibem o mesmo padrão das línguas de V2 assimétrico para as frases matrizes e encaixadas e, adicionalmente, apresentam orações V2 encaixadas introduzidas por verbos “ponte” (*bridge verbs*)⁹. São exemplos desse tipo de língua o dinamarquês, o norueguês, o sueco e o feroês. Não obstante, destaque-se que o alemão também permite V2 em encaixadas nesses contextos¹⁰.

(iv) Línguas de V2 simétrico (*symmetric V2 languages*): apresentam ordem V2 em todas as sentenças matrizes e encaixadas, como é o caso do islandês, do iídiche e do francês antigo.

Nas línguas V2 assimétricas o efeito V2 é entendido como a ocorrência do verbo flexionado em segunda posição nas orações matrizes, sendo a primeira posição ocupada por qualquer elemento, sujeito ou não. Esse tipo de ordem linear dos constituintes é possível porque, nessas línguas, assume-se que o verbo sobe para o núcleo C, como nos exemplos abaixo em (2), extraídos de Vikner (1995:39-41).

⁹ Verbos que permitem extração de seu complemento à longa distância (ambientes de ilha fraca).

¹⁰ A tipologia de Vikner (1995) diferencia o alemão e o holandês de línguas como o dinamarquês, o sueco, o norueguês e o feroês no que respeita à possibilidade destas permitirem V2 em sentenças encaixadas com verbos “ponte”. Porém, o alemão também as permite em contextos com complementizador nulo.

(3) a. Dieses Buch hat Peter gelesen.

[Dieses Buch]_{objeto direto} [hat]_{verbo auxiliar} [Peter]_{sujeito} [gelesen]_{verbo}.

“Este livro tem Peter lido.”

b. Vielleicht hat Peter dieses Buch gelesen.

[Vielleicht]_{advérbio} [hat]_{verbo auxiliar} [Peter]_{sujeito} [dieses Buch]_{objeto direto}

[gelesen]_{verbo}.

“Talvez tenha Peter este livro lido.”

c. Die Kinder sahen den Film.

[Die Kinder]_{sujeito} [sahen]_{verbo} [den Film]_{objeto direto}.

“As crianças viram o filme.”

Em geral as análises tradicionais (DEN BESTEN 1983, entre outros) argumentam que nas orações dependentes das línguas V2 assimétricas o movimento do verbo é bloqueado pela presença do complementizador em C, sendo a ordem V2 bloqueada nesses contextos. Não obstante, há algumas exceções, como é o caso de estruturas recursivas e orações dependentes introduzidas por verbos “ponte” com complementizadores nulos, como veremos em mais detalhes na próxima seção. Em relação às línguas V2 simétricas, como o íddish e o islandês, estas têm em comum o fato de o verbo ocorrer sempre em segunda posição, seja nas orações matrizes, seja nas subordinadas (cf. Santorini 1989 e Diesing 1990 para o ídiche; Holmberg 1986 e Vikner 1995 para o islandês; e Santorini 1994 para um panorama das duas línguas).

2.1.1. A periferia esquerda nas línguas V2

No âmbito da teoria X-barra a representação estrutural da frase consiste em três tipos de camadas: a do léxico, encabeçada pelo verbo, onde se dá a atribuição de papel temático, a da flexão, para onde vão as categorias funcionais, e a dos complementizadores. Em meados da década de 80 essas camadas eram identificadas com etiquetas do tipo IP, CP, VP, mas logo essa distinção se torna insuficiente (cf. Pollock 1989). Desde então várias propostas foram feitas para dar conta dos elementos que ocupam a periferia esquerda da sentença, isto é, os constituintes que estão antes de IP.

Nesse contexto, a categoria C (COMP) é entendida como uma estrutura composta por um núcleo que projeta um nível máximo, CP (cf. Chomsky 1986a), e está hierarquicamente acima de IP. No novo formato X-barra para a categoria sintática COMP, o núcleo C é definido como uma posição na qual os complementizadores são inseridos. A posição de especificador de CP se torna, então, o *locus* padrão para onde se movem os sintagmas fronteados.

O trabalho seminal de Rizzi (1997) propõe uma fragmentação da categoria C, diferenciando ForceP, uma representação sintática da força ilocucionária, TopP, que representa os tópicos frasais, FocP, para elementos focalizados, e FinP, amplamente motivado pelo fato de que os complementizadores são sensíveis à finitude ou à infinitude de IP e de certos morfemas flexionais que podem estar na camada C. O esquema abaixo ilustra a estrutura da periferia esquerda da sentença proposta por Rizzi (1997).

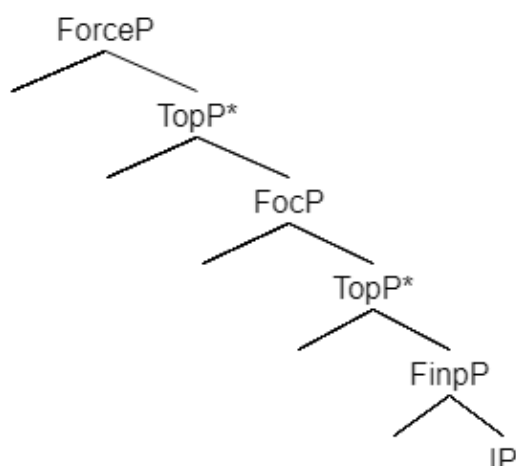


Figura 1: CP expandido (adaptado de Rizzi 1997:297)

O sistema proposto por Rizzi é delimitado, em sua posição mais alta, por ForceP, o núcleo que expressa o tipo de oração – relativa, declarativa, interrogativa etc. –, e, na posição mais baixa, por FinP, o núcleo que diferencia estruturas finitas e não finitas, selecionando o sistema IP.

Assumindo a recursividade de Top, Rizzi propõe que as categorias de TopP são projeções específicas para elementos topicalizados, enquanto as categorias de FocP são referentes aos constituintes focalizados. Os núcleos Top e Foc são ativados quando há um elemento na sentença com a função de tópico ou de foco, devendo ser acomodado na periferia esquerda da oração. Os especificadores dos núcleos funcionais projetados em CP são licenciados pelos conteúdos substantivos de traços desses núcleos (Rizzi 1997, 2004a). Os sintagmas que abrigam as funções de tópico ou foco ocupam a posição de especificadores de seus respectivos núcleos projetados em CP.

Em seu trabalho de 1999, Roberts argumenta que o efeito V2 não é uma propriedade da posição mais alta de C, e sim de uma posição mais baixa, Fin⁰, que licencia o traço de [+/- finitude] na teoria de Rizzi (1997), propondo que as línguas V2 devem preencher a camada mais baixa de C por movimento ou concatenação. Segundo Roberts, o movimento para Fin⁰ é uma estratégia de último recurso para checar o traço forte [+Fin], o que não ocorre nas orações subordinadas das línguas V2 assimétricas, em que o complementizador checa esses traços.

Em trabalho posterior, Roberts (2004) argumenta que nas línguas V2 o núcleo Fin deve apresentar obrigatoriamente uma realização lexical (Fin*). Nas orações matrizes, esse requerimento seria satisfeito por meio do movimento do verbo para Fin*. Nas subordinadas, especialmente em línguas V2 assimétricas, o requerimento fonético de Fin* seria satisfeito pela concatenação do complementizador. Levando em consideração o princípio *merge over move* (CHOMSKY 1995), Roberts (2004) argumenta que nas orações subordinadas o complementizador tem a preferência em relação ao verbo para satisfazer o requerimento de Fin*, uma vez que isso representaria um caso de concatenação, e não de movimento. Já nas orações matrizes, devido ao fato de o complementizador não estar disponível na numeração sintática, a realização lexical de Fin* deve ser satisfeita por meio do movimento, visto que o deslocamento do verbo finito seria a única forma de satisfazer esse requerimento fonético.

Antonelli (2011), revisitando a análise de Roberts (2004), propõe que nas orações matrizes o núcleo Fin forçaria o movimento de um XP qualquer para a posição de especificador de FinP, após valorar seus traços ϕ . Nas subordinadas o núcleo Fin⁰ vem especificado com traços ϕ , que estão sempre associados à propriedade EPP. Nesses contextos, a concatenação do complementizador em Fin cancelaria os traços ϕ desse núcleo, assim, o preenchimento de Fin, seja pelo verbo, seja pelo complementizador, seria desencadeado pela presença de um traço de finitude [+F].

Os trabalhos de Frey (2000, 2004) argumentam que o especificador de CP das declarativas finitas do alemão deve ser preenchido com o deslocamento do elemento mais alto de IP para essa posição, obedecendo à Condição do Elo Mínimo para satisfazer o traço EPP. Desse modo, nenhum elemento é gerado nessa posição. Fanselow (2007), por outro lado, afirma que a primeira posição nas orações do alemão reflete certa ambiguidade na interpretação funcional, uma vez que a posição anterior ao verbo pode ser preenchida por sujeitos não marcados, tópicos ou focos. Argumenta também que mesmo os sintagmas descontínuos são ambíguos pragmaticamente. Observe-se a sentença abaixo.

- (4) Bücher hab ich mir ein paar gekauft.

Livros comprei eu (a mim) um par.

Livros, eu comprei dois.

De acordo com Fanselow, *Bücher* pode ser tratado tanto como um tópico contrastivo quanto como um foco corretivo. Segundo o autor, a frase também poderia responder às perguntas: “o que você comprou?”, “o que você fez?” e “o que aconteceu?”. Tal fato demonstra que o sintagma descontínuo é compatível com o foco no DP ou no VP e TP que o dominam.

Em relação à periferia esquerda do alemão, Frey (2006) argumenta que dois processos diferentes subjazem o movimento de XPs para [Spec, CP], desencadeando a ordem V2 nessa língua. Um deles é o movimento formal, que ocorre devido às propriedades formais (EPP) de COMP, mais especificamente Fin, e o outro é a topicalização de algum elemento da sentença para posições altas em CP, o que o autor chama de TAB (*True A-Bar Movement* ou verdadeiro movimento A-barrado). Frey argumenta que somente o movimento A-barrado permite uma interpretação pragmaticamente marcada, que, em sua análise, é uma interpretação contrastiva. Isso dá conta do fato de que a interpretação associada à posição pré-verbal no alemão não é a mesma em todos os contextos e do fato de que a ordem SVO é a mais comum no alemão (cerca de 70% de acordo com Lightfoot 1997 e Frey 2006).

Frey (2006) e Light (2012) enfatizam que o movimento formal é uma propriedade típica das línguas germânicas e esse movimento é satisfeito por qualquer constituinte ocupando a posição mais alta abaixo de Fin. Light (2012) estende a análise de Frey para outras línguas germânicas, afirmando que “(...) TAB remains a constant across the Germanic language family, but only V2 languages have FM as an option, because FM is a phenomenon inherently linked to the V2 requirement, existing solely to fill Spec,CP as a last resort due to what has been described as an EPP feature on C” (LIGHT 2012: vi)¹¹.

Em análise mais recente, Holmberg (2015) argumenta que a propriedade V2 é constituída de dois componentes: (i) um núcleo funcional na periferia esquerda que atrai o verbo finito, e (ii) esse mesmo núcleo funcional exige o movimento de um constituinte para sua posição de especificador. A propriedade (ii) pode ser formalizada

¹¹ “(...) TAB é uma constante nas línguas germânicas, mas somente as línguas V2 têm o movimento formal como uma opção, porque este é um fenômeno inerente ao efeito V2, e existe unicamente para preencher [Spec, CP] como último recurso devido ao que vem sendo descrito como um traço EPP em C” [minha tradução]

como um traço EPP generalizado nos moldes de Roberts (2004), um traço que desencadeia o movimento e a concatenação de um constituinte de qualquer tipo.

Análises empíricas vêm cada vez mais mostrando que V2 não é um fenômeno homogêneo, uma vez que pode ser de diferentes tipos, podendo, ainda, variar de língua para língua. Para Joutteau (2010) as línguas V2 são “pelo menos V2”¹² e a diferença entre elas está na periferia esquerda de cada uma, argumentando que línguas V2 restritas (*exact V2 languages*) são raras e permitem apenas um elemento na posição pré-verbal, ao passo que outros tipos de V2 permitem o fracionamento de múltiplos elementos pré-verbais (cf. Joutteau 2010:207). Ademais, trabalhos mais recentes vêm tratando o fenômeno com base em outras abordagens para além da sintaxe, levando em consideração aspectos discursivos e pragmáticos (cf. Hinterhölzl & Petrova 2010; Galves & Sândalo 2012; Wolfe 2015, Galves a sair, entre outros), como veremos nas próximas seções.

¹² “V2 languages vary with respect to how many elements they allow in the preverbal area. Crosslinguistically, V2 patterns are ‘at least V2’, in the sense that the verb never appears as the first element of the clause. However, some V2 languages allow for V3 or even V4 orders, these being restricted by a particular ordering of elements in the left periphery.” (JOUTTEAU 2010:203)

“Línguas V2 variam em relação à quantidade de elementos que permitem na posição pré-verbal. No que respeita à variação entre línguas, os padrões V2 são ‘pelo menos V2’ no sentido de que o verbo nunca ocorre como o primeiro elemento da sentença. No entanto, algumas línguas V2 permitem ordens V3 e até V4, sendo estas restritas a uma ordenação específica dos elementos na periferia esquerda” [minha tradução].

2.2. V2 nas línguas germânicas

As línguas germânicas, com exceção do inglês moderno¹³, têm em comum o fato de apresentarem o efeito V2 pelo menos nas orações matrizes. No alemão a restrição V2 se manifesta exclusivamente, ainda que com algumas exceções, nas orações raízes, o que a enquadra no rol das línguas V2 assimétricas. Nesta língua observa-se que, em orações dependentes, desconsiderando o complementizador, o verbo flexionado não aparece em segunda posição e sim em posição final. Os exemplos abaixo, adaptados de Kroch (2001:20), ilustram a assimetria entre orações matrizes e subordinadas no alemão.

(5) Er hat sie gesehen.

Ele tem ela visto.

“Ele a viu”

(6) ... daß er sie gesehen hat.

... que ele ela visto tem.

“... que ele a tenha visto”

No alemão o contraste entre orações matrizes e dependentes em relação à posição do verbo finito é bastante evidente devido à natureza verbo-final dessa gramática nas orações subordinadas. No holandês, também uma língua verbo-final em orações encaixadas, observa-se uma assimetria similar à encontrada no alemão. Kroch (2001) destaca que, entre as línguas germânicas que apresentam traços V2, algumas são verbo-medial e outras são verbo-final, mas todas as línguas que perderam essa propriedade eram verbo-medial. No caso do inglês, a perda de V2 é resultado da mudança da ordem verbo-final para verbo-medial.

Diferente do alemão e do holandês, o dinamarquês não apresenta ordem verbo-final em orações encaixadas. Não obstante, no que respeita à posição do verbo,

¹³ De acordo com Kroch (2001) o inglês antigo era uma língua amplamente verbo-final em sentenças subordinadas e V2 em sentenças matrizes. A partir do começo do inglês médio, por volta de 1200, a ordem subjacente era verbo-medial. Nesse ponto, a língua ainda podia ser considerada uma língua V2, mas algum tempo depois de 1250 essa ordem começou a ser menos produtiva e, por volta de 1400, já tinha desaparecido, pelo menos nos dialetos centrais.

nessa língua também há uma assimetria entre orações matrizes e subordinadas. Observem-se abaixo os exemplos adaptados de Vikner (1995:47).

- (7) Peter har ofte drukket kaffe om morgenen

Peter tem frequentemente bebido café na manhã-a

“Peter frequentemente bebe café de manhã”

- (8) ... dat Peter ofte har drukket kaffe om morgenen

... que Peter frequentemente tem bebido café na manhã-a

“... que Peter frequentemente bebe café de manhã”

Na oração matriz do exemplo (7) o verbo está em segunda posição, a posição imediatamente à sua esquerda é ocupada pelo sujeito e o verbo precede o advérbio *ofte*. No exemplo (8) temos uma oração encaixada com o sujeito em primeira posição e o advérbio precedendo o verbo. No dinamarquês a assimetria entre orações matrizes e encaixadas está relacionada à posição do verbo finito em relação aos advérbios. O mesmo é observado no sueco e no norueguês.

Ainda que a assimetria seja característica do alemão, algumas exceções se aplicam. Nesta gramática a ordem linear V2 é possível nas subordinadas com complementizador nulo, conforme os exemplos abaixo, adaptados de Vikner (1995:66).

- (9) Er sagt, daß die Kinder diesen Film gesehen haben

Ele diz que as crianças este filme visto têm.

“Ele diz que as crianças viram este filme.”

- (10) Er sagt, die Kinder haben diesen Film gesehen

Ele diz, as crianças têm este filme visto.

- (11) Er sagt, diesen Film haben die Kinder gesehen

“Ele diz, este filme têm as crianças visto.”

Os exemplos acima evidenciam que quando o complementizador é visível, como em (9), o verbo flexionado da oração encaixada está obrigatoriamente em posição final. Em orações com complementizador nulo, como (10) e (11), licencia-se a ordem V2. Destaque-se que a ausência do complementizador está diretamente relacionada ao tipo de verbo da oração matriz que introduz a encaixada: verbos “ponte”, como *sagen* (dizer) e *glauben* (acreditar), podem selecionar uma oração encaixada com complementizador nulo e ordem V2. O mesmo não é possível com outros tipos de verbo, como evidenciam os exemplos abaixo com o verbo *beweisen* (provar), adaptados de Vikner (1995:71).

(12) Holmes bewies, daß Moriarty nur das Geld gestohlen hatte.

Holmes provou, que Moriarty somente o dinheiro roubado tenha.

“Holmes provou que Moriarty roubou somente o dinheiro”

(13) *Holmes bewies, dieses Geld hatte Moriarty gestohlen.

Holmes provou, este dinheiro tenha Moriarty roubado.

Nas línguas escandinavas as orações encaixadas com ordem V2 também são possíveis quando introduzidas por um verbo “ponte”. Contudo, diferentemente do alemão, V2 também é licenciado em construções com complementizador foneticamente expreso, como mostram os exemplos do norueguês abaixo, adaptados de Wilklund et al. (2009:1918).

(14) Han sa at han kunne ikke synge i bryllupet.

Ele disse que ele poderia não cantar no casamento

“Ele disse que ele não poderia cantar no casamento”

(15) Han sa at denne sangen kunne han synge i bryllupet

Ele disse que esta música poderia ele cantar no casamento.

“Ele disse que esta música ele poderia cantar no casamento”

Na construção em (14) vemos uma oração subordinada com ordem V2 em que o verbo flexionado precede a negação *ikke*, assim como ocorre em orações matrizes. Em (15) observamos uma construção V2 com fracionamento de objeto. Casos como estes evidenciam que no norueguês a presença do complementizador não bloqueia o licenciamento de V2 em construções encaixadas com verbos “ponte”.

Como vimos na seção anterior, o islandês, assim como o alemão, o holandês e as línguas escandinavas, também se caracteriza por licenciar V2 em orações matrizes declarativas. Nas orações principais desta gramática o verbo finito se encontra necessariamente em segunda posição, sendo a primeira ocupada por diferentes tipos de XP. Além disso, o islandês também permite a ordem linear V2 nas orações encaixadas. À semelhança das línguas escandinavas, nas subordinadas o fenômeno é licenciado mesmo com a presença de um complementizador. Todavia, diferentemente do que ocorre no norueguês, dinamarquês e alemão, que só licenciam V2 com verbos “ponte”, no islandês isso não é uma regra, uma vez que nesta língua a ordem V2 é produtiva mesmo quando a oração subordinada é introduzida por outros tipos de verbo. Para ilustrar essa comparação, observem-se os exemplos abaixo do alemão e do dinamarquês, adaptados de Vikner (1995:72). Nesses casos verbos factivos não licenciam complementos sentenciais com ordem V2.

- (16) *Johan bedauert, dieses Buch habe ich gelesen.

Johan lamenta, este livro tenho eu lido.

“Johan lamenta que eu tenha lido este livro”

- (17) *Johan beklager at denne bog har jeg læst.

Johan lamenta que este livro tenho eu lido.

“Johan lamenta que eu tenha lido este livro”

Os casos acima, agramaticais no alemão e no dinamarquês, são possíveis no islandês, como indica o exemplo abaixo, adaptado de Rögnvaldsson & Thráinsson (1990:23).

(18) Jón harmar að þessa bók skuli ég hafa lesið.

Jón lamenta que este livro devo eu ter lido.

“Jón lamenta que eu tenha lido este livro”

Como apontado na seção anterior, o islandês não é a única língua germânica que licencia V2 de maneira mais generalizada nas orações encaixadas. O iídiche também se comporta de maneira semelhante. No exemplo abaixo, adaptado de Vikner (1995:72), temos uma construção do iídiche com verbo factivo, *lamentar*, que seleciona uma oração com ordem V2.

(19) Jonas bedoyert az dos bukh hob ikh geleyent.

Jonas lamenta que este livro tenha eu lido.

“Jonas lamenta que eu tenha lido este livro”

Com base no que foi apresentado até o momento, é possível concluir que, de certa maneira, todas as línguas germânicas que licenciam V2 em sentenças matrizes também licenciam algum tipo de V2 nas orações subordinadas. Nas línguas escandinavas, assim como no alemão e no holandês, o efeito V2 nas orações dependentes está relacionado ao tipo de verbo – V2 só é gramatical em subordinadas introduzidas por verbos “ponte”. Nessas línguas, portanto, V2 pode ser entendido como um fenômeno limitado ou assimétrico. Por outro lado, em línguas como o islandês e o iídiche, o efeito V2 em orações encaixadas não é restrito a contextos com verbos “ponte”, uma vez que qualquer verbo licencia V2 em subordinadas. Nessas duas línguas V2 é um fenômeno generalizado e estas são, portanto, línguas V2 simétricas.

2.3. V2 nas línguas românicas antigas

Nesta seção nosso objetivo é traçar um breve panorama das línguas românicas, com exceção do português, cuja discussão se encontrará no próximo capítulo. Não há um consenso em relação às análises acerca do fenômeno, mas é fato que o efeito V2 nas línguas românicas antigas foi amplamente discutido na literatura, tanto em favor dessa análise (cf. Adams 1987; Roberts 1993; Vance 1997 para o francês antigo; Ribeiro 1995 para o português antigo; Antonelli 2011; Galves & Paixão de Sousa 2017; Galves a sair, para o português clássico; Fontana 1993, 1997; Pinto 2011 para o espanhol antigo; Wolfe 2015 para um panorama geral das línguas românicas; entre outros) quanto contra ela (cf. Kaiser 1996, 2002 para o francês antigo; Martins 2002; Fiéis 2002, 2007; Rinke 2007; Eide 2006 para o português antigo e clássico; Rinke & Sitaridou 2004 e Sitaridou 2012 para um panorama geral das línguas românicas; entre outros).

A análise do francês antigo como uma língua V2 no quadro gerativista foi amplamente discutida (cf. Benincà 1983; Adams 1987; Roberts 1993; Vance 1988; 1993; 1997, entre outros) e em geral considera-se que esta gramática apresenta um tipo de V2 mais restrito do que o das outras línguas românicas antigas (cf. Cruschina 2011; Sitaridou 2012, entre outros). A sintaxe de fases antigas do espanhol também foi bastante discutida desde o trabalho seminal de Fontana (1993), cuja argumentação se baseia no fato de esta gramática licenciar ordens de tipo XP-V-S tanto em orações matrizes quanto em orações subordinadas, configurando um tipo de língua V2 simétrica similar ao islandês e ao iídiche.

Em estudo que trata de diferentes línguas românicas antigas, Sitaridou (2012) faz uma distinção entre línguas de V2 estrutural – na qual se enquadra o francês antigo – e línguas de V2 linear – que seria o caso do português, occitano e espanhol antigos. Em relação ao francês antigo, observa que nessa gramática a ordem V2 linear é a mais frequente, ocorrendo em 80,6% dos dados de orações matrizes. Nessas sequências, o XP preverbal pode ser um advérbio, um sujeito, um objeto direto ou *si*. Ordens com inversão verbo-sujeito também são produtivas. Além disso, também são atestadas construções de tipo V3 (15,4%) e V1 (4%), embora V1 ocorra de forma marginal, frequentemente precedida da conjunção “et”. De acordo com Sitaridou

(2012), no francês antigo o verbo se move para uma posição mais alta que T_0 , provavelmente uma posição mais baixa na camada C, Fin_0 .

Em relação ao occitano antigo, Sitaridou observa que o verbo também aparece em segunda posição quando é precedido por um advérbio, um objeto direto ou um sintagma preposicional. Também são frequentes as estruturas V3, nas quais os dois constituintes pré-verbais podem ser uma combinação de (i) um advérbio seguido por um sintagma preposicional, (ii) um infinitivo seguido de um sintagma preposicional ou (iii) um sintagma preposicional seguido de outro sintagma preposicional. Sitaridou observa que, quantitativamente, as orações V2 são as mais frequentes no *corpus* do occitano antigo, somando 65% dos dados. A ordem V2 também é atestada em sentenças encaixadas, nas quais o constituinte pré-verbal pode ser um objeto, um infinitivo, um sintagma preposicional ou um advérbio. Também são frequentes as subordinadas com ordem V3. Sitaridou argumenta que, qualitativamente, os dados dessa língua se mostram um pouco diferentes dos obtidos para o francês antigo, concluindo que no occitano antigo o verbo não se move para Fin_0 , visto que não são observados advérbios ocupando uma posição alta. Além disso, não são atestadas estruturas com inversão sujeito-verbo e o único elemento que pode ser interpolado é um pronome clítico acusativo.

Na análise do espanhol antigo, Sitaridou observa que, nessa língua, são comuns as ordens V1, V2, V3, e até V4 e V5 em sentenças matrizes. Quantitativamente, as construções V2 são as mais frequentes, somando 68% dos dados, sendo o elemento pré-verbal um objeto, um sujeito ou um advérbio. Também é atestada a inversão sujeito-verbo e ordem V2 linear nas orações encaixadas.

Em termos quantitativos, Sitaridou (2012) afirma que o português, o occitano e o espanhol antigos apresentam um percentual elevado de construções V1 em orações matrizes – 15%, 12,5% e 20,3%, respectivamente – enquanto o francês antigo licencia essa ordem de forma marginal (4%). De acordo com Sitaridou, seus dados indicam que as três primeiras línguas apresentam uma porcentagem de V2 reduzida e bastante semelhante, enquanto o francês antigo mostra um percentual consideravelmente mais alto, 80,6%. Não obstante, todas as línguas analisadas com exceção do francês antigo apresentam percentuais de V2 acima dos 50%, chegando até os 68%, no caso do espanhol antigo. Com base nisso, a autora conclui que há um contraste que posiciona o francês antigo em um extremo e as outras línguas

românicas antigas em outro. Para Sitaridou parece improvável que o português, o espanhol e o occitano antigos apresentem V2 estrutural, por permitirem V1 e V3 em orações matrizes declarativas. Por esse motivo, propõe que a tipologia para as línguas V2 de Vikner (1995) seja revisitada como segue:

- a. V2 estrutural com movimento do verbo para C^0 : aplicável somente às estruturas wh- das línguas românicas modernas, não sendo atestado nas línguas românicas antigas analisadas.
- b. V2 estrutural com movimento do verbo para Fin^0 : é o caso do francês antigo.
- c. V2 linear com movimento do verbo para T^0 e um constituinte pré-verbal que pode ser tópico ou foco: é o caso do português antigo, do occitano antigo e do espanhol antigo, em que as operações de fronsamento tanto para topicalização quanto para focalização geram uma abundância de estruturas com V2 linear.

O trabalho de Wolfe (2015) também faz uma abordagem comparativa baseada em dados empíricos de seis línguas medievais – occitano, francês, espanhol, siciliano, veneziano e sardo antigos. Para ele todas as gramáticas em questão apresentam algum tipo de V2, licenciando o movimento do verbo de diferentes formas. Segundo Wolfe, o occitano e o siciliano antigos apresentam o que chama de gramática V2 flexível¹⁵ (*relaxed V2*), isto é, uma gramática que permite ordens V1 e V3, e a coocorrência de tópico e foco na periferia esquerda da sentença, o que estaria relacionado ao fato de o *locus* de V2 ser uma posição mais baixa na periferia esquerda, C_{Fin} . No caso do veneziano, espanhol e francês antigos, V2 seria mais rígido, o que estaria relacionado ao fato de o *locus* de V2 ser C_{Force} , uma posição mais alta. Em relação ao sardo antigo, Wolfe afirma que esta variante consiste em um tipo de sistema VSO resultante do movimento V para C_{Fin} , pois nessa língua a ordem V1 é mais produtiva que V2. Não obstante, Wolfe baseia essa conclusão em um único texto

¹⁵ Anterior ao de Wolfe (2015), o trabalho de Pinto (2011) já traz à tona a discussão acerca da flexibilidade das línguas V2: “(...) línguas V2 devem ser entendidas como ‘línguas que exibem movimento do verbo para C^0 em contextos não marcados’. Dentro deste contexto, parece haver ‘línguas V2 rígidas’, que exigem a presença de um e apenas um XP em posição pré-verbal, e ‘línguas V2 frouxas’, que permitem que a posição pré-verbal esteja ocupada por mais de um XP” (PINTO 2011:221).

– uma *condaghe*¹⁶ –, no qual são frequentes orações com ordem V1. Retomaremos esse ponto no Capítulo 7.

Lançando mão da proposta de Rizzi (1997), Wolfe assume que a periferia esquerda das sentenças das línguas analisadas é composta por um conjunto de projeções hierarquicamente organizadas, cuja extreminade esquerda, *frame*, é associada ao cenário (*scene-setting*) em que se baseia o discurso e abriga elementos locativos e temporais e elementos que se referem aos interlocutores. Além disso, Wolfe se baseia na formulação de V2 feita por Holmberg (2015), segundo a qual essa propriedade é constituída de dois components: (i) um núcleo funcional na periferia esquerda que atrai o verbo finito e (ii) um constituinte que deve ser movido para a posição de especificador desse núcleo funcional. Essa atração seria causada por uma espécie de traço de atração do movimento do verbo, além de uma *Edge Feature* (EF), que desencadeia a concatenação de um constituinte frasal nulo ou expresso na periferia esquerda. A partir disso, Wolfe sugere que o *locus* de V2 pode variar de língua para língua e que essa variação está relacionada ao fato de este local ser Fin (a) ou Force e Fin simultaneamente (b):

- a. $[_{\text{FrameP}} \text{---} [_{\text{ForceP}} \text{---} [_{\text{TopP}} \text{---} [_{\text{FocP}} \text{---} [_{\text{FinP}} \text{XP} [_{\text{Fin}^0} \text{V}] [_{\text{TP}'} \dots]]]]]]]$
- b. $[_{\text{FrameP}} \text{---} [_{\text{ForceP}} \text{XP} [_{\text{Force}^0} \text{V}] \dots [_{\text{FinP}} \text{XP} [_{\text{Fin}^0} \text{V}] [_{\text{TP}'} \dots]]]]]]]$

Figura 2: Periferia esquerda proposta por Wolfe (2015)

Com base nisso, Wolfe assume que em sistemas Fin-V2 como (a) é esperado que constituintes nulos ou expressos possam ocorrer em *frame* (tópicos pendentes, advérbios com orientação discursivo ou advérbios com valor temporal ou locativo), *force*, *topic* e *focus* e não há regras que excluam uma ocorrência sucessiva de constituintes expressos. O resultado disso seria um sistema V2 flexível com a possibilidade de ordens V3, V4 e até V5. Por outro lado, sistemas Force-V2 como (b) apresentam uma periferia esquerda mais restrita na qual somente um constituinte em *frame* pode preceder o constituinte que satisfaz V2. Por esse motivo, a ordem V3 é

¹⁶ Condaghe é um tipo de documento administrativo medieval utilizado na Sardenha.

possível, mas estruturas com quatro ou mais elementos que precedem o verbo flexionado não o são.

Em sua análise, Wolfe observa que as línguas medievais analisadas apresentam, até certo momento, uma homogeneidade em relação a V2, isto é, todas as gramáticas são Fin-V2. Contudo, entre os séculos 13 e 14 há uma ruptura em que o siciliano e o occitano, por um lado, mantêm o mesmo traço, mas o francês, o espanhol e o veneziano passam a um sistema inovador com V2 mais restrito. Tal mudança teria sido resultado de uma reanálise desencadeada pela perda do foco informacional de CP (*focus*) nessas línguas. Nesse caso, Wolfe assume que V_{FIN} seria o *locus* do foco informacional, visto que as projeções funcionais mais baixas relacionadas ao discurso oferecem uma evidência ambígua de que a gramática não apresenta movimento do verbo para uma projeção mais alta do que *focus*. Assim, uma vez que o foco informacional não é mais licenciado em CP, mas em uma posição pós-verbal, os aprendizes não receberiam o *input* do foco informacional em V_{FIN} . Com isso, as estruturas $V > 3$ são afetadas, bem como as ordens tópico + foco informacional em V_{FIN} , uniformemente licenciadas antes da mudança. A análise diacrônica da posição do verbo nas línguas medievais proposta por Wolfe pode ser resumida como segue (cf. Wolfe 2016:490):

- 1) Um primeiro estágio é atestado no latim clássico, em que o movimento do verbo flexionado tem como alvo V , uma inovação em relação ao sistema anterior, na qual o verbo permanece *in situ*, sendo o movimento V para C uma opção marcada, quando o verbo se move para *Force*, *Top* e *Foc* devido ao tipo de sentença ou estrutura informacional. A topicalização e a focalização na periferia esquerda consistem em alternativas também marcadas.
- 2) O segundo estágio ocorre no latim tardio e vulgar e é mantido pelo sardo antigo. Houve uma reanálise em que o fracionamento do verbo, antes uma opção marcada, agora é um movimento sistêmico e não-marcado para *Fin*. A topicalização e a focalização, no entanto, continuam não-obrigatórias, resultando em uma alta taxa de estruturas $V1$.

- 3) O terceiro estágio é observado nas gramáticas medievais analisadas entre os séculos 11 e 12; o mesmo estágio se mantém no occitano até o século 13 e no siciliano até o século 14. Tanto o movimento do verbo para Fin quanto a topicalização e focalização são obrigatórios, resultando em uma gramática Fin-V2. O foco informacional, além das ordens de tópico e foco, é atestado uniformemente na periferia esquerda.
- 4) O quarto e último estágio da mudança ocorre no francês antigo tardio (a partir de 1.200), no espanhol antigo tardio (a partir de 1.250) e no veneziano antigo tardio (a partir de 1.300), em que o sistema é do tipo Force-V2. Tanto o movimento do verbo quanto o movimento obrigatório de constituintes agora acontecem no campo mais alto de *Force*. Além disso, o foco informacional em CP não é mais licenciado.

A discussão em torno do fenômeno V2 é muito fértil, especialmente no âmbito das línguas românicas antigas. Em relação ao português – mais especificamente os períodos conhecidos como português antigo e português clássico – diversos estudos, com diferentes abordagens teóricas e metodológicas, foram feitos. No próximo capítulo retomaremos os principais trabalhos, particularmente aqueles realizados sob o enfoque da teoria gerativa.

Capítulo 3: O efeito V2 e outras mudanças na história do português

Na tradição gerativista diversos estudos argumentaram que as línguas românicas antigas eram línguas V2, ainda que essa análise não seja unânime. Em relação ao português, a discussão é ampla e igualmente discordante. Diversos trabalhos propuseram que o português antigo e clássico eram gramáticas V2 (cf., entre outros, Ribeiro 1995, 2010; Torres Morais 1995; Galves 1996, 1997, 2000, 2007, 2010, a sair; Paixão de Sousa 2004; Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005; Galves, Namiuti & Paixão de Sousa 2006; Namiuti 2008; Gibrail 2010; Antonelli 2011; Galves & Kroch 2015; Galves & Gibrail 2018; Galves & Paixão de Sousa 2017; Andrade & Galves 2018; Galves a sair). Entretanto, alguns trabalhos também questionam essa análise, como Kaiser (1996, 2002), Martins (2002), Fiéis (2002, 2007), Rinke (2007, 2009), Eide (2006), Rinke & Sitaridou (2004), Sitaridou (2012), entre outros. Em vista dessa discussão, neste capítulo serão revisados alguns trabalhos que tratam a questão. Além disso, também trataremos de outros fenômenos na história do português, como algumas mudanças de aspecto morfofonológico e a colocação dos pronomes clíticos. A revisão dessa literatura se mostra relevante para nosso estudo, uma vez que servirá de contexto para as discussões que realizaremos nos capítulos seguintes.

Em um primeiro momento serão apresentadas diferentes propostas contra e a favor de V2 para a gramática do português antigo, que trataram do tema dentro e fora do contexto da gramática gerativa. Na seção seguinte, serão apresentadas distintas abordagens para a análise do efeito V2 no português clássico. A revisão da literatura que trata deste período se justifica no fato de o português clássico ser o período que sucede o português medieval, e sua abordagem servirá de pano de fundo para a discussão que será feita no Capítulo 8, onde se realizará uma comparação entre as duas gramáticas.

Na última seção do presente capítulo, trataremos de outras mudanças que ocorreram na história do português, mais especificamente as mudanças morfofonológicas atestadas por Carneira (2006), cuja revisão se justifica na

comparação, que será feita no Capítulo 8, entre os fenômenos analisados nesta tese e os analisados pela autora, com o objetivo de verificar se tais fenômenos ocorreram em um mesmo recorte temporal. Em relação ao posicionamento dos pronomes clíticos, o fenômeno está intrinsecamente relacionado à questão da ordenação dos constituintes na história do português. Diversos trabalhos trataram desse tipo de pronome, e seu comportamento ao longo dos séculos traz importantes evidências para desvendar as mudanças que ocorreram em tempos pretéritos do português. Assim, a seção 3.2.2. tem por objetivo fazer uma revisão de importantes pesquisas no âmbito dos pronomes clíticos, especialmente Martins (1994, 2000, 2002, 2003, 2005) e Namiuti (2008), uma vez que nesta pesquisa também levaremos em consideração dados de colocação clítica, particularmente do fenômeno da interpolação, visto que a interpolação corrobora a análise do português medieval como uma língua V2 simétrica.

3.1. V2 na história do português

3.1.1. V2 no português antigo

Nas Estruturas Trecentistas (1989), Mattos e Silva, a respeito da ordem dos sintagmas nos enunciados do português antigo¹⁷, observa que a disposição dos constituintes nas sentenças é bastante variável. Nessa fase, a ordem prototípica é SVC¹⁸, mas há outras possibilidades de ordenação de constituintes: SCV, VSC, VCS, CVS e CSV. Segundo Mattos e Silva, a posposição do sujeito decorre ou do deslocamento do complemento, por ênfase, ou da presença de um elemento circunstancial anterior ao verbo. As ordens SCV¹⁹ e VCS, com o complemento entre o sujeito e o verbo, são as menos comuns. Além disso, o complemento pode anteceder o verbo quando é pronominal, embora ocorra frequentemente após o verbo nas orações matrizes; é também pouco usual o verbo estar depois do sujeito e do complemento (MATTOS E SILVA 1989:794).

Em relação às orações matrizes negativas, Mattos e Silva observa que *non* e variantes licenciam a próclise (MATTOS E SILVA 1989:798). Além disso, a negativa aparenta favorecer a inversão do sujeito quando este é expresse. Nos enunciados afirmativos, observa que, geralmente, ou é um circunstancial ou alguma razão enfática que determina a inversão, embora nas orações principais negativas com sujeito posposto este é ou um completivo subjetivo, que sempre sucede o verbo, ou um pronome ou sintagma nominal em enunciados que não apresentam circunstanciais antecedendo o sujeito e o verbo, como mostram os exemplos abaixo (MATTOS E SILVA 1989:798):

¹⁷ A autora utiliza-se da periodização tradicional, segundo a qual o português antigo é delimitado entre os séculos 13 ao 16, utilizando como *corpus* os Diálogos de São Gregório.

¹⁸ Em que S é o sujeito e C um sintagma nominal, um enunciado completivo ou um pronome clítico.

¹⁹ Alguns dos exemplos com ordem V3 analisados por Mattos e Silva não podem ser considerados V3, de fato, pois ocorrem com clíticos ou com sintagmas complexos, o que resulta em ordem V2:

- a. O enmiigo a atormentava continuadamente (Mattos e Silva 1989:789).
- b. Gram trabalho nos he de descer (Mattos e Silva 1989:789).
- c. Obra de mui gram trabalho he (Mattos e Silva 1989:784).

- (20) a. E *non* contra a *Escritura* que...
- b. E esta duvida nunca ouve *nosso padre dom Adam*
- c. Non sabe *neng~u~u*
- d. Non dizes *tu* esto senon...

Os dados da tabela a seguir, adaptada de Mattos e Silva (2006:190) resumem a frequência das ordens encontradas no estudo de 1989:

Ordem	(S)V(C)	(S)CV	(C)VS	CSV	VSC	VCS	Total
N	768	278	102	85	31	13	1277
%	60.14	21.77	7.99	6.66	2.43	1.01	100

Tabela 2: Ordem dos constituintes no português antigo (Mattos e Silva 2006:190)

Considerando-se orações matrizes e subordinadas, na tabela acima o sujeito entre parênteses indica que este pode estar marcado na flexão verbal e o complemento entre parênteses indica que aí estão incluídos verbos com e sem complemento. A ordem SVC é a mais frequente e, portanto, a menos marcada. Em relação aos casos de SCV, Mattos e Silva afirma que esta ordem apenas se apresenta com o percentual de 21.77% devido às relativas iniciadas por complementos relativos e das frases com complemento pronominal, que sempre precede o verbo nas subordinadas. A ordem CSV só apresenta 6.66% também por conta das relativas iniciadas por complemento relativo, senão se nivelaria com VSC e VCS. Em resumo, os dados da tabela acima podem ser organizados como segue: 3.44% são orações de tipo V1; 68,13% são casos de V2 e 28,43% são de orações do tipo V3.

Mattos e Silva (2006) ressalta, ainda, que a inversão do sujeito é mais comum com verbos intransitivos do que com verbos transitivos, o que é de se esperar, visto que, tendo os intransitivos apenas um NP como argumento, não haverá possibilidade de ambiguidade. As ordens em que o complemento (quando não é relativo) ocorre na primeira posição – CVS – apresentam um destaque estilístico para o complemento, que, segundo Mattos e Silva, se torna enfatizado e pode ser considerado como o

tópico frasal, como mostram os exemplos abaixo. Retomaremos os casos com frenteamento de sintagmas quantificados no Capítulo 6.

(21) a. *E todo o contrario* fez a Escritura

b. *Taaes custumes* avian eles

Em sua tese sobre a sintaxe da ordem no português antigo, Ribeiro (1995)²⁰, com base em textos dos séculos 13 ao 16, na periodização tradicional, argumenta que essa gramática apresenta propriedades estruturais das línguas V2, assemelhando-se ao alemão no âmbito das sentenças matrizes, uma vez que instancia tanto o deslocamento do verbo para C quanto o movimento de um XP qualquer para [Spec, CP]. Uma das evidências em favor de sua análise é o fato de atestar, em seu *corpus*, uma série de construções com verbo em segunda posição e sujeito posposto, sendo a posição à esquerda do verbo ocupada por constituintes diversos, como objetos, advérbios e sintagmas preposicionais. Ribeiro argumenta que a possibilidade de todos esses elementos ocorrerem imediatamente à frente do verbo sugere que tal posição pode abrigar tanto constituintes argumentos quanto adjuntos. Além disso, os casos de XVS mostram a posição pré-verbal não é exclusiva para os sujeitos, embora também sejam comuns sentenças com o sujeito precedendo o verbo. Em termos estruturais, nas orações matrizes com o frenteamento de objetos e outros constituintes não sujeito, o verbo se move para C e o movimento é acompanhado pelo deslocamento desses constituintes para [Spec, CP], como mostra o exemplo abaixo (cf. Ribeiro 1995:157), em que AgrSP²¹ é a posição reservada ao sujeito.

(22) [CP Com tanta paceença_i [C' sofriai [AgrSP ela t_i esta enfermidade t_j]]]

Outro argumento em favor de sua análise está relacionado à posição dos sujeitos pronominais. Baseada na hipótese de Vance (1989), Ribeiro assume que quando um sujeito é pós-verbal, está em [Spec, AgrSP], e o licenciamento de sujeitos

²⁰ Foro Real (século 13), Diálogos de São Gregório (século 14), Crônica de D. Pedro (século 15) e Carta de Pero Vaz de Caminha (início do século 16).

²¹ Ribeiro (1995) propõe que as gramáticas V2 possuem uma posição AGR-C não-V-relacionada. Também sugere que no português antigo o verbo finito sempre se move a C⁰ na sintaxe explícita, posição funcional em que finaliza a checagem de seus traços. Assumindo que os traços dessas categorias funcionais são V-relacionados (com exceção de AGR-C⁰) e que estes traços são fortes, devem ser checados antes de *spell-out*. Desse modo, no trajeto para C⁰, o verbo finito deve passar por AGRO⁰, T⁰ e por AGRS⁰ para que seus traços-phi sejam checados. V⁰ não passa por AGRC⁰ porque não há traços-V a serem checados nessa posição.

pronominais após o verbo implica em movimento do verbo para C. Ribeiro também destaca que a inversão sujeito-verbo que ocorre em exemplos como (23) e (24) é característica de operações que envolvem o movimento para o sistema CP. Nesses casos, também argumenta que o verbo está em C e o constituinte à esquerda do verbo está em [Spec, C]. Assim, se o constituinte topicalizado movido para o especificador de C não é um sujeito, então o sujeito da oração matriz ocorre em posição pós-verbal, isto é, o padrão de inversão sujeito-verbo seria resultado da natureza V2 do português antigo.

(23) Padre, aqeste por que me tu rogas vejo eu que non he monge.

(24) E estes dizia el-rrei que mandava matar porque forom da parte da rrainha dona Branca.

Ribeiro (1995) também discute se a configuração V2 do português antigo se caracteriza como focalização ou como topicalização, concluindo que a caracterização do fracionamento para [Spec, C] como um processo de topicalização ou focalização permite a análise de que os elementos pré-verbais das construções V2 podem representar informação nova ou informação dada. Desse modo, os constituintes em [Spec, C] nem sempre equivalem a foco e, conseqüentemente, não são os elementos mais acentuados da sentença. Se [Spec, C] é ocupado por um constituinte que não é o foco da sentença, algum outro elemento recebe o acento focal. Assim, o tópico marcado é separado do resto da sentença, ocorrendo fora de CP, em [Spec, TOP].

De acordo com Ribeiro (1995:271), dois tipos de construção diferenciam o português antigo das línguas V2 germânicas modernas: as construções declarativas V1 e V>2. Em seu trabalho V1 é a ordem mais frequente, o que indicaria que o movimento para [Spec, C'] é opcional no português antigo. Por outro lado, o fracionamento de tópicos é verificado em todo o seu *corpus*. As línguas germânicas V2 limitam esses dois tipos de sentença a ambientes bastante específicos. Com isso, Ribeiro considera que as diferenças entre esses sistemas, no que respeita ao licenciamento dessas construções, encontra explicações no fato de o português antigo ser um sistema prodrop, configurando uma língua V2 não rígida, ao passo que as línguas germânicas modernas são semi-prodrop, com sistemas mais rígidos.

Construções declarativas V1 e V>2 parecem ser atestadas em sistemas germânicos arcaicos (cf. Jansen, 1980; Sigurðsson, 1990). Paralelamente, os sistemas germânicos arcaicos licenciavam sujeitos nulos referenciais, justificando a relação entre esses tipos de ordem e a propriedade prodrop.

Contra Ribeiro, Fiéis (2002, 2007) defende uma análise não-V2 para o português. Em seu trabalho de 2002²², argumenta que o português antigo não é uma língua V2 assimétrica, como algumas línguas germânicas, uma vez que a maioria das orações matrizes levantadas em seu *corpus* são V1. Além disso, utiliza como argumento contra uma análise V2 o fato de os casos de V2 com sujeito posposto serem, em sua maioria, contextos inacusativos, os quais apresentam um maior número de sujeitos pós-verbais nas línguas de sujeito nulo como o português. Além disso, também argumenta que o português antigo tampouco é uma língua V2 simétrica visto que a maioria das orações subordinadas com complementador expresso são V1 e os contextos com o verbo em segunda posição são todos inacusativos. Não obstante, como veremos no Capítulo 5, as proporções de V1 e V2 em nosso *corpus* mostram padrões bem diferentes.

Analisando configurações (XP) V S e construções proclíticas com constituintes interpolados, Fiéis (2007) argumenta que não há grandes diferenças²³, no que concerne ao movimento do verbo, entre o português antigo e o português europeu moderno. Para tanto, analisou frases com verbos que ocorrem tanto em construções transitivas quanto em construções inacusativas, uma vez que é nesses contextos que se espera variação na ordem dos constituintes. Em relação às construções inacusativas, seus dados mostram que a ordem V2 ocorre majoritariamente neste contexto, contradizendo, segundo a autora, a hipótese de que o português antigo é uma língua V2. Fiéis também argumenta que em seu *corpus* a maioria dos elementos fronteados nas orações transitivas são adjuntos, como ilustram os casos abaixo (FIÉIS 2007:6), advérbios e, em menor escala, objeto direto QU, objeto indireto e negação.

²² Fiéis (2002) utiliza como base textos literários e não-literários dos séculos 13 a 16.

²³ Fiéis (2007) argumenta que não há diferenças estruturais entre o português antigo e o português europeu contemporâneo devido ao fato de ambas serem línguas SVO de sujeito nulo, os marcadores da flexão serem gerados abaixo de INFL e o verbo se mover para INFL, o que resulta na ordem SV. Além disso, argumenta que as ordens XP V S ocorrem em contextos inacusativos nas quais o sujeito é realizado em sua posição base (interno a VP) e o XP fronteadado é deslocado à esquerda.

Segundo Fiéis, derivações como as exemplificadas abaixo não são suficientes para motivar uma análise em favor do movimento de V para C.

- (25) a. *e de so aquella leito jaziã muitos carvões acesos* (século 13)
- b. *E aqui se acabou o reyno dos Estrogodos* (século 14)
- c. *Prymeyramente se segue o prolego* (1437/1438)
- d. *e no dito campo se parte a metade* (1540)

Ao analisar as sentenças subordinadas, Fiéis observa que nas orações dependentes com os complementizadores *que/se* mais um sujeito lexical²⁴ são preferíveis as sequências COMP V S, o que se estende por quatro séculos. Seus dados mostram que os constituintes que ocorrem entre o complementizador e o verbo são adjuntos frásicos e negação, como se observa nos exemplos em (26), para a ordem V1, e em (27), para V2 (FIÉIS 2007:9):

- (26) a. *Hu~a cousa que fica depois que se parte a sanha* (1437)
- b. *espera ella com os tamgeres que se queime o marido* (século 16)
- (27) a. *o dano seya daquel que o comparou e a prol outros, se enalgu~a
cousa mellorar a cousa uenduda* (1280?)
- b. *por que o entender partem os leterados em quatro ramos* (1437/1438)

Fiéis conclui que o português antigo apresenta uma clara tendência para a ordem V1 e, com base nisso, afirma que esta gramática, assim como a do português europeu moderno, é uma língua de sujeito nulo com ordem básica SVO em que a flexão é gerada em Infl e o verbo se move para esta posição, derivando a ordem SV. Além disso, as ordens XP V S ocorrem em construções inacusativas em que o sujeito é realizado em sua posição base (interno ao VP) e os XPs iniciais são deslocados à esquerda do verbo. Ademais, argumenta que os sujeitos de construções inacusativas não se comportam do mesmo modo que os sujeitos de verbos acusativos²⁵, isto é, eles não se movem para Infl para checar seus traços de concordância.

²⁴ Fiéis (2007) analisa esse tipo de sentença com o objetivo de comparar o PA com o islandês e o iídiche, línguas que apresentam V2 assimétrico.

²⁵ Verbos acusativos são aqueles que normalmente selecionam um complemento direto, mas que também podem ser usados como um verbo intransitivo sem que isso altere seu significado.

Também contrários à análise de Ribeiro, os trabalhos de Rinke & Sitaridou (2004) e Sitaridou (2012) analisam documentos notariais do português antigo²⁶. Nas 207 orações matrizes analisadas por Sitaridou (2012) as com ordem V2 são as mais frequentes, representando 50,2% dos dados (104 casos). Destas 51 apresentam ordem SV (49%) e 53 (51%) são casos de XVS. O restante é de orações com ordem V>2 (34,8% dos dados) e V1 (15%). Em seu trabalho também foram computadas orações subordinadas, das quais quase metade (67 casos em um total de 139, somando 48,2%) são com ordem V2, todas com sujeito pré-verbal. Com base nesses dados, Sitaridou (2012) argumenta que, devido à ocorrência de ordens V1 e V3 em sentenças declarativas, o português antigo não pode ser considerado uma língua V2 estrutural, concluindo que esta é uma língua V2 linear.

É importante ressaltar que a noção de V2 encontrada na literatura pode se referir tanto à ordem linear quanto a propriedades estruturais. Em se tratando de ordem linear, isso significa que a ordem V2 exclui ou restringe drasticamente a ocorrência de ordens V1 e V3. Contudo, em se tratando de propriedades estruturais, a ordem linear dos elementos da sentença não é tão determinante para se verificar se uma língua é ou não V2; o que está em discussão, neste caso, é se há movimento do verbo para C.

Não obstante, segundo Sitaridou (2012), a alta frequência de ordens não-V2 seria suficiente para uma criança na fase de aquisição não receber os *inputs* necessários para interpretar a gramática em questão como V2. No entanto, pesquisas que discutem o fenômeno V2 no âmbito da aquisição da linguagem vão em direção contrária. Lightfoot (1995:153), com base em um *corpus* do alemão e holandês, argumenta que para que uma criança adquira uma língua V2, o percentual de orações com fronteamto de XPs não sujeito deve ser em torno de 30%; esse seria o *input* necessário para a aquisição de V2. Yang (2000), analisando um *corpus* do holandês, afirma que esse percentual deve ocorrer em torno de 23%. Além disso, vale destacar que línguas como o kiezdeutsch, uma variação do alemão, assim como variações vernaculares do dinamarquês, norueguês e sueco permitem construções V3 mesmo sendo línguas estritamente V2 (cf. Walkden 2017). Westergaard (2006, 2008) argumenta que crianças na fase de aquisição aprendem facilmente qualquer tipo de

²⁶ Vale destacar que este foi o único gênero utilizado para o *corpus* do português antigo. Para as outras línguas, Sitaridou (2012) utiliza textos literários.

construção, mesmo que ocorram em baixa frequência no *input* linguístico que recebem.

Seguindo essa linha de raciocínio é possível argumentar que nas línguas românicas antigas a existência de frequências significativas de V1 e V3 não atrapalharia a aquisição de uma gramática V2. Também vale destacar que argumentos que usam a alta frequência de V1 como uma evidência contra uma análise em favor de V2 têm sido refutado por trabalhos mais recentes (cf. Jouitteau 2010; Hinterhölzl & Petrova 2010; Galves a sair), que assumem que a ordem V2 seria um subcaso de V1 relacional²⁷.

Na seção seguinte retomaremos o debate sobre as línguas V2 no contexto do português clássico, em que a literatura é mais vasta. Serão discutidos, principalmente, os trabalhos de Paixão de Sousa (2004), Cavalcante et al. (2015), Galves & Paixão de Sousa (2017) e Galves (a sair), baseados nos dados do *corpus* Tycho Brahe. O objetivo de uma revisão detalhada da discussão acerca do fenômeno no português clássico é utilizá-la posteriormente, no Capítulo 8, como base de comparação para os dados do português antigo.

²⁷ De acordo com Jouitteau (2010:207), ordens V1 e V2 dependem de um movimento do verbo que o posicione antes da posição canônica de seus argumentos diretos em contextos flexionados. A diferença entre V1 relacional e V2 parece estar no fato de a ordem V2 apresentar uma restrição que exige a presença de um elemento pré-verbal.

3.1.2. V2 no português clássico

As discussões sobre o fenômeno V2 no português clássico também não encontra a unanimidade. Em geral a literatura que vai de encontro a uma análise em favor de V2 para o português considera uma noção rígida do fenômeno nos moldes do alemão²⁸, sem levar em conta que há diferentes *tipos* de V2 para além da classificação de Vikner (1995).

Eide (2006) argumenta que o português dos séculos 16 ao 18, por um lado, apresenta efeitos V2, porém, por outro, licencia ordens V1 e V3, o que seria um contra-argumento para essa análise. Outros trabalhos, como o de Torres Moraes (1995), Galves (1996, 1997, 2000, 2007, 2010, a sair), Paixão de Sousa, 2004), Galves & Gibrail (2018), Galves & Paixão de Sousa (2017), Galves (a sair), Andrade & Galves (2018), entre outros, argumentam, em direção contrária, que o português clássico consiste em uma língua V2.

Em contraposição a Eide, Galves & Gibrail (2018) trazem evidências de que a mudança na frequência e na interpretação de sujeitos pós-verbais do português clássico para o português moderno se deve a uma mudança sintática que afetou a posição do verbo. As autoras argumentam que a primeira é uma língua de movimento V para C que também licencia uma posição alta para os sujeitos pós-verbais. Na virada do século 18 essa propriedade é perdida e a ordem VS se torna muito menos frequente e semanticamente mais restrita, assemelhando-se ao português europeu moderno.

O trabalho de Paixão de Sousa (2004) também defende uma análise em favor de V2 na história do português, investigando a colocação dos clíticos em textos de autores portugueses nascidos entre os séculos 16 e 19. Um dos pontos investigados pela autora é a distribuição dos sujeitos (pré-verbal, pós-verbal e nulo)²⁹ em orações principais, cujo resultado pode ser apreciado no gráfico abaixo.

²⁸ Mesmo o alemão, considerada uma língua de V2 rígido, permite certos desvios, como V2 nas subordinadas introduzidas por verbos “ponte” e ordens V1 e V3 em variedades vernaculares como o kietzdeutsch (cf. Walkden 2017). De acordo com Walkden (2016) não há língua V2 totalmente rígida.

²⁹ Paixão de Sousa (2004) considera sentenças com clíticos, com exceção de *se*.

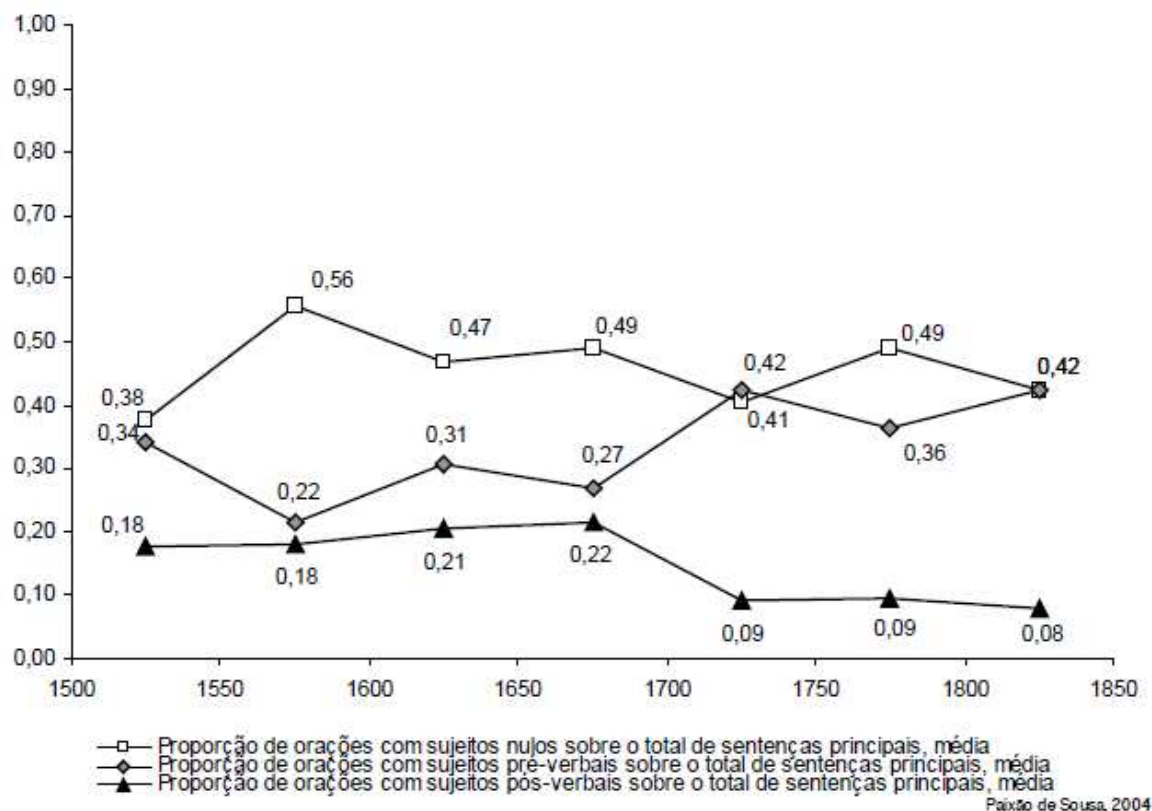


Gráfico 1: Sujeitos nulos, pré-verbais e pós-verbais em sentenças matrizes (gráfico 37 de Paixão de Sousa 2004)

Os dados de Paixão de Sousa mostram que entre a segunda metade do século 16 e a segunda metade do século 17 a proporção de SV é a maior, mas relativamente próxima da proporção de VS (não ultrapassando 10%), e ambas são superadas pela ocorrência de sujeitos nulos. A partir do século 18, percebe um comportamento contrastante: desse período em diante a distribuição de SV (24%, 36% e 42%) se aproxima da proporção de sujeitos nulos (41%, 49% e 42%), afastando-se das ocorrências de VS (9%, 9% e 8%), indicando que a partir do século 18 a distribuição de VS se torna inferior à de SV.

A autora argumenta que os padrões de SV e VS nos textos dos séculos 16 e 17 parecem indicar que na gramática desse período a posição imediatamente pré-verbal é semelhante à posição pré-verbal de uma língua V2. Isso se deve ao fato de que os sujeitos lexicais pré-verbais e pós-verbais do português clássico têm proporções mais semelhantes do que nos textos do século 18 em diante. Assim, conclui que até o final do século 17 a posição prototípica do sujeito não é obrigatoriamente a pré-verbal. Com base nisso, argumenta que a gramática dos textos

dos séculos 16 e 17 é análoga à de um sistema em que SV é um subconjunto das ordens XV e a posição pré-verbal é acessível a qualquer constituinte de VP.

Em artigo mais recente, Galves & Paixão de Sousa (2017) argumentam que o português clássico é uma língua *pro-drop* com movimento V para C com ênclise pronominal em construções V1 e alternância próclise/ênclise em sentenças V2 não dependentes (para esse ponto, cf. Martins, 1994; Torres Moraes, 1995; Paixão de Sousa, 2004; Galves et al. 2006). Assim como em outras línguas românicas, o efeito V2 no português clássico deve ser entendido em um contexto particular: o de uma língua de sujeito nulo na qual V2 superficial coocorre livremente com ordens V1 e V3. Contudo, essa gramática divide algumas propriedades com línguas de V2 prototípico, como a ausência de uma posição especial para os sujeitos pré-verbais, que ficam na posição de tópico, e o fato de os sujeitos aparecem em posição pós-verbal mais frequentemente do que em sistemas SVO.

A análise de Galves & Paixão de Sousa (2017) é baseada na hipótese de que o fenômeno V2 – entendido como movimento de V para C – em línguas *pro-drop* é totalmente dependente de condições discursivas e, conseqüentemente, da prosódia. Seus dados apresentam alta frequência de ordens VS em relação a SV com sujeito lexical, comparado ao português europeu moderno, como mostra o gráfico abaixo, que traz a evolução da taxa de (X)VS em sentenças matrizes com sujeito lexical em seu *corpus*³⁰.

³⁰ As autoras utilizam textos escritos por autores nascidos entre os séculos 16 e 19 do Corpus Tycho Brahe.

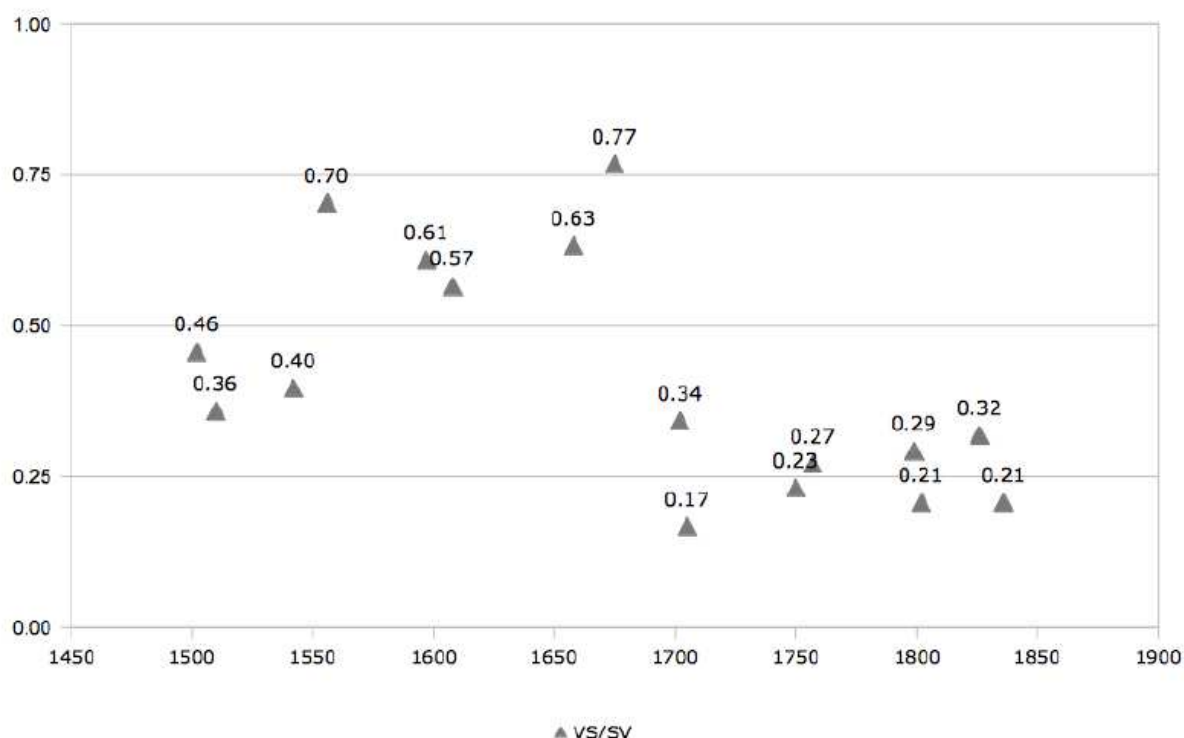


Gráfico 2: A evolução de XVS em sentenças matrizes com sujeitos lexicais entre os séculos 16 e 19 (Galves & Paixão de Sousa 2017)

O gráfico acima claramente mostra dois grupos: nos textos escritos por autores nascidos entre os séculos 16 e 17, a ordem VS varia entre 36% e 77% das ocorrências, ao passo que nos textos escritos por autores nascidos a partir do século 18, VS varia entre 17% e 34%. Galves & Paixão de Sousa consideram esta uma das mais relevantes evidências em favor de um sistema V para C no português clássico, assumindo que nessa gramática os sujeitos pré-verbais ocupam a mesma posição que outros elementos fronteados. Os exemplos abaixo ilustram os possíveis padrões de expressão de sujeito no *corpus* analisado pelas autoras:

(28) **Christo Senhor nosso, disse** a seus Discipulos, que o segredo d'aquelle dia é reservado só ao Padre. (Vieira, 1608)

(29) **Começou el-Rei** a igreja de São Vicente. (Sousa 1556)

(30) e com a sua prisão **mudaram** de intento. (Galhegos, 1597)

Segundo Galves & Paixão de Sousa, no português clássico a posição pré-verbal é reservada para elementos com proeminência discursiva de variados tipos, a

dependem da estrutura informacional da sentença. No caso dos textos escritos, consideram que o texto em si é o próprio contexto discursivo. Em relação aos sujeitos pós-verbais, retomam o estudo de Galves & Gibrail (2018) argumentando que a interpretação dos sujeitos pós-verbais nos textos do português clássico é diferente da que se dá para a ordem VS no português europeu moderno. De acordo com Costa (2004:79-80), VSO no PE somente é válido se o sujeito e o objeto forem foco da sentença e SVO é a ordem obrigatória quando toda a sentença é uma informação nova ou quando somente o objeto é o foco. Segundo as autoras esse não é o caso do português clássico, em que a ordem VSO não requer que o sujeito seja a nova informação da sentença, e SVO não é necessário quando toda a sentença é uma nova informação. Galves & Gibrail (2018) argumentam que no português clássico, na maioria dos casos, os sujeitos pós-verbais são interpretados ou como tópicos familiares³¹ ou como tópicos continuados.

Galves & Paixão de Sousa (2017) propõem que a ordem SV nos textos clássicos (de 1500 a 1600) e nos textos modernos (de 1700 a 1800) correspondem a estruturas diferentes e, por conseguinte, a gramáticas diferentes: nos textos clássicos, SV corresponde a construções nas quais o sujeito pré-verbal é topicalizado, assim como em qualquer outra construção XV. Nos textos modernos, por outro lado, a ordem SV compreende o sujeito na posição canônica, o que significa dizer que uma gramática SVO surge neste período. Também propõem que a mudança do português clássico para português europeu de V2 a SVO ocorreu não devido às *instabilidades* do sistema V2 derivadas do fato de nesta gramática haver sujeitos nulos ou ordens V1 e V3, e sim da reanálise da ordem SV-cl, que se torna mais frequente devido a uma mudança prosódica. Além disso, as autoras argumentam que a ordem V3 encontrada no português clássico é resultado de pelo menos duas posições de tópico que precedem o verbo, associadas a distintos padrões prosódicos. Desse modo, os falantes dessa gramática poderiam diferenciar essas posições quando diante de V2 ou V3 superficiais.

A abordagem defendida pelas autoras permite que duas linhas de análise antagônicas para as línguas V2 sejam, de certa forma, possíveis. De um lado, muitos

³¹ Seguindo Frascarelli & Hinterhölzl (2007), as autoras assumem que, nos textos analisados, os tópicos *familiares* são aqueles que ou contêm nomes próprios que se referem aos protagonistas da narrativa, a Deus e outras entidades religiosas – o Espírito Santo, o Diabo – ou contêm entidades genéricas ou abstratas tais como “os inimigos”, “a humanidade” etc.

autores argumentam que o V2 presente no português clássico seja nos moldes germânicos, isto é, com o movimento do verbo para C ou para alguma camada de C. Por outro lado, outros autores argumentam que a frequência de V1 e V3 nessas línguas não permite tal análise. Galves & Paixão de Sousa (2017) enfatizam que a ordem V2 no português clássico depende exclusivamente de requerimentos discursivos, diferentemente das línguas germânicas, nas quais V2 é, na maioria dos casos, resultado de movimento puramente formal (cf. Frey 2006 e seção 2.1.1.). Isso, porém, não significa que uma língua como o português clássico não compartilhe propriedades significativas das línguas V2, como a ativação da camada CP nas sentenças afirmativas, o que é empiricamente comprovado pela frequência e a interpretação de VS. A consequência dessa análise é que a diferença entre as línguas germânicas e as línguas românicas V2 deixa de ser uma diferença entre V2 linear e V2 estrutural passando a uma diferença nos termos de um movimento formal e discursivo vs um movimento somente discursivo para [Spec, CP]. Isso dá conta da presença de sentenças V1 nas línguas românicas, uma vez que um constituinte só se move para a posição pré-verbal quando há uma motivação discursiva para tal. Em relação à V3, é necessária uma hipótese auxiliar. As autoras sugerem que a presença de V3 tem a ver com as diferentes posições que o verbo pode ocupar na camada CP³². Isso permitiria que mais de um constituinte ocorra na posição pré-verbal no português clássico, em contraste às línguas germânicas.

O trabalho de Antonelli (2011) também vai ao encontro das argumentações em favor de V2 para o português médio e clássico, verificando que, em termos de ordem básica de palavras, o português dos séculos 16 e 17 é uma língua essencialmente VS. O autor argumenta que, nesse período, em orações matrizes, o verbo se desloca para Fin, à medida que, nas subordinadas introduzidas pelo complementizador *que*, esse movimento é bloqueado. Com base nesse aspecto, Antonelli conclui que o português dos séculos 16 e 17 se comporta de maneira similar a línguas V2, sendo a maior diferença entre essa gramática e a de línguas como o alemão a sintaxe de frenteamento. No português clássico, diferente do que se observa nas orações matrizes de línguas V2 típicas, há uma maior flexibilidade no que diz respeito à presença de XPs em posição pré-verbal. Em sua análise, essa diferença se deve à

³² Frascarelli e Hinterhölzl (2007) argumentam que nas línguas germânicas o verbo está em *Force*. Antonelli (2011) propõe que o mesmo está em Fin no português médio/clássico.

maneira como o traço EPP associado aos traços ϕ de Fin é licenciado. Em línguas V2 estritas, o EPP requeriria necessariamente a presença de um XP em posição pré-verbal, que também bloquearia o movimento de outros constituintes para posições mais altas da estrutura oracional. No caso do português, o EPP é satisfeito mediante movimento do verbo. De acordo com sua hipótese, não haveria um requerimento determinando a presença de um XP precedendo o verbo finito, o que explicaria a produtividade de sentenças matrizes V1. Não obstante, unicamente por razões discursivas, um ou mais XPs poderiam ser movidos para o sistema CP. Particularmente em relação ao fracionamento de múltiplos XPs, essa diferença em relação a línguas V2 prototípicas ocorreria, pois, no português, o verbo satisfazendo o EPP em Fin não bloquearia o preenchimento de mais de um especificador na periferia da sentença.

Uma forma alternativa de detectar o traço V2 em português é a análise das ordens de tipo XV (incluindo XVS e XV-pro). Isso foi feito por Cavalcante et al. (2015), que mostra que as sentenças nas quais o constituinte pré-verbal não é um sujeito são casos diferentes daqueles que são superficialmente SV. O gráfico abaixo traz as proporções de V1, V2 e V3 observadas pela autora, em que V2 = X/O V (S) representa as sentenças nas quais qualquer constituinte ocorre à esquerda do verbo, seja um objeto ou outro elemento, com um sujeito lexical pós-verbal, e V2 = SV(X) representa as sentenças com ordem V2 superficial nas quais o sujeito precede o verbo.

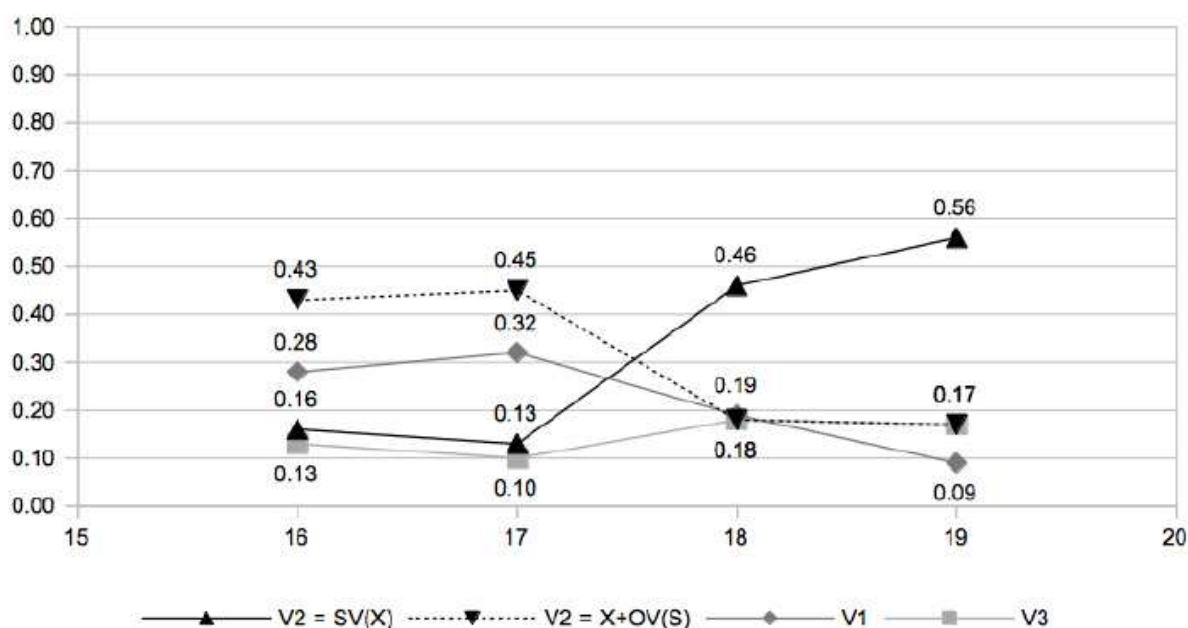


Gráfico 3: A evolução de V1, V2 (SV e não-SV) e V3 na diacronia do português (Cavalcante et al. 2015)

Os dados das autoras mostram que nos séculos 16 e 17 as taxas de XV são muito mais altas do que as taxas de SV – 43% e 45%, respectivamente, contra 16% e 13%. Nos séculos 18 e 19, a porcentagem de SV aumenta para 46% e 56%, respectivamente, e as ordens XV (nas quais X não é sujeito) caem para 18% e 17%. Em suma, nas ordens V2 em geral o português clássico apresenta mais sentenças nas quais o constituinte pré-verbal não é um sujeito do que sentenças em que este constituinte é um sujeito, o que é uma forte evidência para a análise do português clássico em favor de V2 como uma língua V para C.

Galves (a sair), analisando sentenças afirmativas não dependentes de 11 textos escritos por autores nascidos nos séculos 16 e 17, verifica que 73% das sentenças de seu *corpus* são de tipo XV e 27% são SV, sendo de variadas naturezas os elementos que podem ocorrer à esquerda do verbo. Em termos gerais, seus dados mostram uma proporção de 68% de ocorrências de V2 contra 32% de V1. Como vimos, a alta frequência de V1 é comumente considerada um forte argumento empírico contra a análise V2 para línguas que permitem esse tipo de ordem. Porém, Joutteau (2010:207) afirma que “V2 is a particular sub-case of relational V1. Both V1 and V2 orders are contingent on verb raising that places the inflected verb before the

canonical position of its direct arguments in tensed domains".³³ Segundo Galves, o português clássico traz fortes evidências empíricas para tal afirmação, pois, ao observar os sujeitos expressos, verifica que não só V1 e V2 estão em paralelo no que respeita a posição do sujeito, visto que em ambos os casos VS é uma ordem frequente, como V1 aparece em contextos em que os sujeitos pós-verbais são mais frequentes. Como VS é uma das evidências básicas para as línguas V2, pois demonstra o movimento do verbo para uma posição alta na sentença (geralmente considerada V para C), as sentenças V1 são uma evidência em favor da natureza V2 do português clássico. Em relação à ordem V3, Galves verifica que, apesar de línguas como o alemão, consideradas prototipicamente V2, serem restritivas em relação a V3, muitas línguas V2 permitem esta ordem, como é o caso do português clássico.

Sua análise sugere que no português clássico o verbo se move para Fin (em acordo com Antonelli 2011), que atrai tanto V quanto VP. Galves argumenta que no âmbito de CP há duas categorias que atraem constituintes para a posição à esquerda do verbo: *kontrast* (k), uma posição não recursiva que hospeda constituintes contrastados, independentemente de serem focos ou tópicos, e uma categoria genericamente chamada de FOC, que atrai constituintes quantificados, focalizados ou avaliativos. Sua proposta sugere que quando k e FOC coocorrem, a opção é marcada. De um ponto de vista descritivo, Galves, com base em Wolfe (2015), caracteriza o português clássico como uma língua V2 flexível, isto é, uma língua em que V2 linear é a ordem dominante, a posição pré-verbal não é específica para sujeitos e os sujeitos frequentemente ocorrem em posição pós-verbal. Retomaremos a estrutura de Galves em detalhes no Capítulo 6.

Na próxima seção trataremos de outras mudanças na história do português. Assim como a discussão sobre o efeito V2 no português, a revisão de outras mudanças no período em estudo é importante, pois servirá de base de comparação para nossos dados nos próximos capítulos. Revisaremos mudanças de aspecto morfonológico e morfossintático em etapas pretéritas do português para compará-las com a sintaxe do verbo no português medieval e clássico, de modo a observar como

³³ V2 é um subcaso de V1 relacional. Tanto as ordens V1 quanto V2 podem ocorrer como consequência do movimento do verbo flexionado para um *locus* antes da posição prototípica de seus argumentos diretos. [minha tradução]

esses fenômenos se interligam na história, especialmente no período que marca o fim do português antigo: a fronteira dos séculos 14 e 15 (cf. Galves et al. 2006).

3.2. Outras mudanças na história do português

A mudança é inerente às línguas naturais e, na história do português, alguns períodos parecem ter sido particularmente favoráveis à propagação de mudanças. Durante a fase medieval, o latim, que era a língua de prestígio, e o romance, a língua vulgar, complementavam-se. Esse par se definia dentro de uma hierarquia ou complementaridade funcional, de modo que, dentro dessa mesma hierarquia se situavam as *koinés* literárias, tais como o provençal ou o galego-português (CARDEIRA 2005:292).

No fim da Idade Média observa-se, em toda a Europa, um momento centralizador no qual a universalidade latino-cristã começa a ser substituída por uma organização em reinos. Em Portugal, com D. Dinis e a adoção do português escrito como a língua oficial do reino, deu-se o primeiro passo em direção à criação de uma consciência que contemplaria o romance vulgar como um idioma com possibilidade de atingir uma situação de prestígio que, até então, era reservada exclusivamente ao latim. Contudo, ainda não havia um idioma nacional, pois ainda não se tinha formado o conceito de nação.

No século 15 consolida-se uma ideologia monárquica que abre novos caminhos: a descoberta de outros territórios para o Reino de Portugal integra solidez à identidade conquistada e junto dessa identidade emerge, também, um conceito de pátria. A língua, então se adaptando à nova situação, torna-se um símbolo do império português. Desse modo, o poder da dinastia de Avis, localizado no centro-sul do território português, antiga região moçárabe, se torna agregador no papel de absorver as distintas áreas dialetais. A partir daí o idioma é encarado, se ainda não como marca de nacionalidade, como forma de expressão (CARDEIRA 2005).

Nas próximas subseções apresentaremos alguns fenômenos de caráter morfofonológico característicos do período estudado. Primeiramente, na seção 3.2.1, serão apresentadas abordagens (BECHARA 1991; MAIA 1995) cujo estudo serviu de base para o trabalho de Cardeira (2005). Na seção seguinte, 3.2.2., serão apresentados os principais trabalhos que trataram da questão dos clíticos na história do português.

3.2.1. Mudanças morfofonológicas

O português médio foi interpretado, na literatura, como uma fase de transição da língua medieval para a clássica (CASTRO 1991; CARDEIRA 2005; GALVES ET AL 2006), na qual “coexistem as formas e os tratamentos próprios da etapa anterior com formas e tratamentos que já anunciam o português do período clássico” (MAIA 1995:79). “Esta fase se caracteriza pelo seu aspecto de transição, onde alguns fenômenos correntes na fase anterior, ainda que persistindo, já denunciam acentuada tendência de mudança (...)” (BECHARA 1991:69-70).

De acordo com Cardeira (2005), o processo de mudança linguística pode ser encarado como uma alternância entre pequenos surtos de alterações rápidas e longos períodos de permanência. Tais surtos de alterações resultam da interação língua-sociedade, isto é, se a estabilidade do mundo quando o ambiente não muda é esperável, também a mudança em épocas de revolução o é. Na história do português, a fronteira entre a dinastia afonsina e a de Avis pode ser encarada como um desses momentos em que as mudanças políticas e sociais foram decisivas para a evolução da língua, provocando a aceleração dos processos que vinham operando (CARDEIRA 2005:36). Desse modo,

Por volta de 1350, no momento em que se extingue a escola literária galego-portuguesa, as consequências do deslocamento para o Sul do centro de gravidade do reino independente de Portugal vêm à tona (...). É nesta parte do reino que estão implantadas as instituições que desempenham papel cultural mais importante, tais como os Mosteiros de Alcobaça e o de Santa Cruz de Coimbra e a Universidade (...). E o eixo Lisboa-Coimbra passa a formar desde então o centro do domínio da língua portuguesa. É, pois, a partir dessa região, antes moçárabe, que o português moderno vai constituir-se, longe da Galiza e das províncias setentrionais em que deitava raízes. É daí que partirão as inovações destinadas a permanecer, é aí onde se situará a norma (TEYSSIER 1982:35).

Teyssier se refere às inovações que, no plano fonológico, caracterizam a segunda fase do português arcaico, na periodização tradicional: a perda de encontros vocálicos, a queda do *-d-* intervocálico da desinência da segunda pessoa do plural dos verbos, a convergência dos substantivos singulares e verbos para a terminação -

ão-, a simplificação do sistema de sibilantes e a estabilização da oposição b/v, evoluções produzidas, segundo ele, nos séculos 14 e 15. Mais à frente, o século 16 nos mostra outras mudanças, como a eliminação de encontros vocálicos por meio de ditongação, a uniformização das terminações nasais, entre outras, apontadas por Fernão de Oliveira na *Grammatica da lingoagem portuguesa* (1536). Comparando o português descrito por Fernão de Oliveira com os elementos apontados por Mattos e Silva (1989) no português trecentista, conclui-se que as grandes mudanças que separam o português antigo do português clássico aconteceram entre 1350 e 1536 (na periodização tradicional), ou, se observarmos a periodização de Lindley Cintra, entre 1420 e 1550.

Bechara (1991:68-69) lista os seguintes fatos linguísticos, que seriam os divisores do português antigo em relação ao clássico³⁴: (i) encontros vocálicos átonos ou tônicos em hiato, resultantes da queda de consoante intervocálica; (ii) terminação em *-om* nas formas da 3ª declinação latina; (iv) terminação em *-on* (*-om*) nas formas verbais oriundas de *-unt*; (v) formas participiais em *-udo* da 2ª conjugação; (vi) presença de *-d-* etimológico da 2ª pessoa plural; (vii) uniformidade genérica nos nomes em *-or-*, *-ol-*, *-ês-* e *-nte-*; (viii) existência de pronomes possessivos femininos de formas proclíticas ao lado de formas normais.

Clarinda Maia (1995:23-24) acrescenta à lista três outros parâmetros essenciais que descrevem o português antigo: (ix) existência de um lexema, em alguns verbos, para a primeira pessoa do singular do presente do indicativo e para todo o presente do conjuntivo oposto ao lexema dos outros tempos; (x) existência de um sistema de quatro fonemas sibilantes; e (xi) terminações hiáticas no plural dos nomes singulares em *-/-*.

Se esse conjunto de características define o contraste entre uma fase arcaica e uma fase moderna da língua, como supõe Clarinda Maia, conclui-se que há uma fase intermediária. Essa fase de transição é chamada por Bechara (1991:69-72) de *arcaica média*³⁵. Com base nas mudanças elencadas acima, Cardeira (2005), com um *corpus* que abrange documentos da segunda metade do século 14 e o final do século

³⁴ Bechara (1991) refere-se ao período antigo como aquele que se estende do século 13 ao final do 14.

³⁵ Da primeira metade do século 15 à primeira metade do século 16.

15³⁶, observa quais são os fenômenos que sofreram mudança nessa época, documentando a data de surgimento da inovação, o percurso de sua propagação e a sua aceitação e consequente fixação na língua comum. Cardeira (2005) verifica que entre 1400 e 1450 ocorre a substituição de uma série de variantes antigas pelas inovadoras: no primeiro quarto do século 15 a terminação *-vil* é substituída por *-vel* e as formas plenas de 2ª pessoa plural da flexão do verbo são substituídas pelas formas sincopadas. No segundo quarto do século, os novos participípios em *-ido* suplantam os antigos em *-udo*. São, portanto, cinquenta anos em que se efetivam algumas das mudanças linguísticas frequentemente utilizadas como parâmetros para a periodização do português. Também é nesse período em que se estabiliza a frequência de cada uma das variantes mencionadas.

Em relação às mudanças que permearam a história do português, Cardeira (2005:291) verifica

a existência de uma franja de separação entre o português antigo e o português médio e nessa franja de separação se deve situar a segunda metade do século XIV. Quanto ao português médio, se estudos futuros confirmarem as presentes observações, a sua localização não excede a primeira metade do século XV: na segunda metade do século (e talvez também no princípio do século seguinte) a presença de um patamar de estabilização aponta para uma segunda franja de separação, de pelo menos cinquenta anos, entre o português médio e o português clássico.

Essa transição de fase caracteriza o português médio como um momento decisivo na elaboração da língua, além de uma fase de aceleração das mudanças. Contudo, Cardeira enfatiza que uma “transição de fase não significa que esta tem sido uma fase de transição” (CARDEIRA 2005:291). Segundo a autora, uma fase de transição tem o sentido de período intermediário em que convivem variantes antigas e modernas, cuja seleção se definirá mais adiante, quando essa convivência configurar um patamar de estabilização. Esse é um conceito que, segundo ela, se

³⁶ O corpus utilizado por Cardeira (2005) é composto por um recorte de vários documentos, a saber: os capítulos 1, 2, 3, 4, 15 e 72 do *Livro da Cartuxa*; os tratados sobre a *Luxúria* e sobre o *Dia do Juízo* das *Vidas de Santos*; documentos notariais, sendo seis provenientes dos mosteiros do Noroeste e seis da região de Lisboa; os originais do *Livro Verde da Universidade de Coimbra*; os *Documentos Históricos da Cidade de Évora*; as *Actas das Vereações de Loulé* e os *Capítulos de Cortes*.

materializa não no português médio, mas nas *franjas* de separação que delimitam o português antigo, o médio e o clássico.

3.2.2. Pronomes clíticos

Ana Maria Martins (1994), em seu trabalho sobre os clíticos na história do português, faz uma descrição detalhada do comportamento desses elementos em relação ao verbo na gramática do português dos séculos 13 ao 16³⁷. Utilizando um *corpus* composto de documentos notariais, sua análise mostra que até o século 14 a ênclise é preferível, após o que essa preferência é suplantada pela próclise, chegando a ser categórica no século 16. Em relação ao tipo de sentença analisado, Martins observa que as orações negativas que contêm um operador de negação predicativa apresentam, invariavelmente, o clítico pré-verbal. O mesmo se observa em textos literários (cf. Mattos e Silva 1989). Por essa colocação ser idêntica ao que se observa no português europeu atual, conclui que não houve variação em relação à colocação clítica em negativas, sendo a próclise uma constante em todas as etapas do português. Também nas orações em que o verbo é precedido por quantificadores a próclise é preferida. O mesmo efeito não se observa quando o quantificador ocorre após o verbo. Observem-se os exemplos abaixo retirados de Mattos e Silva (1989:189):

(31) **Todo** se compria.

(32) Contou-lhes **todo**.

Para que o quantificador interfira na colocação do pronome átono não é suficiente apenas que ocorra à esquerda do verbo, como denotam os casos abaixo, de Martins (1994:18).

(33) Et **toda** terra da Gascona meteua so seu senorio.

(34) Et **todos** aqueles que erã presos madoos soltar.

Também alguns advérbios determinam a colocação do clítico antes ao verbo. No *corpus* analisado por Martins, são essencialmente os textos dos séculos 13 e 14 que permitem a identificação desses advérbios, uma vez que, a partir do século 15, a colocação pré-verbal dos clíticos em orações não dependentes se torna dominante,

³⁷ Na periodização tradicional.

independentemente da presença ou não de elementos que condicionem a próclise. É o caso dos seguintes advérbios (MARTINS 1994:19-31): *agora/ora, ali, aqui, ante/antes, assi, bem, mal, item*³⁸, *já, logo, mais*³⁹, *mal, bem, outrossi/outrossy e sempre*.

Merecem atenção na análise de Martins (1994) as construções com tópico ou foco marcado. Os casos em que um complemento subcategorizado pelo verbo, que surge anteposto, é dobrado por um clítico são referidos por Duarte (1987) como *deslocação à esquerda clítica*. Esse tipo de construção se caracteriza, resumidamente, pela existência de identidade referencial, conformidade de traços sintáticos e conectividade casual e temática entre um constituinte adjunto à esquerda da sentença, o tópico, e um pronome átono interno à frase, que é interpretada como comentário. O pronome clítico ocupa a posição que, em uma frase sem tópico marcado, seria ocupada pelo constituinte adjunto à esquerda. Vejam-se os exemplos abaixo, retirados de Martins (1994:34-36):

(35) E a que~ uossa uoz derdes **peytelhy** quinhentos soldos.

(36) E todo o Al que me ffor **vendãno** e de~no por mha alma.

(37) Et amigos et imigos tâben seus como estrayos, todolos **leuou** cõsigo para entrar a Espana.

(38) Et aos outros tres suas moradas **lles avyam** ja dadas a cada hu~ em seu cabo.

Os exemplos em (35) e (36) são casos em que o clítico está posposto ao verbo. Nas sentenças (37) e (38), por outro lado, o clítico se apresenta anteposto ao verbo. Em (37) um quantificador é responsável pelo redobro do complemento topicalizado e em (38) o responsável pela inversão é um complemento direto anteposto e não dobrado pelo clítico. Exemplos como estes mostram que a anteposição do clítico não é desencadeada somente pelos operadores de negação predicativa, quantificadores e certos advérbios; a ação desses fatores não é inibida nas construções de deslocamento à esquerda clítica.

³⁸ Este advérbio latino é frequentemente usado em documentos notariais com o sentido de “também”.

³⁹ No contexto de “também”

Nas orações não-dependentes neutras, a posposição do clítico torna-se pouco frequente no século 15; no entanto, há sempre posposição quando o verbo é inicial. No século 16 não se atesta posposição, salvo em frases com verbo inicial. Desse modo, basta que o verbo esteja precedido da cópula *e* para que perca o caráter de inicial absoluto, fazendo com que o clítico se anteponha ao verbo. Se o verbo é inicial na oração, mas não na frase, a necessidade da colocação pós-verbal deixa de existir. Assim, a anteposição do clítico é possível quando a oração com verbo inicial funciona como complemento de um verbo que ocupa uma posição mais alta. O mesmo acontece quando uma oração principal com verbo inicial está precedida da oração que é sua subordinada. Neste tipo de oração, a posição do clítico depende, portanto, de diversos fatores: a presença de um operador de negação predicativa, o encabeçamento da oração por um quantificador ou de certos tipos de advérbios e a posição inicial absoluta do verbo a que cliticiza o pronome complemento. Na ausência de qualquer um destes fatores, é possível encontrar, entre os séculos 13 e 15, variação livre na colocação dos pronomes átonos, isto é, oscilação entre próclise e ênclise em contextos idênticos.

Paralelamente à oscilação entre a anteposição e a posposição dos clíticos, observa-se uma mudança em andamento: a posposição dos clíticos, amplamente dominante, em termos quantitativos, durante o século 13, é progressivamente substituída pela anteposição, majoritária no século 15 e praticamente exclusiva no século 16. Isso quer dizer que a mudança em curso tem início no século 14 e se consolida nos séculos 15 e 16 (MARTINS 1994:55-56). Tal mudança é também observada nos textos literários (cf. Mattos e Silva 1989).

Segundo Martins (1994), a variação entre próclise e ênclise atestada no período medieval do português poderia decorrer do próprio processo de mudança em curso, isto é, poderia supor-se que, numa fase anterior, os clíticos fossem regularmente pós-verbais em orações não-dependentes. Ou, ainda, é possível que os contextos de ocorrência de próclise e ênclise estivessem mudando, indicando um processo de mudança de gramáticas. Os séculos 14 e 15 são o período em que mais há oscilação entre anteposição e posposição dos clíticos em orações não-dependentes neutras. Nesses séculos as orações com um sujeito lexical pré-verbal apresentam, majoritariamente, colocação pré-verbal do clítico, ao contrário do que acontece com as que têm um sujeito nulo.

Em relação a isso, Mattos e Silva (1989) observa, nos *Diálogos* de São Gregório (século 14)⁴⁰, características conservadoras em relação à colocação clítica. Em seu *corpus* a ênclise em orações principais afirmativas é amplamente dominante, o que a leva a considerá-la obrigatória, com exceção dos seguintes casos: “a ênclise deixa de ser obrigatória quando o verbo não inicia o enunciado principal, pois está precedido de outros componentes: sujeito explícito, complemento ou circunstanciais” (MATTOS E SILVA 1989:843). Nesses casos, afirma que há variação quanto à posposição ou anteposição do pronome. As frases com sujeito lexical pré-verbal dos *Diálogos* apresentam um comportamento curioso por permitirem a anteposição do clítico, diferentemente do que ocorre com as frases com sujeito nulo, confirmando que o preenchimento da posição de sujeito por uma categoria lexical, nas orações não-dependentes afirmativas, favorece a próclise.

No que concerne o fenômeno da não adjacência entre clítico e verbo, conhecido na literatura por interpolação, no português antigo são frequentes como elementos interpolados o advérbio de negação *não* (39), o sujeito lexical (40), um sintagma preposicional (41) ou um sintagma adverbial (42) (MARTINS 1994:161).

(39) que e **nom** ne~mbram (1; NO, 1268)

(40) Isto que lles **eu** mando (163; NO, 1275)

(41) asi como **atá aqui** derõ (108; NO, 1295)

(42) quando vos **ora** fez merçee (64; NO 1342)

A interpolação de constituintes só é possível quando o clítico precede o verbo; caso contrário ocorre, necessariamente, adjacência. No português antigo, Martins observa que qualquer constituinte que pudesse ocupar na oração uma posição pré-verbal podia ocorrer interpolado entre o clítico e o verbo (MARTINS 1994:182-183). Além disso, no português antigo a interpolação não ocorre em contextos de anteposição opcional, somente em contextos de colocação pré-verbal obrigatória. Seus dados mostram que, entre os séculos 13 e 16, a opção pela interpolação é mais frequente do que pela estrutura alternativa. Em relação aos constituintes diferentes de

⁴⁰ Na periodização tradicional.

não, o número de exemplos de não-interpolação em contextos que a admitiriam é significativo para que não possam ser considerados casos marginais. Desse modo, conclui que existia variação, em termos de uso, entre duas estruturas alternativas, igualmente gramaticais.

Martins (2003a, 2003b e 2005) considera a hipótese de ter havido três estágios gramaticais na história do português, defendendo que os clíticos são núcleos em todas essas fases (MARTINS 2002b, 2003a). Assim, as mudanças não estariam relacionadas à tipologia do clítico (XP vs X°), como supõem alguns estudos (CARDINALETTI & ROBERTS 1991, entre outros), mas às posições pré-verbais e, conseqüentemente, ao fenômeno do fronteamto de constituintes do sintagma verbal (*IP scrambling*). Martins (2000, 2003a, 2003b, 2005) sugere que o português antigo teria várias posições pré-verbais disponíveis no domínio de IP – especificadores múltiplos –, enquanto o português clássico teria apenas uma. Namiuti (2008), em acordo com Martins (2002b), considera que os clíticos são núcleos em todas as fases do português, mas propõe que a principal diferença, especialmente entre o português antigo e o português médio (cf. Galves et al. 2006), está na altura que esses pronomes podem alcançar na estrutura da sentença.

Em seu trabalho, Namiuti (2008) observa que há dois tipos de interpolação: interpolação generalizada (com qualquer XP posicionado entre o clítico e o verbo) e interpolação da negação (com o *não* entre o clítico e o verbo). Para Namiuti (2008) estes dois tipos de interpolação não convivem em uma mesma gramática: no português antigo se aplica apenas a interpolação generalizada, que está relacionada estruturalmente ao fenômeno da ênclise no PA. Já o português clássico teria apenas a interpolação da negação. A coexistência dos dois fenômenos da interpolação só acontece nos momentos de transição, ou seja, em uma situação de competição de gramáticas.

Para Namiuti (2008), a gramática do português antigo licencia um clítico capaz de se hospedar no núcleo mais alto da estrutura frasal (C°). Nas orações dependentes o pronome pode se mover para C°, deixando o verbo para trás, o que resulta na interpolação de XPs entre o clítico e o verbo. Posteriormente o clítico deixa de se mover para C° restringindo sua relação nuclear à posição que Namiuti considera Σ° ,

com base em Martins (1994)⁴¹. Desse modo, o clítico permanece no núcleo que também hospeda o verbo, estreitando sua relação com a morfologia verbal. Sua proposta assume que esta mudança, aliada ao caráter clítico da negação, explicaria todas as mudanças na colocação destes pronomes na gramática média: a perda da interpolação, o aumento da próclise em relação à ênclise, o aumento da ordem C-X-cl Neg V e a possibilidade de interpolação da negação em orações raízes em contextos normalmente considerados de variação entre clítico-verbo e verbo-clítico.

Assumindo a hipótese de que o português antigo apresenta um acento frasal à esquerda do sintagma entoacional (*Intonational Phrase* - IntP), típico das línguas V2, Namiuti (2008) considera que a escolha da ordem com interpolação nas orações encaixadas e da ênclise nas orações raízes otimizaria o ritmo da língua. Em sua análise, observa que na gramática arcaica o clítico pode se alinhar à esquerda do núcleo mais alto na estrutura da oração (C°), independentemente do verbo, sofrendo inversão prosódica (C°-cl) obrigatória com este núcleo. Isso prevê a preferência pela ordem da interpolação (C-cl-X-neg-V) e a ênclise (V-cl) nas orações matriz V1 e XV, seguindo às restrições morfossintáticas do pronome e otimizando o ritmo da língua arcaica. A diferença em relação à gramática média está no fato de o clítico estar obrigatoriamente hospedado em Σ° , núcleo que também contém o verbo nesta segunda fase.

Utilizando a periodização de Galves et al. (2006), Namiuti esquematiza a diferença entre as gramáticas *arcaica* e *média* da seguinte maneira:

(i) **Gramática arcaica**

CL [host X° com traços +I: C°, Σ° e I°]⁴²

O pronome átono pode se hospedar no núcleo C° derivando a ordem C-cl-(X)-negV, com a preferência do X° mais alto na estrutura. A opcionalidade da interpolação neste

⁴¹ Namiuti (2008) adota a proposta de Martins (1994) da existência de um sintagma funcional de polaridade na estrutura da oração (Σ P), situado entre CP e IP (cf. Namiuti 2008:252).

⁴²A estrutura está como proposta em Namiuti (2008:245). Em tradução livre, *host* é o mesmo que *hospedeiro*.

período mostra que o clítico pode se hospedar no núcleo mais baixo onde estaria o verbo.

(ii) ***Gramática média***

CL [host X° com traços +I: Σ° e I°]

Nesta fase o pronome estreita sua relação morfossintática com o verbo, compartilhando traços em Σ° ou em I° . Namiuti (2008) propõe, seguindo Martins (1994), que o verbo se move para Σ° nas orações raízes nesta fase. O clítico não sobe além de Σ° , resultando a possibilidade de interpolação somente da negação, porém abrangendo as orações raízes com ordem XP-verbo e (C)-XclnegV.

Em resumo, Namiuti (2008) defende que os pronomes clíticos no português antigo (gramática arcaica) são movidos na sintaxe para uma posição à esquerda do núcleo mais alto da oração, seja ele C° (nas orações encaixadas), ou Σ° (nas orações raízes), e que seguem deslocamento local sofrendo, assim, a inversão prosódica com seu hospedeiro. Namiuti propõe que a inversão prosódica é obrigatória nesse período, e é deste fato que se deriva a interpolação de constituintes mantendo a adjacência C-cl, e também é por este motivo que há predominância da ênclise em orações com ordem XV no português antigo. Na gramática média se observa o resultado da mudança que veda a possibilidade da interpolação e dá lugar à preferência pela próclise nas orações matrizes XV, sendo X interno à estrutura oracional. Tal mudança estará relacionada com o domínio de hospedagem do clítico, que deixa de poder se mover para C° . Nesta gramática clítico e verbo estão incorporados em Σ° nas orações raízes.

Capítulo 4 – Metodologia: os *corpora* anotados

Nosso objetivo neste capítulo é apresentar o *corpus* utilizado na pesquisa, assim como a metodologia adotada. Em um primeiro momento, justificaremos a escolha dos textos utilizados, explicitando a utilização de dois *corpora* distintos: o primeiro formado por textos do português medieval, datando do século 13 ao 15, o *corpus* principal, e o segundo, um *corpus* secundário, formado por textos do português clássico (séculos 16 e 17), que será utilizado para tecer comparações com o português medieval. Em um segundo momento apresentaremos a metodologia dos *corpora* anotados adotada nesta tese, tratando de todas as etapas cumpridas para, finalmente, realizar buscas nos textos com a ajuda da ferramenta *Corpus Search*.

O capítulo está organizado da seguinte maneira. Na primeira seção, 4.1., são apresentados os textos que compõem os *corpora*, levando em consideração a questão da periodização da língua portuguesa, com base em Galves et al. (2006). Na seção seguinte apresentaremos a metodologia adotada em duas etapas: na seção 4.2.1. trataremos do processo de edição e anotação dos textos utilizados e na seção 4.2.2. abordaremos a metodologia das buscas realizadas nos textos.

4.1. Corpus

A escolha do *corpus* para a realização desta pesquisa considerou, inicialmente, textos que datam do século 13 ao 15, período ao qual nos referimos como *português medieval*, como explicitado no Capítulo 1. A escolha da nomenclatura visa evitar conflitos com as diferentes periodizações, ainda que a proposta de Galves et al. (2006) seja levada em consideração neste trabalho.

Para realizar uma pesquisa coerente com a noção de Língua I, seria necessário utilizar textos cujo critério de datação se baseia na data de nascimento do autor, e não na data de escritura do documento. No entanto, a dificuldade em localizar as informações biográficas dos autores de textos muito antigos certamente prejudica as pesquisas que procuram se basear na gramática chomskyana e na proposta de datação feita em Galves et al. (2006). Os que se aventuram nos estudos diacrônicos não têm escolha senão enfrentar os impasses que acompanham as fases pretéritas das línguas: quanto mais se olha para trás, mais ficamos à mercê da falta de documentos, seus contextos e informações biográficas de quem os redigiu.

Visto que no âmbito desta tese a questão da periodização é um assunto delicado, buscamos documentos cujas datas são registradas ou aproximadas, mesmo que a autoria seja desconhecida. Assim, foram selecionados sete textos literários e não literários. Destes, quatro são oriundos da base Wochwel (MARTINS et al. 2015), como explicitado abaixo, e três foram editados e anotados durante a presente pesquisa, conforme a metodologia utilizada pelo *Corpus Tycho Brahe* (GALVES & FARIA 2010), que será apresentada em detalhes na seção 4.2, a partir das versões digitais dos documentos disponíveis no site do *Corpus Informatizado do Português Medieval*.

Vale destacar que dentre os textos escolhidos um documento tem a data de escritura desconhecida, as *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*. Não obstante, sua escolha se justifica no fato de também ter sido utilizado por Esperança Cardeira em seu trabalho de 2005. Uma vez que nosso objetivo é comparar os dados obtidos nesta pesquisa com os analisados por Cardeira (2005), o que será feito no Capítulo 8, optamos por utilizá-lo apesar da falta de datação. Finalmente, os textos que formam o *corpus* da presente pesquisa são os seguintes:

Os Costumes de Santarém (1294)

Documento oriundo da região de Oriola, Alentejo, com um total de 5.437 palavras. Texto editado por Matias (1992) com edição digitalizada cedida pela editora e disponível no *Corpus Informatizado do Português Medieval*, da Universidade Nova de Lisboa, que pode ser acessado em <http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/>. O texto documenta, em forma de lista, os costumes da região, tais como regras de tributação, comércio, comportamento etc.

Testamento de D. Afonso II

Testamento do rei Dom Afonso II de Portugal. É um documento do ano 1.214, escrito na região da Beira, Coimbra, composto de 1.433 palavras. A edição utilizada é a de Costa (1979) e está disponível online no *Corpus Informatizado do Português Medieval*, da Universidade Nova de Lisboa.

Documentos portugueses do Noroeste e da região de Lisboa

Conjunto de documentos notariais editados por Ana Maria Martins (2001) e sintaticamente anotados por Ana Maria Martins, Sandra Pereira e Adriana Cardoso no âmbito do projeto Wochwel⁴³. A documentação original conta com documentos escritos entre 1.263 e 1.545, de autorias diversas, mas foram utilizados somente os manuscritos produzidos entre 1.263 e 1.299 escritos em Chelas, antiga denominação para uma área da freguesia de Marvila, em Lisboa.

Jose de Arimateia

Texto narrativo que faz parte da trilogia do Santo Graal, escrito entre 1.191 e 1.212. O texto utilizado é uma versão digital baseada em uma cópia produzida em 1.543, com um total de 142.129 palavras. Apesar de se tratar de uma cópia produzida no século 16, de acordo com Neto (2007), sua tradição linguística remonta ao século 13, uma vez que o grau de conservadorismo do texto, resultante de cópia fiel do modelo, fica evidente a partir da ocorrência de formas, palavras e expressões já em desuso no século 16.

⁴³ MARTINS, A. M., PEREIRA, S. & CARDOSO, A. *Parsed José de Arimateia*. CC. Licensed: Wochwel by Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2013-2015.

O documento utilizado foi editado por Sílvia de Almeida Toledo Neto e sintaticamente anotado Ana Maria Martins, Sandra Pereira e Adriana Cardoso no âmbito do projeto Wochwel⁴⁴.

Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense

O documento é um conjunto de textos hagiográficos copiados durante a abadia de Frei Estevão de Aguiar, entre 1.431 e 1.446. Contudo, apresenta traços que indicam serem cópias de textos mais antigos (CASTRO 1985:5), o que o faz ser tradicionalmente localizado na fronteira entre os séculos 13 e 14.

A versão utilizada foi editada por Castro et al. (1985) e apresenta com um total de 28.853 palavras, e foi cedida pelos editores. Sua versão digitalizada está disponível online⁴⁵ no *Corpus Informatizado do Português Medieval*, da Universidade Nova de Lisboa.

Crónica Geral de Espanha

Texto elaborado em 1.344 por Pedro Afonso, o Conde de Barcelos, nascido em 1.287. O manuscrito utilizado teve edição de Lindley Cintra (1951) revisitada por Sílvia Miranda (2013), e foi sintaticamente anotado por Sandra Pereira no âmbito do projeto Wochwel⁴⁶. O documento conta com um total de 133.258 palavras e foi utilizada uma versão integral do manuscrito L. A obra é uma grande síntese do conhecimento histórico transmitido por diferentes textos e foi escrita logo após a Batalha do Salado (1.340), entre cristãos e mouros, na qual os reinos ibéricos cristãos se uniram e derrotaram os muçulmanos. Nesse contexto, a crónica celebra a história hispânica e o papel do reino de Portugal durante a Reconquista.

A Demanda do Santo Graal

A Demanda do Santo Graal faz parte de um conjunto narrativo específico que se conhece por Matéria da Bretanha, da qual também faz parte o texto *José de Arimateia*, denominação tradicional dos textos literários da Grã-Bretanha e Pequena Bretanha, centrados no rei Artur e seus caveleiros.

⁴⁴ MARTINS, A. M., PEREIRA, S. & CARDOSO, A. Parsed José de Arimateia. CC. Licensed: Wochwel by Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2013-2015.

⁴⁵ <http://cipm.fcsh.unl.pt/corpus/>

⁴⁶ MARTINS, A. M., PEREIRA, S. & CARDOSO, A. Parsed José de Arimateia. CC. Licensed: Wochwel by Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2013-2015.

O texto utilizado é uma cópia do século 15, com 216.231 palavras. Sua data não é precisa, mas sabe-se que foi produzida durante o tempo de Duarte I, rei de Portugal e Algarve entre os anos de 1.433 e 1.438. O documento utilizado foi editado por Sílvia de Almeida Toledo Neto e sintaticamente anotado Ana Maria Martins, Sandra Pereira e Adriana Cardoso no âmbito do projeto Wochwel⁴⁷.

Ainda que a data de escritura dos textos seja, em sua maioria, conhecida, não sabemos quem são os autores de todos os documentos, muito menos a data de seus nascimentos. Contudo, mesmo que a precisão seja impossível, uma solução pode ser aplicada para sugerir a idade dos autores dos documentos. Medeiros (2015) propõe um cálculo que leva em consideração as datas de alguns dos textos da base Tycho Brahe para sugerir a idade que o autor do texto tinha quando produziu o manuscrito. Com base nisso, temos uma aproximação que permite a localização temporal de alguns autores. A tabela abaixo, de Medeiros (2015:121), mostra a média de idade dos autores dos textos do Corpus Tycho Brahe (em que foi possível inferir a idade do autor):

⁴⁷ MARTINS, A. M.; S. PEREIRA & A. CARDOSO. Parsed Demanda do Santo Graal. CC licensed: WOChWEL by Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2014-2015.

Autor	Nascimento	Documento	Data de escritura	Idade do autor	Média de idades
Dom João III	1502	Cartas	1524	22 anos	786 / 19 = 41
		Cartas	1525	23 anos	
		Cartas	1527	25 anos	
		Cartas	1531 ²⁰	29 anos	
		Cartas	1533 ²¹	31 anos	
Luis de Sousa	1556	A vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires	1619	63 anos	
José da Cunha Brochado	1651	Cartas	1696	45 anos	
		Cartas	1697	46 anos	
		Cartas	1698 ²²	47 anos	
		Cartas	1699 ²³	48 anos	
		Cartas	1700 ²⁴	49 anos	
		Cartas	1701 ²⁵	50 anos	
		Cartas	1702 ²⁶	51 anos	
		Cartas	1703	52 anos	
Cavaleiro de Oliveira	1702	Cartas	1736 ²⁷	34 anos	
		Cartas	1737 ²⁸	35 anos	
		Cartas	1738	36 anos	
Marquês de Fronteira e D'Alorna	1802	Memórias do Marquês de Fronteira e D'Alorna	1861	59 anos	
Marcelino Mesquita	1856	O Regente (peça de teatro)	1897	41 anos	

Tabela 3: Média de idade dos autores no Corpus Tycho Brahe (Medeiros 2015:121)

Como mostra a tabela acima, os autores analisados escreveram os documentos com uma idade entre 22 e 63 anos, sendo que os mais velhos, Marquês de Alorna (59 anos) e Luis de Sousa (63 anos), são autores de textos de memórias. Naturalmente, a janela entre a idade mais jovem e a mais velha é bastante larga, porém, ao somar todas as idades, foi possível alcançar uma idade média de 41 anos. Se nos baseássemos somente na média de idades de Marquês de Alorna e Luis de Sousa, autores de memórias, chegaríamos ainda mais à frente: 61 anos.

Utilizando a média proposta na tabela, calculamos também que, para maior segurança, seria recomendável uma margem de erro de 10 anos a mais e 10 anos a menos. Desse modo, a proposta de Medeiros (2015) sugere que o autor de um texto escrito em 1.344 teria nascido entre 1.293 e 1.313 – seria, portanto, um texto de final do século 13 a início do século 14. O autor da *Crónica Geral de Espanha*, texto de 1.344, é nascido em 1.287, portanto, tinha a idade de 57 anos quando produziu o documento. Na periodização tradicional, este manuscrito seria localizado no século 14 ao passo que na datação proposta por Galves et al (2006), seria um texto de fins

do século 13 – meio século de diferença. Assim, considerar a sugestão de Medeiros (2015) parece mais adequado do que considerar a data de escritura do documento.

Não obstante, como a proposta de Medeiros (2015) não é exata, para que se evitem generalizações incorretas, manteremos a datação tradicional, isto é, a data de escritura dos documentos, na computação dos dados. Entretanto, no Capítulo 8, quando se farão comparações entre os dados do português medieval, que serão apresentados no Capítulo 5, e do português clássico, levaremos em consideração a possível data de nascimento dos autores dos textos.

As informações acerca do *corpus* do português medieval utilizado nesta tese, assim como a idade aproximada dos autores, estão resumidas na tabela abaixo. Destaque-se que, somando-se todos os textos, o total de palavras do *corpus* é de 533.773.

Documento	Data de escritura	Autoria	Nasc. autor	Século (dat. tradicional)	Século (Galves et al 2006)	Nº de palavras	Total
Testamento de D. Afonso II	1.214	?	1.163-1.183 (aproximado)	Século 13	Século 12	1.433	155.431 palavras
Dos Costumes de Santarém	1.294	?	1.243-1.263 (aproximado)	Século 13	Século 13	5.437	
Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa	1.263 a 1.299	Johan Soarez, Gil Soarez, Johan Perez, Afonso Perez, Francisco Dominguez	1.212-1.232 a 1.248-1.268 (aproximado)	Século 13	Século 13	6.432	
José de Arimateia	1.191 – 1.202	?	1.161-1.171	Século 13	Século 12	142.129 palavras	
Crónica Geral de Espanha	1.344	Pedro Afonso	1.287	Século 14	Século 13	133.258	162.111 palavras
Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense	1.431-1.446 (cópia)	?	?	Século 15 (com traços dos séculos 13/14)	?	28.853	

Demanda do Santo Graal	1.433-1.438	?	1.382-1.402 a 1.387-1.407 (aproximado)	Século 15	Século 14/15	216.231	216.231 palavras
------------------------	-------------	---	--	-----------	--------------	---------	------------------

Tabela 4: Textos utilizados no corpus

Na tabela acima apresentamos os textos com suas respectivas datas de escritura e possível data de nascimento (com exceção do texto *Crónica Geral de Espanha*, cuja data de nascimento do autor é conhecida). Em alguns casos não foi possível identificar a autoria do documento, representado na tabela com um ponto de interrogação.

Além do *corpus* do português medieval, também utilizamos textos dos séculos 16 e 17, oriundos do *Corpus Tycho Brahe* (GALVES & FARIA 2010). A utilização destes textos se justifica na comparação entre os dados do português medieval, cuja apresentação será feita no Capítulo 5, e o português clássico, o que pretendemos fazer no Capítulo 8. Assim, traçado este objetivo, utilizamos como *corpus* secundário 8 textos de autores nascidos entre 1.502 e 1.675 (séculos 16 e 17), com um total de 334.283 palavras, os quais se encontram organizados na tabela abaixo.

Texto	Autor	Data de nasc.	Número de palavras	Código	Século
História da Província de Santa Cruz	Pero Magalhães Gandavo	1.502	22.944	G_008	16
Peregrinação	Fernão Mendes Pinto	1.510	47.580	P_001	16
Décadas	Diogo Couto	1.542	47.605	C_007	16
A vida de Frei Bertalomeu dos Mártires	Luis de Sousa	1.556	53.986	S_001	16
Gazeta	Manuel Galhegos	1.597	28.839	G_001	16
Sermões	Padre Antonio Vieira	1.608	53.855	V_004	17
Vida e morte de Madre Helena da Cruz	Maria do Céu	1.658	27.419	C_002	17
Vida do apóstolo Padre Vieira	André de Barros	1.675	52.055	B_001	17

Tabela 5: Textos utilizados no corpus adicional

Na seção seguinte apresentaremos o processo de edição e anotação dos textos, além da metodologia utilizada para a realização das buscas sintáticas com a ferramenta computacional *Corpus Search*.

4.2. Metodologia

4.2.1. Edição e anotação sintática do *corpus*

Com exceção dos textos da base Wochwel e do *Corpus Tycho Brahe*, alguns dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa foram submetidos ao processo de edição e anotação sintática, levando-se em consideração as normas utilizadas pelo *Corpus Tycho Brahe* (GALVES & FARIA 2010), a saber: *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, *Costumes de Santarém* e *Testamento de D. Afonso II*.

A primeira etapa da anotação do nosso *corpus*, a edição, se deu na estrutura do texto (quebras de linha, parágrafos, seções etc.). Após isso, foram feitas intervenções interpretativas variadas tais como atualização grafemática, expansão de abreviaturas, atualização ortográfica, entre outras. Essa etapa foi realizada em um processador desenvolvido para a edição filológica e a codificação linguística eletrônicas, o *eDictor* (PAIXÃO DE SOUSA, KEPLER & FARIA, 2013).

Primeiramente, os textos foram submetidos à edição a nível textual⁴⁸. Nessa fase os textos são inseridos no programa *eDictor* para a correção de uma série de aspectos, o que deve ser feito antes da fase de etiquetagem morfológica. No nosso caso, os textos já estavam digitalizados, portanto foi necessário apenas gerar uma versão para o programa. Feito isso, realizamos algumas normas de edição disponíveis no *eDictor*, tais como a *junção*, em que palavras que sofreram gramaticalização são unidas⁴⁹ de modo que, na análise morfossintática, sejam interpretadas como uma só; e a *ressegmentação*, utilizada para alterar a segmentação dos pronomes clíticos, quando se mostrou necessário, ou para dividir contrações para que determinados vocábulos fossem interpretados como duas unidades⁵⁰. Além disso, foram alterados determinados elementos gráficos, tais como maiúsculas em meio de sentença, bem como parênteses e outros caracteres desnecessários intermediando vocábulos. Em

⁴⁸ Normalmente a primeira etapa deste processo seria a transcrição dos textos, contudo, como os textos utilizados nesta pesquisa já estavam digitalizados, isso não se fez necessário.

⁴⁹ Por exemplo, foram juntados elementos como “de pos” (depois) para que fossem interpretados como uma única unidade, “depois”.

⁵⁰ Por exemplo, “d'homem” foi segmentado em “do homem”.

relação à modernização da grafia, optamos por deixar o texto na grafia parcialmente original, fazendo a modernização somente nos casos de gramaticalização, como explicitado acima, assim como nas palavras em que havia dois elementos acoplados, tais como preposições e pronomes (dela), preposições e determinantes (pela), preposições e demonstrativos (disto, daquilo), verbos e clíticos (encontrá-la), verbos e o clítico *se* (faz-se), de modo a otimizar o trabalho do *parser*⁵¹. Para mais informações sobre o processo de edição, conferir o manual de edição do *Corpus Tycho Brahe*, disponível online⁵².

O segundo momento da edição consiste na etiquetação morfossintática, que consiste na identificação e codificação das classes de palavras do texto. Nessa etapa, após a primeira edição, deve-se gerar um documento XML que é etiquetado morfologicamente de forma automática. Além de gerar automaticamente o arquivo anotado, nessa etapa foi necessário corrigir as imprecisões que restaram. O analisador automático, também chamado de “etiquetador”, afixa as siglas convencionadas para as classes morfossintáticas a cada palavra como se fossem “etiquetas”, com a sintaxe palavra/ETIQUETA, como se observa na figura abaixo. Para mais detalhes sobre o processo de etiquetação automática, cf. Paixão de Sousa (2014) e o manual morfológico disponível na página do *Corpus Tycho Brahe*⁵³.

⁵¹ A ferramenta de análise linguística automática não é capaz de manipular de forma satisfatória textos que apresentem padrões muito amplos de variação nas grafias.

⁵² <http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/Manual.html>

⁵³ <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/manual/pos2016.html>

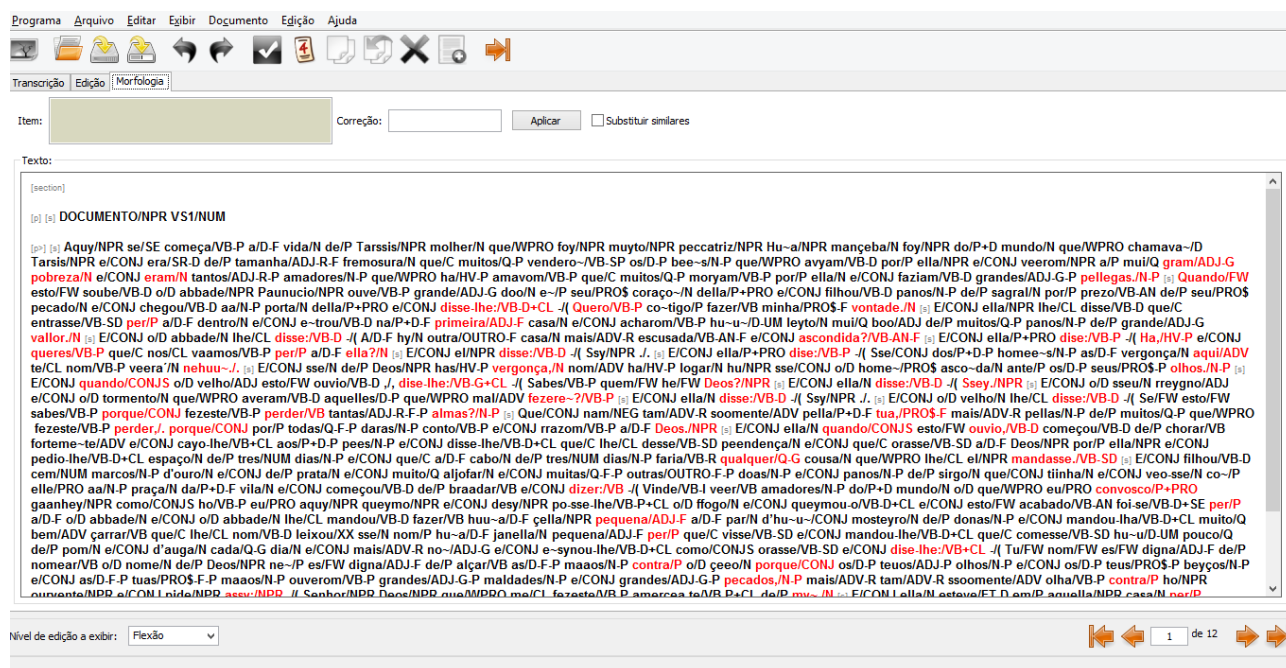


Figura 3: Edição morfológica no eDICTOR

A última etapa antes da busca nos textos é a anotação sintática. O *parser* utilizado pelo Projeto Tycho Brahe foi desenvolvido por Bikel (2004) no âmbito do sistema Penn-Treebank (2014). De acordo com Paixão de Sousa (2014), trata-se de um analisador probabilístico com aprendizado parcialmente supervisionado, isto é, do mesmo modo do etiquetador morfofossintático, o *parser* identifica padrões consistentes e recorrentes em um *corpus* de treinamento e, em seguida, calcula a probabilidade da recorrência desses padrões em novos textos. O resultado da análise automática das primeiras rodadas é então corrigido por um pesquisador, reenviado ao *parser* e assim sucessivamente, até que o reconhecimento da máquina se aprimore; o objetivo final é obter uma boa anotação automática simplesmente a partir de um texto etiquetado. O resultado do *parseamento* do texto gera árvores sintáticas como as ilustradas abaixo.

```

( (IP-MAT (NP-SBJ (D-UM-F Hu~a)
                  (N man~eba)
                  (CP-REL *ICH*-1))
  (SR-D foy)
  (PP (P d@)
      (NP (D @o) (N mundo))))
  (CP-REL-1 (WNP-2 (WPRO que))
    (IP-SUB (VB-D chamava~)
      (IP-SMC (NP-SBJ *T*-2)
        (NP-ACC (NPR Tarsis))))))
  (ID VIDASSANTOS_SPL,1.3))

( (IP-MAT (CONJ e)
  (NP-SBJ *exp*-2)
  (SR-D era)
  (PP (P de)
      (NP-2 (ADJ-R-F tamanha)
        (N fremosura)
        (CP-DEG (C que)
          (IP-SUB (IP-SUB (NP-SBJ (Q-P muitos))
            (VB-D vendero~)
            (NP-ACC (D-P os)
              (N-P bee~s)
              (CP-REL (WNP-1 (WPRO que))
                (IP-SUB (NP-ACC *T*-1)
                  (HV-D avyam))))))
          (PP (P por)
            (NP (PRO ella))))))
      (CONJP (CONJ e)
        (IP-SUB (VB-D veerom)
          (PP (P a)
            (NP (ADJP (Q mui) (ADJ-G gram))
              (N pobreza)))))))))

```

Figura 4: Árvore sintática

Especialmente para o português medieval, uma gramática com a qual o parser não está habituado, foi necessária uma exaustiva correção manual dos textos, para que a anotação estivesse mais acurada. Para a correção da anotação nos textos foi utilizado o programa *Corpus Draw*, que permite a visualização de árvores sintáticas criadas com base nas etiquetas morfológicas geradas na etapa anterior, como ilustrado na imagem abaixo.

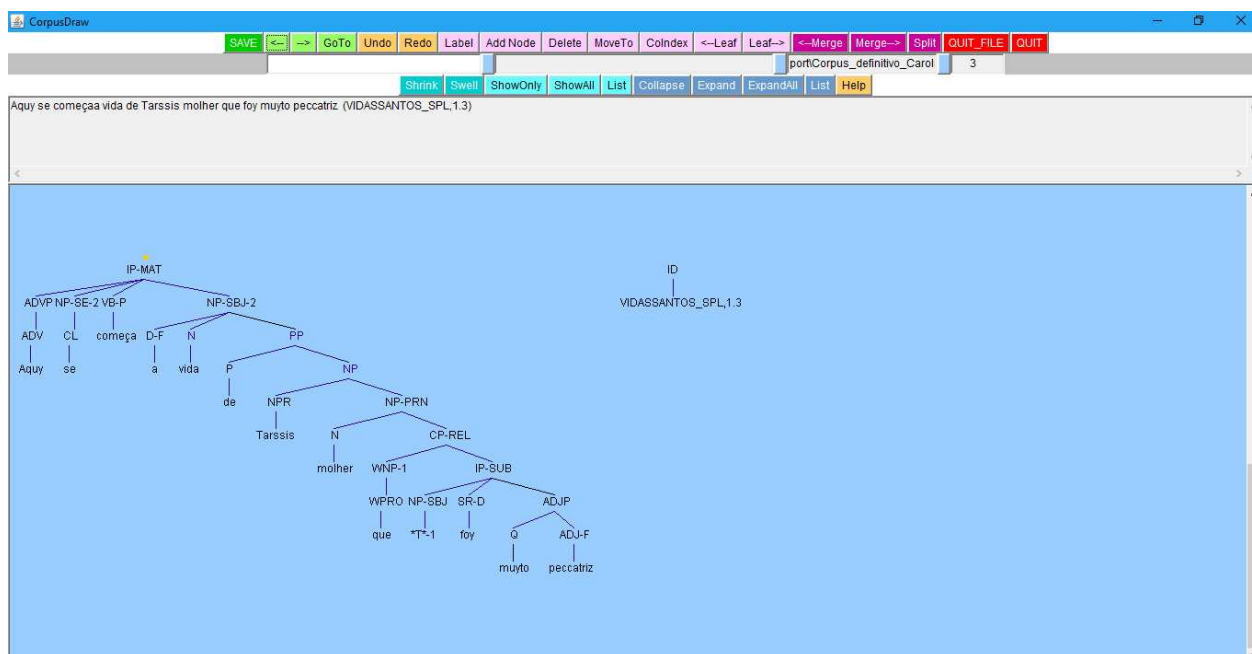


Figura 5: Visualização no Corpus Draw

A etapa de correção no *Corpus Draw* é muito importante, pois é com base nas sentenças geradas após a correção que serão feitas as buscas nos documentos. Utilizando-se da ferramenta é possível mudar etiquetas morfológicas e alterar as relações entre constituintes, assim como segmentar ou unir orações. Nessa etapa também são inseridos vestígios e categorias vazias, cujas etiquetas devem estar visíveis para que possam ser encontradas pelo sistema de buscas. A correção da anotação sintática foi feita com base no *Portuguese Syntactic Annotation Manual* (MAGRO, GALVES & CARRILHO 2016). Após essa etapa final de correção, as buscas podem ser realizadas. Trataremos deste assunto na seção seguinte.

4.2.2. Buscas no Corpus Search

Todo o trabalho de edição e anotação dos textos, que demandou considerável tempo, é justificado em seu objetivo final: possibilitar a pesquisa fundamentada na anotação sintática. Uma vez desenvolvida a busca, seu resultado é obtido em questão de segundos, implicando rapidez na pesquisa, bem como maiores possibilidades na obtenção dos dados. Além disso, uma grande vantagem da busca em *corpora* anotados é a possibilidade de voltar nos dados e realizar novas buscas sempre que necessário, sem que esta seja uma tarefa custosa.

As buscas realizadas nos textos sintaticamente anotados são realizadas por meio do programa *Corpus Search* (RANDAL ET AL., 2009), que envolve uma gramática compatível com a anotação do *corpus*, isto é, que reconhece seus nós raiz (como IP-MAT, NP-SBJ, NP-ACC, PP etc.), bem como seus elementos lexicais (N, P, D etc.). Além disso, é capaz de identificar padrões de combinação entre esses nós por meio de operadores indicativos da posição relativa entre os elementos (precedência, precedência imediata etc.). Desse modo, uma busca compatível com o *Corpus Search* seria como a ilustrada abaixo, cujo objetivo é buscar orações com ordem VS com algum constituinte precedendo o verbo.

```
define: port.def
print_indices: t
node: IP*

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
AND (X HasSister tns_vb2)
AND (X precedes tns_vb2)
AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
AND (tns_vb2 precedes NP-SBJ*)
AND (IP-MAT* idoms !NEG)
```

A busca ilustrada acima pode ser lida como: “considerando as orações matrizes, a nível de IP, procure as que contenham um ou mais constituintes que ocupem a posição anterior ao verbo, dentro das limitações definidas para essa

categoria⁵⁴, e que estejam obrigatoriamente contíguos ao verbo, sendo o sujeito posposto e excluindo-se as frases que contenham negação”. Essa busca, bem como todas as utilizadas nesta pesquisa, além do arquivo de definições no qual foram baseadas, encontram-se nos anexos desta Tese. Para acessar as buscas, cf. Anexos 2 e 3; para ver o arquivo de definições, cf. Anexo 1.

As buscas podem ser realizadas texto a texto ou podem ser feitas em vários textos simultaneamente. Por exemplo, em nosso *corpus* foi possível rodar diferentes buscas em 7 diferentes textos simultaneamente, o que demorou apenas alguns segundos. Uma vez feitas as buscas, temos acesso a um arquivo onde se encontram todos os casos solicitados, bem como seu total texto a texto, como exemplifica a figura abaixo, em que é possível ver os totais de sentenças e a quantidade de dados encontrados em cada texto, bem como o número total de sentenças⁵⁵ no *corpus*.

```
SUMMARY:
source files, hits/tokens/total
\CrônicasdeEspanha_séc14_2.txt 107/103/3100
\cs1294_psd.txt 15/13/301
\demanda-completa.txt 442/434/12436
\José-Arimateia.txt 316/302/6438
\Legal_docs_CHE.psd 3/3/134
\Test.D.Afonso.1214_psd.txt 2/2/45
\VidasSantos-séc14.txt 3/3/462
whole search, hits/tokens/total
888/860/22916
*/
```

Figura 6: Resultado de buscas simultâneas

Na imagem acima, vemos que o total de sentenças buscadas foi de 22.916, sendo que o resultado da busca retornou 888 hits e 860 tokens. Acima dos valores totais é possível observar o total de sentenças buscadas em cada documento, bem como os hits e tokens obtidos em cada texto.

⁵⁴ Para todas as buscas é necessário que haja um arquivo de definição para as categorias analisadas. Por exemplo, a definição de *tns_vb2* utilizada nesta pesquisa considera que a categoria “verbo” seja composta apenas por verbos flexionados, excluindo-se o verbo *ser*.

⁵⁵ O *Corpus Search* diferencia *hits* e *tokens*. Os *hits* podem ser descritos como o número de nós distintos contendo a estrutura procurada; *tokens* podem ser entendidos como o número de elementos independentes analisados nos quais houve ocorrências do item buscado. Para mais detalhes, cf. [http://corpussearch.sourceforge.net/CS-manual/Understand Output.html#tokens](http://corpussearch.sourceforge.net/CS-manual/Understand%20Output.html#tokens).

A realização das buscas feitas nesta pesquisa foi feita com o apoio do *Portuguese Syntactic Annotation Manual* (MAGRO, GALVES & CARRILHO 2016). Além disso, vale destacar que, uma vez que um dos nossos objetivos é comparar os dados do português medieval com os do português clássico, mais especificamente os apresentados em Galves (a sair), utilizamos as mesmas buscas realizadas por Galves (a sair) em seu trabalho⁵⁶, com o intuito de produzir uma comparação mais consistente, o que será feito no Capítulo 8.

Em relação à metodologia adotada nas buscas, seguindo Galves (a sair), vale destacar que algumas decisões foram tomadas. A primeira delas se refere aos pronomes clíticos. No português este tipo de pronome é adjungido ao verbo como um núcleo e, por esse motivo, em nossa análise não conta como elemento pré-verbal para a computação da posição do verbo. As conjunções coordenativas também não foram consideradas uma posição pré-verbal, por não serem sintagmas, mas elementos de outra natureza. Assim, as conjunções coordenativas *e* e *mas* não foram levadas em consideração para a computação da posição do verbo. Foram consideradas somente as sentenças em que a conjunção coordenativa é imediatamente seguida do verbo, licenciando ordens de tipo V1. Do mesmo modo, conjunções coordenativas não serão levadas em consideração na computação de orações V2.

Além disso, destaque-se que foram excluídas das buscas as orações contendo negação. Tal decisão foi puramente metodológica, visto que a negação se mostrou problemática na definição das ordens. Além disso, não foram computadas sentenças com o verbo *ser*, devido ao fato de nem sempre ser possível depreender se o elemento que ocupa a primeira posição é um sujeito ou um complemento em orações com a configuração NP + *ser* + NP. Os resultados das buscas realizadas no *corpus* do português medieval através da ferramenta *Corpus Search* serão apresentados no capítulo a seguir.

⁵⁶ A pesquisa de Galves (a sair) se baseia em orações declarativas matrizes. O restante das buscas realizadas nesta Tese foi feito com base nas informações do *Portuguese Syntactic Annotation Manual*.

Capítulo 5 – Apresentação dos resultados

O objetivo deste capítulo é apresentar de forma descritiva os resultados obtidos nas buscas feitas no *corpus* do português medieval por meio da ferramenta *Corpus Search*. Destaque-se que neste capítulo não apresentaremos os resultados das buscas feitas no *corpus* de apoio, do português clássico – estas serão apresentadas no Capítulo 8, uma vez que nosso objetivo é utilizá-las somente como ponto de comparação com os dados apresentados no presente capítulo.

Como explicitado no capítulo anterior, destaque-se que, para otimizar a recuperação automática dos dados, foram excluídas sentenças contendo negação e o verbo *ser*. Em relação ao tipo de elemento que conta como posição pré-verbal, desconsideramos os pronomes clíticos e as conjunções coordenativas, portanto estes elementos não contam como um elemento pré-verbal na computação da posição do verbo.

O capítulo está organizado em duas seções: dados de orações matrizes e de orações subordinadas. Cada seção apresenta os dados de acordo com a posição do verbo: V1, V2 e V>2. Além disso, também serão apresentados os resultados de buscas relacionadas ao fenômeno da interpolação; ainda que não seja nosso objetivo discutir a derivação do fenômeno na periferia esquerda da sentença tampouco relacioná-lo ao efeito V2 no português, tais dados trazem fortes evidências do caráter *simétrico* do português medieval, como veremos no Capítulo 6.

5.1. Sentenças matrizes V1, V2 e V>2 no português medieval

5.1.1. O padrão V2

O resultado das buscas para as sentenças matrizes afirmativas com verbo em segunda posição indica que são vários os tipos de constituintes que podem aparecer à esquerda do verbo no português medieval, como é possível observar na amostra abaixo.

- NP ou DP sujeito

(39) **Ella voava** e estava ante my~, ataa o tenpo que a horaçõ do bispo leyxa estar os cathecumynos (...) (VIDASSANTOS_SPL,5.136; *Vidas de Santos*, século 14).

- NP ou DP objeto

(40) **E a arvore tinham os herdeiros d' Adam** em muita veneraçõ (JAR74,.41; *José de Arimateia*; século 13)

- DPs anafóricos (demonstrativos)

(41) **Esto quero eu** melhor saber por ueer as grandes auenturas e millagres que Deos por ti fara. (DSG05,.12; *Demanda do Santo Graal*, século 15)

- ADVP

(42) **E desy tornousse el rey dom Ramiro** pera sua terra muy honrrado. (CGE315,.6; *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

- NP deslocado à esquerda

(43) **Aquel moymento querria eu ueer**, disse Gallaaz. (DSG57,.19; *Demanda do Santo Graal*, século 15)

- PP

(44) **E em esse anno morreu o papa Johãne** e poserom em seu lugar Be~eto, o quarto, e forom com elle çento e dez e sete apostolligos. (CGE307,.11; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

- PP deslocado à esquerda

(45) **Da outra meiadade solten ende primeiramente todas mias devidas** e do que remaser fazem ende tres partes e as duas partes agiã meus filios e mias filias e repartam-se entre eles igualmente. (TDA1214_SPL,1.14; *Testamento de Don Afonso, século 13*)

- PP adjunto

(46) **E por seer mays firme mãdou o conuêto** poer y seu segelo. (CHE1273B,.9; *Documentos do Noroeste e região de Lisboa, século 13*)

- NP/DP quantificado

(47) **Todo o meu quinto quero** dar a este logar. (CGE327,.32; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

- Oração reduzida de participio

(48) **Passados tres annos do reynado deste rey dõ Ramiro, ajuntou el sua hoste** muy grande e foi entrar per llo reyno de Tolledo; e cercou Madride e quebrantou os mouros e roubou toda a villa e queymou-ha e levou muytos mouros cativos. (CGE310,.4; *Demanda do Santo Graal, século 15*)

- Oração reduzida de gerúndio

(49) **E, estando elle e~ ãamora ajuntando sua hoste pera lhes correr a terra, veo lhe recado** como seu irmão dom Afonso era saído da horden, ca, e~ verdade, assi como se elle metera e~ ella com liviidade, bem assi se saya outrossy della com pouco siso. (CGE307,.8; *Crónica Geral de Espanha, século 14*)

- Oração dependente

(50) **E, quando morreo seu padre, forom os cavalleiros** por elle aa montanha onde o cryavõ e trouxerõ-no pera Burgos; e veeo com elle seu amo, a que ele depois fez muyto be~. (CGE323,.10; *Crónica Geral de Espanha, século 14*)

Os objetos fronteados não são muito frequentes no *corpus*, representando 11% dos resultados de construções V2 não SV (252 ocorrências em 2.316 dados de XVS em todo o *corpus*). Não obstante, isso é consistente com Holmberg (2015), segundo o qual todas as línguas V2 permitem o fronteamento de objetos como uma opção marcada. Como veremos com mais detalhes na seção a seguir, os tipos de objeto que aparecem à esquerda do verbo podem desempenhar diferentes papéis informacionais na sentença, o que está de acordo com Benincà (2004), que atesta que nas línguas românicas medievais os objetos fronteados podem apresentar diferentes interpretações, podendo ser um foco enfático ou não-marcado ou um tema relevante ou anafórico.

Os dados de ordens com verbo na segunda posição da sentença representam um total de 60% do *corpus* (11.260 em um total de 18.726 sentenças). No século 13, as ordens V2 somam 62,5% total dos dados para este século (4.039 em um total de 6.438 frases); no século 14 o percentual de V2 é de 60,5% (1.530 orações em um total de 2.523) e no século 15 é de 58% (5.640 em um total de 9.668 sentenças). Os dados mostram que o verbo em segunda posição linear é a ordem dominante no português medieval, sendo pouca a variação entre os séculos. Em relação à posição do sujeito, observamos uma grande variação entre XV(S) e SV. A seguir vejamos a proporção

de dados de sentenças matrizes com verbo em segunda posição em cada texto, assim como uma amostra dos casos encontrados.

Testamento de D. Afonso

Neste documento foram encontradas 4 sentenças de tipo V2 num total de 12 frases declarativas afirmativas, o que representa 33,5% do texto. Destas, 1 é de tipo VS e 1 de tipo SV; 2 são com sujeito nulo. Em relação ao elemento que ocorre à esquerda do verbo, temos 1 oração de tipo SV e 3 de tipo XV.

(51) Da outra meiadade solten ende primeiramente todas mias devidas e do que remaser fazam ende tres partes e **as duas partes agia~ meus filios e mias filias** e repartam-se entre eles igualmente. (TDA1214_SPL,1.14; *Testamento de D. Afonso II, século 13*)

(51) **E os meus riquos omees dem-nos a meu filio ou a mia filia** que no meu logar ouuer a reinar quando ouuer reuora, assi como os daria~ a mi. (TDA1214_SPL,2.38; *Testamento de D. Afonso II, século 13*)

(52) **Primeiramente ma~do** que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu reino entegramente e en paz. (TDA1214_SPL,1.3; *Testamento de D. Afonso II, século 13*)

(53) **Outrossi ma~do daqueles** que mia ma~da an a departir ou todas aquelas cousas que suso su~ nomeadas que si todos no~ se podere~ assunar ou no~ quiserem ou descordia for entre eles ualia aquilo que ma~dare~ os chus muitos per no~bro. (TDA1214_SPL,2.31; *Testamento de D. Afonso II, século 13*)

Costumes de Santarém (1.294)

Nos *Costumes de Santarém* encontramos 19 sentenças V2 (70%) em um total de 27. Destas, 1 é de tipo XV e 17 são de tipo SV; somente 1 é com sujeito nulo. Assim, 17 apresentam sujeito pré-verbal e 2 são consideradas XV.

(55) **O Alcayde con os Aluazi'j's deue~** a ffazer os porteyros.

(CS1294_SPL,3.88; *Costumes de Santarém; século 13*)

(56) **Os vezinhos de ffora leue~** as uendas ao açougue.

(CS1294_SPL,4.101; *Costumes de Santarém; século 13*)

Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa

Em um total de 61 sentenças analisadas foram encontradas 22 com ordem V2 neste documento, sendo 8 frases com ordem SV e 14 com ordem XV, das quais 10 são com sujeito nulo.

(57) **Porem aiades uos e todos uossos successores** os ditos bães e erãças pera todo sempre e façades deles e em eles toda uossa uoõtade assy come de uossa propria possisom. (CHE1291,.7; *Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa; século 13*)

(58) **En testemõyo da qual cousa fazemos** ende esta carta seelar dos seelos de mj prioressa e do conuêto sobreditos. (CHE1285,.6; *Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa; século 13*)

(59) **E eu Ffernã Yohanes dauãdicto recebo** a dauãdicta vina so as condições dauãdictas e oblige per quanto ey mouil e raiz a pagar a dauãdicta dona e moesteyro os dictos dineyros ao termjo dauãdicto. (CHE1273A,.6; *Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa; século 13*)

José de Arimateia

Este texto, o mais extenso do *corpus* e o único narrativo do século 13, apresenta resultados bastante distintos do que foi exposto acima. Em um total de 6.438 frases, 4.039 são V2 (62,5%). Destas foram levantadas 925 com sujeito posposto, 1.451 com sujeito pré-verbal e 1.663 com sujeito nulo. Neste texto foram atestados 2.588 casos de elementos diferentes do sujeito à esquerda do verbo e 1.451 casos de sujeito pré-verbal.

(60) **E então começou a esclarecer** pouco a pouco, assi que o sol veio em a sua primeira claridade, e depois veio um cheiro que todos os bõos cheiros passava. (JAR06,.8; *José de Arimateia; século 13*)

(61) **Este cantar entendi eu bem**, mas de todo o outro nom entendi eu nada. (JAR06,.12; *José de Arimateia; século 13*)

(62) **As vozes cantaram** bem sete vezes em esta maneira. (JAR06,.14; *José de Arimateia; século 13*)

(63) **Todas estas bondades tinha**. (JAR16,.8; *José de Arimateia; século 13*)

Em resumo, no século 13 foi possível observar que os documentos não narrativos – os Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa e o Testamento de D. Afonso – têm comportamento semelhante em relação à quantidade de V2 no *corpus*, com uma proporção próxima dos 30%, sendo XV mais frequente que SV. Já José de Arimateia, um texto narrativo, apresenta 62,5% de orações com verbo em segunda posição (4.039 em 6.438); destas 2.588 apresentam um elemento não sujeito fronteado (64% dos casos). Em relação ao texto *Costumes de Santarém*, consideramos este um texto *híbrido* – nem narrativo nem não narrativo –, uma vez que seu estilo mescla elementos dos dois tipos. Sua sintaxe se assemelha à de um texto narrativo, com 70% de ocorrências de orações com ordem V2 (19 em um total de 27), mas com preferência para o sujeito pré-verbal. Não obstante, a confiabilidade estatística desse texto é relativa, devido a seu tamanho reduzido.

Somando todas as ocorrências de V2 no século 13, chegamos aos seguintes números, organizados na tabela abaixo:

	V2-VS	V2-SV	V2 pro	Total
Século 13	931 / 23%	1.483 / 36%	1.676 / 41%	4.090 / 100%

Tabela 6: Distribuição de V2 no século 13, em relação ao sujeito.

Os dados da tabela acima mostram que no século 13 foi coletado um total de 4.090 sentenças. Em relação à posição do sujeito, 931 (23%) apresentam ordem VS, 1.483 (36%) apresentam ordem SV e 1.676 (41%) apresentam sujeito nulo. Com base em Cavalvante et al. (2015), os dados indicam uma preferência para a ordem XV (64% dos dados), contra 36% de SV, uma evidência em favor de uma análise V2 para o português medieval.

Crónica Geral de Espanha

Na *Crónica Geral de Espanha* foi levantado um total de 1.462 sentenças de tipo V2, que somam 61,5% das orações analisadas neste documento. Destas, 354 (24%) são de tipo VS, 500 (34%) são de tipo SV e 608 (42%) apresentam sujeito nulo, portanto 66% de ordens são de tipo XV e 34% de tipo SV.

(63) **E em esse anno morreu o papa Johãne** e poserom em seu lugar Be~eto, o quarto, e forom com elle çento e dez e sete apostolligos. (CGE307,.11; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(64) **Este rey dom Afonso, o quinto, casou** com hu~a dona que avya nome dona Xemená e ouve della huu filho que chamaron dõ Ordonho, o Maao; e matarõno em a cerca de Cordova. (CGE305,.7; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(65) E tanto mayor honrra damos a nosso senhor. (CGE348,.14; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense

Neste documento foi levantado um total de 66 sentenças com verbo em segunda posição, representando 44,5% do texto. Destas, 13 (20%) são com sujeito posposto e 53 (80%) com sujeito pré-verbal. Não foram encontradas sentenças com sujeito nulo neste documento, o que o torna um tanto atípico.

(66) **E ally vy eu** estar meu padre que veo a my~. (VIDASSANTOS_SPL,3.81; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

(67) **Ella voava** e estava ante my~, ataa o tenpo que a horaço~ do bispo leyxa estar os cathecumynos. (VIDASSANTOS_SPL,5.136; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

Os dados levantados no século 14 não são simétricos: na Crónica a ordem V2 soma mais da metade dos dados (61,5%) ao passo que nas Vidas de Santos o total é de 44,5%. Neste texto há uma clara preferência para SV e nenhuma ocorrência de sujeito nulo. Na Crónica essa proporção é mais equilibrada e há sujeitos nulos que somam, inclusive, quase metade dos dados de V2. Essa assimetria mostra o efeito do gênero textual nos resultados; é preciso estar atento ao tipo de texto que se utiliza como base da pesquisa e evitar conclusões absolutas, especialmente quando a análise é feita a partir de um único documento. O total de dados do século 14 está exposto na tabela abaixo.

	V2-VS	V2-SV	V2 pro	Total
Século 14	369 / 24%	553 / 36%	608 / 40%	1.530 / 100%

Tabela 7: Distribuição de V2 no século 14, em relação ao sujeito.

Em termos gerais, no século 14 foi levantado um total de 1.530 dados, dos quais 553 (36%) apresentam sujeito pré-verbal, 369 (24%) apresentam sujeito posposto e 40% são com sujeito nulo. Em relação ao elemento que ocorre à esquerda

do verbo, em 36% dos casos estes são sujeitos e em 64% dos casos é um sintagma de outra natureza.

Demanda do Santo Graal

O resultado das buscas neste texto do século 15 trouxe 5.636 sentenças de tipo V2, representando 58% do documento, das quais 1.012 (18%) são de tipo VS, 1.985 (35%) são de tipo SV e 2.639 (47%) são com sujeito nulo, isto é, 35% das ordens são de tipo SV e 65% das ocorrências são de tipo XV. Na Demanda há uma clara preferência para orações com sujeitos nulos, seguidas das ordens com sujeito pré-verbal.

(68) **Aquella nocte ficou Lançalot** ally e fez Gallaaz uigillia em a igreja.

(DSG05,.3; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(69) **Ella começou a catar** de hua parte e de a outra pollo paaço. (DSG01,.6;

Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14)

(70) **E esto ueras** per ti en esta demanda. (DSG43,.20; *Vidas de Santos de um*

Manuscrito Alcobacense; século 14)

A tabela abaixo resume o total de dados com ordem V2 encontrado no século 15.

	V2-VS	V2-SV	V2 pro	Total
Século 15	1.016 / 18%	1.985 / 35%	2.639 / 47%	5.640

Tabela 8: Distribuição de V2 no século 15, em relação ao sujeito.

Em geral, observamos que a ordem V2 é bastante frequente em todos os séculos, ainda que haja alguma variação entre os textos. Em relação ao tipo de sujeito que ocorre nos contextos V2 – posposto, preverbal e nulo –, os dados variam muito pouco de século para século, como mostra a tabela abaixo.

	V2-VS	V2-SV	V2 pro	Total
Século 13	931 / 23%	1.483 / 36%	1.676 / 41%	4.090 / 100%
Século 14	369 / 24%	553 / 36%	608 / 40%	1.530 / 100%
Século 15	1.016 / 18%	1.985 / 35%	2.639 / 47%	5.640 / 100%
Total	2.316 / 20,5%	4.021 / 35,5%	4.923 / 44%	11.260 / 100%

Tabela 9: Distribuição de V2 nos séculos 13, 14 e 15, em relação ao sujeito.

As taxas relativas ao tipo de sujeito que ocorre nos contextos V2 é mais ou menos equilibrada ao longo dos séculos. As ordens V2 com sujeito posposto são mais frequentes e praticamente idênticas nos séculos 13 e 14, somando 23% e 24%, respectivamente. No século 15 há uma leve queda, chegando aos 18%. Em relação aos contextos V2 com sujeito pré-verbal, praticamente não há variação ao longo dos séculos, se mantendo na casa dos 35%. As taxas de sujeito nulo também são praticamente idênticas nos séculos 13 e 14 – 41% e 40% respectivamente –, passando a 47% no século 15. Ao levar em consideração o tipo de elemento frontado – sujeito ou um outro elemento qualquer – observa-se que o português medieval apresenta um comportamento homogêneo em todos os períodos: nos séculos 13 e 14 a taxa de XV (relativa à SV) é de 64%, enquanto no século 15 é de 65%.

O frontamento de XPs não sujeitos, particularmente o de objeto, é apontado em diversos trabalhos (cf., por exemplo, Ribeiro 1995, Torres Morais 1995, Holmberg 2015) como uma evidência em favor de V2. Por esse motivo, na seção a seguir serão apresentados os contextos de V2 com frontamento de objeto encontrados em nosso *corpus*, onde apresentaremos em mais detalhes o tipo de objeto que ocorre à esquerda do verbo.

5.1.1.2. OVS

Entre as configurações possíveis no âmbito de V2, a com frunteamento de objeto merece atenção especial. Como vimos na seção anterior, os casos com ordem tipo OVS somam 11% dos dados de XVS, e sua ocorrência é uma evidência em favor de V2, uma vez que esse tipo de gramática em geral permite o frunteamento de objetos como uma opção marcada (HOLMBERG 2015).

Em relação ao tipo de objeto que aparece frunteado, observamos casos de demonstrativos, que são a maioria, além de NP/DP objeto, quantificador e sintagmas formados por um quantificador e um demonstrativo.

- Demonstrativo

(71) **E esso meesmo faziã todollos outros** da sua parte. (CGE329,.33; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(72) **Esto todo conhecerom todos os da cidade de Anthiochia** (VIDASSANTOS_SPL,10.254; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

(73) **Esto quero eu melhor saber** por ueer as grandes auenturas e millagres que Deos por ti fara. (DSG05,.12; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

- DP objeto

(74) **Grande bem vos querya o conde**, ca erades seu alcayde mayor! (CGE376,.40; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(75) E, quando Lançaloc uiu estes ij colbes, dise en seu coração: - **Uerdade dizia Gaeriet**. (DSG553,.18; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(76) **Vós amava vossa madre** mais que nem huu de vossos irmãaos. (CGE376,.82; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(77) **E Gualaaz conhiçã elles** ja muyto bem. (DSG216,.4; *Demanda do Santo Graal*, século 15)

- DP quantificado

(78) E entom disse: - Louvado seja sempre o nome de Deus e **muitas graças lhe dou eu** do bem e mercee que me fez, ca agora seera solto o meu sonho, ca beverey do sangue deste treedor. (CGE379,.120; *Crónica Gera de Espanha*; século 14)

- Quantificador

(79) **Muyto sabia esse homem** (JAR87,.17; *José de Arimateia*, século 13)

Uma análise da distribuição do tipo de objeto fronteadado nos textos mostrou que os pronomes demonstrativos representam a maioria dos objetos fronteados, somando 71% dos casos no *corpus*. No século 13 a proporção é de 82% de objetos demonstrativos contra 18% de objetos não demonstrativos. No século 14 essa proporção é de 61% para 39% e no século 15, de 77% para 23%. Em relação ao tipo de pronome demonstrativo que ocorre à esquerda do verbo, são recorrentes *isso*, *isto*, *aquele*, *esta* e demais declinações. A tabela abaixo resume os dados relativos à distribuição dos objetos fronteados.

	O_{DEM}VS	O-DEMVS	Total
Século 13	76 / 82%	17 / 18%	93 / 100%
Século 14	17 / 61%	11 / 39%	28 / 100%
Século 15	73 / 77%	22 / 23%	95 / 100%
Total	166 / 71%	86 / 29%	252 / 100%

Tabela 10: Fronteamento de objeto nas orações matrizes nos séculos 13, 14 e 15.

Merece destaque o fato de que no século 13 só foram levantados casos de OVS com demonstrativo no texto *José de Arimateia*, um texto narrativo. No geral, em todos os séculos a proporção de fronteamento de objeto com pronome demonstrativo é mais alta do que com objetos de outra natureza. Nossos dados corroboram o trabalho de Andrade & Galves (2018), que também computam uma alta ocorrência de

pronomes anafóricos em textos do português antigo. Como veremos no Capítulo 8, a distribuição de pronomes demonstrativos é uma diferença fundamental entre a gramática do português medieval e a do português clássico, em que estes ocorrem de maneira marginal (cf. Andrade & Galves 2018 e Capítulo 8).

5.1.2. V1

Em geral trabalhos que argumentam contra uma análise V2 para o português antigo afirmam que esta não poderia ser uma língua V2 estrita, dada a ocorrência de ordens V1 e V>2 (cf. Fiéis, 2007; Sitaridou 2012, entre outros). No entanto, outros estudos argumentam que a presença de ordem V1 não descarta a possibilidade de uma gramática V2 menos rígida (cf. Joitteau 2010; Wolfe 2015a, 2015b; Galves a sair).

De fato, esse tipo de ordem é bastante comum no português medieval. No *corpus* utilizado nesta pesquisa foram encontrados 3.920 casos de V1 absoluto, dos quais 2.603 são sentenças com um sujeito lexical pós-verbal (66,5%) e 1.317 (33,5%) são sentenças com sujeito nulo. Os exemplos abaixo ilustram os dois tipos de V1 encontrados:

(80) **Mando** ainda que a raina e meu filio ou mia filia que no meu logar ouuver a reinar se a mia morte ouuver reuora e meus uassalos e o abade de Alcobaza sem demorancia e sen contradita lis den toda mia meiadade e todas as dezimas e as outras cousas suso nomeadas e eles as departia~ assi como suso e nomeado. (TDA1214_SPL,2.32; *Testamento de D. Afonso; século 13*)

(81) **Via em sua camara ua cama** (JAR37,.10; *José de Arimateia; século 13*)

(82) **Começa-sse a sua estorya**. (CGE305,1.3; *Crónica Geral de Espanha, século 14*)

(83) **Sairom elles do castello** e nom se alongarõ tres treitos de beesta quando pedio Dalides suas armas. (DSG75,.3; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

Além das sentenças com V1 absoluto, em acordo com o que foi explicitado na introdução deste capítulo e no Capítulo 4, foram também computadas orações com conjunção à frente do verbo. Assim, foram consideradas, ainda, 802 sentenças, sendo 355 (44%) com a ordem Conj V S e 447 (56%) com a ordem Conj V S-nulo, como mostram os exemplos abaixo.

(84) **e diz a estorya** que este moesteiro he o de Sam Fagundo. (CGE306,.9; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(85) **E hyã hi cõ elle muytos e bõos cavalleiros** de Burueva e de Tervinhõ e, de Castella a Velha, muytos cavalleiros. (CGE341,.11; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(86) **E forom com a donzella dous caualeyos e duas donzellas.** (DSG03,.4; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(87) **E fezeram lhe** aquella noyte tam boo leito e tã rico como se fose~ casa de rey Artur. (DSG400,.6; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(88) **E calouse toda tolheyta e sandia** mas pero seu irmão ameaçou. (DSG607,.17; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(89) **E cõsiirey de filhar a de minha madre**, que viveo e~ sua vida avondada e à sua morte muito honrrada. (VIDASSANTOS_SPL,2.70; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

A seguir serão apresentados os resultados obtidos nas buscas organizados por documento.

Testamento de D. Afonso

Neste texto foram levantados 4 dados de ordem V1 em um total de 45 sentenças. Destes 3 são casos de V1 com conjunção coordenativa e 1 caso de V1 absoluto com sujeito nulo.

(90) **E repartam-se** entre eles igualmente. (TDA1214_SPL,1.14; *Testamento de D. Afonso; século 13*)

(91) **Mando** ainda que a raina e meu filio ou mia filia que no meu logar ouuver a reinar se a mia morte ouuver reuora e meus uassalos e o abade de Alcobaza

sem demorancia e sen contradita lis den toda mia meiadade e todas as dezimas e as outras cousas suso nomeadas e eles as departia~ assi como suso e nomeado. (TDA1214_SPL,2.32; *Testamento de D. Afonso; século 13*)

Costumes de Santarém

Em um total de 301 sentenças os resultados das buscas retornaram 1 caso de V1 absoluto e 4 casos de V1 com conjunção coordenativa à esquerda do verbo, somando um total de 5 dados.

(92) **Sabede** que Nos recebemos hu~a uossa carta en que era co~teudo que uos nos enuiuades rogar que uos enuiassemos scritos os nosos costumes e seelados do nosso seelo do Conçelho (CS1294_SPL,1.3; *Costumes de Santarém; século 13*)

(93) **e deue** y a estar a justiça e o quereloso (CS1294_SPL,3.60; *Costumes de Santarém; século 13*)

Documentos do Noroeste e região de Lisboa

Neste documento foram levantados 29 dados em um total de 134 sentenças, sendo 8 de V1 absoluto e sujeito expreso, 14 de V1 absoluto e sujeito nulo, e 7 casos de V1 com conjunção coordenativa à esquerda do verbo e sujeito nulo.

(94) **Sabhã** quantos este estrumêto uirẽ que eu Domĩgos lohanes ensenbra cũ Maria Martijz mha molher colhemos Steuã Perez de Sã Pedro ã hũa nossa parede duas nossas casas que nos auemos em a ffreeguisia de Sã Pedro a qual parede he dãtre nos da hũa parte e esse Steuã Perez da outra. (CHE1280,.3; *Documentos do Noroeste e região de Lisboa; século 13*)

(95) **Damos** a uos e uossa moler este câpo assj como o nos auemos e a morte d ãbos fique ou moesteyro. (CHE1273B,.6; *Documentos do Noroeste e região de Lisboa; século 13*)

(96) **E auemos** firme e stauil pera todo sempre todas@ @las cousas sobreditas (CHE1290a,.4; *Documentos do Noroeste e região de Lisboa; século 13*)

José de Arimateia

No *José de Arimateia*, um texto narrativo, em um total de 6.438 sentenças foram colhidos 1.239 dados. Destes 545 são de orações com V1 absoluto e sujeito expresso, 76 são casos de V1 com conjunção coordenativa à frente do verbo e sujeito expresso, 478 são casos de V1 absoluto com sujeito nulo, 140 são casos de V1 com conjunção coordenativa à frente do verbo e sujeito nulo.

(97) "**Virei** eu todas as cousas julgar em aquele dia pavoroso". (JAR40,.14; *José de Arimateia; século 13*)

(98) **E ferveo** aquela fonte em que foi morto gram tempo e durou sua quentura ata que o filho de Lançarote do Lago i veio. (JAR119,.40; *José de Arimateia; século 13*)

(99) **oulhei** adiante e vi scrito que dizia: "Aqui se começa o Santo Greal". (JAR05,.11; *José de Arimateia; século 13*)

(100) **E mandou** por todos seus cavaleiros e toda sua gente que a terceiro dia fossem com ele em uu castelo onde soube que eles aportarião. (JAR118,.30; *José de Arimateia; século 13*)

Em termos gerais, no século 13 observou-se uma distribuição equilibrada dos dados de V1 em relação à posição do sujeito, apesar da discrepância quantitativa nos textos. A tabela abaixo resume os valores totais de todos os documentos.

	V1-S	V1-pro	Total
Século 13	637 / 50%	640 / 50%	1.277 / 100%

Tabela 11: Distribuição de V1 no século 13

Crónica Geral de Espanha

Em um total de 3.100 sentenças, no texto *Crónica Geral de Espanha* foram obtidos 629 dados com ordem V1. Destes 157 são de casos de V1 absoluto com sujeito expresso, 108 são casos de V1 com conjunção coordenativa à esquerda do verbo e sujeito expresso, 265 são casos de V1 absoluto com sujeito nulo e 99 são casos de V1 com conjunção coordenativa à esquerda do verbo e sujeito nulo.

(101) **Disse entom dona Sancha** que home~es avya em a corte que ella sabia que lhe queryam mal. (CGE420,.20; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(102) **E conta** a estorya que elles moverom de Munhom e foronsse que tiinha entã o code dõ Fernã Gomez. (CGE419,.14; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(103) **Disselhes** ainda mais: - Amigos, sempre aqueles onde vos viindes tiveram por razon de morrer ante seus senhores e de fazerem mais por elles que nen huus outros de nen hu~a outra terra por os seus e de non consentirem, a nehuu senhor que ouvessem, que fizesse nen hu~a cousa que desaguisada nem sem razon fosse nem que lhe caesse en mingua ne~ e~ vergõça. (CGE326,.12; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(104) **E vyveo** despois dous annos e sete meses; e morreu. (CGE309,.14; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense

Neste documento, em um total de 462 sentenças, foram obtidos 68 dados. Destes, 1 caso é de V1 absoluto com sujeito expresse, 2 são casos de V1 com conjunção coordenativa à esquerda do verbo e sujeito expresse, 7 casos são de V1 absoluto com sujeito nulo e 50 casos são de V1 com conjunção coordenativa à esquerda do verbo e sujeito nulo.

(105) **Contou hu~u padre santo**, dizendo que era hu~a virgem que aproveytara muito e~ n@ @o amor de Deos, e em seu temor. (VIDASSANTOS_SPL,2.51; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

(106) **E morreo** meu padre. (VIDASSANTOS_SPL,2.65; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

(107) **segui** os preceytos e mandamentos d@ @o teu senhor e doutor Cristo, (VIDASSANTOS_SPL,7.164; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

(108) **e disse-lhe** que lhe desse peendença e que orasse a Deos por ella (VIDASSANTOS_SPL,1.26; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

Diferente do que se observou no século 13, no século 14 os casos de V1 com sujeito nulo são mais frequentes, somando 38,5% dos dados. A tabela abaixo resume os dados obtidos nos dois documentos.

	V1-S	V1-pro	Total
Século 14	268 / 38,5%	429 / 61,5%	697 / 100%

Tabela 12: Distribuição de V1 no século 14

Demanda do Santo Graal

Na *Demanda do Santo Graal*, em um total de 12.436 sentenças, colhemos um total de 2.809 dados com ordem V1. Destes 1840 são casos de V1 absoluto com sujeito expresse, 120 casos são de V1 com conjunção coordenativa à esquerda do verbo e sujeito expresse, 566 são casos de V1 absoluto com sujeito nulo e 283 são casos de V1 com conjunção coordenativa à esquerda do verbo e sujeito nulo.

(109) **Respondeu rey Boorz:** - Senhor, eu teeria por be~ de nos assuarmos e de passarmos aa Grã Bertanha e, se nos ate~dere~, que os matemos d alguua morte estranha, ca ñõ ueio eu como nos deles possamos uigar en outra guisa.

(DSG692,.2; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(110) **E dise a rainha** ao caualeyro: - Donzel, sabes como ha nome?

(DSG18,.22; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(111) **Rogou** ao irmitã por Deus que o leuasse onde esta seu irmão e que queriaã seruir a Deus como el. (DSG705,.9; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(112) **E uiuerõ** en esta terra e, se uos escapã asy, buscarã gente cõ que farã muyto mal a uos e a todos da uossa parte. (DSG713,.5; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

Os resultados das buscas n'A *Demanda do Santo Graal* nos permitem concluir que neste período V1 com sujeito expresse é mais frequente que V1 com sujeito nulo. Os dados estão organizados na tabela abaixo.

	<i>V1-S</i>	<i>V1-pro</i>	<i>Total</i>
<i>Século 15</i>	1.960 / 70%	849 / 30%	2.809 / 100%

Tabela 13: Distribuição de V1 no século 15

Somando todas as ocorrências de V1 – com e sem conjunção, com sujeito expresse e nulo – em todos os séculos, chegamos a um total de 4.783 sentenças. Destas, 2.865 (60%) são com sujeito expresse e 1.908 (40%) são com sujeito nulo. Os dados de V1 em todos os séculos estão organizados na tabela abaixo:

	V1-S	V1-pro	Total
Século 13	637 / 50%	640 / 50%	1.277 / 100%
Século 14	268 / 38,5%	429 / 61,5%	697 / 100%
Século 15	1.960 / 70%	839 / 30%	2.809 / 100%
Total	2.865 / 60%	1.908 / 40%	4.783 / 100%

Tabela 14: Distribuição de V1 nos séculos 13, 14 e 15, em relação ao sujeito.

A quantificação da tabela acima mostra que no século 13 a proporção de V1 com sujeito expresse e com sujeito nulo é idêntica. No século 14 a proporção de V1 com sujeito foneticamente realizado é mais baixa do que a de V1 com sujeito nulo: 38,5% e 61,5%, respectivamente. No século 15 são mais comuns os casos de V1 com sujeito expresse (70%) do que com sujeito nulo (30%). Em termos gerais, apesar da discrepância quantitativa entre os textos, é possível afirmar que no português medieval há uma preferência para V1 com sujeito expresse, representando 60% dos dados, ao passo que os casos de V1 com sujeito nulo somam 40%.

5.1.3. Ordens V>2

Em relação às ordens V>2, isto é, configurações com duas ou mais posições preenchidas à esquerda do verbo, diferentes estudos argumentam que línguas que apresentam esse tipo de ordenação não devem ser consideradas V2 (cf. Fiéis 2002, 2007; Rinke & Sitaridou 2004; Sitaridou 2012, entre outros). No entanto, é necessário ressaltar que a noção de V2 frequentemente encontrada na literatura pode se referir tanto à ordem linear quanto a propriedades estruturais das línguas. No que tange à ordem linear, isso significa que a ordem V2 exclui ou restringe drasticamente a ocorrência de ordens V1 e V3 (ou V>2). Contudo, em se tratando de propriedades estruturais, a ordem linear dos elementos da sentença não é tão determinante para se verificar se uma língua é ou não V2; o que está em discussão, neste caso, é se há movimento do verbo para C.

Estudos como o de Joutteau (2010) enfatizam que as línguas V2 apresentam ordens que são *pelo menos* V2, isto é, ainda que línguas prototipicamente V2, como o alemão, apresentem ordens V3 de forma mais restrita (cf. Walkden 2017), muitas línguas V2 menos rígidas licenciam esse tipo de ordem normalmente. É o caso do português medieval, que apresenta ordens V>2 com frequência.

Também vale destacar que ordens com a configuração V>2 apontam para a existência de mais de uma posição à esquerda do verbo, sugerindo que línguas que licenciam esse tipo de ordem contam com uma periferia esquerda rica e diferente das línguas estritamente V2.

Em nosso *corpus* encontramos vários tipos de combinação de elementos que podem aparecer na posição pré-verbal, como mostram os exemplos abaixo.

- PP + ADVP

(113) **Em este anno outrossi morreu o emperador Armilffo** e reynou em seu logar seu filho, Luys, o terceiro, onze ãnos. (CGE305,.13; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

- PP + oração dependente

(114) **Porlla manhã, quando sayu o sol, espertouse** e catou d arredor di sy.
(DSG304; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

- PP + NP/DP deslocado à esquerda

(115) **E, à velha de mynha irmãa, maas novas lhe farei** hyr delle.
(CGE379,.70; *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

- Oração dependente + PP

(116) E, **sse o nos desbaratarmos, pera sempre abayxaremos** per hi o
linhage~ de rey Bã. (DSG404,.19; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

- ADVP + PP

(117) **Senpre me deles doy.** (VIDASSANTOS_SPL,2.41; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*; século 14)

- ADVP + ADVP

(118) **E asi como os profetas grã typo ante da uijnda de Ihesu Christo
profitezarom sua uijnda e que elle lyuraria o poboo das coytas do jnferno,
bem asi profitizarom** os sãtos ermjtã~es e outrosi mujtos home~s bõs uijndo
muj gram sazom ante que uos uiesedes. (DSG60,.12; *Demanda do Santo
Graal*; século 15)

- Oração dependente + NP/DP sujeito

(119) **Ca depois que se ora partirem de aquj eu sei** bem que nõ tornarom
aca tam cedo, ante morreram gram peña delles em esta demanda ca nom auera
tã çedo cima como cujdades. (DSG28,.5; *Demanda do Santo Graal*, século 15)

- OSV

(120) **Todo esto me el rrogou** que lhe eu dissese ca nom he direito que o outrem saiba ante que uos. (DSG51,.11; *Demanda do Santo Graal, século 15*)

Na contagem dos dados com ordem V>2 com sujeito pós-verbal, além de dados com ordem V3, também foram encontradas sentenças com ordem V4. As combinações dos elementos que podem aparecer à esquerda do verbo também são variadas, podendo ser, dentre outras possíveis, como as abaixo.

PP + NP + PP

(121) Cõuem a ssaber: duzêtos e dez marauidis da moeda uelha usada de portugaeses ca tão a mj e a uos aprougue e **do preço nẽhũa cousa a mj ficou por dar**. (CHE1291,.6; *Documentos do Noroeste e da região de Lisboa; século 13*)

NP + oração dependente + PP

(122) **E elles, quando esto vyrõ, de cada parte me começarõ** de ameaçar e fazerme muyto mal e~ mynha terra quãto podyã. (CGE339,.12; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

Os dados com ordem V>2 somam 2.224, um total de 12% de todo o *corpus*. Destes, 217 ocorrências são com sujeito posposto (10%), 459 são com sujeito pré-verbal (20,5%) e 1.548 são de sentenças com sujeito nulo (69,5%). Com base nisso, em relação ao elemento que ocorre à esquerda do verbo, podemos considerar que 20,5% são de dados com ordem SV e 79,5% de dados com ordem XV. Ao analisar os resultados por período em comparação a todo o *corpus*, nota-se que as proporções são semelhantes: no século 13 o percentual de V>2 soma 11,5% (699 dados em um total de 6.069), no século 14 o total é de 12% (296 sentenças em um total de 2.523) e no século 15 o percentual é de 12,5% (1.229 dados em 9.668). Os resultados, segmentados por documento, estão apresentados abaixo.

Testamento de D. Afonso

Neste texto foram levantados 2 dados de ordem V>2 em um total de 12 sentenças, o que representa 25% dos dados. Destes todos são com sujeito pré-verbal.

(123) **E a dia de mia morte se alguus de meus filios ouuere~ reuora, agia~ seu auer.** (TDA1214_SPL,2.27; *Testamento de D. Afonso II; século 13*)

(124) Outrossi ma~do **daqueles que mia ma~da an a departir ou todas aquelas cousas que suso su~ nomeadas que si todos no~ se podere~ assunar ou no~ quiserem ou descordia for entre eles ualia aquilo** que ma~dare~ os chus muitos per no~bro. (TDA1214_SPL,2.31; *Testamento de D. Afonso II; século 13*)

Costumes de Santarém

A busca neste texto retornou somente 1 dado (com sujeito pós-verbal) em um total de 27 sentenças, o que representa 4% do *corpus*.

(125) **todo ome~ que achare~ en dano de ffroyta alhea depoyz que o degredo for posto preguem-no aa porta e pague 5 soldos.** (CS1294_SPL,3.67; *Costumes de Santarém; século 13*)

Documentos do Noroeste e região de Lisboa

Foram encontradas 10 sentenças com ordem V>2 neste texto, em um total de 61, representando 16,5%. Não houve dados com sujeito pós-verbal, sendo 2 dados com sujeito pré-verbal e 8 com sujeito nulo, portanto 20% de SV e 80% XV.

(126) (...) **duzêtos e dez maraudis da moeda uelha usada de portugaeses ca tão a mj e a uos aprougue.** (CHE1291,.6; *Documentos do Noroeste e região de Lisboa; século 13*)

(127) (...) **este estromêto cõ mha maa propria escreuy** e meu sinal que tal e e em ele pusi en testemoyo de uerdade. (CHE1286,.5; *Documentos do Noroeste e região de Lisboa; século 13*)

José de Arimateia

Neste documento foram levantadas 6.438 sentenças, das quais 685 são com ordem V>2. Destas nenhuma apresenta sujeito pós-verbal, 151 apresentam sujeito pré-verbal e 534 são com sujeito nulo. O total de orações com ordem V>2 no texto é de 685, o que representa 10,5% dos dados.

(128) **Tudo isto ele sofreo** por nós de sua bõa vontade. (JAR36,.19; *José de Arimatéia; século 13*)

(129) **Mas Joseph, que a gram alteza dele conhecia, foi** mui ledo quando lhe o dom foi otorgado e por melhor pagado se teve que Pilatus tinha que o pagava. (JAR17,.17; *José de Arimatéia; século 13*)

(130) **Em o dia de domingo, depois que o Santo Vaso foy metido em a camara, mandou** el-rey Arfasão que as vodas d' el-rey Josues e da sua filha fossem feytas. (JAR116,.4; *José de Arimatéia; século 13*)

Os dados de V>2 do século 13 nos levam a concluir que esse tipo de ordem ocorre preferencialmente com sujeito pré-verbal ou nulo no período em questão, independentemente do tipo de texto. Não obstante, para evitar conclusões precipitadas, uma análise com uma base maior de textos se faz necessária, o que deixaremos para pesquisas futuras. A quantificação dos dados do século 13 está organizada na tabela a seguir.

	VS	SV	Sujeito nulo	Total
Século 13	1 / 0,5%	156 / 22%	542 / 77,5%	699 / 100%

Tabela 15: Distribuição de V>2 no século 13, em relação ao sujeito.

Crónica Geral de Espanha

Neste texto foram levantadas 282 sentenças com ordem $V > 2$ em um total de 2.373 (12%). Dentre elas, encontramos as três possibilidades de colocação do sujeito: 55 são com sujeito pós-verbal, 115 são com sujeito pré-verbal e 112 são com sujeito nulo, o que nos leva ao percentual de 40,5% de sentenças com ordem SV e 59,5% de ordem XV.

(131) **E desy, a cabo de oyto dyas, chegousse** a companha toda ao conde e entom ouverõ seu consselho que ao terceiro dia saissem ao campo a lidar cõ os mouros, ca melhor seerya que estar ençarrados. (CGE351,.8; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(132) **O conde, como vyo o porco, foy** empos elle e tanto o aficou de toda parte ataa que se o porco foy meter en hu~a hermida antiga, que estava toda cuberta de era, en guisa que non pareçia della nada; e posse sse o porco tras o altar. (CGE327,.10; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(133) **E entom huu mouro poderoso e~a vyla, que avia nome Humaya, tomou** consigo muitos cavalleiros e meteusse e~o alcacer e rogou a todos que o fizessem rey. (CGE416,.12; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense

As buscas neste documento retornaram 14 dados em um total de 148 sentenças, o que representa 9,5% dos dados. Destes 3 são com sujeito pós-verbal (21,5%) e 11 (78,5%) com sujeito pré-verbal. Não houve dados com sujeito nulo.

(134) Estas cousas todas e outras semelhavees com muy grandes vozes e plantos e choros o diaboo diziiia. (VIDASSANTOS_SPL,9.216; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

(135) **E depois acabadas as missas dos ffiees, subitamente veo** aquella po~o~ba chea e çercada de muitas çugidades (VIDASSANTOS_SPL,6.139; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

No século 14 observamos que, no total, a proporção de dados com ordem $V>2$ em comparação com todo o *corpus* não varia muito: 12% na *Crónica Geral de Espanha* e 9,5% na *Vidas de Santos*. Contudo, ao observarmos o tipo de $V>2$ em cada texto, percebe-se uma grande diferença. No primeiro texto há uma distribuição quase equilibrada entre SV e XV, com preferência para a segunda ordem: 40,5% e 59,5%, respectivamente. Dos dados de XV, 40% são com sujeitos nulos e 19,5% com sujeitos pós-verbais. No segundo texto vemos uma proporção muito maior de dados SV do que XV, somando 78,5% dos dados. A mesma discrepância entre os textos do século 14 foi observada em relação aos dados de sentenças com ordem V2. Mais uma vez percebemos que a assimetria nos dados para um mesmo período mostra o efeito do tipo de texto nos resultados. Os dados do século 14 estão resumidos na tabela abaixo.

	VS	SV	Sujeito nulo	Total
Século 14	58 / 19,5%	126 / 42,5%	112 / 38%	296 / 100 %

Tabela 16: Distribuição de $V>2$ no século 14, em relação ao sujeito.

Demanda do Santo Graal

Os dados levantados neste texto somam 13% (1.233 em um total de 9.668 sentenças). Dentre eles foram observados todos os tipos de expressão do sujeito: 162 casos são com sujeito pós-verbal (13%), 177 são com sujeito pré-verbal (14,5%) e 894 são com sujeito nulo (72,5%), isto é, 13% dos dados são com ordem SV e 87% com ordem XV.

(136) **E todo esto ella fazia** por ordyr morte de Galuã a seu poder, que mujto desejava a sua morte. (DSG145,.7; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(137) - **Per boa fe, ora posso** bem dizer que este he o melhor caualeiro que eu nuqua vy. (DSG253,.3; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(138) **E em outro dia, depois que ouujrõ missa e ouuerõ de mouer, filhou Persiual** a espada que tragia sua jrmãõ, a que fora do padre de Merlim, a que leixara Galaaz por a espada da estranha cinta. (DSG435,.4; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

Os dados do século 15 estão organizados na tabela a seguir.

	VS	SV	Sujeito nulo	Total
Século 15	158 / 13%	177 / 14,5%	894 / 72,5%	1.229

Tabela 17: Distribuição de V>2 no século 15, em relação ao sujeito.

À guisa de comparação, compilamos os dados de V>2 de todos os séculos em uma única tabela, abaixo, organizados em relação à expressão do sujeito. Os valores explicitados na coluna vertical à direita trazem os números totais de orações com ordem V>2 em cada século.

	V>2-VS	V>2-SV	V>2 pro	Total
Século 13	1 / 0,5%	156 / 22%	542 / 77,5%	699 / 100%
Século 14	58 / 19,5%	126 / 42,5%	112 / 38%	296 / 100%
Século 15	158 / 13%	177 / 14,5%	894 / 72,5%	1.229 / 100%
Total	217 / 10%	459 / 20,5%	1.548 / 69,5%	2.224 / 100%

Tabela 18: Distribuição de V>2 nos séculos 13, 14 e 15, em relação ao sujeito

O quadro acima mostra que os dados são bastante variáveis em relação à expressão do sujeito em cada século. Em geral, as orações com sujeito nulo são as mais frequentes, somando 69,5%. Isso também é verdade para os séculos 13 e 15, em que há alto percentual de orações com sujeito nulo. No século 14, os percentuais são mais equilibrados e as ordens com sujeito nulo e com sujeito exposto em posição pré-verbal ocorrem quase proporcionalmente.

Ao olharmos sob a ótica do elemento fronteado, isto é, o que ocorre à esquerda do verbo, temos o seguinte panorama: no século 13, há mais ocorrências de XV (543 dados em 699 – 77,5%); no século 14, ainda que haja uma preferência para XV, os resultados são mais equilibrados, somando 42,5% para ordens de tipo SV (126 em 296 dados) e 57,5% para ordens XV (170 ocorrências); no século 15 também observamos uma maioria de contextos XV, com 1.052 ocorrências (85,5%). Tais resultados também corroboram uma análise em favor de V2 para o português medieval.

Em relação à proporção de $V > 2$ *versus* V2, observamos que V2 ocorre em maior frequência, em 11.260 dados, enquanto $V > 2$ totaliza 2.224 casos. Somando as ocorrências das duas ordens, verificamos que as orações com ordem V2 ocorrem em 83,5% das vezes, ao passo que os casos de $V > 2$ somam 16,5% dos dados. A tabela abaixo compara o percentual de ambas as ordens.

V2	$V > 2$	TOTAL
11.260 / 83,5%	2.224 / 16,5%	13.484 / 100%

Tabela 19: Distribuição de V2 e $V > 2$ no corpus

Os dados com ordem $V > 2$, somados aos casos de V2, evidenciam que no português medieval mais de uma posição à esquerda do verbo está disponível, sugerindo que esta gramática apresenta uma periferia esquerda rica. A ordem OSV é particularmente interessante para esse estudo, pois é uma evidência de que no português medieval o objeto fronteado e o sujeito pré-verbal não competem pela mesma posição, visto que podem coocorrer. Na próxima seção serão apresentados com mais detalhes os dados referentes a esse contexto.

5.1.3.1. OSV

Os casos com ordem OSV são raros⁵⁷, representando 0.6% das ocorrências no *corpus* – 13 casos em um total de 2.224 sentenças com ordem V>2. Esse tipo de construção foi encontrado nos textos *José de Arimateia* (século 13), *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (século 14) e *Demanda do Santo Graal* (século 15). Destaque-se que todos são textos narrativos.

Nas orações com ordenação OSV encontradas observamos alguns padrões. Nas construções de (139) a (148) o objeto frontado é um demonstrativo, um quantificador ou uma composição de quantificador e demonstrativo. Vale ressaltar que em (139) não há contiguidade entre objeto e sujeito, pois há dois elementos depois do objeto, um PP e o sujeito. Nas orações (149) e (150) as construções são formadas por uma composição de vocativo ou PP com função vocativa seguidos de um DP. Em (151) observa-se uma oração V4 com uma sequência de advérbio e dois DPs.

(139) **Estas cousas todas e outras semelhavees com muy grandes vozes e plantos e choros o diaboo dizia.** (VIDASSANTOS_SPL,9.216; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*; século 14)

(140) **Todo esto me el rrogou** que lhe eu dissese ca nom he direito que o outrem saiba ante que uos. (DSG51,.11; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(141) **E todo esto ella fazia** por ordyr morte de Galuã a seu poder, que mujto desejava a sua morte. (DSG145,.7; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(142) **Esto nehuu non demãde.** (DSG517,.2; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

⁵⁷ Gibrail (2010) também registrou ocorrências desse tipo de construção, um total de 4, todas com quantificador ou pronome demonstrativo com função de objeto.

(143) **Tudo isto ele sofreo** por nós de sua bõa vontade. (JAR36,.19; *José de Arimateia; século 13*)

(144) **Tudo isso eu farei**, disse Hipocras. (JAR83,.98; *José de Arimateia; século 13*)

(145) **Todo isso, disse Hipocras, eu farey**, e que o vejam que é verdade. (JAR83,.96; *José de Arimateia; século 13*)

(146) **Todo esto, senhor, eu digo** por vós... (JAR114,.49; *José de Arimateia; século 13*)

(147) **Todo ora a estoria nom conta**, mas quando a espada for conhecida e que a chamaram por seu nome, assi como as letras deziã, antam seram manifestadas as maravilhas dela e da bainha. (JAR71,.64; *José de Arimateia; século 13*)

(148) **Todo esto eu sabia** que auvyria en. (DSG684,.3; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(149) **Par Deos, fremosa auentura hi Deos deu**. (DSG18,.14; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(150) E pero tanto foy acordado e uiu Mordaret iazer en terra dise: - **Mordaret, mao ponto te eu fiz**. (DSG672,.8; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(151) **E assi o sonho lhe el-rei Mordão contara**, que em nada lhe mentio. (JAR60,.14; *José de Arimateia; século 13*)

Deixaremos a análise detalhada desses e outros casos para o capítulo seguinte. Contudo, por ora vale comentar que esse tipo de construção traz evidências não só de que mais de uma posição à esquerda do verbo está disponível na periferia

esquerda do português medieval, como de que essa periferia é sofisticada e intimamente relacionada ao discurso, uma vez que exemplos como os acima evidenciam o preenchimento de posições de tópico, foco e contraste nos moldes de Galves (a sair). Além disso, os casos de OSV trazem evidências de que na gramática em questão a primeira posição não é exclusiva para sujeitos e, ainda, que sujeitos pré-verbais e objetos fronteados não competem pela mesma posição.

5.1.4. Interpolação

Com o objetivo de observar o comportamento dos pronomes clíticos em relação ao verbo, rodamos buscas em contextos de próclise com interpolação. Nessas buscas foram considerados casos com negação, além dos casos de interpolação de XP (cf. Namiuti 2008 e Capítulo 3). Em um total de 4.425 orações matrizes em contexto de próclise, foram levantadas 57 orações com interpolação clítica. Somente 4 textos apresentam estruturas com interpolação em orações matrizes, todos narrativos: *José de Arimateia*, *Crónica Geral de Espanha*, *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* e *Demanda do Santo Graal*.

Do texto *José de Arimateia*, do século 13, foram extraídos 2 casos, exibidos abaixo. Em (152) o clítico está interpolado entre dois advérbios. Em (153) está entre um advérbio e um PP.

(152) E bem entendeo que o anjo dissera verdade, que sempre dele coxeou emmentes viveo e sempre a chaga deitou sangue emmentes i foi o ferro **e ainda o mais lazerou em outro lugar**. (JAR54,.36; *José de Arimateia*; século 13)

(153) Mas o que é pecador nom o faz assim, ante se leixa cada dia cair mais e mais em pecado, **e tanto se em ele leixa estar** que em nenhua guiza se pode erguer. (JAR89,.91; *José de Arimateia*; século 13)

Nos textos do século 14, foram encontrados 7 casos. Nas *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*, somente um caso foi atestado, exibido em (154), com uma configuração ADV CI PP V.

(154) e senpre me deles doy. (VIDASSANTOS_SPL,2.41; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*; século 14)

Na *Crónica Geral de Espanha* encontramos 6 casos com interpolação clítica. Em (155) o clítico está interpolado entre um NP pronominal e o advérbio medieval *er*⁵⁸.

⁵⁸ *Er* é uma variante de *ar* muito comum até 1.500 e significa 'de novo', 'também', 'outra vez', 'posteriormente' (MACHADO FILHO, 2013:203).

Em (156), (157) e (158) temos casos de interpolação precedida pelo advérbio de negação *nunca*. Note-se que em (158) o clítico está interpolado entre dois advérbios de negação: *nunca* e *jamaís*. Em (159) observamos uma sequência em que o clítico é precedido pelo advérbio *sempre* e em (160) o clítico é precedido por um quantificador.

(155) E elles lhes disserom seus nomes **e elle lhe er disse o seu.**

(CGE354,.38; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(156) E, se for outro que não seja honrrado ne~ d' alto sangue, **nunca me mais veeredes em vossa casa.** (CGE377,.52; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(157) **E nu~ca vos esso dira.** (CGE377,.54; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(158) E, em partindosse do doo, disse o conde dom Garcia Fernandez: - Amigos, **este dampno nu~ca se jamaís pode cobrar.** (CGE376,.148; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(159) E os nados e por nacer **sempre lhe porem dirõ treedor.** (CGE376,.62; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(160) E, como quer que fosse lazerado da muy maa prisom que ouvera e mui mal de comer, **todo lhe em aquella hora esqueceu.** (CGE376,.118; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

A *Demanda do Santo Graal*, do século 15, foi o documento que mais retornou dados na busca por orações com interpolação clítica. É interessante destacar que em um total de 42 resultados, 31 são casos de interpolação com os elementos *er*, *en*⁵⁹ e

⁵⁹ *En* é a forma reduzida de *ende*, que deriva do pronome anafórico latino *inde*. É uma forma gramatical arcaica com valor de 'disso', 'nisso', 'daí', 'nesse lugar' (MACHADO FILHO, 2013:187)

ar, que parecem se comportar como partículas clíticas, como mostram os exemplos abaixo.

(161) **No m' en chal** de a entendermos huu pouco. (DSG08,.25; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(162) - **Nom nos en chal**, diserõ elles, a tanto que ujseamos ujingada a morte de Lamorat que uosso coirmaao dom Galuam matou. (DSG132,.9; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(163) **E depois lhe er disse Boorz**: (...) (DSG180,.21; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(164) **E Erec o ar saluou**. (DSG339,.8; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

Os casos de *en* interpolado com a expressão *non en chal* são bastante frequentes neste texto. *Chal*, *chalt* ou, ainda, *caal* vêm do francês *chaut*, que deriva do latim *calet* < *calere*. Como vimos anteriormente, *en* é o anafórico *ende*, que deriva do latim *inde*. A tradução seria algo como: “não me vem calor disso” e “não nos vêm calor disso”.

Também são comuns casos com o advérbio *hy*. Nesses casos o advérbio também parece ter uma natureza clítica.

(165) E, se uos prouguer de me dezerdes uosa fazenda, **eu uos hy porrey** todo conselho que poder. (DSG246,.19; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

Nossos dados nos levam a considerar que no século 15 a natureza da interpolação é diferente da dos outros séculos. São poucos os casos de interpolação com advérbios, DPs e PPs, como ocorre nos outros períodos. Os casos mais frequentes são com os advérbios medievais *en*, *er*, *ar*, *hy* e outros vocábulos curtos como *ora*. O século 15 é um período que evidencia o desaparecimento da interpolação clítica, um momento de transição evidente pelos contextos que licenciam esse fenômeno (cf. Martins 1994).

5.1.5. Resumo

Os dados de orações matrizes trazem ricas informações sobre a sintaxe do português medieval. Em termos gerais, é bastante interessante notar que em muitos casos observamos não uma variação entre séculos, mas uma variação entre textos. A variação nas frequências de V1 e V2 entre os textos evidencia que a sintaxe do verbo nesta gramática está intimamente relacionada às diferentes situações discursivas: em textos narrativos há maior frequência de V2, ao passo que em textos não narrativos, V1 é mais abundante. Também nos trazem importantes evidências sobre o funcionamento da língua o fronteamento de objeto nas construções OVS, visto que nos textos narrativos estas são bastante recorrentes, mas inexistentes nos documentos não narrativos. Para além da variação entre textos, os dados de interpolação clítica mostram que no século 15 esse fenômeno ocorre em contextos diferentes dos que observamos nos séculos anteriores – no século 15 a interpolação é particularmente frequente com os advérbios medievais *er*, *en*, *ar*, *hy*, que parecem se comportar como elementos clíticos.

Em relação à distribuição de V1, V2 e V>2 nos diferentes períodos, observamos que esta é relativamente proporcional em todos os séculos. Os dados estão organizados na tabela abaixo.

	V1	V2	V>2	Total
Século 13	1.277 / 21%	4.090 / 67,5%	699 / 11,5%	6.066 / 100%
Século 14	697 / 27,5%	1.530 / 60,5%	296 / 12%	2.523 / 100%
Século 15	2.809 / 29%	5.640 / 58,5%	1.229 / 12,5%	9.678 / 100%
Total	4.783 / 26%	11.260 61,5%	2.224 12,5%	18.267 / 100%

Tabela 20: Distribuição de V1, V2 e V>2 nos séculos 13, 14 e 15 nas orações matrizes.

Os dados indicam que em todos os períodos V2 é a ordem mais produtiva. O século 13 é o que apresenta maiores proporções de V2, com 67,5% de ocorrências. No século 14 V2 representa 60,5% dos casos e no século 15, 58,5%. Em termos gerais, o português medieval apresenta 61,5% de casos de V2 em relação às outras ordens. V1 também é uma ordem produtiva na gramática do português medieval: no século 13 ocorre em 21% dos casos; no século 14 a proporção é de 27,5%; e no

século 15, de 29%. V>2 é a ordem menos produtiva nos contextos matrizes e sua ocorrência é proporcional em todos os períodos, variando de 11,5% a 12,5%.

Conforme Cavalcante et al. (2015), ordens de tipo XV são uma evidência em favor de V2. De fato, estas são mais produtivas do que SV no português medieval, como se observa na tabela abaixo.

	SV	XV	Total
Século 13	1.594 / 33,5%	3.150 / 66,5%	4.744 / 100%
Século 14	679 / 36,5%	1.174 / 63,5%	1.853 / 100%
Século 15	2.162 / 31,5%	4.707 / 68,5%	6.869 / 100%
Total	4.435 / 33%	9.031 / 67%	13.466 / 100%

Tabela 21: Distribuição de SV e XV nas orações matrizes, nos séculos 13, 14 e 15.

Os dados expostos na tabela acima indicam que no português medieval as ocorrências de XV são mais frequentes, isto é, em 67% dos casos um elemento não sujeito ocorre à esquerda do verbo. Em 33% dos casos esse elemento é um sujeito. Ao analisarmos essa dicotomia século a século, os resultados pouco variam. No século 13 a proporção SV vs XV é de 33,5% para 66,5%. No século 14 são 36,5% de casos de sujeito pré-verbal contra 63,5% com outro elemento à esquerda do verbo. No século 15 31,5% são os casos de sujeito pré-verbal contra 68,5% de casos de XV.

No próximo subcapítulo serão apresentados os dados obtidos para as orações subordinadas, que trarão à tona importantes informações para nossa discussão.

5.2. Sentenças subordinadas

Nesta seção apresentaremos os dados das buscas sobre a posição do verbo nas orações subordinadas declarativas. Assim como nas buscas realizadas com orações matrizes, desconsideramos os contextos com negação. Levamos em conta os seguintes tipos de ordenação: SVO, VSO, VOS, OVS e SOV. Segmentamos a apresentação dos resultados em três momentos: no primeiro são apresentados os casos com verbo em segunda posição. No segundo, os dados com verbo em primeira posição após o complementizador. Finalmente, são mostrados os dados com verbo em terceira posição e os dados de interpolação clítica, após o que faremos um apanhado geral dos dados.

5.2.1. Contextos com verbo em segunda posição

Foram quantificados dois tipos de orações subordinadas com verbo em segunda posição, as com sujeito posposto e as com sujeito anteposto, isto é, configurações SVO e OVS. Em um total de 1.265 construções subordinadas, 860 são de tipo SVO (68%). No século 13 foram encontrados 320 casos; no século 14 foram 106 e no século 15, 434 dados. Em relação ao tipo de complementizador, os seguintes podem ocorrer à esquerda do sujeito: *que* (166, 167), *ca* (168, 169), *se* (170, 171), *como* (172, 173), *quando* (174, 175), *pois* (176, 177) e *porque* (178, 179). Os dados com o complementizador *como* são frequentes em títulos e aberturas de capítulo. Note-se que V2 é licenciado nas subordinadas com todos os tipos de verbo, e não apenas com verbos “ponte”.

(166) E, se eu allo mais chegara, bem pensso **que outrem trouxera a mensagem**. (CGE376,.10; *Crónica Geral de Espanha*, século 14)

(167) Sabe **que o branco sinifica a vergindade** que intigra e verdadeiramente foi sempre guardada naquela carne de que o Filho de Deos foi cuberto enquanto viveo antre nós como mortal. (JAR75,.68; *José de Arimateia*, século 13)

(168) - Amigos, se vos soubessedes o feyto como he, nõ me culpariades tanto como me culpaaes, **ca eu fuy a hu~a hermyda veer huu meu amigo**. (CGE340,.24; *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

(169) E, depois que o recebeo, disse que de hoje mais era segura que nam temesse o diabo, **ca ela recebeo saude** de todas enfermidades e de todos enganos do imigo. (JAR52,.8; *José de Arimateia*; século 13)

(170) **E se Booz britou aquello que prometeo** nom foy per seu grado mas porllo encãtamento que lh a donzella fez. (DSG14,.21; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(171) **E se a santa igreja sofre coitas e trebulações**, ele lhe deve ser parceiro, ca diz o avangelho: "Aqueles são bem aventurados que sofrem trabalhos e pesares com justiça". (JAR42,.34; *José de Arimateia*; século 13)

(172) **Como el rey dom Ramiro venceu** Abdenaamer, rey de Cordova. (CGE312,.3 *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

(173) Depois lhe contou os sonhos d' el-rei Lambel e suas senifanças **e como el-rei Label recebera a fee**, por o que Nosso Senhor em sonhos lhe mostrara. (JAR79,.27; *José de Arimateia*; século 13)

(174) E, **quando o conde vyu el rey e~ terra**, começou a chamar "Castella". (CGE334,.8 *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

(175) E sabede que **quando Lancarot fez caualeiro** que se nom pode sofrer de chorar porque sabia que todallas partes era de grande gujsa que nom podia de mayor seer. (DSG06,.7; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(176) Entam dise el rei a Gualuam: - Sobrinho, **pois Lançarot recebeu a espada**, prouade a uos e ueremos que auera. (DSG12,.3; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(177) E, **pois o entendimento de Pilatos foi tal** que nom sabia o que dava, por isso se deve dizer mais despeito que dom, que, se ele soubera a gram alteza e o gram poder daquele cujo corpo dava, ele nom comparara a ele toda

a riqueza e todo o tisouro e senhorio do mundo. (JAR17,.16; *José de Arimateia; século 13*)

(178) - Senhores e irmãos, nom vos aqueixeis **porque aquele por quem nos saímos de nossa terra nos darã quanto nos for mister**. (JAR28,.8; *José de Arimateia; século 13*)

(179) E, **porque eu conheço quem tu és mais que tu**, ca és fora de orgulho e limpo de enveja e de cobiça e de bravura. (JAR39,.26; *José de Arimateia; século 13*)

Em relação aos dados com sujeito posposto e frunteamento de objeto, foram levantados 47 dados, que representam 3,5% do total de orações dependentes coletadas no *corpus*. No século 13 foram encontrados 10 casos; no século 14, 14 dados; e no século 15, 23 sentenças. Do total de dados, 24 casos são com o complementizador *quando*, representando 51% dos resultados com essa configuração (exemplos 180 e 181). Nesse contexto, é categórico o frunteamento de pronome demonstrativo, sendo todas as construções formadas por *quando* + *esto/aquello*. Nesses casos é evidente uma estratégia narrativa para situar o leitor no texto. Também são frequentes os casos com *que* (19 dados, 40,5%); nesse contexto também é frequente o frunteamento de pronome demonstrativo, mas também ocorrem outros tipos de objeto à esquerda do verbo (182, 183). As construções com *ca* somam 2 dados (184, 185) e as com *porque* (186) somam 1 dado.

(180) **Quando esto soube o abbade Paunucio** ouve grande doo e~ seu coração dela (VIDASSANTOS_SPL,1.4; *Vidas de Santos, século 14*)

(181) **Quando isto disse Josefes**, disse a rainha que creia em Deos, se Evalac escapasse, e faria que outrossi ele cresse. (JAR51,.10; *José de Arimateia; século 13*)

(182) E ell dise **que aquella mesajem faria ell bem**. (DSG244,.33; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(183) E quando vyu **que tall doo fazia Gualuã** ... (DSG269,.3; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(184) E pero pensou tanto em esto que be~ lhe semelhou que, se o nã matase a furto ou a treição e morrese per armas, que mays seria per pecado de sa jrmãã que per maldade que ell ouuese d armas, **ca poucos caualeiros sabia el que dultasem huu por huu.** (DSG332,.5; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(185) Mas aqueles que sabem as aventuras nom sabem por que ele foi assi chamado, como aquele ungimento, Padragão, **ca esto sabe homem bem que ele houve nome Uter em bautismo.** (JAR41,.49; *José de Arimateia; século 13*)

(186) Mas sobre todos aquelles que ledos eram mais ho era rey Artur **porque mayor mercee lhe mostrara Nosso Senhor** que a nhuu rey que ante rreinase Logres. (DSG25,.16; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

5.2.2. Contextos com verbo em primeira posição

Entre as ordens com verbo em primeira posição em contextos subordinados, quantificamos aquelas com configuração VSO e VOS. Foi levantado um total de 43 orações, sendo 38 com a ordem VSO e 5 com a ordem VOS. No século 13 somente dois textos apresentam a ordem VSO – *José de Arimateia* e *Costumes de Santarém* –, totalizando 8 dados; no século 14 somente a *Crónica Geral de Espanha* retornou dados, 8 no total; no século 15 foi levantado um total de 23 casos. Em relação ao tipo de complementizador, encontramos casos com *quando* em contexto de verbo inicial (187) e com clítico antecedendo o verbo (188); com *que* foram coletados casos em contexto de verbo inicial (189) e com próclise (190); em menor proporção, também foram encontrados casos com *se* (191), *ca* (192), *como* (193), *porque* (194) e *hu/onde* (195, 196).

(187) Sairom elles do castello e nom se alongarõ tres treitos de beesta **quando pedio Dalides suas armas**. (DSG75,.3; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(188) E pesava muyto ao conde de Tollosa, **quando lhe deziã os Navarros** e~ como ho estivera el rey esperãdo dez dias pera seer na lide, e que nõ chegara hy. (CGE335,.10; *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

(189) Quando Gaariet esto ouujo callouse ca bem e~tendia **que dizia el rei uerdade**. (DSG38,.8; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(190) - Esto uos nõ direy eu, dise ele, en ne~hua guisa, se ante nõ soubesse uosos nomes, ca taaes podedes seer **que uos direy eu toda minha faze~da** e taaes que nõ. (DSG528,.15; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

(191) costume he que **sse deue algue~ algu~a deuida** e o emprazam a dia asinaado e no comeyos lhy naçe algu~u eyxeco tal per que no~ pode ou no~ ouse ui~jr a pagar a deuida e o mayordomo o pegnhora no comeyos que deue

a séer ante chamado e entregado que responda (CS1294_SPL,6.182; *Costumes de Santarém; século 13*)

(192) Os iffantes, quando o vyrom viir pera sy, cuidarom que lhes e~vyava sua cunhada algu~a cousa por que lhes tardava o jantar, **ca tiinham elles que be~ estava com ella** e que ella os amava de voontade. (CGE370,.24; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(193) Talides se partio de seu padre e o madre ho amaua mujto **como ama padre filho**. (DSG78,.3; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(194) Mas **porque amaua eu outra dona mais rrica e mais fremosa** nã querria eu fazer nada do que me ella demandaua. (DSG106,.4; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(195) E era armado de huas armas todas negras e andaua huu bõ cauallo outrossi todo negro **onde dirribara el Gaarihec, jrmãõ de Galuam**. (DSG193,.11; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(196) - Eu o achey, disse ell, ããte esta fruesta **hu arestraua hua donzella a cooa de seu cauallo** que matara pouco auia. (DSG259,.5; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

Os dados com ordem VOS somam um total de 5 e se distribuem da seguinte maneira: 1 no século 13 (*José de Arimateia*), 1 no século 14 (*Crónica Geral de Espanha*) e 3 no século 15. Os dados ocorrem ou com o complementizador *como* (197) ou com o complementizador *que*, estes em contextos de verbo inicial (198) ou com próclise (199).

(197) Entom contou o conde aos seus todo o que lhe acontecera e **como achara o hermitan dom Palayo** e como o albergara o melhor que nu~ca ele fora. (CGE327,.36; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(198) Quando elles esto ujrõ, disserõ que mao custume aujã mãteudo aquelles deo castello **e que fizeram gram mal os da terra** que tã longamente o sofrerõ, ca mujtos hom~es boos poderã de taaes donas sayr. (DSG446,.4; *Demanda do Santo Graal*, século 15)

(199) Nom sey qu~e se era e nom trazia mais deste cauallo e deume o nõ sey por qual bondade que disse **que lhe fezera hua sazom rey Artur**, meu tio. (DSG196,.22; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

5.2.3. Contextos com verbo em terceira posição

Para investigar os contextos com verbo em terceira posição, rodamos buscas para as ordens SOV e OSV. A busca para OSV não retornou resultados. Já para a ordem SOV, foram encontrados 314 casos de orações subordinadas com essa sequência. No século 13 foram 112 casos (111 no texto *José de Arimateia* e 1 nos *Documentos do Noroeste e região de Lisboa*); no século 14 foram computados 32 dados (30 na *Crónica Geral de Espanha* e 2 nas *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*); no século 15 levantamos 170 ocorrências.

Em relação ao tipo de complementizador, são extremamente frequentes os casos com *quando* (219 dados), sendo que sua ocorrência é quase categórica com pronome demonstrativo em posição de objeto (200); só não o é por conta de um dado da Demanda do Santo Graal com fracionamento de outro tipo de objeto (201). Em relação ao tipo de verbo que ocorre em construções com *quando* + *esto/aquello*, são comuns os verbos *saber*, *ouvir*, *dizer* e *ver*.

São também frequentes os casos com *que*, em menor proporção, somando 48 dados. Nesses casos o demonstrativo também é maioria em posição de objeto, aparecendo em 29 dados (202) contra 19 com outros tipos de objeto (203). Computamos também dados com complementizador *se*, que somam 20 dados, sendo 4 com demonstrativo (204, 205); com *ca*, que somam 6 dados sem ocorrência com demonstrativo (206, 207); com *como* – 4 dados sendo 3 com demonstrativo – (208, 209); com *pois*, que somam 8 dados, destes 3 com demonstrativo (210, 211); com *porque*, que ocorre em apenas 1 caso com objeto não demonstrativo (212); com *enquanto*, somando 6 dados, todos eles com pronome demonstrativo (213, 214); com *mentes*, 1 dado com pronome demonstrativo (215); e, ainda, 1 ocorrência de subordinada com complementizador nulo com um objeto demonstrativo (216), um caso de justaposição.

(200) E, **quando os diabos isto viram**, leixaram me e foramse, mas primeiro mataram muitos pagãos que aqui moravam. (JAR106,.92; *José de Arimateia*; século 13)

(201) **Quando el a uoz ouujo**, guardeçeo mujto a Jhesu Christo. (DSG58,.11; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(202) E el rey, como quer **que el esto dissesse**, al tiinha no coração. (CGE344,.8; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(203) E que, per esta guisa, seerya ella a mais honrrada molher que em Espanha ouvesse e a mais prezada de todos aquelles que o soubessem, **que ella tal home~ tirava de prisom** pera casar com elle. (CGE346,.11; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(204) - E **se vós isto fizerdes**, disselhe ele, sabede verdadeiramente que nunca entraredes em companhia nem iredes a lugar onde hajades honra e vitoria. (JAR102,.46; *José de Arimateia; século 13*)

(205) **Se dom Rodrigo algu~a cousa fez**, eu nõ são em culpa. (CGE379,.140; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(206) E, quando vyo o que os seus avyam acordado, prouguelhe muito, pero disselhes que guardassem sua honrra come seus vassallos e seus naturaaes, **ca ele todo seu feito poynha e~ suas mãaos**; e outorgou a fazer quanto elles mandassem. (CGE357,.23; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(207) E quando uirom Gallaaz na seeda logo todos os caualeyros ouuerom poder de fallar e bradarom todos a huã uoz: - Dom Guallaaz, uos sejades o bem ueudo - **ca elles ja seu nome sabijam** ca ho jrmjtam o nomeara ja hi. (DSG16,.21; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(208) **Assi como eu isto pensava**, eis um raio assi como de fogo ardente decendeo do ceo e assi como corisco veio perante mim e parecia que era de

trovão, afora tanto que era maior e que durou mais. (JAR06,.4; *José de Arimateia; século 13*)

(209) **Como a ama sessão desse aa dōzella.** (DSG112,.2; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(210) Pois el rey esto dise, calouse e atendeu ata que seus ricos hom~es respodesse~. (DSG651,.2; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(211) - Ay dom caualeyro, disse a donzella, por Deos e porlla uerdadeyra cruz, **pois uos o seu nome sabedes**, dizedemeo ca ão ha no mundo rrem que tanto saber deseje. (DSG198,.41; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(212) - Certas, disse Josefes, no mudo nom ha perigo de que nom scapasse o que perfeitamente creesse em aquel **porque nos este sinal oramos.** (DSG52,.18; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(213) **Enquanto elles esto diziam** hyam contra ella direitame~te. (DSG121,.18; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(214) **Enquanto eles estes rogos faziam a Deos e a Santa Maria**, veyo ua voz que lhes disse: - Tolhede o imigo d'ante vós, senam todos sondes mortos! (JAR99,.63; *José de Arimateia; século 13*)

(215) E, **mentes ele isto disse**, respondelhe ua voz: - Salamão, não tenhas tal despeito da molher que, se por a molher veio primeiro ao homem pesar, em lugar daquela virá outra que trará ao homem prazer maior do que foi por a primeira de pesar. (JAR74,.62; *José de Arimateia; século 13*)

(216) **Eles isto ouvirão**, houveram gram pesar e choro. (JAR78,.63; *José de Arimateia; século 13*)

5.2.4. Posição do verbo

Os dados apresentados nas seções anteriores indicam que no português medieval há uma preferência para a ordem V2 também nas orações subordinadas. Ordens de tipo V>2 também são frequentes e as com verbo em primeira posição também são atestadas, mas ocorrem de forma marginal. Os dados estão organizados na tabela abaixo.

	V1	V2	V>2	Total
Século 13	9 / 2%	330 / 73%	112 / 25%	451 / 100%
Século 14	9 / 5,5%	120 / 74,5%	32 / 20%	161 / 100%
Século 15	26 / 4%	457 / 70%	170 / 26%	653 / 100%
Total	44 / 3,5%	907 / 71,5%	314 / 25%	1.265 / 100%

Tabela 22: Distribuição de V1, V2 e V>2 nas orações subordinadas dos séculos 13, 14 e 15.

A produtividade de ordens V1, V2 e V>2 é bastante equilibrada ao longo dos séculos. Em todos os períodos V2 é a ordem mais frequente, com taxas que variam entre 70% e 74,5%. V>2 ocorre em todos os séculos com proporções que vão de 20% a 26% dos casos. Já V1 é uma ordem pouco comum, ocorrendo em 2% a 5,5% dos casos.

De modo geral, é possível afirmar que V2 é uma ordem bastante frequente nas orações subordinadas do português medieval, o que também ocorre nos contextos de orações matrizes. Com base nisso, uma conclusão inicial nos permite assumir que esta é uma gramática V2 de tipo simétrico. Além disso, vale destacar que nas orações subordinadas a variação entre ordens V1 e V2 não parece estar relacionada ao tipo de texto em que ocorre, como acontece nas orações matrizes.

5.2.5. Posição do sujeito e frunteamento de objeto

Em termos quantitativos observamos que, diferente do que ocorre com as orações matrizes, nas subordinadas os sujeitos pré-verbais predominam sobre as ordens (X)VS, em uma proporção de 93% (1.174 sentenças em um total de 1.265) para 7% (91 sentenças), respectivamente. Ao observar os resultados por século, notamos que essa proporção se mantém estável: no século 13 são 96% de casos de SV para 4% de VS; no século 14 a proporção de SV para VS é de 86% para 14%, respectivamente; por fim, no século 15 temos 92,5% de SV para 7,5% de VS. A distribuição dos dados, assim como seus valores absolutos, pode ser observada na tabela abaixo.

	SV	(X)VS	TOTAL
Século 13	432 / 96%	19 / 4%	451 / 100%
Século 14	138 / 86%	23 / 14%	161 / 100%
Século 15	604 / 92,5%	49 / 7,5%	653 / 100%
TOTAL	1.174 / 93%	91 / 7%	1.265 / 100%

Tabela 23: Posição do sujeito nas orações subordinadas dos séculos 13, 14 e 15.

Em relação ao tipo de objeto que aparece à frente do verbo nos contextos XV, observamos que os pronomes demonstrativos são maioria, especialmente quando acompanhados do complementizador *quando*, em que sua ocorrência é quase categórica. Nos textos *Testamento de Dom Afonso* e *Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa* não houve nenhum caso de frunteamento de objeto com pronome demonstrativo; *Costumes de Santarém* apresentou alguma ocorrência – somente 1 caso e sem pronome demonstrativo. No texto narrativo *José de Arimateia* os pronomes demonstrativos são maioria, e fica evidente que a retomada anafórica é uma estratégia narrativa para manter a continuidade da prosa, tanto nas orações matrizes quanto nas encaixadas. Neste documento encontramos 11 dados com ordem OVS, sendo 8 com frunteamento de pronome demonstrativo e 3 com frunteamento de outros objetos. No século 14 foram encontrados 13 dados na *Crónica Geral de Espanha*, sendo 12 com demonstrativos. No século 15, a *Demanda do Santo Graal*

retornou 24 dados, sendo 14 com frunteamento de demonstrativo e 10 com frunteamento de outros tipos de objeto. Os dados estão organizados na tabela abaixo.

	<i>O_{DEM}VS</i>	<i>OVS</i>	<i>Total</i>
<i>Século 13</i>	8 / 73%	3 / 27%	11 / 100%
<i>Século 14</i>	12 / 92,5%	1 / 7,5%	13 / 100%
<i>Século 15</i>	14 / 58,5%	10 / 41,5	24 / 100%
<i>Total</i>	34 / 71%	14 / 29%	48 / 100%

Tabela 24: Frunteamento de objeto nas orações subordinadas dos séculos 13, 14 e 15.

A variação no século 15 sugere que neste século alguma mudança está em curso. Como veremos nos capítulos 6 e 8, o português clássico apresenta baixas taxas de frunteamento de objeto. Nossos dados parecem indicar que o frunteamento de demonstrativos é um ponto de diferença entre as duas gramáticas e que a mudança de uma para outra começa a ser visível a partir do século 15.

5.2.6. Interpolação

No *corpus* analisado, as buscas para orações subordinadas com interpolação clítica retornaram 483 resultados em um total de 7.401 orações dependentes. Nestas o clítico geralmente está contíguo ao complementizador, isto é, está entre o complementizador e um outro elemento, que pode ser um PP, um ADVP, um DP, um NP ou outro clítico. Ainda que em baixa proporção, também foram computadas orações em que essa contiguidade não se aplica, licenciando ordens em que há um elemento entre o complementizador e o clítico.

Nos textos não narrativos, com exceção do *Costumes de Santarém* que, como vimos, aparenta uma natureza *híbrida* – nem narrativo nem não narrativo – não foram computados dados de interpolação. No século 13 foram levantados 117 casos, sendo 3 nos *Costumes* e 114 no *José de Arimateia*. No primeiro texto todos os dados apresentam contiguidade entre complementizador e clítico e este está interpolado entre o complementizador e um PP (217) ou advérbio (218). No segundo texto foram computados 5 casos em que não há contiguidade entre o complementizador e o clítico (219, 220); o restante apresenta contiguidade entre o complementizador e clítico, que pode ocorrer antes de um advérbio (221), pronome demonstrativo (222), ou PP (223).

(217) e da fferida asinaada **se o co~ ela fazer per jurameto** estar-lhe a 60 varas o caualeyro a outro caualeyro e o peo~ a outro peo~. (CS1294_SPL,3.80; *Costumes de Santarém*; século 13)

(218) e sse for metudo na dizi' ma paga-la a outra parte **que o hy meteu** seno~ for chamado e entregado ante. (CS1294_SPL,6.183; *Costumes de Santarém*; século 13)

(219) E apareceolhe Jesu Cristo aquele dia e deixou com ele tam gram claridade, quando se houve de partir, **que nunca lhe mais faltou** e nam cuidou que ali fora depois noite. (JAR24,.8; *José de Arimateia*; século 13)

(220) E, como a luz vier, tu irás diante d'arca e tu e tua companhia fareis i orações e darei -vos- uu novo estabelecimento, **que ainda vos nunca dei**, ca eu sagrarei teu filho e faei-lo clérigo de missa... (JAR38,.15; *José de Arimateia; século 13*)

(221) E aquele ungimento foi tomado da redoma que o anjo tinha, que tirara quando quis entrar Josefes em a arca, **assi como vos ja disse**. (JAR41,.47; *José de Arimateia; século 13*)

(222) Depois **que me isto disse**, ergueome em alto, (JAR07,.4; *José de Arimateia; século 13*)

(223) E tão asinha **que se em ela assentou**, tomou Nosso Senhor tal vingança que ambos os olhos lhe cayrão da cabeça. (JAR41,.43; *José de Arimateia; século 13*)

No século 14 foram levantados 77 dados, sendo 3 nas *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* e 74 na *Crónica Geral de Espanha*. No primeiro texto todos os casos apresentam contiguidade entre complementizador e clítico, e após o clítico há um advérbio (223) ou um PP (224). Na *Crónica* 3 dados não apresentam contiguidade entre complementizador e clítico (225, 226, 227) e o restante exhibe a ordem complementizador-clítico, podendo ocorrer após este um advérbio (228), um PP (229), um DP (230) ou um pronome demonstrativo (231).

(223) E aquel **que me ally trouvera** me disse: - Anda e hir-t'ey mostrar tua madre (VIDASSANTOS_SPL,3.87; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

(224) Nom te abastava trinta mil mouros **que me per forza de baptismo** tiraste e hofereceste ao teu Deos? (VIDASSANTOS_SPL,9.210; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

(225) **Quando dom Munho Sallido lhe aquello ouvvyu dizer**, disselhe: - Aa, treedor e homen maaol (CGE374,.21; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(226) E~ maaol dia vos eu dou soldadas, **pois que vos a Munho Salido me assy vedes desonrrar** e me no~ dades delle direito; e o que ainda he peor, que semelha que vos não pesa ende! (CGE373,.19; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(227) E o conde, tão que as leteras vvyu, e~vvyoulhe dizer per seu recado que se vehessem a elle a Burgos, **ca ja o hy acharyam**. (CGE378,.66; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(228) E, por este milagre que ally Deus fez por elle, maldisse aquelles **que o falssame~te acusarõ** e seu linhagem que delles vehesse, (...) (CGE381,.31; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(229) E sabede, amigos, que tal logar cuydo de filhar e~ a lide que, **se me com elle e~contro**, eu averey mester o vosso aguardame~to. (CGE332,.16; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(230) E os mãdadeiros, quando a elle chegarom, disseronlhe **o que lhe o conde mandava dizer**. (CGE332,.6; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(231) Ruy Vaasquez, **quando lhes aquello ouvvyo**, começouhos de louvamynhar e a dizer assy: - Filhos, estes agoyros muy bõos som, ca dam a entender que do alheo guaanharemos algo e do nosso não perderemos nada. (CGE373,.7; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

Na *Demanda do Santo Graal* encontramos 289 ocorrências de orações dependentes com interpolação clítica. Diferente do que acontece nos outros textos, na *Demanda* levantamos 22 casos com interpolação com os vocábulos *en*, *ar* e *er*

(232, 233). O restante ocorre com advérbios, PPs (234), DPs (235), NPs (236) e pronomes demonstrativos (237). Em relação ao tipo de advérbio, são particularmente frequentes os que expressam valor temporal e locativo (238, 239). No que respeita à contiguidade entre complementizador e clítico, 13 casos não apresentam essa característica (240, 241).

(232) – Jrmãão, disse Boorz, eu nom posso aquj mais star mas uos ficade e comendo uos a Deos, **ca nom sey se uos er ujrey mais**, (...). (DSG180,.25; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(233) Esto fez elle porllo que disera que, se alguu fosse retraudo, **que a culpa se en tornasse** sobre aquelle que o seu scudo leuaua. (DSG372,.8; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(234) Morto e scarnido me ha este caualeiro **que se de aquj vay**. (DSG195,.11; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(235) E ñõ auja hy tal dos outros **que lhe tanto mall fezesem** como Gualuã e Estor que erã da outra parte e ñõ no conheciam. (DSG252,.8; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(236) - Senhor, disse Dalides, nom ha coussa no mundo per que ficasse e, **sse me força fazerdes**, eu me matarey com mjinhas mãos. (DSG75,.13; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(237) Entã abrio Galuam os olhos e ujo e Queya disse: - Eu cujdaua que erades Boorz que se partio de mj pouco ha por hir depollo **caualeyro que me esto fez**. (DSG96,.12; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(238) Be~to seja Deos **que uos aquj adusse**. (DSG183,.14; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(239) E ssabede que eu som aquelle que des oje mais nõ no quitare~ por hirmãão, porlla deslealdade de **que lhe oje vy fazer**. (DSG258,.15; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(240) - Amigo, dise el rei, **pois Deos e a uentura uos a espada deu**, nom tardara mujto ho scudo. (DSG19,.32; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(241) E emtam lhe disse hua uoz: - Boorz nom tenhas majs conpanha a teu jrmaao mas uaite dereitame~te contra o mar e nõ te detenhas nenhur **ca Parsiuas te hi atende**. (DSG180,.17; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

Em relação ao tipo de complementizador que ocorre nos contextos de interpolação, não parece haver um padrão; foram observados *como, quando, que, ca, qual, como, quem, onde, pois, porque*, entre outros. Todos ocorrem em variação em todos os textos, sendo *que* o mais frequente.

Os dados com interpolação clítica trazem importantes informações sobre a periferia esquerda do português medieval, evidenciando que existe mais de uma posição à esquerda do verbo. Observe-se o exemplo abaixo.

(242) E, como a luz vier, tu irás diante d' arca e tu e tua companhia fareis l orações e darei-vos uu novo estabelecimento, **que ainda vos nunca dei**, ca eu sagrarei teu filho e faei-lo clerigo de missa, ca eu lhe darei minha carne e meu sangue a goardar e darei-lhe outro tanto como tu viste, quando me deceste da cruz e me levaste ao muimento. (JAR38,.15; *José de Arimateia; século 13*)

Casos como (242), em que não há contiguidade entre complementizador e pronome clítico, sugerem que, assim como nos contextos matrizes, nas subordinadas algumas posições estão disponíveis à esquerda do verbo, corroborando uma análise do português medieval como uma língua V2 simétrica.

5.2.7. Resumo

Os dados de orações subordinadas expostos na última seção trazem informações importantes sobre a sintaxe da gramática em estudo. Com base em uma análise empírica, é possível depreender que a periferia esquerda das orações dependentes do português medieval é uma estrutura complexa e que licencia o fenômeno V2 com diferentes tipos de verbo, e não exclusivamente com verbos “ponte”. As ordens V>2 e V1 também ocorrem em menor proporção, sendo V1 bastante rara. Em relação à posição do sujeito, nos contextos subordinados, as ordens com sujeito pré-verbal são a maioria, representando 93% dos dados.

Os pronomes demonstrativos também desempenham um papel importante nas orações subordinadas. Observamos que nos contextos de fronteamento de objeto as sequências com *quando* + *pronome demonstrativo* são especialmente frequentes. Além disso, alguns complementizadores parecem licenciar o uso de demonstrativos – fronteados ou não –, como *quando*, *enquanto* e *mentes*. Note-se que todos eles expressam valor temporal. Mais uma evidência interessante relacionada aos demonstrativos é o fato de que no âmbito das subordinadas estes pronomes só ocorrem em textos narrativos. Nos séculos 13 e 14 a taxa de demonstrativos é elevada, caindo no século 15.

Em relação aos dados de interpolação, observamos que estes são bastante frequentes em orações dependentes. São mais comuns os casos em que há contiguidade entre o complementizador e o clítico, mas também são possíveis estruturas em que há um elemento à frente do clítico, ainda que em baixa proporção. São vários os tipos de sintagmas que ocorrem em contextos de interpolação clítica, mas é somente no século 15 que observamos construções de interpolação com os advérbios medievais *er*, *ar* e *en*.

5.3. Matrizes e subordinadas: um apanhado geral

A comparação entre os dados de orações matrizes e subordinadas traz importantes informações sobre a gramática do português medieval. Por um lado, observamos que nos dois contextos V2 é a ordem mais produtiva: nas orações matrizes, V2 ocorre em 61,5% dos casos e nas subordinadas ocorre em 71,5% dos dados. As proporções de V1 e V>2, por outro lado, são diferentes. Nas orações principais, V1 é uma ordem mais frequente que V>2, ocorrendo em 26% dos casos, ao passo que V>2 ocorre em 12,5% dos dados. Nas orações dependentes, V1 é bastante raro, somando 3,5% dos resultados; V>2 ocorre em 25% dos dados nesse contexto.

A proporção de V1 e V2 parece ser mais sujeita ao tipo de documento nas orações matrizes. Nesse contexto, observamos que V2 ocorre com mais frequência em textos narrativos do que em textos não narrativos. Nos contextos dependentes, uma vez que V1 não é muito recorrente, uma generalização desse tipo não é possível.

Nas matrizes SV ocorre em 33% dos casos, ao passo que nas subordinadas a proporção chega a 93%. XV, portanto, é uma ordem mais produtiva nos contextos matrizes. O tipo de elemento à esquerda do verbo nos casos de XV, entretanto, é semelhante nos dois contextos, sendo o frunteamento de pronomes demonstrativos o mais frequente. Em ambos os contextos, o percentual de frunteamento de demonstrativos é idêntico: em 71% dos casos o elemento à esquerda do verbo em ordens OVS é um pronome demonstrativo e em 29% dos casos é um objeto de outra natureza. Porém, uma análise século a século permite perceber que o comportamento dos dados é diferente. No contexto de orações matrizes, o frunteamento de objetos chega a 82% no século 13, 61% no século 14 e 77% no século 15. Nas orações subordinadas, o século 13 apresenta 73% de casos de frunteamento de objeto; o século 14 apresenta 92,5% de contextos com esse tipo de frunteamento e o século 15 tem a menor proporção, 58,5%. Não obstante, foi possível notar que em todos os períodos o frunteamento de objetos é uma característica exclusiva dos textos narrativos.

Os casos com ordem OVS trazem evidências de que a posição à esquerda do verbo não é exclusiva para sujeitos. Além disso, observamos que mais de uma

posição está disponível à esquerda do verbo, o que fica evidente com sequências OSV. A ordem SOV nos contextos subordinados, assim como os dados de interpolação clítica, também nos levam a acreditar que o português medieval possui uma periferia esquerda sofisticada também nas orações subordinadas, licenciando uma série de elementos à esquerda do verbo.

Reforçando trabalhos anteriores (RIBEIRO 1995; MATTOS E SILVA 1989, entre outros), nossos dados de interpolação se mostraram bastante diferentes ao se comparar as orações matrizes e subordinadas. Nas orações matrizes, é um fenômeno pouco recorrente – foram coletados apenas 60 casos –, ao passo que nas subordinadas é bastante frequente, ocorrendo em 483 orações. Nas orações subordinadas o fracionamento de demonstrativos, especialmente associado ao complementizador *quando*, parece desempenhar um importante papel na progressão narrativa e esse tipo de oração veicula informações de valor temporal. Também observamos que no século 15 são mais frequentes os casos de interpolação com os advérbios medievais *en*, *ar*, *er*, tanto nas orações matrizes quanto nas orações subordinadas. Esses elementos apresentam uma certa propriedade clítica, indicando que no século 15 a interpolação tem um *status* diferente da observada nos outros séculos.

Capítulo 6 – A periferia esquerda da sentença no português medieval

O efeito V2 em orações declarativas matrizes é tradicionalmente analisado como um fenômeno que depende de duas operações: uma que desloca o verbo flexionado para o núcleo C e outra que exige o preenchimento de [Spec, CP] por um sintagma qualquer (cf. Capítulo 2). Línguas de V2 simétrico incluem aquelas que licenciam V2 em orações matrizes e subordinadas, como o iídiche e o islandês, e línguas de V2 assimétrico são aquelas em que V2 é atestado somente nas orações principais, como é o caso do alemão.

Com base nos dados apresentados no capítulo anterior, o objetivo deste capítulo é argumentar em favor de uma análise V2 para o português medieval. É importante ressaltar que a noção de língua V2 aqui deve ser compreendida em um sentido amplo, e não como uma língua V2 estrita nos moldes do alemão. Lançaremos mão do conceito de língua V2 flexível proposto em Wolfe (2015) para descrever o português medieval e da noção de contraste discutida em Galves (a sair) para dar conta de certas posições na periferia esquerda da gramática em questão.

Para tanto, o capítulo está organizado em dois momentos. Primeiramente serão apontadas evidências em favor de uma análise V2 para o português medieval, cotejando nossos dados com os de alguns trabalhos citados no Capítulo 3, como Ribeiro (1995), Fiéis (2002, 2007) e Sitaridou (2012). Também argumentaremos que o português é uma língua de tipo simétrico, licenciando V2 tanto nas orações matrizes quanto nas subordinadas. Em um segundo momento, proporemos uma análise da periferia esquerda do português medieval, argumentando que as mesmas categorias disponíveis na periferia esquerda das orações matrizes também estão disponíveis nas orações encaixadas.

6.1. Evidências em favor de V2

Como vimos no Capítulo 3, o trabalho de 1995 de Ribeiro argumenta que a gramática do português antigo (séculos 13 a 16) apresenta propriedades estruturais semelhantes às das línguas V2. Diversas pesquisas posteriores refutaram essa análise, argumentando que a possibilidade de ordens V1 e V3 a impossibilitam, uma vez que essas configurações não são comuns em línguas V2 rígidas. Não obstante, a noção de V2 pode se referir tanto à ordem linear quanto a propriedades estruturais. Em se tratando de ordem linear, V2 exclui ou restringe a ocorrência de outras ordens. Porém, quando se fala em propriedades estruturais, a ordem linear dos constituintes não é tão determinante para se verificar se uma língua é ou não V2; o que está em discussão, neste caso, é se há o movimento do verbo para uma camada mais alta na periferia esquerda (cf. Rizzi 1997).

Uma das evidências de Ribeiro (1995) em favor de V2 é a alta ocorrência de orações com verbo em segunda posição e sujeito posposto, sendo que a posição à esquerda do verbo pode ser ocupada por constituintes diversos, como objetos de diferentes naturezas, advérbios e sintagmas preposicionais. Em nosso *corpus* não foi diferente: 64,5% das orações matrizes com verbo em segunda posição são de tipo XV em que X não é um sujeito. Esse tipo de construção é uma forte evidência de que a posição pré-verbal não é exclusiva para sujeitos, embora construções de tipo SV sejam também comuns. Ribeiro também argumenta que a possibilidade de diferentes elementos ocorrerem imediatamente à frente do verbo sugere que tal posição pode abrigar tanto constituintes argumentos quanto adjuntos. Em nosso *corpus* também observamos que os dois tipos de sintagmas são produtivos, como (243), em que a posição imediatamente à esquerda é ocupada por um adjunto, e (244), em que o elemento frontado é um argumento do verbo.

(243) **Assi** passou aquele dia. (JAR09,.4; *José de Arimateia*; século 13)

(244) **Esta spada** trouue eu aqui porllo conhecerdes. (DSG30,.11; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

Em oposição à Ribeiro (1995), Fiéis (2002, 2007) argumenta que a ordem V2 ocorre majoritariamente com verbos inacusativos, o que invalidaria a análise do

português antigo como uma língua V2, uma vez que estes contextos são típicos de inversão de sujeito em línguas de sujeito nulo como o português. Não obstante, ainda que os casos com verbos inacusativos sejam produtivos, encontramos diversas ocorrências com outros tipos de verbos em nosso *corpus*, como as sentenças abaixo.

(245) **Este cantar entendi eu bem**, mas de todo o outro nom entendi eu nada.

(JAR06,.12; *José de Arimateia; século 13*)

(246) **Aquele pano levou o cavaleiro** a Roma. (JAR22,.20; *José de Arimateia; século 13*)

(247) **Tão grande amor mostrou Deos** ao homem, que o nom quis livrar por outro homem, senão por si. (JAR35,.17; *José de Arimateia; século 13*)

(248) **E esta hida fazia elle muyto** contra sua voontade. (CGE342,.10; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(249) **Mercee nos faz Deos** que enujou a cada huu a sua. (DSG85,.9; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(250) **Esto cuidou a donzella** enquanto seu padre sija fallando com os caualeyros. (DSG110,.12; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

Fiéis (2007) também argumenta que em seu *corpus* a maioria dos elementos fronteados nas orações transitivas são adjuntos, advérbios e, em menor escala, objeto direto QU, objeto indireto e negação. Segundo a autora, esse tipo de derivação, por si só, não é suficiente para motivar uma configuração V2 com o movimento do verbo para C. A nosso ver, isso não é um contra-argumento válido, visto que o capítulo anterior evidenciou que uma série de constituintes – argumentos ou adjuntos – pode ocorrer à esquerda do verbo, tais como NPs, DPs, pronomes demonstrativos, quantificadores, advérbios dos mais variados tipos e orações.

Outro argumento utilizado por Fiéis contra uma análise V2 para o português antigo é a quantidade de V1 encontrada em seu *corpus*, que ultrapassa a de V2, conforme tabela abaixo, adaptada de Fiéis (Quadro 1, cf. Fiéis 2002):

	V1	V2	TOTAL
Século 13	16 / 61,5%	10 / 38,5%	26 / 100%
Século 14	36 / 58%	26 / 42%	62 / 100%
Século 15	2 / 28,5%	5 / 71,5%	7 / 100%
Século 16	6 / 75%	2 / 25%	8 / 100%
TOTAL	60 / 58%	43 / 42%	103 / 100%

Tabela 25: Distribuição de V1 e V2 em textos portugueses do século 13 ao 16, adaptado de Fiéis (2002)

Os dados apresentados por Fiéis (2002) levantam duas questões: a primeira é que uma base de dados maior seria preferível, visto que sua pesquisa analisa somente 103 sentenças. A outra questão é que, ainda que V1 seja uma ordem frequente, o que é de se esperar em uma língua de sujeito nulo, V2 também apresenta um percentual relevante. Não obstante, nossos dados, assim como os de Ribeiro (1995) e até os de Sitaridou (2012), exibem percentuais diferentes dos apresentados por Fiéis. Levando em consideração somente os casos de V1 e V2 em orações matrizes declarativas em todos os textos analisados em sua tese, Ribeiro (1995) observa 60% de orações V2 (1.437 em um total de 2.404) e 40% de casos de V1 (967 ocorrências, cf. Ribeiro 1995:151)⁶⁰. Nos dados de Sitaridou (2012:563), essa proporção é de 87% para V2 (104 sentenças em um total de 119 orações V1 e V2) contra 13% de V1 (15 casos em um total de 119). Nossos dados não são diferentes, e a distribuição de V1 e V2 em nosso *corpus* se assemelha à de Ribeiro (1995): em um total de 16.036 orações com ordem V1 e V2, 30% correspondem ao primeiro tipo e 70% ao segundo.

Em seu trabalho de 2012, Sitaridou argumenta que a ocorrência de ordens V1 e V3 no português antigo não está de acordo com uma análise V2 para esta gramática. Não obstante, nas 207 orações matrizes analisadas, 50,2% dos dados (104 casos) são com ordem V2, 51 casos com ordem SV, 39 casos com sujeito nulo e 14 casos com ordem VS. Isso significa dizer que seus dados somam 49% dos casos de SV

⁶⁰ Os valores apresentados foram baseados nos dados de orações raízes apresentados nos quadros 3.8, 3.9, 3.10 e 3.11 de Ribeiro (1995:151).

contra 51% casos de XV, o que é uma forte evidência em favor de V2. Além disso, em seu *corpus* também encontra orações com ordem V>2, que representam 34,8% dos dados e 15% de contextos com ordem V1. Seus dados também são consistentes com nossos dados e os de Ribeiro (1995). A ocorrência de V1 e V>2 em línguas como o português medieval, antes de invalidar uma análise V2 para esta gramática, traz indícios de que esta não é uma língua V2 *rígida* nos moldes do alemão. A presença de ordens V>2 sugere que nesta gramática a periferia esquerda é mais complexa do que nas línguas V2 de tipo germânico, com mais posições disponíveis à esquerda do verbo. Já os casos de V1 no português medieval (e clássico) são consistentes com o fato de esta ser uma língua de sujeito nulo.

O debate sobre os tipos de V2 data desde Vikner (1995), que propôs uma tipologia para as línguas que licenciam o verbo em segunda posição (cf. Capítulo 2). Desde então a discussão acerca do fenômeno vem trazendo evidências de que há outros tipos de V2 diferentes dos observados nas línguas germânicas (POLETTI 2002; GALVES ET AL. 2005; WOLFE 2015a, 2015, 2016; GALVES a sair, entre outros). Considerando que há distintos tipos de V2, o português medieval se enquadra perfeitamente no que Wolfe (2015) chama de gramática V2 flexível – em inglês, *relaxed V2 languages* (WOLFE 2015:41) –, isto é, um sistema em que a ordem V2 linear é dominante, a posição pré-verbal não é exclusiva para sujeitos e estes ocorrem frequentemente em posição pós-verbal. Além disso, esse tipo de gramática permite ordens V1 e V>2, e a coocorrência de tópico e foco na periferia esquerda da sentença, como evidenciam os exemplos abaixo. Wolfe (2015) argumenta que essas características derivam do movimento do verbo para Fin⁰ nesse tipo de gramática.

(251) Mas **o Branco Cavaleiro tais cousas fazia** que nhum homem, por poder que tivesse, o poderia fazer. (JAR50,.104; *José de Arimateia*; século 13)

(252) E **dom Gonçalo Gustiuz tantas lagrimas lançava** cada dya per seus olhos que nõ podya ja bem veer; e andava com huu paaõ em a mão. (CGE376,.157; *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

(253) **Eu todas estas cousas dixe** na cidade de Anthiochia.

(VIDASSANTOS_SPL,12.284; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

Assumindo que o português medieval é uma gramática V2 flexível, na próxima seção apresentaremos evidências de que esta propriedade também se verifica nas orações subordinadas, configurando uma gramática V2 flexível simétrica.

6.1.2. Português medieval: língua V2 flexível simétrica

Os dados apresentados no Capítulo 5 revelaram que, assim como nas orações matrizes, no português medieval V2 é licenciado também nas subordinadas. Os números expostos na tabela 25 mostraram que ordens V1, V2 e V>2 são produtivas nesses contextos, sendo a ordem linear V2 a mais frequente, somando 71,5% dos casos. V>3 é a segunda ordem mais recorrente, representando 25% das ocorrências, enquanto V1 ocorre de forma marginal, em 3,5% dos casos.

Como vimos no Capítulo 2, as línguas V2 em geral são classificadas como simétricas e assimétricas. O primeiro grupo se caracteriza por licenciar V2 tanto nas orações matrizes quanto nas orações subordinadas, enquanto no segundo V2 só ocorre nas orações raízes. As línguas V2 assimétricas, como o alemão e o holandês, ainda que majoritariamente não permitam V2 nas subordinadas, licenciam esse tipo de ordem em orações dependentes introduzidas por verbos “ponte” (*bridge verbs*), como *dizer* e *acreditar*. Nesses contextos, o complementizador também pode ser foneticamente nulo. Diferente do que ocorre no alemão e no holandês, no português medieval observamos orações subordinadas V2 introduzidas por diferentes tipos de verbo, como evidenciam os exemplos de orações completivas abaixo.

(254) “Se tu quiseses crer em Jesu Cristo, eu te **prometo que ele te dê** saude ante que te partas daqui”. (JAR51,.27; *José de Arimateia*; século 13)

(255) Então me disse minha mãe: “Filha, **eu quero que tu faças** o que te eu mandar”. (JAR51,.38; *José de Arimateia*; século 13)

(256) De como o diabo disse por qual rezão matara Tolomer e de como el-rei Evalac **mandou que todos se bautizassem**, e como Josefes foi ferido da lança. (JAR54,.3; *José de Arimateia*; século 13)

(257) E a el rey pesou muito, ca bem **entendeu que o conde dizia verdade e arrependeusse muyto**. (CGE356,.14; *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

(258) E logo **disse que aquilo creria eu** como quem o vira mui bem.

(JAR51,.56; *José de Arimateia; século 13*)

(259) E disto fui eu em duvida uu pouco e tomeio e logo me **pareceo que aquela era a fegura que vira sair da capela** e logo disse que aquilo creria eu como quem o vira mui bem. (JAR51,.56; *José de Arimateia; século 13*)

(260) Entã disse a ifa~te: - Arcipreste, pois que doutra guisa ñ pode seer, mais **val que todos jaju~emos huu pecado** que avermos de morrer. (CGE347,.28; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(261) Por que vos **rogo que vos sejades tam mesurados** que vos roguedes o conde e ajades cõ elle que me de~ meu irmão; e eu averey que vos agradecer sempre. (CGE350,.6; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(262) E vos todos bem **sabees que el rei me quer muy grande mal**; e certo sãõ que ñ posso escapar que ñ seja preso ou mal treyto. (CGE353,.27; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(263) E o conde lhe respondeu: - Quando eu vyr por que e formos em logar onde o eu deva dizer, **eu mostrarey que soo mais fidalgo** que o senhor desta terra. (CGE369,.27; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(264) Quando dona Sancha esto ouvyo, prouguelhe muyto, ca **vyo que Deus lhe dava tal carreira**, a qual ella ñ saberya buscar. (CGE369,.40; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(265) E **sabede que eu ujingaria sua morte**, se nam fosedes meu jrmãõ da Tauolla Rredonda, mas ñ no poderia fazer que me nom perjurasse. (DSG147,.16; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

O fato de o português medieval licenciar ordens V2 em orações subordinadas introduzidas por diferentes tipos de verbo sugere que esta é um tipo de língua V2 simétrica. Não obstante, Fiéis (2002) argumenta contra essa informação, visto que em orações dependentes com complementador *que/se* e sujeito lexicalmente expresso V1 é a ordem mais frequente. Em um total de 23 dados, Fiéis contabiliza 21 casos de V1 contra 2 casos de V2. Alguns comentários devem ser feitos a respeito disso. Primeiramente, o número de dados é escasso. Além disso, possivelmente o tipo de busca realizado por Fiéis tenha limitado os dados, visto que em nosso *corpus* a proporção de V1 para V2 em contextos encaixados é de 3,5% de V1 (44 em um total de 951 orações com ordem V1 e V2) para 96,5% de V2 (907 em um total de 951 orações). Os dados de Sitaridou (2012) também registram mais casos de V2 do que V1 nas subordinadas: 33.1% dos casos são com verbo em primeira posição (46 em um total de 139 dados) e 48.2% são com verbo em segunda posição (67 dados em um total de 139, cf. Sitaridou 2012:565).

O fato de V2 e V>2 serem recorrentes tanto nas orações matrizes quanto nas subordinadas do nosso *corpus* são um indicativo de que a mesma periferia esquerda está disponível para os dois contextos. Dados com ordem OVS e SVO corroboram essa análise, evidenciando que a posição pré-verbal não é exclusiva para os sujeitos em ambos os casos, como mostram os pares abaixo.

(266) a. **Depois que isto disse a voz a Josep**, ele e Josefes e toda sua companhia ião cada dia diante o Santo Vazo. (JAR91,.17; *José de Arimateia; século 13*)

b. **Esta palavra disse o Padre a seu muito amado Filho**. (JAR33,.31; *José de Arimateia; século 13*)

(267) a. Pois **que o conde dom Fernam Gonçallvez acabou sua razon**, os seus lhe respõderom todos em hu~a voz que lhe gradeciã muyto (...) (CGE333,.4; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

b. **O conde avya muy gram voontade** de se juntar cõ os mouros.

(CGE329,.7; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

Nos exemplos acima, vemos que as mesmas posições estão disponíveis nas orações matrizes e nas subordinadas. Em (266) temos um objeto anafórico à esquerda do verbo *dizer*, seguido de um DP sujeito pós-verbal. Em (267) observamos duas construções com ordem SVO em que o DP sujeito ocorre em posição pré-verbal, seguido do verbo e um DP objeto.

Além disso, casos com ordem V>2 nas orações encaixadas demonstram que mais de uma posição está disponível na periferia esquerda. Assim como nas orações matrizes, sentenças com ordem SOV nas subordinadas evidenciam a coocorrência de tópico e foco, como nos casos abaixo.

(268) E, **quando eu tudo isto vi**, comecei a cuidar muito. (JAR05,.15; *José de Arimateia; século 13*)

(269) E, quando vyo o que os seus avyam acordado, prouguelhe muito, pero disselhes que guardassem sua honrra come seus vassallos e seus naturaaes, **ca elle todo seu feito poyinha e~ suas mãaos**; e outorgou a fazer quanto elles mandassem. (CGE357,.23; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(270) E, ante **que ell esto todo predise**, acalçou os caualeyros e eles ho saluaram e el a elles. (DSG238,.12; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

Os dados de interpolação também trazem evidências de uma *simetria* na gramática do português medieval, uma vez que denotam mais de uma posição à esquerda do verbo tanto em contextos matrizes quanto em contextos subordinados. Observem-se os casos abaixo, retomados do Capítulo 5:

(271) E, se for outro que nõ seja honrrado ne~ d' alto sangue, **nunca me mais veeredes em vossa casa**. (CGE377,.52; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(272) E, em partindosse do doo, disse o conde dom Garcia Fernandez: - Amigos, **este dampno nu~ca se jamais pode cobrar**. (CGE376,.148; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(273) E apareceolhe Jesu Cristo aquele dia e deixou com ele tam gram claridade, quando se houve de partir, **que nunca lhe mais faltou** e nam cuidou que ali fora depois noite. (JAR24,.8; *José de Arimateia; século 13*)

(274) E, como a luz vier, tu irás diante d'arca e tu e tua companhia fareis i orações e darei -vos- uu novo estabelecimento, **que ainda vos nunca dei**, ca eu sagrarei teu filho e faei-lo clérigo de missa... (JAR38,.15; *José de Arimateia; século 13*)

Os exemplos acima trazem orações em que o clítico é interpolado entre dois advérbios. Em (271) e (272) observam-se casos de interpolação em orações matrizes, em que o clítico está interpolado entre *nunca* e *mais* e *nunca* e *jamais*, respectivamente. Em (274) e (275) há duas orações com complementizador *que* e o clítico está interpolado entre *nunca* e *mais* e *ainda* e *nunca*, respectivamente.

Ainda que quantitativamente os dados de interpolação para matrizes e subordinadas sejam discrepantes, uma vez que esse tipo de sentença é mais comum nas orações dependentes, o fato de as mesmas posições estarem disponíveis nos dois contextos vão ao encontro de uma análise do português medieval como uma língua de tipo simétrica. Tal simetria também é evidente no tipo de elemento interpolado: no século 15 são mais comuns os casos de interpolação com os advérbios medievais *er*, *en*, *ar*, que apresentam certa propriedade clítica, tanto em matrizes quanto em encaixadas. Corroborando trabalhos anteriores (MARTINS 1994; NAMIUTI 2008) essa mudança indica que no século 15 a interpolação adquire um *status* diferente da observada nos outros séculos.

Por ora podemos concluir que o fato de as mesmas posições à esquerda do verbo estarem disponíveis nas orações matrizes e nas subordinadas e o fato de o verbo ocorrer em segunda posição em orações encaixadas introduzidas por verbos

não “ponte” nos dão razão de acreditar que V2 também é licenciado nas orações subordinadas. Levando isso em consideração, assumimos que estamos diante de uma língua V2 flexível simétrica, cujas características estão resumidas abaixo:

- (i) V2 é produtivo tanto nas orações matrizes quanto nas orações subordinadas;
- (ii) V2 é a ordem linear preferida em ambos os contextos;
- (iii) V2 é licenciado nas encaixadas introduzidas por diferentes tipos de verbo, e não somente por verbos “ponte”;
- (iv) V1 e V>2 são frequentes em orações matrizes; nas subordinadas V>2 é mais produtivo e V1 ocorre marginalmente;
- (v) A posição pré-verbal não é exclusiva para sujeitos, em nenhum contexto, e sujeitos pós-verbais são frequentes;
- (vi) Tópico e foco podem coocorrer em em posição pré-verbal de orações matrizes e subordinadas;
- (vii) Construções com sujeito nulo são licenciadas em orações matrizes e subordinadas com ordens V1, V2 ou V>2.

6.2. A periferia esquerda do português medieval

6.2.1. Orações matrizes

Uma vez mostrado que o português medieval apresenta uma gramática V2 flexível simétrica, neste capítulo adotaremos uma abordagem cartográfica para a periferia esquerda dessa língua com base na estrutura inicialmente proposta em Rizzi (1997), na qual o domínio CP é projetado por diferentes núcleos, hipótese amplamente discutida na literatura recente sobre as línguas românicas antigas (cf. Benincà 2001, 2004; Benincà & Poletto, 2004; Frascarelli & Hinterhölzl, 2007; Hinterhölzl & Petrova, 2010; Wolfe, 2015; Galves a sair, entre outros). Ao lançar mão da noção de V2 flexível, Wolfe (2015:170) propõe a estrutura abaixo, que traz duas importantes inovações em comparação à proposta original de Rizzi (1997): a eliminação, proposta por Benincà (2001, 2004) e Benincà & Poletto (2004), da posição de Tópico abaixo de Foco, e a introdução de um núcleo à esquerda de Force para resolver a possibilidade de ordens V>2 em línguas estritamente V2.

[FrameP (Frame-setter) [ForceP [TopP (Topic) [FocP (Focus) [FinP [TP....]]]]]]

A hipótese de Wolfe em relação à posição do verbo em línguas V2 flexíveis vai ao encontro da análise de Antonelli (2011), que argumenta que o preenchimento de Fin é desencadeado pela presença de um traço de finitude [+F]. Antonelli assume que as posições estruturais ocupadas pelo verbo e pelo constituinte pré-verbal são Fin para o verbo e [Spec, Fin] para o constituinte à sua esquerda. Também assumindo Fin como o núcleo para onde se move o verbo e descartando a necessidade de ForceP nas orações matrizes, Galves (a sair) propõe uma estrutura para o português clássico em que FrameP e TopP fazem parte de uma única camada, TOP. Em sua estrutura, também estão disponíveis uma categoria reservada para elementos focalizados, genericamente chamada de FOC, e uma para elementos contrastados, à qual se refere como kP.

Em sua proposta, Galves leva em conta o fato de no português clássico a interpretação dos objetos pré-verbais ser variável de modo que muitas vezes não é possível definir se a posição que ocupam é foco ou tópico. No português medieval

observamos que isso também ocorre. Nos exemplos abaixo, o objeto não parece ser foco ou tópico, mas veicular uma informação contrastiva.

(276) **Este cantar entendi eu bem**, mas de todo o outro nom entendi eu nada.

(JAR06,.12; *José de Arimateia*; século 13)

(277) **E esso meesmo fazia~ todollos** outros da sua parte. (CGE329,.33;

Crónica Geral de Espanha; século 14)

Foco normalmente é definido como o centro informacional da sentença, que contém uma informação nova, não pressuposta. Foco também está relacionado à ênfase no sentido de que a informação veiculada pelo constituinte focalizado está em oposição a um conjunto de alternativas (MOLNÁR 2001:100). A noção de tópico normalmente é associada a três definições: o conceito de tópico temático ou *aboutness topic* (cf. Reinhart 1982), isto é, o assunto veiculado pelo constituinte, que é o tópico da frase; a noção de *frame* que, segundo Chafe (1976), está relacionada ao fato de o tópico definir uma estrutura espacial, temporal ou individual na qual a predicação é dada; e à informação dada, isto é, o tópico veicula informação já conhecida. Frascarelli & Hinterhölzl (2007) dividem a noção de tópico em três tipos: *aboutness topic* ou tópico temático; *contrastive topic* ou tópico contrastivo, um elemento que pressupõe alternativas que não impactam a informação veiculada no tópico, e *familiar topic*, que veicula uma informação já dada.

Em (249) o objeto fronteadado *este cantar* não aparenta ocupar uma posição de tópico ou foco informacional, mas sim a de uma posição que veicula uma informação de contraste, evidenciada pelo sintagma *todo o outro* na oração seguinte. Em (250), observamos um padrão semelhante: o objeto *esso meesmo* pode ser interpretado como um elemento que se opõe a alguma informação dada fora da sentença, veiculando uma espécie de foco *contrastado*. Não obstante, a interpretação de certos elementos à esquerda do verbo no português medieval também pode ser a de foco (278) ou tópico (279).

(278) **Todo o mundo se devya a destroyr** por tamanha treyçõ. (CGE344,.16;

Crónica Geral de Espanha; século 14)

(279) **As vozes cantaram bem** sete vezes em esta maneira e ao outavo canto deixaramse cair assi que me pareceo que eram em os abismos. (JAR06,.14;

José de Arimateia; século 13)

Também são produtivas ordens em que mais de uma posição está disponível à esquerda do verbo, como é o caso dos contextos OSV. Apesar de não muito frequentes – em um total de 18.726 sentenças matrizes, foram levantadas apenas 13 ocorrências dessa ordem em nosso *corpus* – esses casos trazem importantes pistas sobre a periferia esquerda da gramática em estudo. Não fossem eles, seria possível levantar a hipótese de que no português medieval o objeto frontado e o sujeito pré-verbal competem pela mesma posição. Observem-se alguns dos exemplos abaixo.

(280) **Todo esto me el rrogou** que lhe eu dissese ca nom he direito que o outrem saiba ante que uos. (DSG51,.11; *Demanda do Santo Graal; século 15)*

(281) **E todo esto ella fazia** por ordyr morte de Galuã a seu poder, que mujto desejava a sua morte. (DSG145,.7; *Demanda do Santo Graal; século 15)*

(282) **Tudo isto ele sofreo** por nós de sua bõa vontade. (JAR36,.19; *José de Arimateia; século 13)*

(283) **Tudo isso eu farei**, disse Hipocras. (JAR83,.98; *José de Arimateia; século 13)*

(284) **Todo isso, disse Hipocras, eu farey**, e que o vejam que é verdade. (JAR83,.96)

(285) **Todo esto, senhor, eu digo** por vós... (JAR114,.49; *José de Arimateia*; século 13)

(286) **Todo ora a estoria nom conta**, mas quando a espada for conhecida e que a chamaram por seu nome, assi como as letras dezião, antam seram manifestadas as maravilhas dela e da bainha. (JAR71,.64; *José de Arimateia*; século 13)

(287) **Todo esto eu sabia** que auvyria en. (DSG684,.3; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

O que todas sentenças acima têm em comum é o fato de o objeto frontado conter um NP quantificado. Tais sentenças indicam que o sujeito e o objeto podem coocorrer na periferia mais baixa quando o objeto é quantificado ou focalizado, o que significa que há duas posições disponíveis: uma posição mais baixa ocupada pelos sujeitos pré-verbais e uma posição mais alta que apresenta propriedades semelhantes às de um operador, uma vez que abriga NPs quantificados. Na estrutura proposta por Galves (a sair) essa posição é chamada de FocP. A camada FocP também é o local para onde se movem sintagmas com valor avaliativo, como (288) e certos tipos de advérbios nos casos de interpolação (289).

(288) [**Foc Grande alegria**] teve o pai com o filho e o filho com o pai. (JAR79,.24; *José de Arimateia*; século 13)

(289) E, se for outro que não seja honrrado ne~ d'alto sangue, [**Foc nunca**] me mais veeredes em vossa casa. (CGE377,.52; *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

Orações com ordem SOV também evidenciam a coocorrência do sujeito e do objeto quanto este é quantificado. Nos casos abaixo, o sujeito recebe uma interpretação de tópico familiar ou conversacional, evidenciada pelo contexto das sentenças.

(290) **E Orbyta, que era o alfferez do conde e tragia a sua bandeira, tantos golpes sofria** de lanças e de espadas e de maças e de seetas e de outras armas que seria muyto pera o sofrer hu~a pedra. (CGE341,.91; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(291) **E dom Gonçalo Gustiuz tantas lagrimas lançava** cada dya per seus olhos que ño podya ja bem veer; e andava com huu pao em a mão. (CGE376,.157; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(292) Ou **eu todo lleuarey** ou ño lleuarey dell ninhua cousa. (DSG219,.19; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(293) Mas **o Branco Cavaleiro tais cousas fazia** que nhum homem, por poder que tivesse, o poderia fazer. (JAR50,.104; *José de Arimateia; século 13*)

(294) **Eu todas estas cousas dixे** na cidade de Anthiochia (VIDASSANTOS_SPL,12.284; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense, século 14*)

Benincà (2004:65), ainda que reconheça que objetos não parecem ser pragmaticamente marcados quando são imediatamente pré-verbais nas línguas românicas antigas, como acontece no italiano e em outras línguas românicas modernas, conclui que essa posição é parte de Foco, pois assume que o movimento só pode acontecer em direção a essa camada. A evidência de que os objetos imediatamente pré-verbais são movidos, mas não gerados nessa posição é o fato de eles não serem casos de retomada clítica. Por esse ponto de vista, a coocorrência de um objeto e de um sujeito em sentenças como (263 a 267) se deve ao fato de que existe uma camada Foc que pode abrigar mais de um constituinte. Contudo, essa análise traz um problema para a restrição de minimalidade do movimento, o que justifica a inclusão de uma posição contrastiva *k* na proposta de Galves (a sair), localizada entre Foc e Fin.

A noção de contraste foi bastante discutida na literatura (cf. Bußmann 1990; Vallduví & Vikuna 1998; Molnár 2001; Neeleman & Vermeulen 2012; Torregrossa 2015, entre outros), mas sua definição ainda não é muito precisa. De acordo com Bußmann (1990:419) contraste pode ser compreendido como um sinônimo para oposição – no nível pragmático ou sintático. Com base em Galves (a sair), aqui levaremos em conta uma noção mais ampla de contraste, conforme proposto por Vallduví & Vikuna (1998:83): “*If an expression a is kontrastive, a membership set $M = \{...,a,...\}$ is generated and becomes available to semantic computation as some sort of quantificational domain*”⁶¹. Isso significa dizer que o contraste é um traço relacionado a informações fora do nível da sentença. Essa noção é retomada e discutida por Molnár (2001), que argumenta que este não é simplesmente um traço associado à topicalidade ou focalização. De acordo com Molnár (2001), o contraste é uma espécie de *packaging phenomenon*, um fenômeno autônomo de acondicionamento de traços que deve ser incluído, no âmbito translinguístico, no inventário de categorias pragmáticas. O contraste veicula uma série de informações e seu conjunto diferencia esse traço das noções de tópico e foco: ênfase, contraste dominante, pertencimento a um conjunto de informações, e a menção de alternativas. Para dar conta da noção de contraste no finlandês (268), Molnár (2001:111) propõe a inclusão da categoria KontrastP como núcleo da estrutura de CP expandido de Rizzi (1997) (296):

- (295) a. [KONTRAST Tukholmaan] Pekka lensi [FOCUS Finnairilla],
 Para STOCKHOM, Pekka voou pela FINNAIR,
 b. [KONTRAST Reykjavikiin] (Pekka lensi) [FOCUS Icelandairilla].
 Para REYKJAVIK, Pekka voou pela ICELANDAIR.

(296) ForceP **KontrP** TopP* FocP TopP* FinP

⁶¹ Se uma expressão a é contrastiva, um conjunto $M = \{...,a,...\}$ é gerado e torna-se disponível para a computação semântica como uma espécie de domínio quantificacional. [minha tradução]

Galves (a sair) argumenta que no português clássico *kontrast* também é uma categoria válida, o que é evidenciado por orações com objetos anafóricos, como o exemplo abaixo (cf. Galves a sair):

(297) [*Kontrast* Isto] nos afirmou muito [*Focus* um homem Polaco, chamado Gabriel,]
(C_007,22.275)

A evidência de que essa posição não é foco está no fato de que pode abrigar pronomes que se referem a um tópico em uma camada alta de CP, como acontece na sentença abaixo, na qual se observa claramente a menção explícita de alternativas relevantes dentro de um conjunto fechado, um requerimento de *contraste*, de acordo com Molnár (2001:112):

(298) [*Top* O que fazeis]_i, [*Kontrast* isso]_i sois, e nada mais. (V_004,197.1694, cf. Galves a sair)

A categoria *kontrast* também se mostra produtiva no português medieval. Não obstante, diferente do que propõe Molnár, conforme Galves (a sair), kP antecede TopP. Uma evidência para a posição de contraste no português medieval são os casos com objeto anafórico frontado (cf. Andrade & Galves 2018), que desempenham um papel contrastivo na sentença, como (299) e (300) abaixo.

(299) [*Kontrast* Aquele pano] levou o cavaleiro a Roma. (JAR22,.20; *José de Arimateia; século 13*)

(300) E [*Kontrast* esta vertude] tinha a primeira costa. (JAR71,.38; *José de Arimateia; século 13*)

Interpretamos que orações com demonstrativos com função anafórica veiculam uma informação constrativa no sentido de que fazem uma conexão com um conjunto de alternativas explícitas dentro ou fora do domínio da sentença. No caso de (299) *aquele pano* está em oposição a algum outro elemento que *o cavaleiro* não levou a Roma. Já em (300), *esta vertude* se opõe a alguma *outra* virtude que a *primeira costa* não possui.

A evidência de que a posição ocupada pelos demonstrativos não é foco no português medieval está no fato de que pode hospedar pronomes que se referem a um tópico em uma posição alta na camada CP, como na sentença abaixo.

(301) [_{Top}Huu rey mouro de Africa que hi veera, o qual era dos grandes gigâtes e esforçado dos do mundo]_i, [_{Kontrast} este]_i dizia a todos que lhe mostrassem o conde dom Fernam Gonçallvez, ca o queria aver cõ elle. (CGE341,.53; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

Em (301) o pronome demonstrativo *este*, que ocupa a posição de constraste, se refere ao tópico *huu rey mouro*, que ocupa uma posição alta na sentença. *Este* veicula uma noção de contraste no sentido de que é *este rei*, e não outro que dizia a todos que lhe mostrassem o conde.

A mesma análise pode ser aplicada aos sujeitos pré-verbais em ordens SV. Paixão de Sousa (2004) aponta que a ordem SV é particularmente frequente em textos com sequências narrativas abundantes, nas quais os diferentes participantes do evento narrado revezam o discurso ao longo do texto, como indicam os exemplos abaixo (cf. também Galves & Paixão de Sousa 2017).

(302) **O brâmene lhe deu** por isso seus agradecimentos (Pinto, 1510)

(303) **nosso capitão-mor cometeu** então queimar-lhe a galé (Pinto, 1510)

No contexto acima, trata-se da discussão entre dois personagens, o brâmene e o capitão. Paixão de Sousa aponta que cada vez que um dos personagens é mencionado, descrevendo sua vez no diálogo, um constituinte que se refere àquele personagem ocupa a posição pré-verbal, isto é, a posição prototípica para tópicos em ordens V2. A mesma organização frasal é vista em sequências nas quais o elemento frontado não é o sujeito. Nesses casos, instanciam-se sequências XV(S). Desse modo, no português clássico, XVS pode ser considerado como um tipo de frontamento-V2 de constituintes não-sujeito.

Resumindo, a posição baixa na camada CP parece ser o especificador de uma projeção que não pode ser definida em termos de tópico ou foco como na estrutura original de Rizzi (1997). A interpretação de foco ou tópico do elemento deslocado

dependerá da posição de onde foi movido: se foi movido a partir da porção de foco da sentença, será interpretado como foco; se foi movido de uma posição localizada fora do domínio de foco, como é o caso dos sujeitos, será interpretado como tópico. Casos em que a interpretação do objeto frontado não é a de foco construtivo, como em (299) e (300), justificam a existência de uma categoria *contrastada*, kP na nomenclatura de Galves (a sair). Essa posição é ocupada por objetos pré-verbais e sujeitos com valor de contraste em ordens de tipo SV(X). Outros constituintes também podem ocupar essa posição, recebendo interpretação de contraste, o que para PPs e advérbios não referenciais seria o equivalente à ênfase. Assumindo a noção de contraste como uma posição válida na periferia esquerda do português medieval, com base em Galves (a sair), adotamos a estrutura abaixo, na qual * representa a recursividade:

(TOP)* | (FOC) (k) Fin [TP

Nessa estrutura, Fin é a posição que atrai o verbo. As categorias localizadas acima de Fin são facultativas e, por isso, estão representadas entre parênteses. As posições FOC e k atraem sintagmas para a posição à esquerda do verbo, sendo FOC a categoria que atrai elementos quantificados, sintagmas com valor avaliativo e certos advérbios. Nessa representação, a linha vertical representa uma possível barreira da frase entoacional entre os constituintes tópicos e o restante da estrutura, identificada pela colocação clítica. Essa barreira divide a camada CP nas periferias baixa e alta, que correspondem, respectivamente, à porção da camada CP derivada por movimento e à porção gerada na base, por adjunção.

Galves (a sair) ainda observa que TOP e k compartilhem a propriedade de não serem obrigatoriamente projetadas, as duas posições diferem em vários aspectos. Primeiramente, k tem um caráter neutro no que respeita à interpretação do sintagma movido para [spec, kP] como tópico ou foco. Essa interpretação depende da posição original do sintagma deslocado. Além disso, k não é recursivo, o que deriva do fato de que os sintagmas se movem para k a partir de TP e, conseqüentemente, somente um constituinte pode ser atraído, ao passo que os tópicos são criados por adjunção à projeção máxima da sentença. Outra diferença está no fato de a colocação clítica sugerir fortemente que k deve estar obrigatoriamente na mesma frase entoacional que o verbo. Os tópicos, por sua vez, podem estar em um contorno entoacional

independente, como evidenciado pela colocação enclítica do pronome em relação ao verbo. Contudo, isso não é obrigatório, pois a próclise é comum em contextos de orações dependentes imediatamente pré-verbais (cf. Galves, Britto & Paixão de Sousa 2005, Galves e Paixão de Sousa 2017).

Em relação aos casos de interpolação levantados em nosso *corpus* observamos que nas orações matrizes o clítico ocorre entre FOC e *k* ou é licenciado por FOC. Os exemplos abaixo mostram que o clítico se posiciona entre um advérbio com valor referencial – nos casos abaixo, um valor temporal – ou um sintagma quantificado e um elemento cujo valor é contrastivo ou dêitico.

(304) [_{FOC} nu~ca] vos [_K esso] dira (CGE377,.54; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(305) e [_{FOC} senpre] me [_K deles] doy. (VIDASSANTOS_SPL,2.41; *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense; século 14*)

(306) [_{FOC} Todo esto] me [_K el] rrogou que lhe eu dissese ca nom he direito que o outrem saiba ante que uos. (DSG51,.11; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

Casos como os abaixo, reproduzidos da seção anterior, em que o clítico ocorre interpolado entre dois advérbios, também merecem destaque.

(307) Amigos, este dampno **nu~ca se jamais pode** cobrar. (CGE376,.148; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(308) E bem entendeo que o anjo dissera verdade, que sempre dele coxeou emmentes viveo e sempre a chaga deitou sangue emmentes i foi o ferro **e ainda o mais lazerou** em outro lugar. (JAR54,.36; *Demanda do Santo Graal*)

Ainda que nesta tese não nos caiba a discussão do estatuto da interpolação no português medieval, os advérbios focalizados acima parecem formar uma unidade sintagmática em que *ainda* é o modificador de *mais* em (279), e *nunca* modifica *jamais* em (280). Sem mais discussão, assumimos que um movimento sintático não poderia

levar o clítico para uma posição entre dois advérbios que formam uma unidade, mas um rearranjo pós-sintático, que é linear, sim. Para uma análise detalhada sobre a derivação da gramática do português antigo e médio no contexto da Morfologia Distribuída, cf. Namiuti (2008).

Uma breve análise acerca da interpolação nos permite concluir que nesses contextos FOC também pode abrigar sintagmas não quantificados, como certos advérbios. Além disso, FOC e *k* podem coocorrer, o que também é evidente em contextos OSV com objetos quantificados, como denota a sentença abaixo.

(309) [_{FOC}E todo esto] [_k ella] [_{Fin} fazia] por ordyr morte de Galuã a seu poder, que mujto desejava a sua morte. (DSG145,.7; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

Na construção acima o sintagma quantificado ocupa a posição de Foco da sentença, ao passo que o sujeito se move para uma posição imediatamente à esquerda do verbo, [_{spec}, *kP*], veiculando uma noção contrastiva. Casos como este são construções marcadas, ainda que a coocorrência de Foc e *k* na mesma derivação não viole a minimalidade, visto que diferentes traços estão envolvidos.

Vale ressaltar que a coocorrência de FOC e *k* não é obrigatória. Em (310) e (311) temos casos em que um sintagma quantificado é movido para FOC, sem a ocorrência de uma categoria que veicule contraste.

(310) **Todo saber vem** de Nosso Senhor. (JAR03,.25; *José de Arimateia*; século 13)

(311) **Todas as gentes louvariam** seu nome e muitas gentes em ele creriam. (JAR20,.7; *José de Arimateia*; século 13)

O mesmo vale para sentenças com elementos contrastados, cujo movimento para *kP* não depende do movimento de algum outro elemento para FOC. Nesses casos, o objeto fronteado ocupa [_{spec}, *kP*] e o sujeito pós-verbal está em uma posição mais baixa, [_{spec}, *TP*].

(312) **Esto trouxe Caim** em seu corassam longamente e nunca fez sembrante, pera que o Abel nom pudesse entender. (JAR74,.4; *José de Arimateia; século 13*)

(313) **Isto disse a voz** a el-rey Mordaim e prometeolhe que veria aquele cavaleiro que tanto desejava ver. (JAR102,.16; *José de Arimateia; século 13*)

Como apontado em Galves (a sair), a estrutura adotada neste trabalho apresenta um possível problema: do modo como foi concebida, sugere que quando um sujeito está em [spec, TP], ocorre a contiguidade verbo-sujeito. No entanto, a ordem (X)VXS ocorre com certa frequência em nosso *corpus* (361 ocorrências em um total de 2.531 sentenças XVS – 14% dos dados de XVS).⁶²

(314) **Esto que disse Gaeriet e~tendeo muy bem Mordret.** (DSG258,.17; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(315) **Assi ffalaram aquell seruo a dona e Persiual** (DSG222,.2; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(316) **Depois que Almançor assy foy morto, ficou em seu logar Abemelic.** (CGE391,.34; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

Galves & Gibrail (2018) argumentam que esse tipo de ordem é derivado a partir do movimento de VP para o especificador de Fin. As autoras se baseiam em três argumentos para tal análise:

- (i) O sujeito em VOS pode ser interpretado como um tópico familiar, como em VSO, o que sugere que, nesse caso, o sujeito está em uma posição alta.

⁶² No português clássico (X)VXS é mais frequente, com 27% de ocorrências (487 sentenças em um total de 1.757) (cf. Galves a sair).

- (ii) Encontram-se tanto orações V1 quanto V2 casos em que dois VOs estão coordenados e precedem um sujeito, o que indica que se comportam como um constituinte:

(...) de tal sorte lhes [conciliou os ânimos], e [humanou os afectos]

(B_001_PSD, 194.1735)

[Ornam a capela] e [acompanham a sepultura] muitas estátuas de finos mármore (S_001_PSD, 164.1897)

- (iii) Diferente do que ocorre no português europeu moderno (cf. Costa 2004), objetos indefinidos podem aparecer nessa posição. De acordo com Costa, esse é um argumento contra *scrambling*, que só se aplica em determinados objetos definidos.

Tais argumentos são válidos para os casos em que o que está entre o verbo e o sujeito pós-verbal não é um objeto direto, mas um outro argumento ou sintagma adjungido internamente ao VP. De fato, as autoras esperam encontrar à direita do verbo o mesmo tipo de elementos que se encontram à sua esquerda, quando são independentemente movidos para [spec, k] ou Foc.

Na seção seguinte trataremos do caso das orações subordinadas. Argumentaremos que a periferia esquerda das orações dependentes também apresenta uma estrutura complexa, idêntica à estrutura das orações matrizes, trazendo mais evidências para uma análise do português medieval como uma língua simétrica.

6.2.2. Orações subordinadas

Na seção anterior argumentamos que o português medieval possui uma periferia esquerda complexa, na qual mais de uma posição está disponível para sintagmas pré-verbais. Com base na estrutura proposta por Galves (a sair), lançamos mão da categoria kP, uma posição que abriga pronomes demonstrativos fronteados e sujeitos pré-verbais, entre outros elementos que veiculam informação contrastada. Também argumentamos em favor de uma posição genericamente chamada de FOC, para onde se movem elementos quantificados, certos advérbios em contextos de interpolação e sintagmas com valor avaliativo. Ambas as posições são geradas por movimento, em contraposição à uma posição na camada mais alta da periferia esquerda, TOP, gerada por adjunção. Nesta seção nosso objetivo é mostrar que nas orações subordinadas as mesmas categorias estão disponíveis, indicando que a mesma periferia esquerda está ativa também nesses contextos.

Como vimos nos capítulos anteriores, o trabalho de Antonelli (2011) argumenta que o português clássico é um tipo de língua V2 assimétrica nos moldes do alemão, pois nas orações matrizes o verbo se move para Fin, mas nas subordinadas introduzidas pelo complementizador *que* esse movimento é bloqueado, sendo Fin ocupada pelo complementizador. Sua proposta assume que o complementizador tem preferência em relação ao verbo para ocupar Fin devido ao princípio de economia *merge over move*. Diferentemente, no português medieval o efeito V2 também é licenciado nas orações encaixadas, o que enquadra essa gramática no rol das línguas V2 simétricas.

Os dados com fronteamento de objeto, ainda que ocorram de forma marginal nas orações subordinadas do português medieval, dão importantes pistas sobre a periferia esquerda dessa gramática. Como exposto no Capítulo 5, tanto nas orações raízes quanto nas subordinadas são frequentes os casos com fronteamento de pronome demonstrativo. Em ambos os contextos o percentual de pronomes demonstrativos em posição de objeto é idêntico: 71% contra 29% de fronteamento de outros tipos de XP. O fato de não haver diferença entre as subordinadas e as matrizes quanto ao fronteamento de demonstrativos é uma forte evidência de que a posição de contraste está ativa na periferia esquerda dos dois tipos de oração. O mesmo não é verdade para o português clássico, em que o fronteamento de objetos demonstrativos

ocorre de maneira marginal. O estudo de Andrade & Galves (2018) identifica que nessa gramática o frunteamento de pronomes demonstrativos soma 12% das orações matrizes com ordem OVS analisadas, ao passo que nas subordinadas o frunteamento de demonstrativos soma 2% dos casos, o que sugere que no português clássico não está ativo nos contextos dependentes. O assunto será retomado com mais detalhes no Capítulo 8.

Os exemplos abaixo confrontam dados de orações matrizes e orações subordinadas com frunteamento de demonstrativo. Em todos os casos não há diferença na interpretação para o elemento que ocupa a posição imediatamente à esquerda do verbo.

(317) a. El-rey lhe dizia: - [**kp Esto** [**Fin farei** eu muy de grado. (JAR99,.27; *José de Arimateia; século 13*)

b. [**kp E esta corruda** [**Fin fez**] el rey dom Garcia em mentre que o conde era hydo a el rey de Leom, assy como ja dissemos. (CGE352,.7; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

c. [**kp Esto** [**Fin quero**] eu melhor saber por ueer as grandes auenturas e millagres que Deos por ti fara. (DSG05,.12; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(318) a. **Quando** [**kp isto** [**Fin disse**] **Josefes**, disse a rainha que creia em Deos, se Evalac escapasse, e faria que outrossi ele cresse. (JAR51,.10; *José de Arimateia; século 13*)

b. **E ell dise que** [**kp aquella mesajem** [**Fin faria**] **ell** bem. (DSG244,.33; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

c. Mas aqueles que sabem as aventuras nom sabem por que ele foi assi chamado, como aquele ungimento, Padragão, ca [**kp esto** [**Fin sabe**] **homem**

bem que ele houve nome Uter em bautismo. (JAR41,.49; *José de Arimateia; século 13*)

Nos exemplos acima observam-se construções com um sintagma composto por um demonstrativo seguido do verbo e um sujeito pós-verbal. Assumimos que nesses contextos kP está ativo e é esta a posição ocupada pelos elementos fronteados, tanto nas orações matrizes quanto nas orações subordinadas em (318). Também assumimos que nas construções acima o verbo ocupa Fin e o sujeito pós-verbal ocupa uma posição abaixo de Fin, [spec, TP].

Todavia, em relação à posição do sujeito, observamos que nas orações subordinadas são mais frequentes os casos com sujeito pré-verbal, que somam 93% dos dados contra 7% de casos com ordem XV. No português clássico SV também é mais comum nas subordinadas, mas ocorre em menor proporção. Considerando orações subordinadas com ordem linear V2 com sujeito expesso, Antonelli (2011) observa que o índice de sentenças SV no português clássico é de 70,35% no século 16 e de 74,92% no século 17. Com base nisso, assume que, nessas orações, o sujeito pode aparecer, no mínimo, em uma de duas posições: [Spec, TP] ou [Spec, VP]. Assim, sujeitos pré-verbais seriam derivados do movimento do sujeito até [Spec, TP], ao passo que sujeitos pós-verbais seriam derivados em função da permanência do sujeito em [Spec, VP] (cf. Antonelli 2011:165).

Não obstante, apesar de a mesma periferia esquerda estar disponível nas orações matrizes do português medieval e do português clássico, a baixa ocorrência de demonstrativos nas subordinadas do português clássico traz evidências de que isso não acontece nos contextos dependentes nessa língua. O fato de k estar ativo tanto nas orações matrizes quanto nas subordinadas do português medieval nos dá mais indícios de que esta é uma gramática de proeminência discursiva. Levando isso em consideração, é possível assumir que, nesses contextos, os sujeitos pré-verbais ocupam uma posição mais alta na periferia esquerda, FOC, [spec, kP] ou, em casos de adjunção, TOP, no português medieval.

Nas orações subordinadas FOC também é uma posição específica para sintagmas quantificados, como evidencia o exemplo abaixo, em que o *todollos outros* ocupa a posição à esquerda do verbo, após o complementizador *hu* (onde).

(319) (...) asi que tu daras cima a todallas outras marauilhas e auenturas **hu todollos outros fallçerem e falleçeram**. (DSG05,.9; *Demanda do Santo Graal*; século 15)

Assim como atesta Wolfe (2015) para as línguas V2 flexíveis, nas quais tópico e foco co-ocorrem em ordens $V > 2$, nas subordinadas do português medieval esse tipo de construção também é licenciado, como demonstra o caso abaixo, em que o NP *elle* ocupa uma posição de tópico e o sintagma quantificado *todo seu feito* ocupa a posição de foco, ambos à esquerda do verbo. Note-se que também nas subordinadas FOC é licenciado sem o movimento de algum outro sintagma para kP.

(320) E, quando vyo o que os seus avyam acordado, prouguelhe muito, pero disselhes que guardassem sua honrra come seus vassallos e seus naturaas, **ca elle todo seu feito poynha e~ suas mñaos**. (CGE357,.23; *Crónica Geral de Espanha*; século 14)

Os exemplos acima trazem evidências de que os objetos e os sujeitos pré-verbais das orações subordinadas podem ocupar as mesmas posições que estes elementos ocupam nas orações matrizes. Casos com ordem SOV com e sem fronteamento de objeto também trazem indícios de que a mesma periferia esquerda está disponível nos dois contextos, uma vez que mais de uma posição está preenchida à esquerda do verbo e o sujeito ocupa uma posição alta em contexto pré-verbal, como demonstra o dado abaixo.

(321) E, quando [_{TOP} **os diabos**] [_K **isto**] [_{FIN} **viram**], leixaram me e foramse, mas primeiro mataram muitos pagãos que aqui moravam. (JAR106,.92 *José de Arimateia*; século 13)

Se no português medieval as categorias da periferia esquerda estão disponíveis também nas orações subordinadas, é preciso assumir que o complementizador está em Force e não em Fin, uma vez que o verbo se move para esta posição. A principal consequência disso é também assumir, como foi feito na seção 6.1.2, que o português medieval é uma língua V2 flexível e simétrica (WOLFE

2016, GALVES a sair), no sentido de que o verbo se move para o Fin tanto nas orações matrizes quanto nas subordinadas.

Uma vez que no português medieval a mesma periferia esquerda está disponível nas orações matrizes e nas subordinadas, assumimos a estrutura de Galves (a sair) com o acréscimo de uma posição genericamente chamada de Force, que satisfaz um traço relativo ao tipo de sentença, acima de TOP, como mostra o esquema abaixo.

(Force) (TOP)* | (FOC) (k) Fin [TP

Na estrutura acima, Force é a posição onde são concatenados os complementizadores no português medieval. Sua representação entre parênteses indica que Force só é ativado em contextos encaixados, sugerindo que a mesma estrutura está disponível para as orações matrizes e subordinadas, em que há movimento do verbo para Fin.

A estrutura proposta também dá conta de outros fenômenos que afetam a periferia esquerda das orações subordinadas do português medieval, como construções com interpolação. Nesses casos o papel dos elementos que licenciam a interpolação fica mais claro, visto que o fenômeno é mais abundante nas orações encaixadas. Os dados abaixo exemplificam casos com um elemento contrastado interpolado.

(322) Depois [_{Force} **que** [_{ci} **me** [_k **isto** [_{Fin} **disse**, ergueome em alto, (JAR07,.4; *José de Arimateia; século 13*)

(323) Ruy Vaasquez, [_{Force} **quando** [_{ci} **lhes** [_k **aquello** [_{Fin} **ouvyo**, começouhos de louvamynhar... (CGE373,.7; ; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(324) - Eu cujdaua que erades Boorz que se partio de mj pouco ha por hir depollo **caualeyro** [_{Force} **que** [_{ci} **me** [_k **esto** [_{Fin} **fez**. (DSG96,.12; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

Outros tipos de sintagma também ocorrem interpolados nas subordinadas, como um PP (325), um advérbio de lugar (326), um DP (327) e um advérbio de modo (328), (329).

(325) E, quando soube que o Salvador do Mundo era morto e que aqueles que o mataram lhe queriam britar as pernas e os braços, assi como soyam a fazer a os ladrões, nom quis tanto aguardar que **aqueles que o em a cruz puseram**, que o eles decessem com suas mãos maas e çujas. (JAR17,.9; *José de Arimateia; século 13*)

(326) Be~to seja Deos **que uos aquj adusse**. (DSG183,.14)

(327) E os mãdadeiros, quando a elle chegarom, disseronlhe **o que lhe o conde mandava dizer**. (CGE332,.6; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(328) E, por este milagre que ally Deus fez por elle, maldisse aquelles **que o falssame~te acusarõ** e seu linhagem que delles vehesse, (...) (CGE381,.31; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

(329) E~ maao dia vos eu dou soldadas, **pois que vos a Munho Salido me assy vedes desonrrar** e me no~ dades delle direito; e o que ainda he peor, que semelha que vos nõ pesa ende! (CGE373,.19; *Crónica Geral de Espanha; século 14*)

Foram também atestados casos em que o clítico é interpolado entre dois advérbios focalizados, como em (330), em que estes parecem formar uma unidade sintagmática, na qual *nunca* modifica *mais*. Diferente do que ocorre nas orações matrizes, a interpolação nas subordinadas não ocorre necessariamente entre FOC e k.

(330) E apareceolhe Jesu Cristo aquele dia e deixou com ele tam gram claridade, quando se houve de partir, **que nunca lhe mais faltou** e nam cuidou que ali fora depois noite. (JAR24,.8; *José de Arimateia; século 13*)

Vale ressaltar que um potencial problema para a representação da periferia esquerda que acaba de ser proposta são os casos de recomplementação, em que há mais de um complementizador *que*, como evidenciam os exemplos abaixo:

(331) E eu acordei e **tive que, por que era sonho, que não era nada**. (CGE340,1.27; *Crónica Geral de Espanha; século 14*).

(332) - E bem ssey **que, se o pode achar, que a batalha sera grande** ca Lançalot he o melhor caualleyro de spada que nuqua vi. (DSG222,.6; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(333) - Ay meu senhor, eu uos rrogo por cortisia e por mesura **que, porque uos ssodes melhor caualeyro ca eu, que me não tolhades o que começey**. (DSG229,.20; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(334) E ell não respondeo aaquello mas demãdauaa d amores e dise **que, se quisese seer sua amigua, que ha filharia por molher** e que ha faria seer rraynha de terra muy rriqua e boa. (DSG248,.8; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(335) Dizedesme uos como padre **que, se eu babtismo quiser receber, que me partirey desta batalha cõ onrra?** (DSG562,.7; *Demanda do Santo Graal; século 15*)

(336) - E eu, dise Palamades, prometo ora a Noso Senhor Ihesu Christo **que, se el desta batalha me leyxa sair cõ saude, que eu logo receba bautismo**

e que disi adiante seia leal caualeyro da Sancta Egreya. (DSG562,.10;
Demanda do Santo Graal; século 15)

Os dados acima têm em comum uma estrutura em que dois complementizadores *que* são interpolados por uma outra oração que expressa valor circunstancial ou explicativo. Em todos os casos o segundo *que* parece retomar o primeiro, como uma estratégia discursiva. Ribeiro & Torres Moraes (2008) argumentam que em casos de duplo *que* o primeiro complementizador fica em Force e o segundo em Fin, hipótese também adotada por Antonelli (2011). Nesses contextos, assumimos o mesmo, ficando o verbo *in situ*, sem se mover para Fin. Todavia, uma pesquisa mais aprofundada no assunto se faz necessária, o que deixaremos para estudos futuros.

6.3. Resumo

Neste capítulo trouxemos evidências para embasar uma análise em favor de V2 para o português medieval. Verificamos que nossos dados corroboram os de Ribeiro (1995) e os contrapomos com os argumentos de Fiéis (2002, 2007) e Sitaridou (2012), assumindo que o fato de haver construções V1 e V>2 no português medieval não invalida uma análise pró V2 para essa gramática. Além disso argumentamos que esta é uma gramática V2 flexível (cf. Wolfe 2015) em que a ordem V2 é produtiva tanto nas orações matrizes quanto nas orações subordinadas, além de preferível em ambos os contextos. Uma vez que V2 é licenciado tanto nas orações matrizes quanto nas subordinadas, em que há movimento do verbo para Fin, concluímos que o português medieval é um tipo de língua V2 flexível simétrica.

Também concluímos que a periferia do português medieval é rica e licencia diferentes posições à esquerda do verbo. Com base em Galves (a sair), assumimos a existência de uma posição kP, para onde se movem elementos com valor de contraste, como pronomes demonstrativos em posição de objeto, sujeitos pré-verbais e outros elementos contrastados. Na mesma estrutura justificamos a categoria FOC para onde se movem quantificadores, determinados advérbios e sintagmas com valor avaliativo ou afetivo que licenciam a interpolação. Na posição mais à esquerda se encontra uma posição de tópico, formada por adjunção. Para dar conta da simetria entre orações matrizes e subordinadas, propomos a inclusão de uma posição ForceP, onde são concatenados os complementizadores nas orações encaixadas.

Capítulo 7 – A relação entre discurso e sintaxe

Como visto no Capítulo 5, as ordens V1 e V2 variam de texto para texto no âmbito das orações matrizes. A análise quantitativa por documento apontou que nos textos narrativos ordens com verbo em segunda posição são mais frequentes, ao passo que nos textos não narrativos V1 é mais abundante. Tendo isso em vista, o objetivo deste capítulo é discutir a relação entre o discurso e a sintaxe, propondo uma análise qualitativa de alguns dos textos de nosso *corpus* do português medieval.

Para tanto, apresentaremos a proposta de Hinterhölzl & Petrova (2010) para o alto-alemão antigo, que lança mão das noções de coordenação e subordinação discursiva, baseada na Teoria do Discurso Segmentado (cf. Asher & Lascarides 2003), aplicando-a aos textos narrativos do *corpus*, de modo a observar a relação entre V1 e V2 e a organização do discurso no português medieval. Também retomaremos o trabalho de Wolfe (2015), utilizando-o como base para um debate que relaciona a questão do gênero textual e a distribuição de V1, argumentando que em alguns casos a variação saliente nos textos é mais uma variação entre textos do que uma variação entre gramáticas.

O capítulo se organiza como segue. Na primeira seção, 7.1, apresentamos a Teoria do Discurso Segmentado e o modelo proposto por Hinterhölzl & Petrova, adaptando-o à realidade do português medieval. Na seção 7.2 é discutida a questão do gênero textual, em que apresentamos a distribuição de V1 e V2 de acordo com o tipo de texto e destacamos a importância de um *corpus* variado nos estudos de linguística diacrônica. Por fim, na seção 7.3, esboçamos uma análise de V1 e V2 a nível textual com base na teoria de Asher & Lascarides (2003).

7.1. Subordinação e coordenação discursiva

No âmbito dos estudos diacrônicos, pesquisas recentes vêm, cada vez mais, relacionando a sintaxe das gramáticas históricas à organização informacional encontrada nos documentos escritos (cf. Eide 2006; Hinterhölzl & Petrova 2010; Wolfe, 2015; Galves & Paixão de Sousa 2017; Galves a sair). De fato, em línguas V2 flexíveis como o português medieval, a alternância entre ordens V1 e V2 parece estar intrinsecamente associada ao tipo de texto analisado: como vimos no Capítulo 5, nossos dados indicam que V1 é mais abundante em documentos não narrativos, ao passo que V2 ocorre com mais frequência em textos narrativos.

De acordo com Asher & Lascarides (2003), a variação entre V1 e V2 corresponde à expressão formal de dois principais tipos de relações discursivas: coordenação e subordinação discursiva. A teoria do discurso segmentado (*Segmented Discourse Representation Theory*, conhecida como SDRT, cf. Asher & Lascarides 2003 e Asher & Vieu 2006) determina que sentenças que expressam relações subordinadas servem para introduzir uma estrutura hierárquica no discurso. Um exemplo seria uma relação discursiva em que uma unidade A oferece informação complementar sobre uma unidade B situada em um nível mais alto na hierarquia do discurso. A coordenação, por outro lado, indica que duas situações narrativas pertencem a um mesmo nível na hierarquia discursiva. Analisando orações declarativas matrizes em textos narrativos do alto-alemão antigo, Hinterhölzl & Petrova (2010) propõem que as relações coordenativas são utilizadas para estabelecer novas situações discursivas, isto é, servem para levar a narrativa adiante em um mesmo nível de organização informacional e são expressas predominantemente por sentenças com ordem V1, seja em início de episódio ou com certos tipos de verbo, como verbos de movimento e *verba dicendi*, responsáveis por sinalizar uma mudança de interlocutor ou de *locus* da narrativa. As relações de discurso subordinativas, por outro lado, oferecem informação adicional em um discurso já dado e são representadas pelas sentenças de tipo V2. O quadro abaixo resume as características de cada relação discursiva.

Subordinação discursiva	Coordenação discursiva
- Introduz uma estrutura hierárquica no discurso;	- Pertence ao mesmo nível que outras unidades de informação na hierarquia discursiva;
- Oferece informação complementar sobre uma unidade já apresentada;	- Estabelece novas situações discursivas;
- Representada por sentenças com ordem V2.	- Leva a narrativa adiante em um mesmo nível de organização informacional;
	- Representada por sentenças com ordem V1;
	- Ocorre frequentemente com <i>verba dicendi</i> e verbos de movimento;
	- Ocorre em início de episódio.

Essa análise implica que a colocação verbal na periferia esquerda do alto-alemão antigo originalmente se baseava na organização discursiva e na explicitação retórica. Com base nisso, Hinterhölzl & Petrova (2010) afirmam que V1 ocorre em primeira posição do texto oferecendo a base para uma elaboração discursiva posterior expressa pelas sentenças V2. Uma nova ocorrência de V1 sinaliza, portanto, que a unidade de informação anterior já está concluída e que o discurso caminha para um outro nível de estrutura textual, mais alto, ao introduzir uma nova unidade informacional no texto. O resultado é uma sucessão cronológica de eventos no mesmo nível discursivo. O modelo proposto para o alto-alemão antigo é o seguinte:

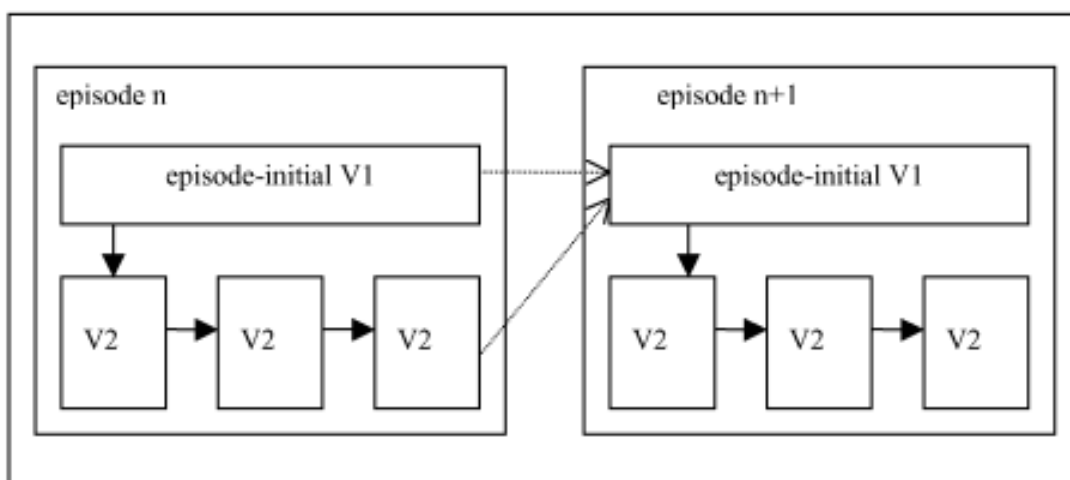


Figura 7: A organização da informação no alto-alemão antigo (Hinterhölzl & Petrova 2010:318)

O modelo acima indica que a cada início de episódio uma sentença V1 ocorre, estabelecendo uma nova situação discursiva. Em seguida, temos uma série de orações com ordem V2, que se subordinam ao primeiro episódio, evidenciando uma relação discursiva hierárquica, e veiculam informação complementar às unidades anteriormente apresentadas. Quando uma nova informação surge, temos mais uma oração V1 e assim sucessivamente. Outra forma de organização discursiva é uma série de novos episódios, que licenciam uma sequência de orações com ordem V1.

No português medieval as organizações discursivas parecem se dar de forma um pouco diferente do alto-alemão antigo, especialmente devido ao fato de o português medieval ser uma língua de sujeito nulo. No português a ordem V1 é derivada de dois tipos de sentença: (i) aquelas em que há posposição do sujeito e (ii) as sentenças com sujeito nulo. Considerando as categorias da estrutura informacional propostas por Wolfe (2015), parte das sentenças do tipo (i) correspondem ao que Wolfe se refere como V1 remático, em que toda a oração introduz uma informação nova, ao passo que as do tipo (ii) seriam construções de continuidade tópica.

Essas categorias, ainda que deem conta dos tipos de V1 encontrados no português medieval, não são suficientes, pois construções V1 com sujeito exposto também podem ocorrer em estruturas de continuidade tópica, como vimos no Capítulo 5. Isso nos leva a concluir, com base em Galves (a sair), que o português medieval apresenta V1 generalizado, isto é, nessa gramática tanto V1 com sujeito exposto (V1-S) quanto V1 com sujeito nulo (V1-pro) são possíveis e seu uso é variável a

dependem do contexto. Tal conclusão também se baseia no fato de o português medieval ser tanto uma língua V2 flexível como uma língua consistentemente pro-drop. Nossos dados mostram que 35% (1.244 sentenças em um total de 3.537) das ordens V1 são com sujeito nulo, o que é perfeitamente consistente com os 45% de ordens V2 com sujeito nulo.

Para tornar mais clara a relação entre V1 e V2 e o tipo de relação discursiva que estabelecem, nas próximas seções faremos uma análise a nível textual para entender melhor o papel do gênero na sintaxe da ordem.

7.2. A questão do gênero textual

Em nosso *corpus* chama a atenção o fato de V1 ser muito mais produtivo nos textos não narrativos, nos quais fica evidente o papel de V1 ao estabelecer relações de coordenação discursiva, como proposto por Hinterhölzl & Petrova (2010). No século 13 isso é especialmente visível, visto que é o único século cujo *corpus* é composto por textos narrativos e não narrativos. Nesse período observamos alguns padrões. No âmbito das orações matrizes, de um lado temos os textos *Testamento de D. Afonso II* e *Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa*, que apresentam mais V1 (uma média de 56%) do que V2. A mesma proporção é obtida por Wolfe para o sardo: 55% são de orações com ordem V1 (198 dados em um total de 361 sentenças V1 e V2). No outro extremo temos *José de Arimateia*, um texto narrativo, com 85,5% de orações de tipo V2 contra 14,5% de orações V1. Entre os dois há um texto que julgamos intermediário, *Costumes de Santarém*, que apresenta 73% de orações com ordem V2 e 27% de orações com ordem V1. A figura abaixo organiza a proporção de V1 em cada texto.

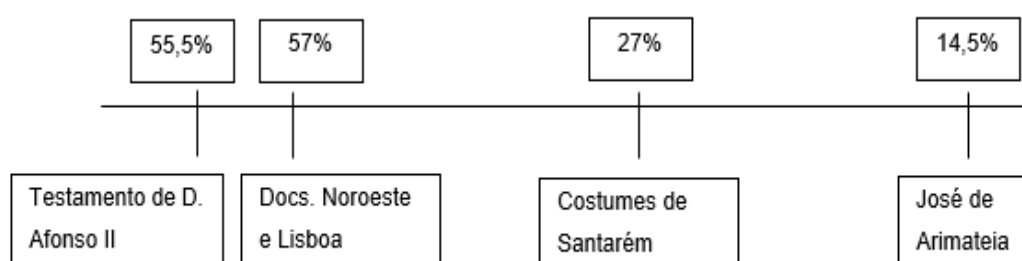


Figura 8: Distribuição de V1 nos textos do século 13

O *Testamento de D. Afonso II* é um documento oficial cuja estrutura remete a uma lista de ordens que devem ser cumpridas após a morte do rei. Nele são frequentes as orações com verbo em primeira posição antecedido de uma conjunção coordenativa. Esse tipo de construção aparenta ser um efeito da retórica do texto; a conjunção *e* confere um efeito de continuidade ao iniciar uma série de orações. Nos *Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa* V1 também é abundante. O texto não chega a ser concebido como uma lista, mas o documento também

reproduz construções formulaicas cujo conteúdo transmite uma série de ordens a serem executadas pelas religiosas e prioriza do convento de Chelas a pedido do autor. Já nos *Costumes de Santarém* não há uma relação clara no encadeamento das informações, que são elencadas vez a vez e cada novo trecho estabelece uma nova relação discursiva, sem um encadeamento claro entre as informações.

A discrepância na proporção de V1 nos textos supracitados, comparada à de *José de Arimateia*, um texto em prosa, torna clara a importância da variedade de gêneros textuais na pesquisa linguística. Galves & Paixão de Sousa (2017) afirmam que no português clássico a posição pré-verbal nas orações V2 é reservada para elementos com proeminência discursiva de variados tipos, a depender da estrutura informacional da sentença. No caso dos textos escritos, consideram que o próprio texto é o contexto discursivo. No português medieval também verificamos que a posição pré-verbal é destinada aos elementos com proeminência discursiva, podendo ocupar posições de tópico, foco e contraste. Isso corrobora o fato de V2 ser mais abundante no *José de Arimateia* do que no restante dos documentos do século 13, uma vez que se espera uma relação mais coesiva entre os elementos nos textos narrativos, portanto, mais V2.

Em relação às ordens V1, trabalhos recentes (JOUITTEAU 2010; HINTERHÖLZL & PETROVA 2010; WOLFE 2015; GALVES a sair) têm argumentado que essa ordem é comum em línguas V2, e até que V2 seria uma ordem derivada de V1 (JOUITTEAU 2010:198). Em seu *corpus*, Wolfe (2015:161) observa que esta é uma ordem não só frequente, como contextualmente variada, afirmando que nas construções V1 das línguas anasalidas por ele, com exceção do sardo antigo, operadores nulos ocupam a posição de especificador de Fin ou Top. A partir deste ponto de vista, as construções V1 são, na verdade, uma espécie de estrutura V2. De acordo com Galves (a sair), embora essa análise seja natural para a derivação de sentenças V1 em línguas V2 estritas, também estendida a línguas como o francês antigo, em que V1 é extremamente raro, não é adequada para as línguas V2 flexíveis. O fato de V1 estar mais ou menos restrito a poucas estruturas informacionais, o que é tomado por Wolfe como evidência para tal derivação, poderia ser mais o efeito de particularidades da estrutura da informação de certos textos que compõem seu *corpus* do que o efeito da gramática das línguas em questão.

Ao compararmos nossos dados com os de Wolfe (2015), nota-se que o português medieval, que apresenta 26% de sentenças V1 em nosso *corpus*⁶³, está em algum lugar entre o veneziano antigo (24,37% de V1) e o sardo antigo (51,24% de V1). Já o trabalho de Sitaridou (2012) verifica 15% de sentenças V1 no português antigo. É interessante notar que, quantitativamente, seus resultados também são diferentes dos de Wolfe para as mesmas línguas – por exemplo, no espanhol antigo Wolfe observa 0,84% de casos de V1 enquanto Sitaridou computa 20,3% de dados para a mesma estrutura. Isso, naturalmente, traz consequências para os valores de V2 nas sentenças matrizes: 68% nos dados de Sitaridou contra 92,21% nos resultados de Wolfe. Note-se que ambos utilizam um único texto para representar cada língua e esses textos são de diferentes gêneros. Assim, tal discrepância possivelmente deriva não das gramáticas em estudo, mas da estrutura da informação de cada língua.

À semelhança dos documentos não narrativos utilizados em nosso *corpus* do século 13, em que V1 é abundante, é possível que a alta frequência de V1 encontrada por Wolfe (2015) no sardo – o que é usado como argumento de que este é um sistema VSO – seja característica do tipo de texto utilizado, as *condaghe*, que são documentos administrativos oficiais que tratam de contratos, doações, testamentos, legados, heranças, etc. e apresentam uma proforma típica, com o verbo que expressa o ato administrativo ocorrendo frequentemente na primeira posição absoluta – assim como no *Testamento de D. Afonso II* e nos *Documentos portugueses do Noroeste e região de Lisboa*. Já o texto espanhol, ao contrário, é narrativo e normalmente favorece a presença de XPs pré-verbais que expressam circunstâncias e desempenham um papel referencial no desenrolar da narrativa, o que provavelmente explica a baixa ocorrência de V1 encontrada por ele nesta língua. Tais variações são possíveis graças às gramáticas V2 flexíveis, uma vez que as ordens que elas geram são fortemente dependentes da presença de características discursivas.

Seguindo Galves (a sair), assumimos que V1 pode ser tratado da mesma forma no português medieval, no português clássico e em todas as línguas considerados por Wolfe e Sitaridou, com exceção do francês antigo e do veneziano antigo, que, de fato, não são línguas de sujeito nulo, mas línguas nas quais os sujeitos nulos são dependentes de V2 (cf. Adams 1987 para o francês antigo). Assim, uma análise mais

⁶³ Considerando-se os dados dos séculos 13 ao 15 em todos os textos.

simples, que não envolve operadores nulos, poderia ser adotada para todas as línguas estritamente pro-drop, com base na proposta de Antonelli (2011:180), segundo a qual em línguas V2 como o português clássico, o que estendemos para o português medieval, os traços EPP de Fin são satisfeitos da mesma forma como são satisfeitos os traços T nas línguas pro-drop, como proposto por Alexiadou & Anagnostopoulou (1998), através dos traços ϕ do verbo.

Embora esta proposta demande uma discussão mais ampla, por ora podemos concluir que a base metodológica das pesquisas com línguas antigas deve considerar seriamente a necessidade de *corpora* extensos, que contenham mais do que um único texto ou gênero para cada língua. Na próxima seção discutiremos como se dá a relação entre V1 e V2 nos textos narrativos de nosso *corpus* com o objetivo de comparar a forma como a estrutura da informação interage com a ordem em diferentes contextos.

7.3. A distribuição de V1 e V2 nos textos

Como vimos na seção anterior, no texto *José de Arimateia* a proporção de V1 é de 14,5% comparada a 85,5% de V2. Neste texto praticamente todos os capítulos começam com uma oração subordinada com o complementizador *como*, variando entre V1 e V2⁶⁴. Nesse texto, as orações encaixadas nos títulos dos capítulos parecem ter a função de veicular um hipertema que será desenvolvido ao longo do texto. Em geral transmitem informações sobre como algum assunto decorreu, como o exemplo abaixo, título do segundo capítulo do documento:

(337) *Capitolo II - Como se nom quer nomear o que esta estoria fez em latim.*

Acerca das subordinadas com *como* que introduzem os capítulos, vale destacar que a informação veiculada por essas orações em geral está relacionada ao tema do capítulo anterior. Nesses casos, o início de capítulo não parece marcar, necessariamente, o início de um novo episódio – no sentido de uma nova situação discursiva, conforme Hinterhölzl & Petrova (2010) –, e sim ser uma estratégia de organização textual. Por esse motivo, são frequentes as orações apresentacionais com ordem V2 em início de capítulo, e estas estão subordinadas ao hipertema veiculado pelo título.

No texto verificamos que orações com ordem V1 e sujeito posposto são as utilizadas para estabelecer novas situações discursivas. Do mesmo modo, verificamos que esse tipo de construção também pode retomar uma informação dada em um contexto de continuidade tópica, ainda que de forma marginal. O trecho abaixo evidencia o uso de V1 com sujeito exposto na introdução de uma nova informação. Nesse trecho o narrador-personagem conta sobre um livro que leu, no qual buscava uma determinada passagem.

(338) *E li tanto adiante que li cousas mui espantosas. **E sabe Deos que a grande medo as lia e nam as ousava ver**, se mo nom mandara aquele per*

⁶⁴ Uma vez que a análise de Hinterhölzl & Petrova (2010) trata apenas de orações declarativas matrizes, nos limitaremos apenas a mencionar as ocorrências de contextos encaixados, quando relevante.

quem todas as cousas sam guardadas. E, quando eu tudo isto vi, comecei a cuidar muito. (JAR05,1.12-14; José de Arimateia; século 13)

No trecho acima a oração destacada, com verbo em primeira posição e sujeito posposto, marca o início de uma nova situação discursiva, em que uma informação nova é apresentada. Após a nova informação, uma série de orações V2 (matrizes e subordinadas) dá continuidade ao texto, oferecendo informações adicionais sobre a informação veiculada por V1. As relações de subordinação e coordenação discursiva são claras ao longo do texto *José de Arimateia*, em que ordens V1 e V2 se revezam na construção da informação.

Em sequências que envolvem diálogos, entretanto, vale mencionar que estes são introduzidos por dois tipos de oração. Cada vez que um personagem é mencionado, descrevendo sua vez no diálogo, um constituinte que se refere àquele personagem ocupa a posição pré-verbal, embora também seja comum a introdução do diálogo por uma oração V1-pro (*E disse*), como mostra o trecho abaixo.

(339) E então acordei-me e vi tam grande claridade que nunca vi tal. E daí vi ante mim um homem, o mais fermoso que ser poderia. E, quando o vi, fui tam espantado que nom soube que fizesse nem que dissesse. E disse-me:

– Entendes a palavra que te disse?

E eu lhe respondi, todo tremendo:

– Senhor, ainda nom sam bem certo.

E ele me disse:

– Esta é a conhecida da Trindade.

E disse:

– Porque cuidava que duidavas que na Trindade havia tres pessoas e nom havia i senão ãa soo deidade e um soo poder.

No trecho acima, assim como no restante da prosa, não parece haver uma distinção clara entre V2 e V1-pro na construção de diálogos, o que nos leva a concluir que nesses contextos V2 e V1-pro estabelecem as mesmas relações de subordinação discursiva. Além disso, o uso frequente do pronome demonstrativo fronteado nas orações V2 do *José de Arimateia* também evidencia relações de subordinação discursiva necessárias no desencadeamento da prosa, estabelecendo vínculos temporais, espaciais e anafóricos com outros elementos do texto.

A análise de *José de Arimateia* nos levou a concluir que V1-pro e V2 são as ordens utilizadas para veicular informações adicionais a unidades de discurso já conhecidas, também utilizadas em diálogos; V2 *pro* parece ter a mesma função. Orações V2 com fronteamento de objeto, especialmente com pronomes demonstrativos ocupando esta posição são frequentemente utilizadas como uma estratégia de coesão textual. O uso de sujeitos nulos e pronomes demonstrativos, portanto, denotam sua importância na construção do discurso, estabelecendo uma relação hierárquica na organização da informação. Construções com ordem V1 e sujeito posposto são responsáveis por estabelecer novas situações discursivas. Concluimos por ora que, uma vez que o português medieval licencia um tipo de V1 generalizado, o papel de V1 não é tão rígido como propõem Hinterhölzl & Petrova (2010), devido ao fato de esta ser uma língua de sujeito nulo.

Nas *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* observamos que há uma distribuição equilibrada entre V1 e V2: ordens com verbo em primeira posição somam 51% dos dados, ao passo que ordens com verbo em segunda posição representam 49% dos casos. Nos livros que compõem o documento, observamos que os títulos sempre são compostos por uma estrutura V2 com valor apresentacional na qual a categoria kP é evidente, além de ser a posição para onde se movem advérbios de valor temporal e locativo. O advérbio contrastado tem a função de localizar o leitor na narrativa, estabelecendo ancoragem temporal no texto, possivelmente relacionada à posição de início de episódio. Em todos os livros que compõem o documento, observamos uma distribuição semelhante de orações V1 e V2. É interessante destacar que nesse texto V1-pro ocorre em menor proporção do que V1 com sujeito expresso: orações V1 com sujeito nulo ocorrem em 28% das vezes ao passo que V1 com sujeito expresso somam 72% dos casos; isso está de acordo com a menor frequência de V2, se V2 e V1-pro estabelecem o mesmo tipo de situação discursiva.

O fronsamento de demonstrativos também é consideravelmente baixo nas orações V2 desse texto, somando 3,5% dos dados (1 em um total de 28 dados de fronsamento de demonstrativos nos textos do século 14). Atribuímos esses números a algumas características desse texto: o fato de não ser um texto longo resulta em uma narrativa mais densa, com muitas informações novas, poucas retomadas anafóricas e poucos diálogos. Além disso, o fato de o texto ser uma compilação de 7 pequenos textos que não conversam entre si pode ser a razão do baixo uso de demonstrativos e sujeitos nulos, além do menor uso de orações V2, responsáveis pelo encadeamento da narrativa. Observe-se abaixo um fragmento do texto *Vida de Tarsis*, um dos livros que compõem a compilação.

(340) *Aquy se começa a vida de Tarssis molher que foy muyto peccatriz*

Hu~a mançeba foy do mundo que chamava~ Tarsis e era de tamanha fremosura que muitos vendero~ os bee~s que avyam por ella e veerom a mui gram pobreza e eram tantos amadores que ha amavom que muitos moryam por ella e faziam grandes pellegas. Quando esto soube o abbade Paunucio ouve grande doo e~ seu coração~ della e filhou panos de sagral por prezo de seu pecado e chegou aa porta della e disse-lhe: - Quero co~tigo fazer minha vontade. E ella lhe disse que entrasse pera dentro e e~trou na primeira casa e acharom hu~u~ leyto mui boo de muitos panos de grande vallor. E o abbade lhe disse: - A hy outra casa mais escusada e ascondida? E ella dise: - Ha, e queres que nos vaamos pera ella? E el disse: - Ssy. E ella dise: - Sse dos homee~s as vergonça aqui te nom veera' nehuu~. E sse de Deos has vergonça, nom ha logar hu sse o home~ asco~da ante os seus olhos. E quando o velho esto ouvio, dise-lhe: - Sabes quem he Deos? E ella disse: - Ssey. E o sseu rreygno e o tormento que averam aquelles que mal fezere~? E

ella disse: - Ssy. E o velho lhe disse: - Se esto sabes porque fizeste perder tantas almas? (...)

Em relação ao excerto acima algumas considerações podem ser feitas. Primeiramente, observamos que o título é uma estrutura V2 com valor apresentacional na qual a categoria *k* parece estar ativa e é a posição para onde se move o advérbio *aquy*. O advérbio contrastado tem a função de localizar o leitor na narrativa, estabelecendo uma espécie de ancoragem temporal no texto, possivelmente relacionada à posição de início de episódio. Em seguida, o texto é composto por uma série de orações V2 e V>2, além de orações V1-pro. V1-pro claramente estabelece uma relação de subordinação discursiva em estruturas compostas por uma oração V2 seguida de uma V1-pro. Nas orações V2 iniciais o sujeito é apresentado e retomado em seguida por *pro*. Essa relação também é evidente nos diálogos, em que ora o tópico sujeito é expreso, ora é nulo.

O texto *Crónica Geral de Espanha*, também do século 14, apresenta mais casos de V2 do que o *Vidas de Santos*: 70% contra 30% de orações V1. Apesar não ser um texto rico em diálogos, V1-pro também é mais frequente, ocorrendo em 58% dos casos (364 dados em um total de 629 orações V1). O fracionamento de demonstrativos também é abundante, representando 96,5% dos dados de OVS com esse tipo de pronome em posição de objeto no *corpus* do século 14 (27 dados em um total de 28). Possivelmente a extensão do texto explica a quantidade de demonstrativos e sujeitos nulos: uma vez que a narrativa é rica em detalhes e em ordens V2 que estabelecem relações subordinativas, é de se esperar também mais fracionamento de objeto e o uso de sujeitos nulos. Tais fatos nos levam a concluir que a extensão do texto também é um fator relevante a se considerar na construção de *corpora* históricos.

Na *Demanda do Santo Graal* também são evidentes as relações de subordinação e coordenação discursiva no que respeita ao uso de V1 e V2. Observe-se o trecho abaixo.

(341) *Como a donzela disse a Lancelot que fosse com ela.*

– *Ai, donzela, disse Lançalot, que ventura vos adusse aqua? Que bem sei que sem razom nom veestes vo´s.*

– *Senhor, verdade e´, mais rogo-vos, se vos aprouguer, que vaades comigo a aquela foresta de Camaalot e sabede que manha~a~, hora de comer, seeredes aqui.*

– *Certas, donzela, disse el, muito me praz, ca teudo som de vos fazer serviço em todalas cousas que eu poder.*

Entam pedio suas armas. E quando el-rei viu que se fazia armar a tam gram coita foi a el coa rai´a e disse-lhe:

– *Como? Leixar-nos queredes a atal festa u cavaleiros de todo o mundo veem aa corte e mui mais ainda por vos veerem ca por al, deles por vos veerem e deles por haverem vossa companhia?*

– *Senhor, disse el, nom vou senam a esta foresta, com esta donzela que me rogou; mais cras, hora de terça, seerei aqui.*

O trecho tem início com o título de abertura do capítulo, num formato semelhante ao que ocorre no *José de Arimateia*. Note-se que é o segundo capítulo do texto e o tópico *a donzela* já havia sido apresentado no trecho imediatamente precedente. É interessante destacar a construção dos diálogos. Diferentemente dos diálogos d’*A Vida de Tarsis*, na *Demanda* são frequentes as orações com ordem V1 e sujeito expresso, especificamente com o verbo *dizer*. Isso está de acordo com Hinterhölzl & Petrova (2010), segundo os quais V1 é frequente com *verba dicendi* ao estabelecer relações coordenativas. No *José de Arimateia*, também rico em diálogos, o uso de *verba dicendi* é variável, ocorrendo ora com V1-pro, ora com V1 com sujeito expresso e ora com V2 com sujeito pré-verbal. Também verificamos os mesmos tipos de relação discursiva observados nos outros textos em prosa. A proporção de V1 é de 33% (2.799 em um total de 8.435 orações V1 e V2) para 67% de orações V2.

As observações expostas nessa seção evidenciaram alguns fatos sobre a organização discursiva no português medieval. Primeiramente, verificamos que a proposta de Hinterhölzl & Petrova é aplicável para os textos de nosso *corpus*, embora algumas adaptações devam ser feitas, especialmente devido ao fato de o português medieval ser uma língua de sujeito nulo e apresentar um tipo de V1 generalizado. De maneira geral, verificamos que o uso de pronomes demonstrativos e de sujeito nulo estabelecem relações de subordinação discursiva. O uso frequente de demonstrativos é uma estratégia de coesão textual e corrobora a proeminência discursiva da gramática em questão, evidenciada pelo licenciamento da categoria kP nas orações matrizes e subordinadas. V1 com sujeito expesso estabelece uma relação de coordenação discursiva; as frases com inversão de sujeito nesse tipo de ordem parecem sempre veicular novas informações. Orações V1 com sujeito nulo, por outro lado, estabelecem outro tipo de relação, sendo frequentemente usadas para retomar informações já dadas e em construções de diálogos. Com isso concluímos que ordens V2 e V1-pro não só estabelecem relações de subordinação discursiva, como o sujeito nulo é um elemento chave na expressão desse tipo de relação.

Com base no que foi observado neste capítulo, revisitamos as noções de subordinação e coordenação discursivo propostas por Hinterhölzl & Petrova, adaptando-as para o português medieval. O quadro a seguir reúne as características dos dois tipos de relação.

Subordinação discursiva	Coordenação discursiva
- Introduz uma estrutura hierárquica no discurso;	- Pertence ao mesmo nível que outras unidades de informação na hierarquia discursiva;
- Oferece informação complementar sobre uma unidade já apresentada;	- Estabelece novas situações discursivas;
- Representada por sentenças com ordem V2 (com sujeito expreso e nulo) e V1-pro;	- Leva a narrativa adiante em um mesmo nível de organização informacional;
- Marcada pelo uso de pronomes demonstrativos e sujeito nulo;	- Representada majoritariamente por sentenças com ordem V1 com sujeito posposto;
- Pode ocorrer com <i>verba dicendi</i> .	- Pode ocorrer com <i>verba dicendi</i> e verbos de movimento.

A análise esboçada neste capítulo nos levou a concluir que a gramática do português medieval está intimamente relacionada ao discurso. Com isso percebemos que diferentes contextos discursivos geram diferentes tipos de ordem. A variação entre textos se fez especialmente notável ao contrastarmos a proporção entre ordens V1 e V2 em diferentes contextos: em textos jurídicos e oficiais V1 é mais frequente, ao passo que V2 é mais comum em textos narrativos. Não obstante, verificamos que a variação entre textos em prosa também ocorre, o que ficou evidente com a proporção de V1 e V2 no texto *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense*; isso nos levou concluir que a extensão do documento também é um fator relevante na pesquisa de *corpora*. A diferença observada nos textos traz evidências de que em línguas flexíveis como o português medieval a variação na sintaxe frequentemente pode ser compreendida não como uma variação entre gramáticas, mas como uma variação entre as particularidades de cada texto. Assim, reforçamos que a construção de *corpora* históricos, quando possível, deve sempre considerar a maior variedade possível de textos.

Capítulo 8 – Português medieval e português clássico: uma comparação

Os capítulos anteriores tiveram a função principal de descrever a gramática do português medieval sob diferentes pontos de vista. Verificamos que esta é um tipo de língua V2, o que contribui para a discussão acerca do fenômeno, bem como para uma nova visão que vem emergindo sobre esse tipo de línguas (HOLMBERG 2015; WOLFE 2015; GALVES a sair). Nossos dados nos permitiram observar que a fronteira entre os séculos 14 e 15 parece ser um importante momento na história do português, visto que é nessa fase que começamos a observar o despontamento de certas mudanças, o que já foi indicado por uma série de trabalhos (CARDEIRA 2005; GALVES ET AL. 2006, entre outros).

Tendo isso em vista, o objetivo deste capítulo é comparar nossos dados do português medieval (séculos 13 a 15) com os do português clássico (séculos 16 e 17), particularmente os expostos em Galves (a sair) e Andrade & Galves (2018). Como os trabalhos citados não abordaram todos os fenômenos analisados nesta tese, se fez necessário rodar buscas em nosso *corpus* complementar, composto por textos dos séculos 16 e 17 da base Tycho Brahe (GALVES & FARIA 2010; cf. Capítulo 4). Com isso pretendemos diferenciar as duas gramáticas, bem como contribuir para a periodização proposta em Galves et al. (2006). Além disso, também teceremos comparações com o que foi atestado em Cardeira (2005), de modo a observar se as mudanças sintáticas acompanharam temporalmente as mudanças morfofonológicas verificadas entre os séculos 14 e 15.

O trabalho está organizado como segue. Em um primeiro momento, em 8.1 e subseções, retomaremos alguns dados do português medieval, contrapondo-os com dados do português clássico, mais precisamente dados relativos à posição do verbo, do sujeito e do objeto em orações matrizes e subordinadas, assim como dados de interpolação e fronteamento de demonstrativos. Na seção seguinte, 8.2, faremos um apanhado geral das duas gramáticas, comparando as mudanças verificadas no período estudado com os dados apresentados em Cardeira (2005).

8.1. Do português medieval ao português clássico

8.1.1. Posição do verbo e expressão do sujeito

8.1.1.1. Orações matrizes

Os dados expostos no Capítulo 5 evidenciam que no português medieval V2 é uma ordem frequente nas sentenças matrizes declarativas, ocorrendo em 61,5% dos casos. Outras ordens também são produtivas nessa gramática: V1 ocorre em uma proporção de 12,5% e V>2 (que inclui V3 e V4) soma 26% dos dados. A literatura sobre o fenômeno no português clássico (cf. Paixão de Sousa 2004; Gibrail 2010; Antonelli 2011; Galves a sair; Andrade & Galves, 2018, entre outros) mostra que nesta gramática esse padrão se repete.

O objetivo desta seção é comparar os dados apresentados no Capítulo 5 com os obtidos em Galves (a sair), uma vez que precisamente as mesmas buscas foram rodadas por nós nesta Tese por meio da ferramenta *Corpus Search* (cf. Anexo 2). Com isso acreditamos que poderemos tecer comparações mais exatas e ter uma visão mais clara sobre o efeito V2 no período que vai do século 13 ao 17.

Em termos gerais, observamos que no português medieval e no clássico são licenciadas ordens V1, V2 e V>2 em contextos raízes. As proporções em que essas ordens ocorrem são igualmente semelhantes, sendo V2 a mais produtiva em ambos os períodos, seguida por V1. A tabela abaixo compara os dados exibidos na Tabela 1 de Galves (a sair) com os apresentados no Capítulo 5.

	V1	V2	V>2	Total
Português medieval	4.783 / 26%	11.260 / 61,5%	2.224 / 12,5%	18.267 / 100%
Português clássico	2.413 / 28%	5.161 / 59%	1.141 / 13%	8.715 / 100%

Tabela 26: Distribuição de V1, V2 e V>2 no português medieval e clássico

A tabela acima mostra que tanto no português medieval quanto no português clássico V2 ocorre em mais de metade dos casos, somando 61,5% dos dados do

português medieval e 59% do português clássico. V1 também é uma ordem produtiva, ocorrendo em uma média de 27% nos dois períodos. A ordem V>2 é a menos produtiva, e seu percentual varia entre 12,5% e 13% no português medieval e clássico, respectivamente.

Em relação aos casos com verbo em posição inicial, nos dois períodos são produtivas ordens V1 com sujeito posposto e ordens V1-pro, e são encontrados casos de V1 remático e V1 de continuidade tópica nos moldes de Wolfe (2015). No português medieval V1 com sujeito nulo é mais frequente nos séculos 13 e 14, apresentando, respectivamente, percentuais de 50% e 55%. No século 15 esse número cai para 30%. Em termos gerais, há uma preferência para V1 com sujeito posposto no português medieval, ainda que V1-pro seja bastante recorrente. É interessante notar que no português medieval a proporção dos dois contextos em que V1 ocorre é idêntica à observada por Galves (a sair).

	V1-S	V1-pro	Total
Português medieval	2.865 / 60%	1.908 / 40%	4.773 / 100%
Português clássico	1.477 / 61%	936 / 39%	2.413 / 100%

Tabela 27: Distribuição de V1 no português medieval e clássico, em relação ao sujeito

A tabela acima mostra que a distribuição de V1 em relação à posição do sujeito é equilibrada – e praticamente idêntica – nas duas gramáticas. No português medieval e no português clássico a proporção de V1 com sujeito posposto é de varia entre 60% e 61% dos casos. Os casos de V1 com sujeito nulo ocorrem em 40% e 39% dos dados, respectivamente. Vale destacar que a proporção de V1 e V2 nos dois períodos também é bastante semelhante: no português medieval, V1 ocorre em 30% dos casos (4.776 dados em um total de 16.036 orações matrizes com ordem V1 e V2), enquanto V2 soma 70% (11.260 casos). No português clássico, V1 representa 32% dos dados (2.413 em 7.574 dados) e os casos de V2 tem um total de 68% (5.161 dados).

A posição do sujeito nas sentenças V2 varia um pouco mais nas duas gramáticas, ao passo que o sujeito nulo se mantém constante. A tabela abaixo traz uma comparação dos dados nos dois períodos, na qual se encontram os percentuais

e os valores absolutos para os casos de ordem V2 com sujeito posposto, com sujeito pré-verbal e com sujeito nulo.

	V2-VS	V2-SV	V2 pro	Total
Português medieval	2.316 / 20,5%	4.021 / 35,5%	4.923 / 44%	11.260 / 100%
Português clássico	1.417 / 27,5%	1.388 / 27%	2.356 / 45,5%	5.161 / 100%

Tabela 28: Distribuição de V2 no português medieval e clássico, em relação ao sujeito

No português medieval os casos de V2 com sujeito pré-verbal somam 35,5% dos dados. Destaque-se que isso se mantém até o início do século 16. Após esse período, já no português clássico, os casos de V2 com sujeito pré-verbal caem para 27%. Os casos com sujeito nulo são os mais comuns nas duas gramáticas, sendo os percentuais semelhantes, variando entre 44% e 44,5% no português medieval e clássico, respectivamente. Contrastando os dados da posição do sujeito, observamos que no português medieval a ordem XV soma 64,5% dos dados, ao passo que no português clássico esse número chega a 73%. Em relação à ordem OVS, os percentuais diferem bastante nos dois períodos: conforme o Capítulo 5, no português medieval esses dados representam 11% do *corpus* (252 em 2.316 dados) e no português clássico apenas 0.03% (106 em 3.773, cf. Galves a sair). Retomaremos a questão do fronteamto de objetos na seção seguinte.

Nos casos com ordem V>2 os dois períodos permitem orações com verbo em terceira e até em quarta posição. Como vimos anteriormnt, no português medieval e clássico as proporções de V>2 são praticamente idênticas, somando 12,5% e 13% dos casos, respectivamente. Ao olhar sob a ótica da posição do sujeito, entretanto, os dados são discrepantes: no português medieval V>2 pro é mais recorrente, ao passo que no português clássico há menos variação entre as expressões do sujeito, sendo orações com sujeito pré-verbal os casos mais comuns, conforme tabela a seguir.

	V>2 VS	V>2 SV	V>2 pro	Total
Português medieval	217 / 10%	459 / 20,5%	1.548 / 69,5%	2.224 / 100%
Português clássico	361 / 31,5%	524 / 46%	256 / 22,5%	1.141 / 100%

Tabela 29: Distribuição de V>2 no português medieval e clássico, em relação ao sujeito

Os dados mostram que no português medieval as ordens V>2 com sujeito posposto somam 10% dos casos enquanto V>2 pro chega a 69,5%; os dados de V>2 com sujeito pré-verbal chegam a 20,5%. No português clássico, temos 31,5% dos casos com sujeito posposto contra 46% de sujeitos pré-verbais e 22,5% de casos com sujeito nulo. Até o momento, em relação à expressão do sujeito, a maior variação encontrada entre o português medieval e clássico foi no âmbito das orações V>2, em que pro é muito mais frequente na primeira gramática. Não obstante, em termos gerais, os dados de SV e XV não variam muito nos dois períodos.

No português medieval observamos 33% de casos com verbo em segunda posição e sujeito pré-verbal contra 67% de casos de XV nas orações matrizes. No português clássico, os casos de SV são comparáveis, ainda que ligeiramente menos frequentes, somando 27% dos dados, contra 73% de XV, conforme tabela abaixo.

	SV	XV	Total
Português medieval	4.480 / 33%	9.004 / 67%	13.484 / 100%
Português clássico	1.388 / 27%	3.773 / 73%	5.161 / 100%

Tabela 30: Distribuição de SV e XV nas orações matrizes do português medieval e clássico⁶⁵

No Capítulo 6 adotamos a estrutura proposta por Galves (a sair) para dar conta da periferia esquerda do português medieval. Os dados expostos nessa seção sugerem que a mesma periferia está disponível para as orações matrizes das gramáticas do português medieval e clássico. Entretanto contextos subordinados e com fracionamento de objeto, as diferenças se salientam. Trataremos desses casos nas próximas seções.

⁶⁵ Foram usados dados de V2 e V>2 sendo SV = V>2 e V2 SV e XV = V2 pro e VS e V>2 pro e VS.

8.1.1.2. Orações subordinadas

Nos contextos subordinados observamos algumas diferenças entre as gramáticas do português medieval e do português clássico. Como vimos no Capítulo 5, no português medieval V2 é também comum nas orações dependentes, chegando a uma média de 71,5% dos dados em todo o *corpus* – V2 é, inclusive, mais frequente nas orações encaixadas do que nas raízes. Ordens do tipo V>2 também são produtivas nesse contexto, somando 25% dos casos. Construções com verbo em primeira posição são raras e totalizam 3,5% das ocorrências.

O trabalho de Galves (a sair), cujos dados foram utilizados na seção anterior como base de comparação, não trata de contextos encaixados. Por esse motivo, rodamos as mesmas buscas utilizadas nesta Tese para a obtenção de dados nas orações encaixadas nos textos do *corpus* Tycho Brahe, utilizados como *corpus* complementar (cf. Capítulo 4). Nessa busca obtivemos 73% de orações subordinadas com verbo em segunda posição, 2% de orações de tipo V>2 e 24,5% de casos de V1. A tabela abaixo exhibe os dados do português medieval contrapostos aos obtidos para o português clássico.

	V1	V2	V>2	Total
Português medieval	44 / 3,5%	907 / 71,5%	314 / 25%	1.265 / 100%
Português clássico	81 / 24,5%	242 / 72%	7 / 2%	330 / 100%

Tabela 31: Posição do verbo nas orações subordinadas no português medieval e clássico.

Os números da tabela acima trazem à tona uma interessante diferença a respeito da posição do verbo nas orações subordinadas das duas gramáticas. Por um lado, tanto o português medieval quanto o português clássico apresentam uma preferência para V2 nas subordinadas, com percentuais praticamente idênticos: 71,5% e 72%, respectivamente. Por outro lado, na primeira língua V>2 é produtivo, ao passo que V1 ocorre de forma marginal; no português clássico observamos um padrão oposto, em que V1 é mais recorrente e V>2 ocorre em baixa frequência. Uma conclusão inicial a respeito disso pode ser feita: como discutimos no Capítulo 6, o

português medieval possui uma periferia esquerda rica nas orações subordinadas, o que é evidenciado, entre outros fatores, pela coocorrência de tópico e foco em orações de tipo SOV e pelo licenciamento da categoria kP. Essa mesma periferia está disponível nas orações matrizes do português clássico, entretanto, a baixa ocorrência de V>2 sugere que essa estrutura não está disponível nas orações encaixadas desta gramática.

É importante ressaltar que, em relação à posição do sujeito, ambas as gramáticas apresentam preferência para SV. Galves & Gibrail (2018), analisando textos de autores nascidos antes de 1.700, também observam alta frequência de SV em orações subordinadas⁶⁶. Não obstante, note-se que os casos de sujeito pré-verbal no português medieval são mais frequentes do que no português clássico, como denotam os dados organizados na tabela abaixo.

	SV	XV(S)	Total
Português medieval	1.174 / 93%	91 / 7%	1.265 / 100%
Português clássico	238 / 72%	92 / 28%	330 / 100%

Tabela 32: Posição do sujeito nas orações subordinadas do português medieval e clássico

Apesar da semelhança no percentual de sujeitos pré-verbais, temos razões para acreditar que a gramática que gera SV no português medieval é diferente da que gera esse tipo de sujeito no português clássico. De acordo com Antonelli (2011), nas orações subordinadas do português clássico o sujeito pode aparecer em [Spec, TP] ou [Spec, VP], a depender da posição. Os sujeitos pré-verbais seriam derivados do movimento do sujeito até [Spec, TP], enquanto os sujeitos pós-verbais seriam derivados em função da permanência do sujeito em [Spec, VP]. No português medieval os sujeitos pré-verbais ocupam uma posição mais alta na sentença: [Spec, kP] ou, quando são NPs quantificados, FOC. A presença da categoria kP na periferia esquerda das subordinadas do português medieval sugere que nesta gramática esses contextos têm fortes motivações discursivas.

Um olhar mais detalhado traz interessantes resultados sobre a evolução dos tipos de ordem encontrados no português medieval e clássico. Levando em

⁶⁶ As autoras analisam os contextos SVO, VSO e VOS em orações matrizes e subordinadas.

consideração as sequências OVS, SVO, SOV, VOS e VSO, notamos que OVS, SVO e SOV são muito mais frequentes na primeira gramática, ao passo que no português clássico VSO e VOS são proporcionalmente mais comuns. Mais interessante ainda é observar a evolução desses contextos século a século, como o faz a tabela abaixo.

	OVS	SVO	SOV	VOS	VSO	TOTAL
SÉCULO 13	10 / 2%	320 / 71%	112 / 25%	1 / 0,5%	8 / 1,5%	451 / 100%
SÉCULO 14	14 / 8,5%	106 / 66%	32 / 20%	1 / 0,5%	8 / 5%	161 / 100%
SÉCULO 15	23 / 3,5%	434 / 66,5%	170 / 26%	3 / 0,5%	23 / 3,5%	653 / 100%
SÉCULO 16	5 / 3%	139 / 75,5%	4 / 2%	10 / 5,5%	26 / 14%	184 / 100%
SÉCULO 17	6 / 4%	92 / 63%	3 / 2%	21 / 14,5%	24 / 16,5%	146 / 100%
TOTAL	58 / 3,5%	1.091 / 68,5%	321 / 20%	36 / 2,5%	89 / 5,5%	1.595 / 100%

Tabela 33: Distribuição dos dados das orações subordinadas do século 13 ao 17

Antes de descrever a tabela acima, vale destacar que em alguns contextos possivelmente estamos diante da variação entre textos e da discrepância da distribuição de dados por século. Não obstante, é possível observar uma evolução das ordens analisadas nos dois períodos estudados. Os números indicam que na fronteira do século 15 alguma mudança está em curso. Em relação a OVS, temos percentuais variáveis entre os séculos 13 e 15; a partir do século 16, a ocorrência desse tipo de construção cai consideravelmente. A ordem SVO se mantém constante ao longo dos séculos. Em relação aos casos de SOV, observamos que nos séculos 13 e 14 esse tipo de ordem ocorre na casa dos 20%, caindo significativamente a partir do século 16. Os dados de VOS e VSO mostram um efeito contrário. Ambas as ordens ocorrem de maneira marginal e, a partir do século 15, observamos um aumento gradativo. O gráfico abaixo organiza os dados descritos em uma linha do tempo, na qual também se encontram as datas aproximadas dos textos.

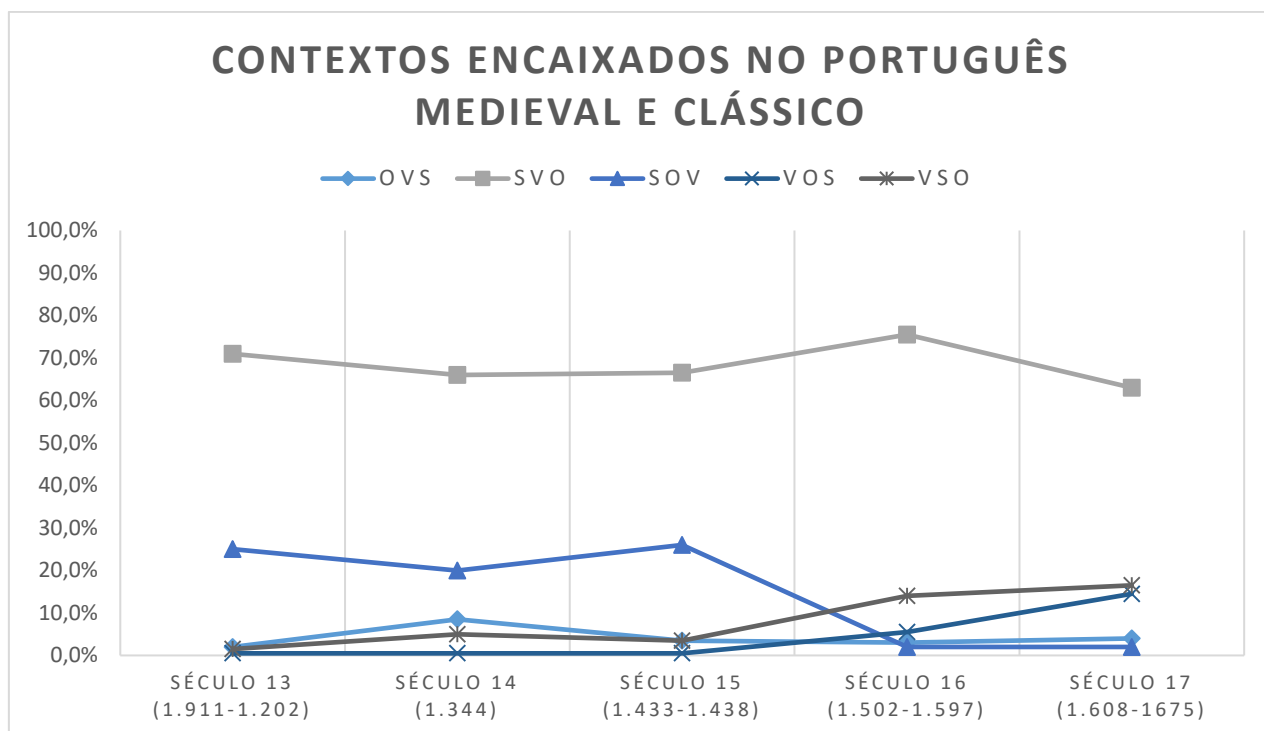


Gráfico 4: Distribuição das orações encaixadas no português medieval e clássico

Ignorando o que consideramos ser uma variação entre textos, o gráfico acima evidencia que no século 15 (na datação tradicional) uma mudança em relação à posição do verbo começa a entrar em curso. Se recuarmos a periodização tradicional utilizando o método de Medeiros (2015, cf. Capítulo 4) para adaptá-la ao sistema de Galves et al. (2006), é possível dizer que essa mudança tem início na virada do século 14 para o 15. Certos padrões parecem se estabilizar a partir do século 16, como SOV e SVO, que se mantêm constantes em todos os séculos. Já VOS e VSO mostram curvas crescentes desde o século 13, subindo substancialmente a partir do século 15.

Na próxima seção apresentaremos dados relativos ao fracionamento de objetos nas orações raízes e subordinadas. A disparidade na possibilidade de ocorrência de pronomes demonstrativos em posição de objeto no português antigo e clássico revela importantes pontos de diferenciação entre as duas gramáticas.

8.1.2. Fronteamento de objeto

O fronteamento de objeto em construções com verbo em segunda posição, além de ser uma evidência em favor de uma análise V2 para o português medieval, também aponta diferenças entre esta gramática e a do português clássico. No português medieval os casos de OVS representam 11% do *corpus* (252 em 2.316 dados); no português clássico somam apenas 0.03% (106 em 3.773, cf. Galves a sair). Essa diferença também foi apontada por Andrade & Galves (2018), que lançam mão da noção de *boundedness* ou sistemas delimitados para explicar a diferença entre as duas línguas.

A classificação de um sistema como delimitado parte do fato de que a existência de uma periferia esquerda ativa implica em uma gramática com relações anafóricas mais estritas e requisitos de vinculação temporal mais rígidos. Inclusive, essas duas características impõem um papel ativo do traço de contraste. Como vimos nos capítulos 6 e 7, o português não só apresenta uma periferia esquerda ativa, em que kP é uma categoria relevante, como também estabelece relações discursivas complexas. A principal propriedade dos sistemas limitados é que estes organizam situações como subeventos nas narrativas, dividindo um evento cronologicamente por meio da ancoragem de subeventos no tempo e no espaço. Mais especificamente, os sistemas limitados podem ser identificados pelo uso mais frequente de advérbios do tipo *frame setting* – advérbios que ocorrem em uma posição alta na sentença e que especificam, em geral, circunstâncias relacionadas ao espaço e tempo – na periferia esquerda. Outro ponto relevante deste tipo de sistema é que os demonstrativos são responsáveis por garantir a coesão narrativa ao selecionar um referente menos saliente. De acordo com Andrade & Galves (2018), essa estratégia de cadeia referencial está relacionada à gramaticalização de uma posição que veicula contraste na periferia esquerda da sentença.

Segundo Andrade & Galves (2018), normalmente é feita uma diferenciação simples entre gramáticas delimitadas e não delimitadas. Não obstante, os autores consideram a possibilidade de uma categoria intermediária, com base em Petré (2003), a de línguas parcialmente delimitadas. Andrade & Galves (2018) baseiam essa categorização em dois argumentos: o primeiro é a riqueza do sistema de

demonstrativos do português antigo, que fica menos complexo a partir do século 15; o segundo se baseia em dados empíricos do fronteamento de pronomes demonstrativos no português antigo e clássico.

No português antigo o sistema de demonstrativos era bastante complexo, se comparado com o do português clássico, composto por formas simples e reforçadas declinadas em número e gênero, expressando diferentes referências baseadas no interlocutor. A tabela abaixo, adaptada de Mattos e Silva (2006), traz todas as formas encontradas no português do século 13 ao 16. De acordo com Teyssier, esse sistema começa a perder as formas reforçadas com exceção de *aquele/aquela/aqueles/aquelas/aquilo* no século 15.

Forma		Simples			Reforçada		
Referência	Número	Singular		Plural	Singular		Plural
	Gênero						
Campo do emissor (E)	Masculino	este	-	Estes	aqueste	-	Aquestes
	Feminino	esta	-	Estas	aquesta	-	Aquestas
	Neutro	-	esto isto	-	-	aquesto aquisto	-
Campo do receptor (R)	Masculino	esse	-	Esses	aquesse	-	aquessa
	Feminino	essa	-	Essas	aquessa	-	aquessas
	Neutro	-	esso isso	-	-	aquesso aquisso	-
Fora do campo E e R	Masculino	-	-	-	aquele	-	aqueles
	Feminino	-	-	-	aquela	-	aquelas
	Neutro	-	-	-	-	aquelo aquilo	-

Tabela 34: Sistema de demonstrativos do português arcaico (adaptada de Mattos e Silva 2006:108 apud Andrade & Galves 2018)

Outra evidência para a análise de Andrade e Galves (2018) é o fato de a proporção do fronteamento de demonstrativos ser muito mais alta no português antigo do que no português clássico. Conforme Capítulo 5, em nossos dados vimos que há uma alta frequência de fronteamento de pronomes demonstrativos em comparação com outros tipos de objetos, tanto nas orações matrizes quanto nas subordinadas. Em ambos os contextos, a proporção de demonstrativos fronteados em relação a outros XPs é de 71% para 29%.

Os dados levantados por Andrade & Galves (2018), ainda que englobem contextos diferentes, corroboram nossos resultados. Levando em consideração sentenças matrizes com ordem OV (não necessariamente OVS) com objetos acusativos e dativos nominais, seus resultados mostram que 43% dessas orações apresentam frunteamento de objeto demonstrativo, ao passo que no português clássico esse número é de apenas 12%. As sentenças com objeto não demonstrativo variam entre 4% e 5% nos dois períodos, indicando que a mudança está relacionada a esse tipo de pronome. Os dados estão organizados na tabela abaixo⁶⁷.

	O+DemV	VO+Dem	Total	O-DemV	VO-Dem	Total
P. Antigo	43% (75)	57% (98)	(173)	4% (94)	96% (2408)	(2502)
P. Clássico	12% (10)	88% (70)	(80)	5% (111)	95% (1921)	(2032)

Tabela 35: Ordem de palavras em sentenças matrizes do português antigo e clássico com objetos acusativos e dativos. Fonte: Andrade e Galves (2018)

Nas orações subordinadas, os dados de Andrade & Galves (2018) sugerem que a mudança é mais abrupta, sendo a diferença na distribuição de casos de OVS com frunteamento de demonstrativo bastante expressiva nos dois períodos estudados.

	O+DemV	VO+Dem	Total	O-DemV	VO-Dem	Total
P. Antigo	72% (469)	28% (184)	(653)	7% (190)	93% (2419)	(2609)
P. Clássico	2% (3)	98% (125)	(128)	2% (37)	98% (1992)	(2029)

Tabela 36: Ordem de palavras em sentenças subordinada do português antigo e clássico com objetos acusativos e dativos. Fonte: Andrade e Galves (2018)

Na tabela 36 observamos que o frunteamento de objetos demonstrativos chega a 72% no português antigo, percentual praticamente idêntico ao observado em nosso *corpus*. No português clássico essa ocorrência soma apenas 2% dos dados.

Com base nos números reproduzidos acima, Andrade & Galves (2018) propõem que o português antigo é uma língua delimitada, ao passo que o português clássico é uma língua parcialmente delimitada. A distinção entre os dois sistemas está

⁶⁷ O *corpus* utilizado por Andrade & Galves (2018) é composto por textos do século 14 ao 17, sendo dois da base WOCHWEL – *Crónica Geral de Espanha* e *Demanda do Santo Graal* – e o restante do *Corpus Tycho Brahe: A História da Província de Santa Cruz; Peregrinação; Décadas; A vida de Frei Bertolameu dos Mártires; Gazeta; Sermões; Vida e morte de Madre Helena da Cruz* e *A vida do apostólico Padre António Vieira*.

intimamente relacionada à ativação da categoria k, contraste: no português antigo, essa categoria está ativa nas orações principais e dependentes, o que fica evidente com o fracionamento de demonstrativos nos dois contextos; no português clássico k só é ativo nas orações matrizes, conforme quadro abaixo.

	Tipo de limitação	Expressão sintática
Português Antigo	Delimitado	K ativo em orações principais e subordinadas.
Português Clássico	Parcialmente delimitado	K ativo em orações principais.

Tabela 37: A relação entre os tipos de limitação e sua expressão sintática na história do português (adaptado de Andrade & Galves 2018)

A posição kP desempenha um importante papel na periferia esquerda do português medieval e a disparidade observada entre esta gramática e a do português clássico indica que a diferença entre os dois sistemas está justamente na forma como se realiza o contraste. Segundo Andrade & Galves (2018), o que está de acordo com a proposta que fizemos na seção 6.2.2, essa diferença está relacionada a uma mudança no *status* dos complementizadores nas duas gramáticas. No português medieval, estes não seriam concatenados em Fin (cf. Antonelli 2011), mas em Force. A maior consequência disso é considerar que o português medieval é uma língua V2 flexível simétrica e o português clássico é uma língua V2 flexível assimétrica (cf. Wolfe 2015; Galves a sair).

Com o objetivo de verificar a distribuição de fracionamento de pronomes demonstrativos em nosso *corpus* e o momento em que essa mudança ocorre, realizamos buscas em nosso *corpus* complementar, após o que chegamos à tabela abaixo.

	<i>O_{DEM}VS</i>	<i>OVS</i>	<i>Total</i>
Século 13	8 / 73%	3 / 27%	11 / 100%
Século 14	12 / 92,5%	1 / 7,5%	13 / 100%
Século 15	14 / 58,5%	10 / 41,5	24 / 100%
Século 16	0	6 / 100%	6 / 100%
Século 17	1 / 16,5%	5 / 83,5%	6 / 100%

Tabela 38: Fronteamento de objeto nas orações subordinadas no português medieval e clássico

Os dados indicam que a mudança tem início em algum momento do século 15, visto que é neste século que começam a cair consideravelmente os casos de OVS com pronome demonstrativo em posição de objeto. No século 13 o fronteamento desse tipo de pronome ocorre em uma proporção de 73%; no século 14 esse percentual chega a 92,5%. No século 15 vemos uma queda para 58,5%, chegando a 16,5% no século 17. Note-se que no século 16 nenhum dado de fronteamento de demonstrativo foi encontrado em nosso *corpus*. Ainda que a queda do fronteamento de demonstrativos seja visível ao longo dos séculos, consideramos que a variação na distribuição dos nossos dados também reflete uma variação entre textos. O único dado de oração subordinadas com ordem OVS e um demonstrativo na posição de objeto foi encontrado no texto *Vida do apóstolo Padre Vieira*, de André de Barros, autor nascido em 1.675, destacado abaixo.

(342) **e se isto calaram os Historiadores**, deixou o em memória numa certidão jurada o Capitão-mor António Ferreira de Mello. (B_001_PSD,99.794)

No gráfico abaixo vemos a evolução da distribuição de pronomes demonstrativos em posição de objeto ao longo dos séculos. A curva sugere que a mudança ocorre em meados do século 15 ou, recuando a data para adaptá-la ao sistema de Medeiros (2015), no início do século 15. Isso localiza a mudança do status dos demonstrativos e, conseqüentemente, dos complementizadores, na fronteira do português medieval para o clássico.

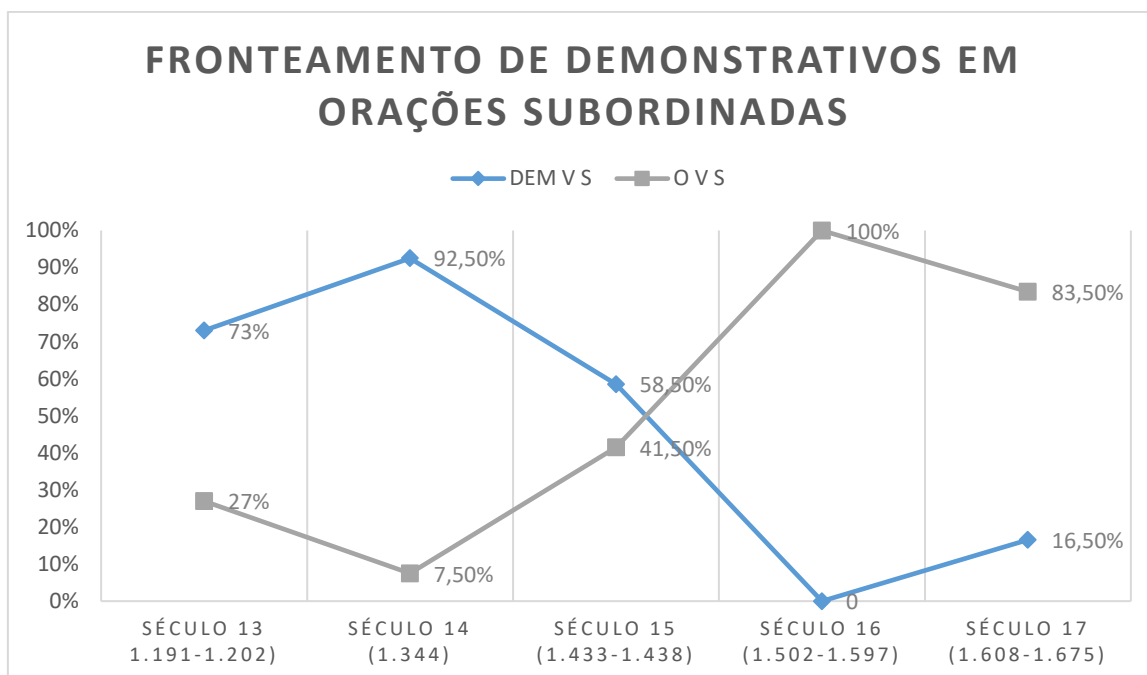


Gráfico 4: Fronteamento de demonstrativos em orações subordinadas do português medieval e clássico

O gráfico acima torna evidente que a queda no uso de pronomes demonstrativos em posição de objeto nas orações subordinadas ocorre em algum momento do século 15. A queda abrupta observada no século 16, entretanto, possivelmente reflete a variação entre textos, por isso, mais pesquisas que abordem o assunto com uma maior base de textos se fazem necessárias. Passemos agora à próxima seção, na qual trataremos do fenômeno da interpolação.

8.1.3. Interpolação

Como vimos nos capítulos anteriores, no português medieval são frequentes os casos de interpolação clítica com advérbios de negação e outros tipos de XP, tanto em orações matrizes quanto em orações subordinadas (cf. Martins 1994). A revisão dos trabalhos sobre o fenômeno feita no Capítulo 3 mostrou que não há consenso quanto ao momento exato do desaparecimento da interpolação generalizada: Martins (1994) situa a mudança no século 17; Namiuti (2006) interpreta a diminuição da interpolação de XPs como um processo de mudança que se inicia no século 15.

Em relação ao tipo de elemento que condiciona a interpolação, nossos dados corroboram os de Martins (1994:19-31), que verificou que nos séculos 13 e 14 é comum a interpolação com os advérbios *agora/ora, ali, aqui, ante/antes, assi, bem, mal, item, já, logo, mais*⁶⁸, *mal, bem, outrossi/outrossy e sempre*. Em nosso *corpus* advérbios de negação como *jamaiz* e *nunca* também favorecem a interpolação nas orações matrizes; de fato, verificamos que são as posições FOC (para onde podem se mover advérbios focalizados) e kP que licenciam a interpolação no português medieval. Nossos dados também estão de acordo com o que atesta Martins (1994), Parcero (1999) e Namiuti (2008), que observam que no século 15 começam a diminuir os contextos de interpolação generalizada.

Nos contextos subordinados, a interpolação é mais frequente e ocorre de maneira uniforme em nosso *corpus*. No âmbito das orações matrizes, entretanto, é que observamos a mudança: na *Demanda do Santo Graal* (século 15) os dados de interpolação com XPs começam a diminuir. Paralelamente começam a surgir casos de interpolação com os advérbios medievais *en, ar, er, hy* que interpretamos como elementos com uma certa natureza clítica, conforme Capítulo 5.

A diminuição da interpolação de XPs, por um lado, e o aumento de casos nas orações matrizes, por outro, corrobora o fato de que a virada do século 14 para o 15 evidencia um período de mudanças, como atestado por Cardeira (2005), Galves et al. (2006), Namiuti (2008) entre outros. A distribuição de dados de interpolação em orações matrizes em nosso *corpus* indica que no século 13 esses contextos são mais

⁶⁸ No contexto de “também”.

abundantes, assim como no século 14, ainda que em menor proporção. É no século 15 que vemos uma grande diferença, com uma queda considerável dos casos de interpolação, como denota o gráfico abaixo.

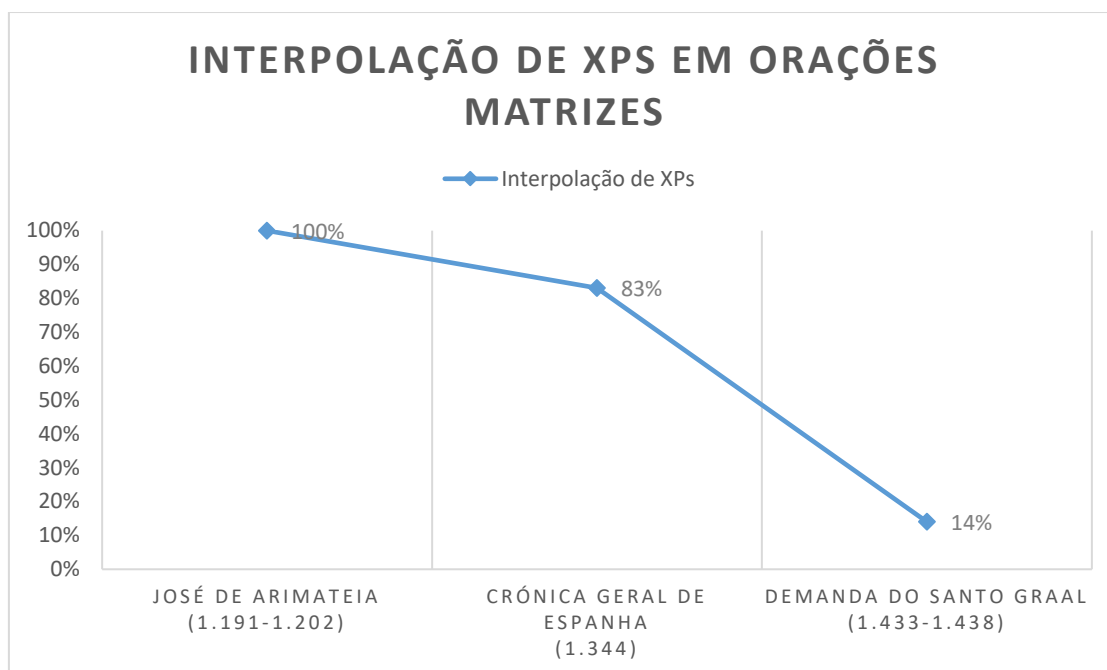


Gráfico 5: Interpolação de XPs em orações matrizes do português medieval

No gráfico 5 observa-se a queda da interpolação generalizada ao longo dos séculos. No século 13 todos os casos de interpolação de XP levantados (um total de 6) são com elementos não clíticos, isto é, ocorrem com XPs diferentes dos advérbios medievais *en*, *ar*, *er*, *hy*. No século 14, os dados da Crónica Geral de Espanha também evidenciam uma preferência para XPs, sendo 5 casos em 6 – um caso foi com o advérbio *en*. Na Demanda do Santo Graal, documento escrito entre os anos de 1.433 e 1.438, em 42 casos de interpolação, somente 6 são com XPs, sendo o restante com advérbios medievais. Paralelamente a isso, observamos um aumento na interpolação em contextos subordinados, o que também é observado por Namiuti (2008:151).

Na próxima seção agruparemos todos os fenômenos discutidos na seção 8.1 com o objetivo de localizar as mudanças temporalmente e compará-las com o que observa Cardeira (2005). Também retomaremos o trabalho de Galves et al. (2006), esperando contribuir com a discussão acerca da periodização do português.

8.2. Período de mudanças

Nas seções anteriores descrevemos alguns fenômenos sintáticos observados no português medieval, comparando-os com dados do português clássico. Com base no que foi exposto, podemos concluir que, superficialmente, as duas gramáticas não parecem ser muito diferentes, especialmente nos contextos de orações matrizes. Não obstante, a sintaxe da ordem nas orações encaixadas e a distribuição do fronteamto de pronomes demonstrativos evidenciam as diferenças entre os dois sistemas.

Podemos pensar a mudança de gramáticas que culminou no desaparecimento do português medieval e no posterior surgimento do português clássico como um processo que se desdobra em vários aspectos da sintaxe: (i) a mudança da posição do complementizador, que no português medieval é concatenado em Force e no português clássico é concatenado em Fin; (ii) a mudança na periferia esquerda, que envolve uma diferença na posição para onde são movidos os sujeitos pré-verbais das orações subordinadas nas duas gramáticas – [spec, K], FOC ou TOP no português medieval e [spec, TP], FOC ou TOP no português clássico –; e (iii) a questão da delimitação dos sistemas, como especificado em Andrade & Galves (2018), evidenciado pelo fato de no português medieval a posição kP estar ativa tanto nas orações encaixadas quanto nas orações matrizes.

Todas as diferenças atestadas entre os dois sistemas nos levam a um mesmo caminho: o início do desaparecimento da gramática do português medieval na fronteira dos séculos 14 e 15 e o despontamento da gramática do português clássico na virada do século 15 para o 16. Galves, Namiuti & Paixão de Sousa (2006) atestaram essa série de mudanças quando propuseram sua periodização para o português, na qual se introduziu o sistema de datação de textos com base no nascimento dos autores, e não na data de produção do documento. A periodização de Galves et al. (2006) (cf. Capítulo 2) leva em consideração três períodos: *português antigo*, *português médio* e *português europeu moderno*. O primeiro período, que vai até 1.350, é marcado pela alternância da ênclise e da próclise, com tendência para a ênclise, pela interpolação da negação e de outros constituintes e pela ordem VS, e, portanto, sintaxe de tipo V2. Na proposta de Galves et al. (2006), que se afasta da periodização tradicional, o português médio é um período que vai de meados do

século 14 até o século 18 e é marcado pela alternância entre a ênclise e a próclise, com tendência à próclise, pelo desaparecimento da interpolação de constituintes diferentes de *não* e pelo surgimento de novos contextos para a interpolação do *não*, e pela ordem básica VS.

Os dados apresentados ao longo desta tese permitem a inclusão de algumas características que marcam os períodos que aqui consideramos como português medieval (do século 13 ao 15) e português clássico (séculos 16 e 17). Entretanto, vale ressaltar mais uma vez a questão da datação dos textos de nosso *corpus*. Ainda que a matemática sugerida por Medeiros (2015) não seja precisa, consideramos que nossos textos representam gramáticas dos séculos 13 ao 15, na datação tradicional, ou, pelo menos, gramáticas dos séculos 12 à fronteira entre os séculos 14 e 15. Naturalmente, se tivéssemos textos com a datação de Galves et al. (2006), disponíveis, uma comparação mais precisa seria feita. Não obstante, acreditamos que os textos utilizados por nós não apresentam datas tão discrepantes das possíveis datas de nascimento do autor, recuando um ou meio século da periodização tradicional.

Levando isso em consideração, o português medieval é um período marcado pela alternância da ênclise e da próclise, com tendência para a ênclise, pela interpolação da negação e de XPs nas orações matrizes e subordinadas, e por uma sintaxe V2, evidenciada pela preferência na ordem XV. Além disso, nas orações subordinadas V2 é também licenciado, inclusive em orações introduzidas por diferentes tipos de verbos, e não somente verbos “ponte”; também são produtivas ordens $V > 2$, mas ordens V1 não são frequentes. Nesse período também verificamos uma alta frequência de fronteamento de pronomes demonstrativos em posição de objeto. No português medieval temos uma gramática V2 flexível simétrica, uma vez que kP está ativo tanto nas orações matrizes quanto nas subordinadas e observamos movimento do verbo para Fin em ambos os contextos. Já o português clássico é marcado pela alternância entre a ênclise e a próclise, com tendência à próclise, pelo desaparecimento da interpolação de XPs e pelo licenciamento de V2 nas orações matrizes. Diferentemente do português medieval, no português clássico não há movimento do verbo para Fin nos contextos encaixados, nem a presença de kP na periferia esquerda dessas orações. Esta, portanto, é uma gramática V2 flexível

assimétrica. As principais características de ambas as gramáticas estão resumidas abaixo.

Português medieval	Português clássico
Gramática V2 flexível simétrica;	Gramática V2 flexível assimétrica;
Alternância da ênclise e da próclise, com tendência para a ênclise;	Alternância entre a ênclise e a próclise, com tendência à próclise;
Interpolação da negação e de XPs nas orações matrizes e subordinadas;	Desaparecimento da interpolação de XPs;
V2 é licenciado nas orações matrizes e subordinadas;	V2 é licenciado nas orações matrizes;
XV é a ordem mais frequente nas orações matrizes e SV é mais comum nas orações subordinadas. Nas subordinadas, o sujeito ocupa uma posição alta, [spec, kP], FOC ou TOP;	XV é a ordem mais frequente nas orações matrizes e SV é mais comum nas orações subordinadas. Nas subordinadas, o sujeito ocupa [spec, TP];
Alta frequência de fronteamento de pronomes demonstrativos nas orações matrizes e subordinadas;	O fronteamento de pronomes demonstrativos nas orações matrizes e subordinadas ocorre de maneira muito marginal;
A posição kP, assim como o movimento do verbo para Fin, é licenciada tanto em orações matrizes quanto em subordinadas;	A posição kP e o movimento do verbo para Fin são licenciados somente em orações matrizes;
A periferia esquerda das orações matrizes e subordinadas são semelhantes, e o complementizador se concatena em Force nos contextos encaixados.	A periferia esquerda das orações matrizes e subordinadas são diferentes. Nas orações matrizes há movimento do verbo para Fin e nas subordinadas essa posição é ocupada pelo complementizador.

A fronteira entre os séculos 14 e 15 evidencia o início de mudanças sintáticas que posteriormente culminarão no desaparecimento da gramática do português medieval e no surgimento da gramática do português clássico. Outros tipos de mudanças foram atestados nesse mesmo período, corroborando que essa fronteira é o momento da emergência de uma nova gramática.

É também entre os séculos 14 e 15 que Teyssier (1994) atesta uma série de mudanças no português, como a perda de encontros vocálicos, a queda do *-d-* intervocálico da desinência da segunda pessoa do plural dos verbos, a convergência dos substantivos singulares e verbos para a terminação *-ão-*, a simplificação do

sistema de sibilantes e a estabilização da oposição b/v. Cardeira (2005) também verifica a mudança de diferentes fenômenos de caráter morfofonológicos entre os séculos 14 e 15; mais especificamente, observa que o período entre 1.400 e 1.450 é o momento em que surgem novas variantes.

Como já mencionado no Capítulo 3, Cardeira (2005), com um *corpus* que abrange documentos da segunda metade do século 14 e o final do século 15⁶⁹, observa uma série de mudanças que tomam forma no período analisado, elencadas a seguir:

- (i) O uso de sequências nasalizadas em contexto final cresce no último quarto do século 15;
- (ii) A síncope de *-d-* no morfema número-pessoal ocorre precisamente na virada do primeiro para o segundo quarto do século 15;
- (iii) Os participípios em *-ido* se tornam mais frequentes no segundo quartel do século 15;
- (iv) A aplicação de regras de crase e ditongação, a representação gráfica dos novos ditongos e a substituição do singular paroxítono em *-vil* e *-vel* se verifica no primeiro quarto do século 15 e é fixada no segundo quarto do mesmo século, ainda que se registre formas em *-vil* nos anos seguintes;
- (v) Antes de 1350 já se verifica a inversão da tendência no uso de pronomes átonos/tônicos *sa/sua* em função adjetiva. Em 1350-1375 a forma plena *sua* atinge maior porcentagem que *sa* em contexto proclítico; durante a primeira metade do século 15 verifica-se a estabilização deste processo de substituição.

⁶⁹ O corpus utilizado por Cardeira (2005) é composto por um recorte de vários documentos, a saber: os capítulos 1, 2, 3, 4, 15 e 72 do *Livro da Cartuxa*; os tratados sobre a *Luxúria* e sobre o *Dia do Juízo* das *Vidas de Santos*; documentos notariais, sendo seis provenientes dos mosteiros do Noroeste e seis da região de Lisboa; os originais do *Livro Verde da Universidade de Coimbra*; os *Documentos Históricos da Cidade de Évora*; as *Actas das Vereações de Loulé* e os *Capítulos de Cortes*.

As mudanças observadas por Cardeira (2005) denotam a existência de uma transição que ocorre entre 1400 e 1450: entre 1375 e 1400 a variação atinge um limiar em que os parâmetros adquirem valores que implicam o rearranjo do sistema; no terceiro quarto do século 15 a mudança atinge outro limiar que aponta para uma estabilização do processo, como mostra o gráfico abaixo.

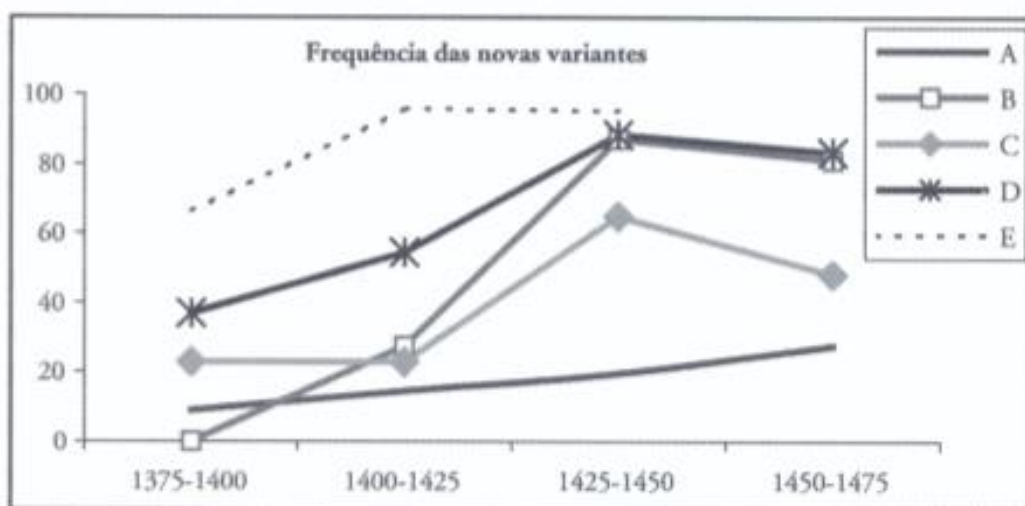


Gráfico 6: Frequência das variantes modernas em Cardeira (2005)

No gráfico acima observamos as seguintes variáveis: terminações nasais com grafia não etimológica (A), formas sincopadas na segunda pessoa do plural (B), participípios em *-ido* (C), terminação paroxítona *-vel* (D) e pronome *sua* em contexto átono (E). Entre 1400 e 1450 ocorre a substituição das variantes antigas pelas inovadoras: no primeiro quarto do século 15 a terminação *-vil* é substituída por *-vel* e as formas plenas de 2ª pessoa plural da flexão do verbo são substituídas pelas formas sincopadas. No segundo quarto do século, os novos participípios em *-ido* suplantam os antigos em *-udo*. São, portanto, cinquenta anos em que se efetivam algumas das mudanças linguísticas frequentemente utilizadas como parâmetros para a periodização do português nas propostas tradicionais. Também é nesse período em que se estabiliza a frequência de cada uma das variantes mencionadas.

À semelhança do gráfico apresentado em Cardeira (2005), observamos que entre os séculos 14 e 15 certas mudanças começam a ficar mais evidentes, ainda que algumas possam ter se iniciado já em períodos anteriores. Essa comparação permite

concluir que o português medieval é um período rico não só em mudanças de aspectos morfofonológicos, mas também de cunho sintático.

Nossos dados evidenciaram que na fronteira dos séculos 13 e 14 e, mais visivelmente, entre os séculos 14 e 15 algumas mudanças começam a entrar em curso. O fenômeno V2 é estável em todo o período analisado, tanto nas orações matrizes quanto nas orações subordinadas. O mesmo vale para as orações V1 e V>2 nos dois contextos, cuja mudança começamos a observar somente na passagem do português medieval para o clássico, depois do século 15. A interpolação de XPs, abundante entre os séculos 13 e 14, cai consideravelmente na passagem para o século 15. O mesmo vale para o fracionamento de demonstrativos, cuja frequência começa a diminuir no século 15 para praticamente desaparecer no português clássico. Ainda que certos fenômenos se mantenham estáveis, o gráfico a seguir evidencia as curvas das diferentes mudanças no período entre os séculos 13 e 15 (ou 12 a 14/15). Note-se que tanto a data de escritura quanto a possível data de nascimento dos autores foram consideradas.

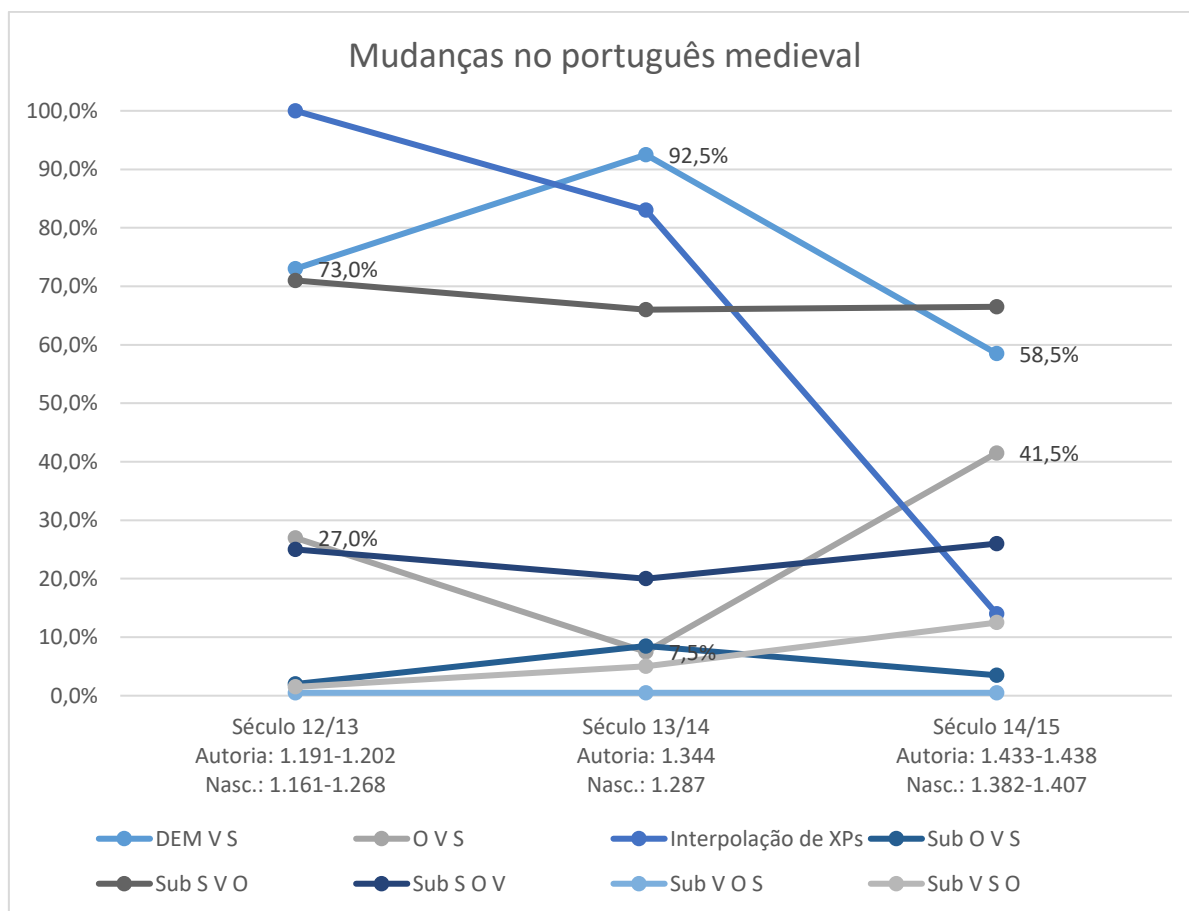


Gráfico 7: Mudanças no português medieval

As curvas observadas no gráfico acima mostram que a partir do século 13 uma série de mudanças começam a se salientar. É nesse período que observamos o aumento no uso de orações com ordem OVS com um objeto não demonstrativo fronteado e a consequente queda no uso de fronsentamento de objetos demonstrativos. Também no século 13 observamos o início da queda da interpolação de XPs, que se torna mais visível na fronteira dos séculos 14/15. Ao longo dos séculos observamos o aumento gradativo no uso de orações encaixadas com ordem VSO. É na fronteira dos séculos 14 e 15 que vemos um efeito mais variado: a interpolação de XPs decresce substancialmente, cresce o uso de OVS sem demonstrativos, ao passo que o fronsentamento de demonstrativos cai. Alguns aspectos, como o uso de subordinadas VOS e SVO, se mantêm constantes durante todo o período coberto pelo gráfico, e sua mudança só ocorrerá após o século 15.

A análise feita nesta seção nos permite concluir que as mudanças de aspecto sintático estudadas nesta tese acompanharam as mudanças morfofonológicas

atestadas por Carneira (2005). De fato, a fronteira entre os séculos 14 e 15 parece ser o indicador de um período rico em mudanças, no qual diferentes gramáticas ocorrem em variação. Encerramos este capítulo destacando a importância dos estudos comparativos para a compreensão de fases pretéritas do português, uma vez que a relação entre diferentes aspectos da gramática nos dá importantes pistas sobre o que ocorreu no passado.

Considerações finais

Esta tese se propôs a fazer uma descrição e análise do período ao qual nos referimos como português medieval, que vai do século 13 ao século 15. Nosso principal objetivo foi o de contribuir para a discussão sobre a sintaxe das línguas V2, argumentando que o português medieval é uma língua V2 flexível e simétrica, com base em Wolfe (2015) e Galves (a sair).

No Capítulo 5 fizemos uma longa descrição dos dados resultantes das buscas nos textos do português medieval, feitas por meio da ferramenta *Corpus Search* (cf. Capítulo 4). Em termos gerais, observamos que V2 é a ordem mais frequente em todos os textos narrativos, em todos os séculos, tanto nas orações matrizes quanto nas orações encaixadas. Também verificamos que ordens de tipo V>2 (que incluem V3 e V4) são frequentes. Ordens com verbo em primeira posição também são recorrentes nas orações matrizes, mas não nas encaixadas. Além disso, vimos que no período em estudo contextos com ordem XV são maioria nas orações matrizes, ao passo que nas orações encaixadas SV é mais comum. Nossos dados corroboram, assim, os de Ribeiro (1995).

No Capítulo 6 trouxemos uma série de argumentos em favor de uma análise V2 para o português medieval. Neste capítulo também contra-argumentamos o que foi defendido por Fiéis (2002, 2007) e Sitaridou (2012) e defendemos que o fato de haver construções V1 e V>2 no português medieval não invalida uma análise em favor de V2 para esta gramática. Também ressaltamos que a noção de V2 encontrada na literatura pode se referir tanto à ordem linear quanto a propriedades estruturais. Em se tratando de ordem linear, isso significa que a ordem V2 restringe a ocorrência de ordens V1 e V3. Entretanto, em se tratando de propriedades estruturais, a ordem linear dos elementos da sentença não é tão determinante para a análise de uma língua como V2 ou não V2; o que está em discussão, neste caso, é se há movimento do verbo para alguma posição da camada C.

A comparação entre as orações matrizes e subordinadas nos trouxe importantes revelações sobre a gramática do português medieval. Observamos que em ambos os contextos há movimento do verbo para Fin, licenciando a ordem linear

V2. Isso fica evidente pelo fato de as mesmas posições sintáticas estarem disponíveis nas orações matrizes e encaixadas. Também argumentamos que uma das principais diferenças entre as gramáticas do português medieval e do português clássico está na sintaxe das orações subordinadas. Enquanto no português medieval a periferia esquerda da encaixadas licencia o fracionamento de demonstrativos e o movimento do verbo para Fin, no português clássico isso não ocorre. Com base nisso, argumentamos que o português medieval é uma língua V2 flexível simétrica, ao passo que o português clássico configura uma língua V2 flexível assimétrica (cf. Galves a sair).

Para dar conta da periferia esquerda das orações raízes e subordinadas do português medieval, adotamos o modelo proposto em Galves (a sair), que lança mão da categoria kP, uma posição que abriga pronomes demonstrativos fracionados e sujeitos pré-verbais, entre outros elementos que veiculam informação contrastada. Também argumentamos em favor da posição FOC, para onde se movem elementos quantificados, advérbios focalizados e sintagmas com valor avaliativo. Ambas as posições são geradas por movimento, diferente de TOP, uma posição na camada mais alta da periferia esquerda gerada por adjunção. Para dar conta da simetria entre orações matrizes e subordinadas, propomos a inclusão da posição ForceP, acima de TOP, onde são concatenados os complementizadores nas orações encaixadas.

Em resumo, as observações acerca do funcionamento da sintaxe da ordem no português medieval nos permitiram chegar às seguintes conclusões: (i) V2 é produtivo tanto nas orações matrizes quanto nas subordinadas; (ii) V2 é a ordem linear preferida em ambos os contextos; (iii) V1 e $V > 2$ são frequentes em orações matrizes; (iv) nas subordinadas $V > 2$ é mais produtivo e V1 ocorre marginalmente; (v) a posição pré-verbal não é exclusiva para sujeitos, em nenhum contexto, e sujeitos pós-verbais são frequentes; (vi) tópico e foco podem coocorrer em posição pré-verbal de orações matrizes e subordinadas; (vii) kP está ativo tanto nas orações matrizes quanto nas subordinadas; (viii) construções com sujeito nulo são licenciadas em orações matrizes e encaixadas com ordens V1, V2 ou $V > 2$; e (ix) o movimento do verbo para Fin também é licenciado em ambos os contextos.

Em relação ao fenômeno da interpolação clítica, observamos uma simetria entre as orações matrizes e subordinadas. Apesar de menos frequente nas orações principais, por se restringir aos contextos de próclise e requerer, portanto, um

elemento focalizado em posição inicial, além de um elemento que precede o verbo, os dados de interpolação revelaram que as mesmas posições sintáticas estão disponíveis nos dois contextos. Também observamos que no século 15 são mais frequentes os casos de interpolação com os advérbios medievais *en*, *ar*, *er*, tanto nas orações matrizes quanto nas encaixadas. Esses elementos apresentam uma certa propriedade clítica, indicando que no século 15 ocorre uma mudança em relação ao tipo de elemento que pode ser interpolado.

No âmbito das orações matrizes, foi especialmente interessante notar uma variação entre textos. Nos documentos não narrativos, V1 é a ordem mais produtiva, ao passo que na prosa V2 é mais abundante. Percebemos, assim, que o fator *gênero textual* pode influenciar os resultados quantitativos: tanto a extensão dos textos quanto o tipo de narrativa parecem interferir nos resultados, o que foi discutido no Capítulo 7.

No Capítulo 8 tecemos comparações sobre as gramáticas do português medieval e do português clássico. Ao contrastar os dados dos dois períodos, concluímos que a mudança de gramáticas que culminou no desaparecimento do português medieval e no despontamento do português clássico pode ser pensada como um processo que se desdobra em várias nuances sintáticas: (i) a mudança no *status* do complementizador, que no português medieval é concatenado em Force e no português clássico é concatenado em Fin; (ii) a mudança na periferia esquerda, que envolve uma diferença na posição para onde se movem os sujeitos pré-verbais nas duas gramáticas; e (iii) o licenciamento da posição kP, evidenciado pelo fato de no português medieval esta posição estar ativa tanto nas orações encaixadas quanto nas orações matrizes, mas no português clássico só estar disponível nas orações raízes. Além disso, no mesmo capítulo também foi possível observar que as mudanças sintáticas que foram objeto de estudo nesta tese acompanharam as mudanças morfofonológicas estudadas por Cardeira (2006), marcando a fronteira entre os séculos 14 e 15 como o momento em que uma nova gramática emerge.

Encerramos este trabalho destacando a relevância da sintaxe comparativa e do trabalho com os *corpora* anotados. Com esta tese, esperamos ter contribuído para uma melhor compreensão da sintaxe da ordem no português medieval e para uma caracterização da gramática dos séculos 13 a 15 sob um novo olhar. Embora algumas questões relevantes exijam uma investigação mais aprofundada, como a regra que motiva o fenômeno da interpolação e a natureza do elemento interpolado no português

medieval, bem como a relação entre o discurso e a sintaxe, acreditamos que a discussão realizada nesta pesquisa oferece meios para a realização de novas investigações cujo objeto de estudo é a história do português.

Também destacamos a relevância dos trabalhos comparativos e dos grandes *corpora* para a compreensão de fases antigas do português. Para nós, ao longo deste trabalho, ficou cada vez mais evidente a importância da variedade de gêneros textuais e da extensão dos documentos para uma pesquisa com resultados satisfatórios, uma vez que se observam tanto variações entre gramáticas quanto variações entre textos. A variedade de gêneros textuais é algo que deve ser levado a sério na escolha do *corpus*, posto que o gênero pode ser um fator determinante na quantificação dos dados, como ficou evidente na comparação entre os textos do século 13 (cf. Capítulo 7). Em relação ao tratamento dos dados, a ferramenta de anotação sintática e buscas no *corpus* se mostrou uma metodologia não só importante, como essencial para a realização de um trabalho com grande volume de textos. Ademais, o fato de as buscas poderem ser replicadas é um grande passo para a pesquisa comparativa, e foi o que permitiu uma comparação precisa entre os dados levantados em nosso trabalho e no de Galves (a sair). Concluimos esperando ter contribuído para a caracterização do português medieval e acreditando que mais trabalhos serão necessários para uma descrição mais completa e adequada da gramática em questão, para a qual certamente os *corpora* anotados serão de incomparável valor.

Bibliografia

ADAMS, M. Old French, null subjects and verb second phenomena. Tese de Doutorado. Los Angeles, University of California, 1987.

ALEXIADOU, A. & E. ANAGNOSTOPOULOU. Parameterizing AGR: Word Order, V Movement and EPP Checking.” *Natural Language & Linguistic Theory* 16: 1998, 491–539.

ANDRADE, A & C. GALVES. Contrast and Word Order: A Case Study on Old and Classical Portuguese. Comunicação no Colóquio *Information Structure and Language Change* Universidade de Normandie, Caen, 3-4 de abril de 2018.

ANDRADE, A. & NAMIUTI-TEMPONI, C. Gone without the verb: clitic climbing and clitic interpolation in the history of European Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 58.2, 2016, 201-219.

ANDRADE, A. A special type of left dislocation Galician and Portuguese: the D-construction. *Estudos de Lingüística Galega*, Sp.1, 2018, 81–105.

ANTONELLI, A. L. Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do Português Europeu. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2011.

ANTONELLI, A. L. Verb position in Classical Portuguese: evidences of a V2 system. *Alfa*, Araraquara, v.55, n.2, p.501-522, 2011.

ASHER, N. & LASCARIDES, A. *Logics of Conversation*. Cambridge University Press, Cambridge, 2003.

ASHER, N. & VIEU, L. Subordinating and coordinating discourse relations. *Lingua* 115, p. 591-610, 2005.

BAKER, M. *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago, The University of Chicago Press, 1985.

BAKER, M. The Macroparameter in a Microparametric World. In: *The Limits of Syntactic Variation*. Theresa Biberauer (ed.), 351–73. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

BARBOSA, P. Clitics: a window into the null subject property. In Costa (Ed.), *Portuguese Syntax*. Oxford New York: Oxford University Press, pp. 31–93, 2000.

BATTYE, A. & I. ROBERTS. *Clause Structure and Language Change*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

BAUER, B. *The emergence and development of SVO patterning in Latin and French: Diachronic and psycholinguistic perspectives*. New York: Oxford University Press, 1995.

BAUER, B. Word order. In Philip Baldi & Pierluigi Cuzzolin (eds.), *New perspectives on Latin syntax*, vol. 1: *Syntax of the sentence*, 241–316. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009.

BECHARA, E. As fases da língua portuguesa escrita. Actes du XVIII^e Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes (ed. Dieter Kremer), vol. III, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, p. 68-75, 1991.

BELLETTI, A. Aspects of the Low IP Area. In: RIZZI, Luigi (ed.). *The Structure of IP and CP. The Cartography of Syntactic Structures*, Oxford University Press, New York, 2004.

BELLETTI, A. Generalized verb movement. *Aspects of verb syntax*. Torino, Rosenberg & Sellier, 1990.

BENINCÀ, P. & C. POLETTO. Topic, Focus, and V2. In: *The Structure of CP and IP*, edited by Luigi Rizzi. Oxford: Oxford University Press, 2004: 52-75.

BENINCÀ, P. A Detailed Map of the Left Periphery of Medieval Romance. In: *Crosslinguistic Research in Syntax and Semantics: Negation, Tense and Clausal Architecture*, edited by Raffaella Zanuttini, 2006, 53–86.

BENINCÀ, P. Caratteristiche Del V2 Romanzo. *Lingue Romanze Antiche, Ladino Dolomitico e Portoghese*. In: *Introduzione Alla Linguistica Del Mòcheno*, edited by Ermenegildo Bidese and Federica Cognola. Turin: Rosenberg & Sellier, 2013, 65–84.

BENINCÀ, P. Osservazioni Sulla Sintassi Dei Testi Di Lio Mazon. In: *Langue, Dialecte, Litterature. Etudes Romanes à La Mémoire de Hugo Plomteux*, C Angelet, L Melis, F.J Mertens, & F Mussara (eds.), 187–97. Louvain: Leuven University Press, 1983.

- BENINCÀ, P. The Left Periphery of Medieval Romance. *Studi Linguistici E Filologici Online* (2): 243–97, 2004.
- BIBERAUER, T. & I. ROBERTS. Rethinking Formal Hierarchies: A Proposed Unification. *Cambridge Occasional Papers in Linguistics* 7, 2014.
- BIBERAUER, T. & I. ROBERTS. Rethinking Formal Hierarchies: A Proposed Unification. In: *Beyond Functional Sequence*, Ur Shlonsky (ed.), 295–313. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- BIKEL D. On The parameter space of generative lexicalized statistical parsing models. [tese]. Philadelphia: University of Pennsylvania; 2004.
- BOWERMAN, M. Early Syntactic Development. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- BROWN, R. A First Language: The Earlier Stages. Harmondsworth: Penguin Books, 1973.
- BUßMANN, H. Lexikon der Sprachwissenschaft. Kröner, 1990.
- CARDEIRA, E. Entre o Português Antigo e o Português Clássico. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- CARDINALETTI, A. & I. ROBERTS. Clause Structure and X-Second. In: *Functional Structure in DP and IP*, edited by Guglielmo Cinque, 1:123–66. The Cartography of Syntactic Structures. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- CARDINALETTI, A. & I. ROBERTS. Clause Structure and X-Second. Ms., University of Venice & University of Geneva/University of Wales, Bangor
- ADAMS, M. Les effets du verb second en ancien et en moyen français. In: Hirschbühler, R. & Rochette, A. (eds.), 1988 [1991].
- CASTRO, I. Curso de História da Língua Portuguesa. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CASTRO, I. Editando José de Arimatéia. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*. Vol. 10-11. Universidade de São Paulo, 2009.
- CASTRO, I. et alii (eds.) *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (Cod. Alc. cclxvi / antt 2274), Lisboa, INIC, pp. 16-52; 59-83, 1985.

- CAVALCANTE, S.; C. Galves & M. C. Paixão de Sousa. Topics, subjects and grammatical change: from Classical to Modern European Portuguese. *LaborHistorico*, 1.2: 97-107, 2015.
- CHAFE, W. L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. In C.N. Li (ed.) *Subject and Topic*, 25-55. New York, San Francisco and London: Academic Press, 1976.
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. The theory of principles and parameters. In: *Syntax: an international handbook of contemporary research*. von Stechow, J. Jacobs A., Sternefeld, W. & Vennemann, T. (eds.). Berlin: De Gruyter, 1993.
- CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. MIT Occasional Papers in Linguistics. Vol. 1. Cambridge, Massachusetts, 1992.
- CHOMSKY, N. Knowledge of language: Its nature, origin, and use. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, N. Lectures on government and binding. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. Some notes on economy of derivation and presentation. Mimeo, 1988.
- CHOMSKY, N. The logical structure of linguistic theory. New York: Plenum, 1975.
- CLAHSEN, H. Constraints on Parameter Setting: A grammatical analysis of some acquisition stages in German child language. *Language Acquisition* 1.361-391, 1991.
- CLARK, R., & ROBERTS, I. A Computational Approach to Language Learnability and Language Change. *Linguistic Inquiry* 24, pp. 299-345, 1993.
- COELHO, I. & MARTINS, M. A. Padrões de inversão do sujeito na escrita brasileira do século 19: evidências empíricas para a hipótese de competição de gramáticas. *Alfa*, São Paulo, 56 (1): 11-28, 2012
- COMBETTES, B. & TOMASSONE, R. Types de progressions thématiques en moyen français. *Verbum* 8, 67-86, 1985.
- COSERIU, E. Linguistic change does not exist. *Linguistica Nuova et Antica. Rivista di Linguistica Classica Medioevale e Moderna*, ano 1, p.51-63, 1983.
- COSTA. J. Subject Positions and Interfaces: The case of European Portuguese. Amsterdam: Mouton de Gruyter, 2004.

CRUSCHINA, S. 2011. Focalization and Word Order in Old Italo-Romance. *Catalan Journal of Linguistics* 10: 95–132, 2011.

DEGRAFF, M. Morphology and Word Order in “Creolization and Beyond”. In: CINQUE, G.; KAYNE, R. S. (Eds.). *The Oxford Handbook of Comparative Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 293–372.

DEN BESTEN, H. On the interaction of root transformations and lexical deletive rules. In: ABRAHAM, W. (org.). *On the formal syntax of the West Germanic*. Amsterdam: John Benjamins, p.47-131, 1983.

DIESING, M. Verb Movement and the Subject Position in Yiddish, *Natural Language and Linguistic Theory* 8, 1990, 41-79.

EIDE, K. Prosody, information structure and word order changes in Portuguese. In: Ferraresi and Luhr (eds.) *Diachronic studies on information structure. Language acquisition and change*. De Gruyter, 2010, pp. 143-160.

EIDE, K. *Word order structures and unaccusative verbs in Classical and Modern Portuguese: The reorganisation of information structure*. University of Oslo PhD dissertation, 2006.

EMBICK & NOYER. Movement operations after Syntax. *Linguistic Inquiry* 32, 555-595, 2001.

FELIX, S. The Structure of Functional Categories: a general commentary. Meisel, p. 423-442, 1992.

FERRARESI, G. & M. GOLDBACH. V2 Syntax and Topicalization in Old French. *Linguistische Berichte* 189: 2–25, 2002.

FIÉIS, A. (XP) V S em português medieval, *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri/APL, 175–187, 2002.

FIÉIS, A. *Ordem de palavras, transitividade e inacusatividade: Reflexão Teórica e Análise do Português dos Séculos XIII a XVI*. Universidade Nova de Lisboa. Tese de Doutorado, 2003.

FIÉIS, A. The realization of arguments in Old Portuguese and Contemporary Portuguese: clitics and postverbal subjects (poster). 4th International Conference on Language Variation in Europe (ICLaVE 2007), Nicosia, Chipre, 17-19 junho 2007.

FONTANA, J. M. On the integration of second position phenomena. In: Ans van Kemenade & Nigel Vincent, eds. *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997, 207–250.

FONTANA, J. M. *Phrase structure and the syntax of clitics in the history of Spanish*. University of Pennsylvania PhD dissertation, 1993.

FRASCARELLI, M.; HINTERHÖLZL, R. Types of topics in German and Italian. In S. Winkler & K. Schwabe (Eds.), *On information structure, meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007, pp. 87–116.

FROTA, S.; GALVES, C.; VIGÁRIO, M.; GONZALEZ-LOPEZ, V.; ABAURRE, M. B. The phonology of rhythm from Classical to Modern Portuguese. *Journal of Historical Linguistics* 2, 2012, pp. 173-207.

GALVES, C. & GIBRAIL, A. Subject inversion in transitive sentences from Classical to Modern European Portuguese: a corpus-based study. Universidade de Campinas, 2018.

GALVES, C. & KROCH, A. Main syntactic changes from a principle-and-parameters view, 2016.

GALVES, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The change in the position of the verb in the history of Portuguese: Subject realization, clitic placement and prosody. *LANGUAGE*, v. 93, p. 153-180, 2017.

GALVES, C. & PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The loss of verb-second in the history of Portuguese: subject position, clitic placement and prosody. *Journal of Historical Syntax* (a sair).

GALVES, C. & SANDALO, F. Clitic Placement and Grammaticalization in Portuguese. In: SALVENSEN, C. & HELLAND, H. P. (eds.): *Challenging Clitics*, John Benjamins, pp. 119-134, 2013.

GALVES, C. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: A. De Castilho, M.A. Torres Moraes, R. Vasconcellos Lopes,

& S. M. Lazzarini Cyrino (orgs.) *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*, Campinas: Pontes, 2007.

GALVES, C. Padrões rítmicos, fixação de parâmetros e mudança linguística – Fase II. Projeto de pesquisa submetido à FAPESP, 2004.

GALVES, C. Periodização e competição de gramáticas: o caso do português médio. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., RIBEIRO, S., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A. (orgs.) *Coletânea de estudos em homenagem a Rosa Virgínia Mattos e Silva*. Salvador: EDUFBA, 2010

GALVES, C. Relaxed V-Second in Portuguese. In: Theresa Biberauer and Samuel Wolfe (eds.) *Rethinking V2*. Oxford University Press (a sair).

GALVES, C., & FARIA, P. Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese, 2010. URL: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tychoorpus/en/index.html>.

GALVES, C., NAMIUTI, C. & PAIXÃO DE SOUZA, M. C. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. In: A. Endruschat, R. Kemmler & B. Schaferrieß (orgs.) *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*, Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.

GIANOLLO, C.; GUARDIANO, C. & LONGOBARDI, G. Three fundamental issues in parametrical linguistics. In: BIBERAUER, Theresa (ed). *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008, p. 109-142.

GIBRAIL, A. B. Contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português clássico. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GUASTI, M. T. *Language acquisition – the growth of grammar*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

HAEGEMAN, L. Verb Second, the Split CP and Initial Null Subjects in Early Dutch Finite Clauses. *Geneva Generative Papers* 4, 1996, 133–175.

HASPELMATH, Martin. On directionality in language change with particular reference to grammaticalization. In Olga Fischer, Muriel Norde & Harry Perri- don, eds. *Up and down the cline: The nature of grammaticalization*. (Typological Studies in Language 59) Amsterdamphiladelphia: John Benjamins, 2004, pp. 17-44.

HINTERHÖLZL, R. & S. PETROVA. From V1 to V2 in West Germanic. *Lingua* 120: 315-318., 2010.

HINTERHÖLZL, R. The interaction between syntax, prosody and information structure. in: Bech, Kristin & Eide, Kristine Gunn. *Information Structure and Syntactic Change in Germanic and Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014, p. 341-377.

HOLMBERG, A. Verb second. In: Tibor Kiss & Artemis Alexiadou (eds.), *Syntax – theory and analysis*, 242–283. Berlin: Walter de Gruyter, 2015.

HYAMS, N. V2, Null Arguments and COMP Projections. In: Teun Hoekstra & Bonnie D. Schwartz (eds) *Language Acquisition Studies in Generative Grammar*, John Benjamins, pp 23 – 55, 1994.

JANSEN, F. Developments in the Dutch left-dislocation structures and the verb-second constraint. In: E. C. Traugott, R. Labrum & S. Sheperd (eds.). *Current Issues in Linguistic Theory*, Amsterdam: John Benjamins, 1980, 137-149.

JOUITTEAU, M. A typology of V2 with regard to V1 and second position phenomena: An introduction to the V1/V2 volume, *Lingua* 120:197-209, 2010.

KAISER, G. A. V2 or not V2? Subject-verb inversion in Old and Modern French interrogatives. In Ellen Brandner & Gisella Ferraresi, eds. *Language change and generative grammar*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1996, 168–190.

KAISER, G. Verbstellung und Verbstellungswandel in den romanischen Sprachen. Tübingen, Niemeyer, 2002.

KLAVANS, J. L. The Independence of Syntax and Phonology in Cliticization. *Language*, Vol. 61, No. 1, pp. 95-120, 1985.

KRIFKA, M. Basic notions of information structure. *Interdisciplinary Studies on Information Structure* 6, 13–55, 2007.

KROCH, A. Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. et al. (eds.). *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society*. Parasession on Variation and Linguistic Theory, 1994.

- KROCH, A. Syntactic Change. In: Baltin, M. & C. Collins (eds.): *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Malden, MA: Blackwell, 2001.
- LEDGEWAY, A. 2008. Satisfying V2 in Early Romance: Merge vs. Move. *Journal of Linguistics* 44 (02), 2008.
- LEDGEWAY, A. *Grammatica diacronica del napoletano*. Tübingen: Niemeyer, 2009b.
- LEDGEWAY, A. Old Neapolitan Word Order: Some Initial Observations. In: *Histories and Dictionaries of the Languages of Italy*, Anna Laura Lepschy & Arturo Tosi (eds.), 121–49. Ravenna: Longo, 2007.
- LIGHTFOOT, D. *How new languages emerge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LIGHTFOOT, D. How to set parameters: arguments from language change. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1991.
- LIGHTFOOT, D. *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
- LIGHTFOOT, D. The development of language: Acquisition, change, and evolution. Malden: Blackwell/Maryland lectures in language and cognition, 1999.
- LIGHTFOOT, D. The history of noun phrase movement. In: Baker, C. L. & McCarthy, J. (eds), 1981.
- LIGHTFOOT, D. Why UG Needs a Learning Theory: Triggering Verb Movement. In: I. Roberts, A. Batty (eds), *Clause Structure and Language Change*, Oxford, Oxford University Press, 1995, 31–52.
- MACHADO FILHO, A. V. *Dicionário etimológico do português arcaico*. Salvador, UFBA: 2013.
- MAGRO, C. Clíticos: variações sobre o tema. Tese de Doutorado. Lisboa, Universidade de Lisboa, 2007.
- MAGRO, C.; GALVES, C. & CARRILHO, E. Portuguese Syntactic Annotation Manual. Disponível em: <https://sites.google.com/site/portuguesesyntacticannotation/>
- MAIA, C. *História da Língua Portuguesa. Guia de Estudo*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1995a.

MAIA, C. Sociolinguística história e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre o português arcaico e o português moderno. *Diacrítica*, 10, p. 3-30, 1995.

MARTINS, A. M. & Sandra Pereira. POS-tagged Demanda do Santo Graal. CC licensed: WOChWEL by Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2014-2015.

MARTINS, A. M. Clitic Placement, VP-ellipsis and scrambling in Romance. *Grammaticalization and Parametric Change*, ed. M. Batllori, M.-Ll. Hernanz, C. Picallo, & F. Roca. Oxford & New York: Oxford University Press, 2005, 175-193.

MARTINS, A. M. Clíticos na história do Português. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 1994.

MARTINS, A. M. Copiar o português duocentista: A Demanda e o José de Arimateia. Ao Sabor do Texto. Estudos dedicados a Ivo Castro, ed. Álvarez, Rosario, Ana Maria Martins, Henrique Monteagudo & Maria Ana Ramos. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio Científico, 2013, p. 383-402.

MARTINS, A. M. Deficient pronouns and linguistic changes in Portuguese and Spanish. In: J. *Romance language and linguistic theory*. Selected Papers from 'Going Romance, 2001. Schroten (ed.). Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2003a.

MARTINS, A. M. From unity to diversity in romance syntax. portuguese and spanish. In: *Aspects of multilingualism in european language history*. vol 2. Kurt Braunmüller, Gisella Ferraresi (eds). University of Hamburg. John Bejanmins Publishing Company. Amsterdam / Philadelphia, 2003b.

MARTINS, A. M. Mudança sintática clíticos, negação e um pouquinho de scrambling. Em: *Estudos Lingüísticos e Literários*, nº 19, Salvador: Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, 1997.

MARTINS, A. M. The loss of IP-scrambling in Portuguese: Clause structure, word order variation and change. In David Lightfoot, eds. *Syntactic effects of morphological change*. Oxford: Oxford University Press, 2002, 232–248.

MARTINS, A. M. Wochwel - Word Order and Word Order Change in Western European Languages. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2012-2015. Disponível em: <http://alfclul.clul.ul.pt/wochwel>

MARTINS, A. M., E. Castro & Sandra Pereira. POS-tagged Legal Documents. CC licensed: WOChWEL by Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2015.

MARTINS, A. M., Sandra Pereira & Adriana Cardoso. Parsed Demanda do Santo Graal. CC licensed: WOChWEL by Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2014-2015.

MARTINS, A; M. Tipologia e mudança lingüísticas: os pronomes pessoais do português e do espanhol, 2002b.

MATTOS E SILVA, R. V. Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: IN-CM, 1989.

MATTOS E SILVA, R. V. O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MATTOSO CAMARA J. R., História e estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

MEDEIROS, C. A aquisição da posição do verbo em inglês e alemão: um estudo comparativo. Salvador: Estudos Linguísticos e Literários nº 54, jul-dez | 2016, pp. 08-27.

MEDEIROS, C. Ordem V2 no português arcaico: revisitando a problemática da periodização. LaborHistórico, Rio de Janeiro, 1 (2): 108-123, jul. | dez. 2015.

MEISEL, J. & MÜLLER, N. Finiteness and Verb Placement in Early Child Grammars: Evidence from simultaneous acquisition of two first languages: French and German. In: MEISEL, J (ed). The Acquisition of Verb Placement: Functional categories and V2 phenomena in language development. Dordrecht: Kluwer, 109-138, 1992.

MIRANDA, S. Reconstituição do ms. L da Crónica Geral de Espanha de 1344. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2013.

MOLNÁR, V. Contrast — from a contrastive perspective. In: H. Hallelgard et al. (eds.) *Information Structure in a Crosslinguistic Perspective*, 147–161. Amsterdamew York: Rodopi, 2002.

MÜLLER, Natascha. Parameters cannot be reset – evidence of the development of COMP. In: Meisel, Jürgen (ed). *Bilingual First Language Acquisition: French and German grammatical development*. Amsterdamhiladelphia: Benjamins. p 223-269, 1994.

NAMIUTI, C. Aspectos da história gramatical do português. Interpolação, negação e mudança. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

NEELEMAN, A. & VERMEULEN, R. The syntactic expression of information structure. In: Ad Neeleman and Reiko Vermeulen (eds.) *The Syntax of Topic, Focus, and Contrast: An Interface-based Approach*, 1–38. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2012.

NETO, S. O livro de José de Arimatéia: breve comentário sobre questões atuais. Veredas, vol. 8. Porto Alegre, 2007, p. 347-360.

OLIVEIRA, F. Grammatica da Lingoagem Portuguesa. Lisboa: Germão Galharde (ed. Fac-símile, 1988. Lisboa: Biblioteca Nacional).

PAIXÃO DE SOUSA, M. C, Kepler, FN, Faria, PPF. eictor. [Programa de Computador]. Versão [1.0 beta 10]. Data de Publicação [2013]. Acessado em 17/05/2017. Disponível em: <<http://edictor.netownload/>>

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Língua barroca: Sintaxe e história do português nos 1600. Tese de doutorado. Unicamp, 2004.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. O Corpus Tycho Brahe: contribuições para as humanidades digitais no Brasil. Filol. Linguíst. Port., São Paulo, v. 16, n. spe, p. 53-93, dez. 2014

PARCERO, L. Fronteamentos de Constituintes no Português dos Séculos XV, XVI e XVII. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1999.

PEREIRA, S. in progress. POS-tagged Crónica Geral de Espanha. CC licensed: WOChWEL by Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2015.

- PETRÉ, P. Passive auxiliaries in English and German: Decline versus grammaticalization of bounded language use. In: Gabriele Diewald, Leena Kahlas-Tarkka and Ilse Wischer (eds.) *Comparative Studies in Early Germanic Languages: With a focus on verbal categories*, 71–100. Amsterdam: John Benjamins, 2013.
- PINTO, C. F. Ordem de palavras, movimento do verbo e efeito V2 na história do espanhol. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2011.
- PLATZACK, C. & HOLMBERG, A. The role of AGR and Finiteness in Germanic VO languages. In: *Scandinavian Working Papers in Linguistics*, p. 51-76, 1989.
- POLETTTO, C. 'Si' and 'E' as CP Expletives in Old Italian. In: *Grammaticalization and Parametric Variation*, edited by Montserrat Batllori, Maria-Lluisa Hernanz, Carme Picallo, and Francesc Roca. Oxford: Oxford University Press, 2005:206-35.
- POLETTTO, C. 2006b. Old Italian Scrambling: The Low Left Periphery of the Clause. In: *Form, Structure, and Grammar: A Festschrift Presented to Günther Grewendorf on Occasion of His 60th Birthday*, edited by Patrick T. Brandt and Eric Fuss. Akademie Verlag, 2006b:209-29.
- POLETTTO, C. On V2 and V3 sequences in Rhaetoromance. In: *Syntactic Microvariation*. S. Barbiers, L. Cornips and S. van der Kleij (eds.), 2002.
- POLETTTO, C. On V2 types. In: *The Bloomsbury Companio to Syntax*. Luraghi, S. & Parodi, C. (eds). London: Bloomsbury, 2013.
- POLETTTO, C. Parallel Phases: A Study of the High and Low Periphery of Old Italian. In: *Phases of Interpretation*, edited by Mara Frascarelli, 261–95. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006c:261-95.
- POLETTTO, C. *Word Order in Old Italian*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- POLLOCK, J-Y. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20: MIT, 365-424, 1989.
- RADFORD, A. *Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

RANDALL B, Taylor A., Kroch A. CorpusSearch 2 [programa de computador. Versão: [2]. Data de publicação [2009]. Atualizado em: [20/11/2009]. Acessado em: 17/05/2017. Disponível em: <<http://orpussearch.sourceforge.net/>>.

REINHART, T. Pragmatics and linguistics: An analysis of sentence topics. Reproduced by the Indiana University Ling. Club, 1982.

RIBEIRO, I. & TORRES MORAES, M. A. Doubling-que embedded constructions in Old Portuguese: a diachronic perspective. In: Galves, Cyrino, Lopes, Sandalo e Avelar (orgs.) Parameter Theory and Linguistic Change, 2012, pp.97-116.

RIBEIRO, I. & TORRES MORAIS, M. A. Doubling-que Embedded Constructions in Old Portuguese: a Diachronic Perspective. Handout apresentado no XI Diachronic Generative Syntax, Campinas, 2009.

RIBEIRO, I. A sintaxe da ordem no Português Arcaico: o efeito V2. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

RIBEIRO, I. Evidence for a Verb-Second Phase in Old Portuguese. In: Battye, Adrian. & Ian. Roberts (eds.) Clause Structure and Language Change, Oxford, Oxford University Press, 110-139, 1995.

RIBEIRO, I. Sobre os usos de ênclise nas estruturas subordinadas no português arcaico. Estudos da Linguagem, Vitória da Conquista, v. 8, n.1, 2010, pp. 15-40.

RINKE, E. & I. SITARIDOU. Word order in Old Romance: A comparative study of Old French, Old Portuguese and Old Occitan. Talk at the Deutsche Gesellschaft fur Sprachwissenschaft (DGfS), University of Mainz, 25–27 Feb. 2004.

RINKE, E. *Syntaktische Variation aus synchronischer und diachronischer Perspektive: Die Entwicklung der Wortstellung im Portugiesischen*. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert, 2007 [2005].

RINKE, E. Verblacement in Old Portuguese. In: JACOB, Daniel & Andreas DUFTER (Eds.): Focus and Background in Romance Languages, Benjamins, 309-332, 2009.

RIZZI, L. Residual verb second and the Wh criterion. University of Geneva Technical Reports in Formal and Computational Linguistics, n.2, 1991.

RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of Grammar*, Kluwer, Dordrecht, 1997.

ROBERTS, I. & HOLMBERG, A. Parameters in Minimalist Theory. In: BIBERAUER et al. *Parametric Variation: null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge University Press, p.1-58, 2009.

ROBERTS, I. Two types of head movement in Romance. In: N. Hornstein & D. Lightfoot (eds) *Verb Movement*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 207 – 242, 1994.

ROBERTS, I. *Verbs and diachronic syntax: A comparative history of English and French*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1993.

RODRIGUES, M. C. M. *Dos Costumes de Santarém*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, FLUL, 1992, pp. 160-251.

RÖGNVALDSSON, E. & THRÁINSSON, H. On Icelandic Word Order Once More. In: J. Maling (org.), *Syntax and Semantics. Modern Icelandic Syntax*, vol. 24. San Diego: Academic Press, 1990, 3-40.

SALVESEN, C. Stylistic Fronting and Remnant Movement in Old French.” In: *Romance Languages and Linguistic Theory 2009: Selected Papers from “Going Romance”*. Janine Berns, Haike Jacobs, and Tobias Scheer (eds.), 323–42. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2011.

SALVESEN, C. Topics and the Left Periphery: A Comparison of Old French and Modern Germanic. In: *Search of Universal Grammar: From Old Norse to Zoque*, Terje Lohndal (ed.), 131–72. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

SALVI, G. La formazione della struttura di frase romanza: ordine delle parole e clitici dal latino alle lingue romanze antiche. Tübingen, Max Niemeyer, 2004.

SALVI, G. La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialettioccidentali della penisola iberica, *Medioevo Romano*, 15, pp. 177-210, 1991.

SANKOFF, D., TAGLIAMONTE, S.A. & SMITH, E. Goldvarb X. Department of Linguistics, University of Toronto, Toronto, Canada, 2012.

- SANTORINI, B. Some similarities and differences between Icelandic and Yiddish. In: LIGHTFOOT, D. & HORNSTEIN, N. (eds.) *Verb movement*. Cambridge, UK: Cambridge Press, 1994.
- SANTORINI, B. *The Generalization of the Verb-Second Constraint in the History of Yiddish*. Ph.D. Thesis, University of Pennsylvania, 1989.
- SCHLESINGER, I. Production of Utterances and Language Acquisition. In: SLOBIN, D. (ed.). *The Ontogenesis of Grammar*. New York: Academic Press, 1971.
- SCHWARTZ, B. & S. VIKNER. The Verb Always Leaves IP in V2 Clauses. In: Belletti, A. & L. Rizzi (eds.) *Parameters and Functional Heads*, New York/Oxford, Oxford University Press, 1996, 11-62.
- SIGURÐSSON, H. Á. V1 declaratives and verb raising in Icelandic. Joan M. Maling & A. Zaenen (eds.). *Syntax and Semantics* 24, 1990, 41–69.
- SITARIDOU, I. A comparative study of word order in Old Romania. In: *Folia Linguistica* 46/2, Mouton de Gruyter – Societas Linguistica Europaea, 2012, pp. 553-604.
- STERNEFELD, W.; VENNEMANN, T. (Eds.). *Syntax: an international handbook of contemporary research*. Berlin: De Gruyter, 1993.
- TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. Lisboa, Sá da Costa, 1980.
- TORREGROSSA, J. Putting contrast on the table. *Proceedings of the 32nd West Coast Conference on Formal Linguistics*, ed. Ulrike Steindl et al., 201-207. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2015.
- TORRES MORAES, M. A. *Do Português Clássico Ao Português Europeu Moderno, Um Estudo Diacrônico da Cliticização e do Movimento do Verbo*. Tese de doutorado inédita, Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- VALLDUVÍ, E. & VILKUNA, M. On rheme and contrast. In: Peter Culicover and Louise McNally (eds.) *The limits of syntax*, 79–108. (*Syntax and Semantics*, vol. 29). San Diego: Academic Press, 1998.
- VANCE, B. L'évolution de pro-drop en français médiéval. *Revue québécoise de linguistique théorique et appliquée* 7, 1988, 85–109.

- VANCE, B. S. Null subjects and syntactic change in Medieval French. Tese de Doutorado, University of Cornell, 1989.
- VANCE, B. *Syntactic change in medieval French: Verb-second and null subjects*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.
- VANCE, B. Verb-First Declaratives Introduced by *et* and the Position of *pro* in Old and Middle French. *Lingua* 89 (2–3), 1993.
- VIKNER, S. Verb movement and expletive subjects in the Germanic languages. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- WALDKEN, G. Language contact and V3 in Germanic varieties new and old. *In: J Comp German Linguistics*, 2017, pp. 49–81.
- WANNER, D. *The development of Romance clitic pronouns: From Latin to Old Romance*. Berlin: Mouton, 1987.
- WESTERGAARD, M. Acquisition and change: On the robustness of the triggering experience for word order cues. *Lingua* 118: 1841–1863, 2008.
- WESTERGAARD, M. Triggering V2: The amount of input needed for parameter setting in a Split-CP model of word order. *In: Adriana Belletti, Elisa Bennati, Cristiano Chesi, Elisa Di Domenico & Ida Ferrari (eds). Language acquisition and development: Proceedings of GALA 2005*. Cambridge: Cambridge Scholars Press, 2006.
- WILKLUND, A.L.; BENTZEN, K.; HRAFNBJARGARSON, G. & HRÓARSDÓTTIR, Þ. On the Distribution and Illocution of V2 in Scandinavian *that*-clauses. *Lingua* 119, 2009, 1914-1938.
- WOLFE, S. A comparative perspective on the evolution of Romance clausal structure. *Diachronica* 33:4. John Benjamins Publishing Company, 2016: 462-502.
- WOLFE, S. Microvariation in Medieval Romance Syntax: A Comparative Study. PhD Thesis, St John's College, University of Cambridge, 2015.
- WOLFE, S. Verb initial orders in Old Romance: a comparative account. *In: RRL, LX*, Bucuresti: Editura Academiei, 2015a, p.147-172.
- YANG, C. Internal and external forces in language change. *Language Variation and Change* 12, 2000, pp. 231–250.

YANG, C. Knowledge and learning in natural languages. Oxford: Oxford University Press, 2002.

Anexos

Nos anexos seguintes apresentaremos as buscas sintáticas realizadas em nosso *corpus* por meio da ferramenta CorpusSearch. No Anexo 1 apresentamos o arquivo de definições utilizado nas buscas. No Anexo 2 serão apresentadas as buscas para as orações matrizes. No Anexo 3 listamos as buscas feitas para as orações subordinadas.

Salvo quando explicitado, as buscas devem ser rodadas em todo(s) o(s) texto(s).

Anexo 1 – Arquivo de definições

tns_mv: VB-D|VB-I|VB-P|VB-R|VB-RA|VB-SD|VB-SP|VB-SR

tns_estar: ET-D|ET-I|ET-P|ET-R|ET-RA|ET-SD|ET-SP|ET-SR

tns_ser: SR-D|SR-I|SR-P|SR-R|SR-RA|SR-SD|SR-SP|SR-SR

tns_haver: HV-D|HV-I|HV-P|HV-R|HV-RA|HV-SD|HV-SP|HV-SR

tns_ter: TR-D|TR-I|TR-P|TR-R|TR-RA|TR-SD|TR-SP|TR-SR

tns_vb1: \$tns_mv|\$tns_estar|\$tns_ser|\$tns_haver|\$tns_ter

tns_vb2: \$tns_mv|\$tns_estar|\$tns_haver|\$tns_ter

tns_aux: \$tns_estar|\$tns_ser|\$tns_haver|\$tns_ter

flex_mv: VB-D|VB-I|VB-P|VB-R|VB-RA|VB-SD|VB-SP|VB-SR|VB-F

flex_estar: ET-D|ET-I|ET-P|ET-R|ET-RA|ET-SD|ET-SP|ET-SR|ET-F

flex_ser: SR-D|SR-I|SR-P|SR-R|SR-RA|SR-SD|SR-SP|SR-SR|SR-F

flex_haver: HV-D|HV-I|HV-P|HV-R|HV-RA|HV-SD|HV-SP|HV-SR|HV-F

flex_ter: TR-D|TR-I|TR-P|TR-R|TR-RA|TR-SD|TR-SP|TR-SR|TR-F

flex_vb: \$flex_mv|\$flex_estar|\$flex_ser|\$flex_haver|\$flex_ter

flex_aux: \$flex_estar|\$flex_ser|\$flex_haver|\$flex_ter

inf_mv: VB|VB-F

inf_estar: ET|ET-F

inf_ser: SR|SR-F

inf_haver: HV|HV-F

inf_ter: TR|TR-F

inf_vb: \$inf_mv|\$inf_estar|\$inf_ser|\$inf_haver|\$inf_ter

nf_mv: VB|VB-AN*|VB-F|VB-G|VB-PP

nf_estar: ET|ET-F|ET-G|ET-PP

nf_ser: SR|SR-F|SR-G|SR-PP

nf_haver: HV|HV-AN*|HV-F|HV-G|HV-PP

nf_ter: TR|TR-AN*|TR-F|TR-G|TR-PP

nf_vb: \$nf_mv|\$nf_estar|\$nf_ser|\$nf_haver|\$nf_ter

X: NP-LFD*|NP-ADV*|NP-ACC*|NP-DAT*|NP-VOC*|PP*|ADVP*|CONJ*|IP*|CP*

X2: NP-LFD*|NP-ADV*|PP*|ADVP*

X3: NP-LFD*|NP-ADV*|NP-ACC*|PP*

ser:

sou|és|é|somos|sois|são|serei|serás|será|seremos|sereis|serão|ser|sermos|serdes|se
rem|seria*|seríamos|fui|foste|foi|fomos|fostes|foram|era*|sid*|send

ver:

vej*|vês|vê|vi|viu|viram|vimos|via|vias|viam|víamos|visse*|viste*|vemos|vedes|vêem|v
er|vermos|verdes|vere*

ouvir: ouv*|ouç*

deixar: deix*

mandar: mand*

fazer: fiz*|fez|faz*

vb_per: \$ver|\$ouvir

vb_caus: \$deixar|\$mandar|\$fazer

vb_diz: \$mandar|\$dizer|\$pedir|\$responder

dizer: diz*|dig*|diss*

pedir: peç*|ped*

responder: respond*

buscar: busca*|busqu*

comprar: compr*

necessitar: necessit*

obter: obt*

possuir: possu*

procurar: procur*

receber: receb*

ter: tenh*|tinh*|tiv*|tev*|ter*|tens|tem|temos|tendes|têm|tido

trazer: traz*|trag*|troux*|trar*

usar: us*

vender: vend*

vb_posse:

\$buscar|\$comprar|\$necessitar|\$obter|\$possuir|\$procurar|\$receber|\$ter|\$trazer|\$usar|\$vender

n_inal:

rosto*|vida*|corpo*|bico*|couro*|calcanhar*|resposta*|pensamento*|boca*|olho*|gosto*|tosse*

ir: vou|vai*|vam*|ir*|fu*|fo*

partir: part*

vb_mov: \$ir|\$part

bom: bom|bons|boa*

belo: bel*

adj_ava: \$bom|\$bel*

NP_arg: NP-SBJ*|NP-ACC*

assistir: assist*

pedir: peç*|ped*

gostar: gost*

detestar: detest*

odiar: odi*|odei*

amar: amo|amas*|ama|amam*|ame*|amar*

adorar: ador*

vb_gosto: \$gostar|\$detestar|\$odiar|\$amar|\$adorar

NP_NPR: NP-SBJ*|NP-ACC*

artigos: o|os|a|as|O|Os|A|As|@o|@os|@a|@as

irm_posse: N*|VB-AN*|ADJ*|VB*

corpo: rosto*|calcanhar*|boca*|olho*|mão*|cabelo*|nariz*|braço*|perna*|pé*

rel:

pai|pais|mãe|mães|irmã|irmãs|irmão|irmãos|filho*|filha*|marido*|esposa*|avó*|avô*|tio

|tia|sobrinho*|sobrinha*|primo|primos|prima|primas|neto*|neta*|colega*|parenta|com
adre|cunhado*|cunhada*|afilhada*|afilhado*

trat:

senhor*|Senhor*|senhora*|Senhora*|Senhoria|Excelência|Mercê|Reverendíssima|Alt
eza|Eminência|Magnificência|Majestade|Santidade

poss: meu*|meo*|minha*|teu*|tua*|seu*|seo*|sua*|nosso*|nossa*

tiposcp: CP-ADV|CP-THT|CP-DEG|CP-QUE

Anexo 2 – Orações matrizes

Buscas para orações com ordem V2

(1) Contextos XVS com sujeito expresso

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (X HasSister tns_vb2)
 AND (X precedes tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
 AND (tns_vb2 precedes NP-SBJ*)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)

(2) V2 (deve-se rodar a busca no output da busca XVS)

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (X HasSister tns_vb2)
 AND (X precedes tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
 AND (tns_vb2 precedes NP-SBJ*)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)
 AND (IP-MAT* idomsnumber 2 tns_vb2)

(3) ConjV2+: Orações com conjunção à frente do verbo (deve-se rodar a busca no arquivo .cmp da busca V2)

query: (IP-MAT* idoms CONJ)

(4) ConjV2: Orações V2 com conjunção coordenativa à esquerda do verbo (deve-se rodar a busca no output de ConjV2+)

query: (IP-MAT* idoms CONJ)
 AND (IP-MAT* idomsnumber 3 tns_vb2)

(5) CLV2: Orações em que o verbo não está em segunda posição porque é precedido por um clítico (deve-se rodar a busca no arquivo .cmp de ConjV2+)

```
query: (IP-MAT* idoms NP*)
AND (NP* idoms CL|SE)
AND (NP* iprecedes tns_vb2)
AND (IP-MAT* idomsnumber 3 tns_vb2)
AND (IP-MAT* idoms !NEG)
```

(6) ConjCLV2: Orações com uma conjunção e um clítico precedendo imediatamente o verbo (deve-se rodar a busca no output de ConjV2+)

```
query: (IP-MAT* idoms CONJ)
AND (IP-MAT* idoms NP*)
AND (NP* idoms CL|SE)
AND (NP* iprecedes tns_vb2)
AND (IP-MAT* idomsnumber 4 tns_vb2)
AND (IP-MAT* idoms !NEG)
```

Observação: Com a soma dos resultados das buscas de 1 a 6, excluindo-se os resultados da busca 3 (ConjV2+), obtêm-se o total de orações V2 com sujeito pós-verbal. A subtração do total de V2 do resultado da busca 1 (XVS) resultará no total de dados com ordem V>2 e sujeito pós-verbal.

(7) V2-SV: Orações V2 com sujeito pré-verbal

```
query: ( IP-MAT* iDominates NP-SBJ* )
AND ( NP-SBJ* iDominates !\*pro\** )
AND ( NP-SBJ* iDominates !\*exp\** )
AND ( NP-SBJ* HasSister tns_vb2 )
AND ( NP-SBJ* iprecedes tns_vb2 )
AND ( IP-MAT* idomsnumber 2 tns_vb2)
```

(8) ConjV2-SV: Orações V2 com sujeito pré-verbal e conjunção coordenativa à frente do sujeito

query: (IP-MAT* iDominates NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* iDominates !*pro**)
 AND (NP-SBJ* iDominates !*exp**)
 AND (NP-SBJ* HasSister tns_vb2)
 AND (NP-SBJ* HasSister NP*)
 AND (NP* idoms CL|SE)
 AND (NP-SBJ* iprecedes NP*)
 AND (NP* iprecedes tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idomsnumber 3 tns_vb2)

(9) ConjCLV2-SV: Orações V2 com sujeito pré-verbal precedidas de uma conjunção coordenativa e um pronome clítico

query: (IP-MAT* iDominates NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* iDominates !*pro**)
 AND (NP-SBJ* iDominates !*exp**)
 AND (NP-SBJ* HasSister tns_vb2)
 AND (NP-SBJ* HasSister NP*)
 AND (NP* idoms CL|SE)
 AND (NP-SBJ* iprecedes NP*)
 AND (NP* iprecedes tns_vb2)
 AND (CONJ iprecedes NP-SBJ*)
 AND (IP-MAT* idomsnumber 4 tns_vb2)

(10) CLV2-pro: Orações com verbo em segunda posição e sujeito nulo, com um clítico à esquerda do verbo.

query: (IP-MAT* idomsnumber 4 tns_vb2)
 AND (NP* iprecedes tns_vb2)

AND (NP* idoms CL|SE)
 AND (X iprecedes NP*)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro**)

(11) NP-LFD-VS-pro: Orações com verbo em segunda posição, sujeito nulo e um NP deslocado à esquerda.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-LFD*)
 AND (NP-LFD* HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-LFD* iprecedes NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro**|*exp**)
 AND (NP-SBJ* iprecedes tns_vb2)

(12) NP-ADV-VS: Orações com verbo em segunda posição, sujeito nulo e um NP adverbial à esquerda do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)
 AND (NP-ADV* HasSister tns_vb2)
 AND (NP-ADV* iprecedes tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro**|*exp**)
 AND (NP-SBJ* iprecedes NP-ADV*)

(13) OVS-pro: Orações com verbo em segunda posição, sujeito nulo e um objeto fronteado.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)
 AND (NP-ACC* HasSister tns_vb2)

AND (NP-ACC* iprecedes tns_vb2)
 AND (NP-ACC* idominates !CL|SE)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro**|*exp**)
 AND (NP-SBJ* iprecedes NP-ACC*)

(14) CP-VS-pro: Orações com verbo em segunda posição, sujeito nulo e uma oração encaixada à frente do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)
 AND (CP* HasSister tns_vb2)
 AND (CP* iprecedes tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro**|*exp**)
 AND (NP-SBJ* iprecedes CP*)

(15) IP-VS-pro: Orações com verbo em segunda posição, sujeito nulo e uma oração à frente do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)
 AND (IP* HasSister tns_vb2)
 AND (IP* iprecedes tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro**|*exp**)
 AND (NP-SBJ* iprecedes IP*)

(16) ADV-VS-pro: Orações com verbo em segunda posição, sujeito nulo e um advérbio à esquerda do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)

AND (ADVP* HasSister tns_vb2)
 AND (ADVP* iprecedes tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro***exp**)
 AND (NP-SBJ* iprecedes ADVP*)

(17) PP-VS-pro: Orações com verbo em segunda posição, sujeito nulo e um sintagma preposicional à esquerda do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)
 AND (PP* HasSister tns_vb2)
 AND (PP* iprecedes tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro***exp**)
 AND (NP-SBJ* iprecedes PP*)

Observação: Somando-se os resultados das buscas 10 a 17, tem-se o número total de dados com ordem V2 com sujeito nulo.

Buscas para orações com ordem V1

(18) V1: Orações com verbo em primeira posição absoluta.

query: (IP-MAT* idomsfirst tns_vb2)

(19) ConjV1: Orações com verbo em primeira posição e uma conjunção coordenativa à esquerda do verbo.

query: (IP-MAT* idomsfirst CONJ)
 AND (CONJ iprecedes tns_vb2)

(20) ConjCL-V1: Orações com verbo em primeira posição com uma conjunção coordenativa e um pronome clítico à esquerda do verbo.

query: (IP-MAT* idomsfirst CONJ)
 AND (CONJ iprecedes NP*)
 AND (NP* idoms CL|SE)
 AND (NP* iprecedes tns_vb2)

(21) V1-pro: Orações com verbo em primeira posição e sujeito nulo.

query: (IP-MAT* idomsfirst NP-SBJ*)
 AND (CONJP idoms !IP-MAT*)
 AND (NP-SBJ* iprecedes tns_vb2)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro**)

(22) Conj-V1-pro: Orações com verbo em primeira posição e sujeito nulo com uma conjunção coordenativa à esquerda do verbo.

query: (IP-MAT* idomsfirst CONJ)
 AND (CONJ iprecedes NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro**)
 AND (NP-SBJ* iprecedes tns_vb2)
 AND (CONJP idoms !IP-MAT*)

(23) Conj-CL-V1-pro: Orações com verbo em primeira posição e sujeito nulo com uma conjunção coordenativa e um pronome clítico à esquerda do verbo.

query: (IP-MAT* idomsfirst CONJ)
 AND (CONJ iprecedes NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* idoms *pro**)
 AND (NP-SBJ* iprecedes NP*)
 AND (NP* idoms CL|SE)
 AND (NP* iprecedes tns_vb2)
 AND (CONJP idoms !IP-MAT*)

Observação: Somando-se os resultados das buscas 18 a 23, tem-se o número total de dados com ordem V1, sendo os resultados de 18 a 20 para orações com sujeito expreso e 21 a 23 de orações com sujeito nulo.

Buscas para orações com ordem V>2

(24) Conj-PP-LFD: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com uma conjunção coordenativa, um sintagma preposicional e um NP deslocado à esquerda à frente do verbo.

```
query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
AND (tns_vb2 HasSister *-LFD*)
AND (*-LFD* HasSister PP*)
AND (PP* precedes *-LFD*)
AND (*-LFD* precedes tns_vb2 )
AND (CONJ precedes PP*)
```

(25) Conj-LFD-PP: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com uma conjunção coordenativa, um NP deslocado à esquerda e um sintagma preposicional à frente do verbo.

```
query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
AND (tns_vb2 HasSister *-LFD*)
AND (*-LFD* HasSister PP*)
AND (*-LFD* precedes PP*)
AND (PP* precedes tns_vb2 )
AND (CONJ precedes *-LFD*)
```

(26) Conj-Clause-PP: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com uma conjunção coordenativa, uma oração e um sintagma preposicional à frente do verbo.

```
query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
AND (tns_vb2 HasSister CP*|IP*)
```

AND (CP*|IP* HasSister PP*)
 AND (PP* precedes tns_vb2)
 AND (CP*|IP* precedes PP*)
 AND (CONJ precedes CP*|IP*)

(27) Conj-PP-Clause: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com uma conjunção coordenativa, um sintagma preposicional e uma oração à frente do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister CP*|IP*)
 AND (CP*|IP* HasSister PP*)
 AND (PP* precedes CP*|IP*)
 AND (CP*|IP* precedes tns_vb2)
 AND (CONJ precedes PP*)

(28) Conj-PP-Adv: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com uma conjunção coordenativa, um sintagma preposicional e um advérbio à frente do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister ADVP*)
 AND (ADVP* precedes tns_vb2)
 AND (ADVP* HasSister PP*)
 AND (PP* precedes ADVP*)
 AND (CONJ precedes PP*)

(29) Conj-Adv-PP: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com uma conjunção coordenativa, um advérbio e um sintagma preposicional à frente do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister PP*)
 AND (PP* precedes tns_vb2)

AND (PP* HasSister ADVP*)
 AND (ADVP* precedes PP*)
 AND (CONJ precedes ADVP*)

(30) Clause-PP: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com uma oração e um sintagma preposicional à frente do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister CP*|IP*)
 AND (CP*|IP* HasSister PP*)
 AND (PP* iprecedes tns_vb2)
 AND (CP*|IP* iprecedes PP*)

(31) PP-Clause: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com um sintagma preposicional e uma oração à frente do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister CP*|IP*)
 AND (CP*|IP* iprecedes tns_vb2)
 AND (CP*|IP* HasSister PP*)
 AND (PP* iprecedes CP*|IP*)

(32) PP-Adv: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com um sintagma preposicional e um advérbio à frente do verbo.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister ADVP*)
 AND (ADVP* iprecedes tns_vb2)
 AND (ADVP* HasSister PP*)
 AND (PP* iprecedes ADVP*)

(33) OSV: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito pré-verbal com um objeto à frente do sujeito.

query: (IP-MAT* iDominates NP-SBJ*)

AND (IP-MAT* iDominates NP-ACC*)
 AND (IP-MAT* iDominates tns_mv)
 AND (IP-MAT* iDominates !NP-SE*)
 AND (NP-ACC* iDominates !CL|CP-FRL*|*T**|SE)
 AND (NP-SBJ* iDominates !*pro*|*exp*)
 AND (NP-ACC* Precedes NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* Precedes tns_mv)

(34) V3-pro: Orações com verbo pelo menos em terceira posição e sujeito nulo.

query: (IP-MAT* iDominates NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* iDominates *pro**)
 AND (NP-SBJ* HasSister tns_vb2)
 AND (NP-SBJ* HasSister X)
 AND (X precedes tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idomsnumber 4 tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)
 AND (IP-MAT* idoms !CONJ)

(35): CI-V3-pro: Orações com verbo pelo menos em terceira posição, sujeito nulo e um pronome clítico à esquerda do verbo.

query: (IP-MAT* iDominates NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* iDominates *pro**)
 AND (NP-SBJ* HasSister tns_vb2)
 AND (NP-SBJ* HasSister X)
 AND (X precedes tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idomsnumber 4 tns_vb2)
 AND (IP-MAT* idoms !NEG)
 AND (IP-MAT* idoms !CONJ)
 AND (NP* iprecedes tns_vb2)
 AND (NP* idoms CL|se)

Observação: Deve-se somar os dados de V>2 com sujeito pré-verbal aos resultados de XVS com ordem V>2 para se obter o total de dados com ordem V>2. A soma dos resultados das buscas 24 a 33 resultará no total de casos V>2 com sujeito expreso e das buscas 34 e 35 de dados com sujeito nulo.

Buscas complementares

(36) XVXS: Orações com verbo em segunda posição e sujeito posposto, com um elemento entre o verbo e o sujeito.

query: (IP-MAT* idoms tns_vb2)
 AND (tns_vb2 HasSister X)
 AND (X HasSister NP-SBJ)
 AND (X iprecedes NP-SBJ)

(37) SOV: Orações com sujeito pré-verbal e fronteamento de objeto.

query: (IP-MAT* iDoms tns_mv)
 AND (NP-SBJ* HasSister NP-ACC*)
 AND (NP-SBJ* precedes NP-ACC*)
 AND (NP-ACC* HasSister tns_mv)
 AND (NP-ACC* iprecedes tns_mv)
 AND (NP-ACC* iDoms !**)
 AND (NP-ACC* iDoms !CL)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*pro*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*exp*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*T*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*ICH*)
 AND (IP-MAT* iDoms !NEG)

Interpolação

Para chegar aos dados de interpolação nas orações matrizes, foram necessárias três buscas.

(39) V2-próclise: Orações com verbo em segunda posição e próclise.

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (NP* iDoms CL)
 AND (NP* Precedes tns_vb2)
 AND (tns_vb2 hasSister NP*)

(40) Próclise sem “lho”: Orações com verbo em segunda posição e próclise com exceção dos casos com clítico dativo e acusativo (deve-se rodar a busca no output da busca 39, V2-próclise).

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (NP-ACC* iDoms CL)
 AND (NP-DAT* iPrecedes NP-ACC*)
 AND (tns_vb2 hasSister NP-ACC*)
 AND (tns_vb2 hasSister NP-DAT*)

(41) Interpolação: Orações com verbo em segunda posição e interpolação clítica (deve-se rodar a busca no arquivo .cmp da busca 40, próclise sem “lho”).

query: (IP-MAT* iDoms tns_vb2)
 AND (tns_vb2 hasSister NP*)
 AND (NP* iDoms CL)
 AND (NP* iprecedes X)
 AND (X iprecedes tns_vb2)

Anexo 3 – Orações subordinadas

Orações subordinadas com verbo em segunda posição

(42) Sub-SVO: Orações subordinadas com verbo em segunda posição e sujeito pré-verbal.

query: (IP-SUB* iDoms tns_mv)
 AND (tns_mv HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ iprecedes tns_mv)
 AND (tns_mv HasSister NP-ACC*)
 AND (tns_mv iprecedes NP-ACC*)
 AND (NP-ACC* iDoms !**)
 AND (NP-ACC* iDoms !CL)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*pro*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*exp*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*T*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*ICH*)
 AND (IP-SUB* iDoms !NEG)

(43) OVS: Orações subordinadas com verbo em segunda posição, sujeito pós-verbal e frunteamento de objeto.

query: (IP-SUB* iDoms tns_mv)
 AND (NP-ACC* HasSister tns_mv)
 AND (NP-ACC* precedes tns_mv)
 AND (tns_mv HasSister NP-SBJ*)
 AND (tns_mv iprecedes NP-SBJ*)
 AND (NP-ACC* iDoms !**)
 AND (NP-ACC* iDoms !CL)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*pro*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*exp*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*T*)

AND (NP-SBJ* iDoms !*ICH*)

AND (IP-SUB* iDoms !NEG)

Orações subordinadas com verbo em terceira posição

(44) SOV-Sub: Orações subordinadas com verbo em terceira posição, sujeito pré-verbal e fronteamento de objeto.

query: (IP-SUB* iDoms tns_mv)

AND (NP-SBJ* HasSister NP-ACC*)

AND (NP-SBJ* precedes NP-ACC*)

AND (NP-ACC* HasSister tns_mv)

AND (NP-ACC* iprecedes tns_mv)

AND (NP-ACC* iDoms Q)

AND (NP-ACC* iDoms !**)

AND (NP-ACC* iDoms !CL)

AND (NP-SBJ* iDoms !*pro*)

AND (NP-SBJ* iDoms !*exp*)

AND (NP-SBJ* iDoms !*T*)

AND (NP-SBJ* iDoms !*ICH*)

AND (IP-SUB* iDoms !NEG)

(45) OSV-Sub: Orações subordinadas com verbo em terceira posição, sujeito imediatamente pré-verbal e fronteamento de objeto.

query: (IP-SUB* iDoms tns_mv)

AND (NP-ACC* HasSister NP-SBJ*)

AND (NP-ACC* precedes NP-SBJ*)

AND (NP-SBJ* HasSister tns_mv)

AND (NP-SBJ* iprecedes tns_mv)

AND (NP-SBJ* iDoms !**)

AND (NP-SBJ* iDoms !CL*)

AND (NP-ACC* iDoms !*pro*)

AND (NP-ACC* iDoms !*exp*)

AND (NP-ACC* iDoms !*T*)
 AND (NP-ACC* iDoms !*ICH*)
 AND (NP-ACC* iDoms !CL*)
 AND (IP-SUB* iDoms !NEG)

Orações subordinadas com verbo em primeira posição

(46) VSO: Orações subordinadas com verbo em primeira posição, sujeito imediatamente pós-verbal e objeto após o sujeito.

query: (IP-SUB* iDoms tns_mv)
 AND (tns_mv HasSister NP-SBJ*)
 AND (tns_mv iprecedes NP-SBJ*)
 AND (NP-SBJ* HasSister NP-ACC*)
 AND (NP-SBJ* iprecedes NP-ACC*)
 AND (NP-ACC* idoms !CL)
 AND (NP-ACC* iDoms !**)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*pro*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*exp*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*T*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*ICH*)
 AND (IP-SUB* idoms !NEG)

(47) VOS: Orações subordinadas com verbo em primeira posição, objeto imediatamente após o verbo e sujeito pós-verbal.

query: (IP-SUB* iDoms tns_mv)
 AND (tns_mv HasSister NP-ACC*)
 AND (tns_mv iprecedes NP-ACC*)
 AND (NP-ACC* HasSister NP-SBJ*)
 AND (NP-ACC* iprecedes NP-SBJ*)
 AND (NP-ACC* idoms !CL)

AND (NP-ACC* iDoms !**)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*pro*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*exp*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*T*)
 AND (NP-SBJ* iDoms !*ICH*)
 AND (IP-SUB* iDoms !NEG)

Interpolação

Para chegar aos dados de interpolação nas orações subordinadas também foram necessárias três buscas.

(48) V2-próclise: Orações subordinadas com verbo em segunda posição e próclise.

query: (IP-SUB* iDoms tns_vb2)
 AND (NP* iDoms CL)
 AND (NP* Precedes tns_vb2)
 AND (tns_vb2 hasSister NP*)

(49) Próclise sem “lho”: Orações subordinadas com verbo em segunda posição e próclise com exceção dos casos com clítico dativo e acusativo (deve-se rodar a busca no output da busca 48, V2-próclise).

query: (IP-SUB* iDoms tns_vb2)
 AND (NP-ACC* iDoms CL)
 AND (NP-DAT* iPrecedes NP-ACC*)
 AND (tns_vb2 hasSister NP-ACC*)
 AND (tns_vb2 hasSister NP-DAT*)

(50) Interpolação: Orações subordinadas com verbo em segunda posição e interpolação clítica (deve-se rodar a busca no arquivo .cmp da busca 49, próclise sem “lho”).

query: (IP-SUB* iDoms tns_vb2)
 AND (tns_vb2 hasSister NP*)

AND (NP* iDoms CL)

AND (NP* iprecedes X)

AND (X iprecedes tns_vb2)